

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS-UNISINOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

MARINALVA AGUIAR TEIXEIRA ROCHA

**CAXIAS/MA REVELADA PELAS LENTES DO FOTÓGRAFO
SINÉSIO SANTOS, 1950 – 1990**

SÃO LEOPOLDO – RS

2019

MARINALVA AGUIAR TEIXEIRA ROCHA

**CAXIAS/MA REVELADA PELAS LENTES DO FOTÓGRAFO
SINÉSIO SANTOS, 1950 – 1990**

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS - São Leopoldo/RS.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª. Eloísa Helena Capovilla da Luz Ramos

Coorientadora: Prof^ª Dr^ª. Máira Ines Vendrame

SÃO LEOPOLDO – RS

2019

R672c Rocha, Marinalva Aguiar Teixeira.
Caxias/MA revelada pelas lentes do fotógrafo Sinésio Santos, 1950 – 1990 / por Marinalva Aguiar Teixeira Rocha. – 2019.

278 f. : il. ; 30 cm.

Tese (doutorado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, São Leopoldo, RS, 2019.

Orientadora: Dr^a. Eloísa Helena Capovilla da Luz Ramos.
Coorientadora: Dr^a. Máira Ines Vendrame

1. Sinésio Santos. 2. Fotografia. 3. Memória.
4. Patrimônio. 5. Caxias/MA. I. Título.

CDU: 77.03(812.1)

MARINALVA AGUIAR TEIXEIRA ROCHA

**CAXIAS/MA REVELADA PELAS LENTES DO FOTÓGRAFO
SINÉSIO SANTOS, 1950 – 1990**

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em História, pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS- São Leopoldo/RS.

Aprovada em _____

BANCA EXAMINADORA

Orientadora:

Prof^ª. Dr^ª. Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos - UNISINOS

Coorientadora:

Prof^ª. Dr^ª. Maíra Ines Vendrame – UNISINOS

Arguidores:

Prof^ª. Dr^ª. Antonia Valtéria Melo Alvarenga - UESPI

Prof^ª. Dr^ª. Joseane Maia Santos Silva – UEMA

Prof^ª. Dr^ª. Júlia Capovilla Luz Ramos – Pós-Doc - UFSM

Prof. Dr. Jairo Henrique Rogge – UNISINOS

Prof. Dr. Alexandre Karsburg- Pós-Doc - UNISINOS

Aos meus pais, Euclides e Dulce (*in memoriam*), por quem guardo saudades e lembranças eternas;

À Mariana, filha querida, quem embala os meus sonhos;

Ao Paulo, com quem compartilho todos os projetos de vida, por me encorajar durante esta caminhada;

Aos meus irmãos, Alvina, Alice, Lucita, Vanda, Atenor, Claudionor, Dulcimar, Jaguar e Tagy, presenças marcantes em minha história de vida; ao Euclides Filho e Clidenor (*In memoriam*), cujas lembranças permanecem vivas na memória;

À Ana Elizabeth Félix (*in memoriam*), companheira de turma e de trabalho, quem dividiu comigo, durante as viagens, suas alegrias, conhecimentos, encantos e desencantos, mas que interrompeu, precocemente, seus sonhos;

Ao fotógrafo, Sinésio Santos (*in memoriam*), por ter me apresentado, por meio da fotografia, Caxias de outrora.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

A Deus que, na Sua infinita sabedoria e generosidade, sempre me guiou pelo melhor caminho;

À minha orientadora, Prof^ª Dr^ª. Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos, que, com seu olhar atento e criterioso, estabeleceu diálogos esclarecedores e imprescindíveis acerca da temática, os quais me permitiram, à luz dos seus apontamentos, construir o trabalho o qual me propus pesquisar;

À minha coorientadora, Prof^ª Dr^ª Maíra Ines Vendrame, que, com os seus questionamentos, abriu possibilidades para que eu pudesse dialogar, de forma mais precisa, com as imagens e com o personagem, focos do trabalho;

À Família Santos, em especial Sinésio Santos Filho e Márcia Santos, por abrirem suas portas e permitirem o uso das imagens para a pesquisa;

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História-UNISINOS, pela excelente acolhida, Ana Paulo, Cláudio Elmir, Eliane Fleck, Eloísa Capovilla, Hernán Ramiro, Jairo Rogge, Luiz Fernando, Macos Witt, Maíra Vendrame, Maria Cristina, Marluza e Paulo Roberto;

Aos professores arguidores da Qualificação, Júlia Capovilla, Jairo Rogge e Alexandre Karsburg, pelas valiosas contribuições;

Aos colegas professores do Departamento de Letras do CESC/UEMA, pela grande torcida, apoio e contribuição;

Ao grande amigo, Elizeu Arruda, companheiro de viagem e de discussões acadêmicas, com quem tenho dividido, durante toda nossa trajetória, as angústias, os encantos, os medos, enfim, sobretudo, os contentamentos;

À amiga e companheira de trabalho, Prof^ª Dr^ª Antonia Valtéria Melo Alvarenga, por ter me convidado a fazer parte do Projeto Fundo de Memória Sinésio Santos, o qual deu acesso à grande parte das imagens utilizadas na pesquisa;

À Prof^ª Dr^ª Maria Teresa Gonçalves Pereira (UERJ), pela amizade e atenção;

À Profª Drª Joseane Maia, amiga e grande incentivadora dos meus projetos, quem tem prestado proveitosas contribuições;

Aos colegas de turma, Ana Elizabeth (*in memoriam*), Elizeu, Cida, Kleber, Patrícia, Rita, Regina, Tiago, Tina e Valdênia, pela amizade que nos uniu e, em especial, à Roza, pela calorosa acolhida em Imperatriz;

Aos depoentes que, de forma direta, colaboraram, sobremaneira, prestando consideráveis informações para a pesquisa;

À Valquíria Araújo (*in memoriam*), Lindalva Gabriel, D. Lila e Danilo Nunes, por terem me disponibilizado, durante a pesquisa, seus acervos fotográficos pessoais, os quais foram registrados por Sinésio Santos;

Aos meus sobrinhos Dulce Helena, pela dedicação, companheirismo e apoio técnico, durante a construção do trabalho e à Naiara Demnitz e ao Raoni Demnitz, pelo carinho e pela disposição para traduzir os textos;

À Vandecy França Gonçalves, mais que uma funcionária, uma amiga, sempre atenta para solucionar os problemas domésticos, quando da minha ausência;

A todos que, de várias maneiras, contribuíram para a realização do trabalho, meu muito obrigada!

A fotografia em si é um valioso instrumento na produção de narrativas de um determinado tempo, ou seja: recuperar a cidade do passado implica, de certa forma, não apenas registrar lembranças, relatar fatos, celebrar personagens, reconstruir, reabilitar ou restaurar prédios, preservar materialmente espaços significativos do contexto urbano.[...] mas o resgate do passado implica em ir além desta instância, para os domínios do simbólico e do sensível, ao encontro da carga de significados que esta cidade abrigou em um outro tempo. (PESAVENTO, 2005, p. 10)

RESUMO

A presente tese constitui-se de uma pesquisa de caráter histórico - documental que analisa a trajetória de um “mestre na arte de fotografar” e, através desta, estuda o acervo do fotógrafo maranhense Sinésio Santos. Trata-se de um expressivo material imagético sobre a cidade de Caxias/MA, produzido na segunda metade do século XX. O recorte temporal da pesquisa se reporta ao período em que o fotógrafo exerceu a profissão na cidade – 1950-1990. As discussões levantadas por este trabalho sublinham a importância das imagens para a ampliação dos estudos históricos e culturais, assim como para a conservação e divulgação dos aspectos memorialísticos de Caxias e de seus moradores. Tais imagens retratam acontecimentos políticos, familiares e sociais em ambientes públicos e privados, assim como fotografias que revelam os espaços, a arquitetura e as práticas sociais que deixaram de existir, revelando, dessa forma, não só as marcas desse outro tempo, como aspectos do patrimônio da cidade. Para a feitura da pesquisa, além da análise do acervo fotográfico de Sinésio Santos [boa parte digitalizada a partir dos negativos deixados pelo autor e disponibilizados pela família], foram consultadas atas, relatórios e documentos pessoais do referido personagem, jornais e outras fontes documentais, assim como objetos materiais que a referendaram. Para a composição da tese e a fim de confrontarmos as informações obtidas, como também para produzirmos uma narrativa que revelasse a trajetória do fotógrafo, valemo-nos, principalmente, da metodologia da História Oral através de depoimentos de pessoas da comunidade que o conheceram/conviveram com ele. Vale dizer, ainda, que a investigação nos levou a reconhecer que o acervo de Sinésio Santos contribuiu para destacar a história visual de Caxias, haja vista sua importância para a preservação do patrimônio histórico-cultural do município.

Palavras-chave: Sinésio Santos; Trajetória; Fotografia; Memória; Patrimônio; Caxias/MA.

ABSTRACT

The present thesis is a historical-documentary research that analyzes the trajectory of a "master in the art of photographing" and, through this one, studies the photographer Sinésio Santos' collection, from Maranhão. It is a rich imagery material about the Caxias/MA city, produced in the second half of the 20th century. The temporal cut of the research refers to the period in which the photographer practiced the profession in the city - 1950-1990. The discussions highlighted by this work underline the importance of images for the expansion of historical and cultural studies, as well as for the conservation and dissemination of the memorial aspects of Caxias and its inhabitants. Such images depict political, family and social events in public and private environments, as well as photographs that reveal the spaces, architecture and social practices that have ceased to exist, thus revealing not only the marks of that another time, but also aspects of the city's heritage. For the research, in addition to the analysis of the Sinésio Santos' photographic collection [large part digitized from the negatives left by the author and made available by the family], the author's personal records, reports and documents were consulted as well as newspapers and other documentary sources like material objects that have endorsed it. For the thesis composition, and in order to confront the information obtained, as also to produce a narrative that reveals the trajectory of the photographer, we rely mainly on the methodology of Oral History through testimonies of people in the community who knew him/lived with him. It is worth mentioning that the investigation led us to realize that the Sinésio Santos' collection contributed to highlight the visual history of Caxias, given its importance for the preservation of the city's historical and cultural patrimony.

Keywords: Sinésio Santos; Trajectory; Photography; Memory; Patrimony; Caxias/MA.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Festejo de São Benedito- década de 1980	30
Figura 2 - Rua Gustavo Colaço- década de 1950	30
Figura 3 - Visita do Presidente Castelo Branco a Caxias – 1967	35
Figura 4 - Grupos de associações durante visita do Gov. Cafeteira/1987	35
Figura 5 - Ruínas da Guerra da Balaiada – década de 1950	37
Figura 6 - Jogadoras de Vôlei – Colégio São José – década de 1970	39
Figura 7 - Rio Itapecuru – década de 1950	41
Figura 8 - União artística Operária Caxiense/ Festa 1º de Maio/1966	43
Figura 9 - Canhão da Guerra da Balaiada	45
Figura 10 - Carteira Profissional de Sinésio Santos	59
Figura 11 - Sinésio Santos – década de 1950	62
Figura 12 - Anúncio no Jornal Cruzeiro sobre Instalação do Foto Santos	63
Figura 13 - Fachada do primeiro estúdio de Sinésio Santos, final da década de 1950- Rua Gustavo Colaço	64
Figura 14 - Fachada do segundo estúdio de Sinésio Santos - década de 1960- Largo do Rosário	64
Figura 15 - Fachada do segundo estúdio de Sinésio Santos, década de 1970	65
Figura 16 - Fachada do anexo do segundo estúdio de Sinésio Santos	66
Figura 17 - Cartão com o novo endereço do estúdio de Sinésio	66
Figura 18 - Residência Família Araújo	67
Figura 19 - Carteira da Associação Profissional dos Fotógrafos – 1976	70
Figura 20 - Carteira do Caxiense Club – Caça e Pesca	71
Figura 21 - Trecho das anotações de Sinésio Santos	73
Figura 22 – Reportagem sobre o aniversário natalício de Sinésio Santos (Jornal Folha de Caxias -1965)	75
Figura 23 - Notícia de aniversário natalício de Sinésio Santos (Jornal O Pioneiro - Ano XII; Nº 419; 25/05/1978)	75
Figuras 24 e 25- Sinésio Santos trabalhando no estúdio/ equipamentos fotográficos	76
Figuras 26 – 30 - Câmeras fotográficas utilizadas por Sinésio Santos	77
Figura 31 – Reportagem sobre a notícia da morte de Sinésio Santos	80
Figura 32- Encontro com o Governador- registro de Sinésio Santos/1987	83

Figura 33 - Membros de associações, durante a visita do Governador em Caxias: registro de Sinésio Santos/ 1987	84
Figura 34 - Anotação de Sinésio Santos	84
Figura 35 - Casamento Danilo Nunes- 1973 registro de Sinésio Santos	85
Figuras 36 e 37 - Data em que Danilo Nunes recebe a sua nova casa/ 1982 registro de Sinésio Santos	85
Figura 38 - Festa em comemoração pelo entrega do imóvel feito peca Caixa Econômica Federal - registro Sinésio Santos – 1982	86
Figuras 39 e 40 - mendigo / quebradeiras de côco - -anos 1960	87
Figuras 41, 42 e 43 - Envelopes para arquivar as fotos das famílias e entidades	88
Figura 44 - Casamento Valquíria Araújo Fernandes de Oliveira – registro de Sinésio Santos/ 1973	89
Figura 45 - Festa de 1ª Comunhão- Igreja Matriz- 1987	89
Figura 46 - Visita do Presidente Castelo Branco a Caxias- 1967- registro de Sinésio Santos	90
Figura 47 – Reportagem do Blog Hora do Portal	93
Figura 48 – Fotografia Sinésio Santos	94
Figuras 49 - Área periférica de Caxias-MA	98
Figura 50 - Centro comercial de Caxias-MA	99
Figura 51- Centro Histórico- década de 1960	100
Figura 52 - Centro Histórico de Caxias-MA – década de 1960	101
Figura 53 - Ruínas da Guerra da Balaiada – década de 1960	103
Figura 54 - Companhia de Fiação e Tecidos União Caxiense S/A	105
Figura 55 - Imagem Rio Itapecuru	107
Figura 56- Imagem Rio Itapecuru anos 1980	107
Figura 57 - Festa em comemoração ao Dia 1º de maio na União Artística Operária Caxiense – 1966	108
Figura 58 - Cassino Caxiense - criado em 1934- imagem do atual prédio, erguido em 1963	110
Figura 59 - Baile de Carnaval no Cassino Caxiense – anos 1960	110
Figura 60 - Residência da família do Sr. José Delfino/ década de 1950	111
Figura 61 - Casa da Justiça – década de 1970	115
Figura 62 - Praça Rui Barbosa década de 1970	116

Figura 63 - Praça Rui Barbosa década de 1990	117
Figura 64 - Rua 1º de Agosto – década de 1960	118
Figura 65 - Monumento em homenagem ao 1º Congresso Eucarístico Sacerdotal - registro década de 1950	119
Figura 66 - Praça Cândido Mendes/Largo da Matriz – anos 1950	120
Figura 67 - Fachada do Centro Artístico operário Caxiense - décadas de 1910-1960	122
Figura 68 - Fachada da Secretaria de Estado de Educação de Caxias- décadas de 1960	124
Figura 69 - Fachada da Residência do Sr. José Delfino - década de 1950	124
Figura 70 - Fachada do prédio que sediou o SENAC- Registro - década de 1990	124
Figura 71 - Rua Afonso Pena - década de 1960	126
Figura 72 - Catedral Nossa Senhora dos Remédios - década de 1990	127
Figura 73 - Rua 1º de Agosto / sede da 1ª agência do Banco do Brasil - registro década de 1950	129
Figura 74 - Desfile em comemoração à colheita de algodão – década de 1960	130
Figura 75 - Cine Rex – anos 1960 – Rua Afonso Cunha	131
Figura 76 - Cine São Luiz – anos 1960	132
Figura 77 - Rua Desembargador Morato – anos 1970	133
Figura 78 - Sinésio Santos e Família – década de 1960	136
Figuras 79 e 80 - Foto de Família – década de 1960 - Ateliê Sinésio Santos	137
Figura 81 - Anúncio no Jornal Cruzeiro	139
Figura 82 - Foto de Família – década de 1970	141
Figura 83 - Foto – cena rural – década de 1970	141
Figuras 84 e 85 - Foto de Família – décadas de 1950 a 1970	143
Figuras 86 a 89 - Foto de Família – décadas de 1960 a 1970	144
Figura 90 - Foto da Família– década de 1980	146
Figura 91 - Foto da Família Chaves– década de 1970	146
Figura 92 - Foto da Família Simão– década de 1960	146
Figura 93 - Foto da Família Torres– década de 1970	146
Figura 94 - Recém-casados ladeados pela família – década de 1960	148
Figura 95 - Grupos de amigos e familiares - década de 1970	150
Figura 96 - Grupos de amigos em balneário década de 1970	150

Figura 97 - Casais na Praça Gonçalves Dias	151
Figura 98 - Cantora ladeada por caxienses - década de 1970	152
Figura 99 - Casal global em visita à Caxias Residência da Família Frazão – 1976	152
Figura 100- Festa de Primeira Comunhão – Residência do Sr. Zezito Araújo	153
Figura 101 - Alunas do Colégio São José – década de 1960	155
Figura 102 – Time de futebol - década de 1980	156
Figura 103 - Time de futebol – década de 1970	157
Figura 104 - Time de futebol – década de 1970	157
Figura 105 - Presidente Castelo Branco, Governador José Sarney e Prefeito Aluízio Lobo- 1967	160
Figura 106 - Prefeito Aluízio Lobo- década de 1970	161
Figura 107- Comendador Alderico Silva, José Sarney e Alexandre Costa- década de 1960	163
Figura 108 - Presidente José Sarney, Gov. Cafeteira, Pref. Hélio Queiroz e lideranças políticas – 1986	164
Figura 109 - Governadora Roseana Sarney em visita a Caxias - década de 1990	165
Figura 110 e 111- Prefeito José Castro - décadas de 1970/1980, respectivamente	166-167
Figura 112 - Prefeito Sebastião Lopes de Sousa - 1989	168
Figura 113- Governador Edson Lobão - década de 1990	168
Figuras 114 e 115 - Elementos representativos da Guerra da Balaiada – Canhão e Ruínas	173
Figura 116 - Festa de São Benedito – década de 1950	175
Figura 117 - Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos – década de 1950	177
Figura 118 - Companhia de Fiação e Tecidos de Caxias – década de 1950	178
Figura 119 - Estação de Trem	179
Figuras 120 e 121 - Palácio Episcopal em construção	180
Figura 122 - Palácio Episcopal – década de 1960	181
Figura 123 - Biblioteca Pública Municipal de Caxias – década de 1960	182
Figura 124 - Inauguração da piscina Pública de Caxias – década de 1970	183
Figura 125 - Inauguração do Monumento na Mata do Jatobá, localidade de Nascimento do poeta Gonçalves Dias	184

Figura 126 – 1ª Concessionária Automobilística de Caxias- década de 1950	185
Figura 127 – Aniversário do Armazém Caxias	185

LISTA DE SIGLAS

APFC – Associação Profissional dos Fotógrafos de Caxias - MA

ARENA – Aliança Renovadora nacional

FAPEMA – Fundação de Amparo à Pesquisa do Maranhão

SENAC – Serviço Nacional do Comércio

UEMA – Universidade Estadual do Maranhão

LISTA DE QUADRO

Quadro 1 – Distribuição de temáticas fotográficas

114

SUMÁRIO

PARTE UM – O TEMA E O PERSONAGEM.....	20
1 INTRODUÇÃO - PERCORRENDO OS CAMINHOS DA HISTÓRIA, DA FOTOGRAFIA E DA MEMÓRIA.....	21
1.1 História e memória, elementos que se entrelaçam.....	24
1.2 A fotografia como recurso memorialístico.....	31
1.3 Imagem fotográfica: representação de sentido.....	41
2 “O PAPA DA ARTE DE FOTOGRAFAR”: A TRAJETÓRIA DE SINÉSIO SANTOS.....	57
2.1 Sinésio Santos, o fotógrafo de Caxias-MA.....	60
2.2 A cidade, o fotógrafo e sua representação – Sinésio Santos na fala do outro.....	80
PARTE DOIS - A CAPTURA DA CIDADE PELO FOTÓGRAFO.....	94
3 OS CLIQUES DE SINÉSIO SANTOS E A CIDADE QUE ELE REGISTROU.....	96
3.1 O centro e a periferia: A vida cotidiana de Caxias pelas imagens.....	96
3.2 As imagens como elementos constitutivos da narrativa histórica sobre Caxias.....	104
3.3 As construções da memória da cidade pela fotografia.....	112
4 FOTOGRAFANDO FAMÍLIAS: HOMENS, MULHERES E CRIANÇAS NO CONTEXTO DA SOCIABILIDADE E DA POLÍTICA.....	135
4.1 Retratando sociabilidades privadas e públicas.....	135
4.2 A vida política nos cliques de Sinésio Santos.....	159
PARTE TRÊS – UM PATRIMÔNIO FOTOGRAFADO PARA CAXIAS.....	170
5 O ACERVO DE SINÉSIO SANTOS COMO PATRIMÔNIO FOTOGRÁFICO DE CAXIAS.....	171
5.1 Revelando e registrando o patrimônio de Caxias.....	172
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	188
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	194
FONTES ORAIS.....	199
FONTES HEMEROGRÁFICAS.....	200
FONTES DOCUMENTAIS.....	201
APÊNDICES.....	202
APÊNDICE A – TERMO DE ACEITE DE DEPOIMENTOS – AMADEU VIANA DE OLIVEIRA.....	203
APÊNDICE B – TERMO DE ACEITE DE DEPOIMENTOS – ANTÔNIO	204

JOSÉ MAGALHÃES CONCEIÇÃO.....	
APÊNDICE C – TERMO DE ACEITE DE DEPOIMENTOS – DALVA MACIEL DE OLIVEIRA.....	205
APÊNDICE D – TERMO DE ACEITE DE DEPOIMENTOS – DANILO NUNES DOS SANTOS.....	206
APÊNDICE E – TERMO DE ACEITE DE DEPOIMENTOS – DOMINGOS ARAÚJO BRANDÃO.....	207
APÊNDICE F – TERMO DE ACEITE DE DEPOIMENTOS – JOSÉ DO NASCIMENTO SOUSA.....	208
APÊNDICE G – TERMO DE ACEITE DE DEPOIMENTOS – LINDALVA MARIA DOS SANTOS GABRIEL.....	209
APÊNDICE H - TERMO DE ACEITE DE DEPOIMENTOS – LUDCE DE MARIA FRAZÃO MACHADO ARAÚJO.....	210
APÊNDICE I – TERMO DE ACEITE DE DEPOIMENTOS – MÁRCIA REGINA FERREIRA SANTOS.....	211
APÊNDICE J – TERMO DE ACEITE DE DEPOIMENTOS – MARIA DO ESPÍRITO SANTOS.....	212
APÊNDICE K – TERMO DE ACEITE DE DEPOIMENTOS – MARIA ILMA MEDEIROS E SILVA.....	213
APÊNDICE L – TERMO DE ACEITE DE DEPOIMENTOS – NELSON MONTEIRO DE SOUSA.....	214
APÊNDICE M – TERMO DE ACEITE DE DEPOIMENTOS – PEDRO FERREIRA DE ANDRADE.....	215
APÊNDICE N – TERMO DE ACEITE DE DEPOIMENTOS – RAIMUNDA FEITOSA.....	216
APÊNDICE O – TERMO DE ACEITE DE DEPOIMENTOS – SÍLVIA MARIA CARVALHO SILVA.....	217
APÊNDICE P- TERMO DE ACEITE DE DEPOIMENTOS – SINÉSIO SANTOS DA SILVA FILHO.....	218
APÊNDICE Q – TERMO DE ACEITE DE DEPOIMENTOS – VALQUÍRIA ARAÚJO F.DE OLIVEIRA.....	219
ANEXOS.....	220
ANEXO A - BANNER DE DIVULGAÇÃO DA EXPOSIÇÃO DAS IMAGENS FOTOGRÁFICAS PRODUZIDAS POR SINÉSIO SANTOS DA SILVA – 2018.....	221
ANEXO B - FICHA DE SINÉSIO SANTOS – MEMBRO DO CÍRCULO DOS TRABALHADORES CRISTÃOS DE CAXIAS.....	222

ANEXO C - ATAS DA ELEIÇÃO E POSSE- 1967/ VICE-PRESIDENTE- UNIÃO ARTÍSTICA OPERÁRIA CAXIENSE.....	223-241
ANEXO D - CERTIDÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS FOTÓGRAFOS DE CAXIAS-MA.....	242-244
ANEXO E- CERTIDÃO DE CRIAÇÃO DO SINDICATO DOS FOTÓGRAFOS.	245-254
ANEXO F - ATA DE CRIAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO BAIRRO PONTE.....	255-257
ANEXO G - ATA DE FUNDAÇÃO DA ALIANÇA CLASSISTA DE CAXIAS.....	258-261
ANEXO H - ATA DA NOVA DIRETORIA EMPOSSADA EM 1981- CENTRO ARTÍSTICO OPERÁRIO CAXIENSE.....	262-266
ANEXO I - ATA DE POSSE DA NOVA DIRETORIA DA UNIÃO ARTÍSTICA OPERÁRIA CAXIENSE / TERMO DE POSSE E COMPROMISSO.....	267-272
ANEXO J - GALERIA DE FOTOS DOS PRESIDENTES DA UNIÃO ARTÍSTICA OPERÁRIA CAXIENSE.....	273
ANEXO K - LISTA DE SÓCIOS BENEMÉRITOS.....	274
ANEXO L - JORNAL NOTICIANDO A NOTÍCIA DA MORTE -1999.....	275
ANEXO M - OFÍCIO AO SR. GOVERNADOR EPITÁCIO CAFETEIRA Nº 01/87.....	276
ANEXO N- REPORTAGEM NOTICIANDO REUNIÃO COM GOVERNADOR E DEPUTADOS/1987.....	277
ANEXO O – FOTO DA CAPA DO LIVRO <i>SINÉSIO SANTOS: A CIDADE E OS OLHOS</i>.....	278

PARTE UM

O TEMA E O PERSONAGEM

Ao discutir a respeito da relevância das pesquisas que trazem a imagem fotográfica de autores desconhecidos como fonte de investigação, Boris Kossoy (2007, p.66) traz o seguinte argumento:

“Mas por que uma história fotográfica dos anônimos, ou melhor, dos fotógrafos anônimos ou praticamente desconhecidos? Basicamente porque esses representam a massa dos artesãos da imagem, jamais mencionados por qualquer história. A investigação desses fotógrafos provoca avanços significativos, tanto na área da fotografia em sua história própria como no que toca à memória histórica e fotográfica do país, proporcionando, em suma, novos dados para o conhecimento do passado” (KOSSOY, 2007, p.66, Apud CHOMA e COSTA, 2017, p. 131).

1 INTRODUÇÃO: PERCORRENDO OS CAMINHOS DA HISTÓRIA, DA FOTOGRAFIA E DA MEMÓRIA

É a fotografia um intrigante documento visual cujo conteúdo é a um só tempo revelador de informações e detentor de emoções. (KOSSOY, 2001, p. 28)

A presente tese analisa o trabalho e a trajetória de um dos mais longevos fotógrafos de Caxias, Sinésio Santos. A pesquisa busca, ao final, meios para estudar questões sobre a cidade de Caxias como, por exemplo, a forma como as fotos produzidas pelo o fotógrafo podem ser utilizadas, e a maneira como Sinésio se inseriu na sociedade. Nessa perspectiva, procuramos investigar sua trajetória e parte de um amplo acervo fotográfico produzido por ele, entre os anos 1950 a 1990, sobre a cidade de Caxias/MA e seus moradores. “A fotografia é um objeto-imagem dotado de características técnicas da época em que foi produzida” (KOSSOY, 2001, p.45), sendo, portanto, “um novo meio de comunicação [...] que também transforma o senso de conhecimento histórico” (BURKE, 2005, p.26).

Possuidor de um vasto acervo fotográfico¹ que julgamos ser de valor histórico e cultural para a cidade, Sinésio Santos o produziu por um período de 44 anos (1950 a 1995) e nele deixou registrada uma memória visual de Caxias. Porém, apesar da importância de seus registros, até o momento não encontramos, entre as produções científicas locais ou regionais, pesquisas que discutam o papel do referido fotógrafo ou de seu acervo para a conservação, ampliação e divulgação da memória patrimonial da cidade, fato esse que nos fez buscar esta temática *Caxias/MA revelada pelas lentes do fotógrafo Sinésio Santos, 1950 - 1990*, como foco principal de nossa tese. O recorte temporal que compreende os anos de 1950 a 1990 se refere ao período em que Sinésio Santos trabalhou como fotógrafo em Caxias, até a sua saída do mercado fotográfico em meados dos anos 1990. É importante informar que a partir da criação do Projeto *Fundo de Memória Sinésio Santos*², o acervo do

¹ Acervo constituído por, aproximadamente, dez mil negativos de fotografias, em que constam várias tipologias imagéticas, como: espaços, famílias, prédios, religiosidade, eventos, entre outras. Para a seleção das fotografias utilizadas na tese, consideramos a definição das temáticas escolhidas para o estudo, o período em que as fotos foram capturadas, como também a possibilidade de embasar as perguntas levantadas .

² O *Fundo de Memória Sinésio Santos* é um projeto instituído por um grupo de professores pesquisadores, sob a coordenação da Professora Dra. Antonia Valtéria Melo Alvarenga, do Departamento de História da UEMA, o qual visa, além de digitalizar e catalogar todo o acervo fotográfico de Sinésio Santos, produzir material impresso, documentário, entre outras ações.

fotógrafo, com autorização da família, passou a pertencer à UEMA, estando em fase de organização [digitalização, catalogação].

Em busca do desenvolvimento dessa tese, recorremos a pesquisas de cunho científico que discutem essa temática, todavia os resultados do levantamento que fizemos confirmaram a inexistência de trabalhos acadêmicos voltados para a abordagem a que nos propusemos pesquisar, como também não foram verificados, em manuais e catálogos de editoras, estudos que destacassem a importância de que se reveste tal investigação para o contexto acadêmico caxiense. Por outro lado, é interessante ter presente que os trabalhos encontrados, que investigam questões relativas à memória e ao patrimônio histórico-cultural a partir de imagens fotográficas, em geral, permitem o desdobramento de outras reflexões, o que vem a colaborar para o alargamento desse campo do saber e para o desenvolvimento desta tese.

Vale ressaltar, ainda, que o acervo pesquisado se constitui, para além da obra de Sinésio Santos, em um conjunto de fotografias que pode ser vista como patrimônio histórico e cultural da cidade, haja vista a existência de imagens significativas para a preservação e constituição da memória de Caxias. Dessa forma, é importante discorrer sobre o percurso trilhado pelo autor das fotos aqui referenciadas, a fim de compreendermos o seu papel e a atuação no cenário caxiense. É quase impossível analisar o material produzido por Sinésio Santos, aqui no caso o seu acervo fotográfico, sem buscar entender quem era esse indivíduo e como conseguiu se inserir na sociedade caxiense.

A biografia histórica foi considerada o modelo de narrativa que mais circulou durante muito tempo entre as produções dos pesquisadores, um gênero carregado de relato linear, em que eram enfatizadas as virtudes dos personagens, evidenciando-se apenas o herói. Entretanto, para muitos historiadores que almejavam uma abordagem quantitativa e economicista a biografia passa a ser vista como um gênero ultrapassado, que era produzida de forma a exaltar um modelo de história política tradicional. Segundo Dosse (2009, p. 257), “A biografia preceituada pela *microstoria*³ se distingue de um certo número de abordagens praticadas para renovar esse gênero unanimemente recusado em sua forma tradicional, linear e puramente factual”. Uma das funções da micro-história seria analisar,

³ Método historiográfico que reduz a escala de observação de seus objetos na pesquisa histórica.

por exemplo, um aspecto da vida de um personagem considerado fora dos padrões estabelecidos para um herói, no viés da concepção da história tradicional.

Diversas críticas foram feitas em relação ao gênero biográfico que analisava apenas os “grandes homens”, os pertencentes às elites, deixando à margem os sujeitos anônimos (PRIORE, 2009, p. 8). Muitos desses estudiosos justificam tal atitude alegando a falta de fontes, considerando que, para escrever sobre a vida de um político, um militar ou um intelectual, por exemplo, há maior possibilidade de serem localizados documentos a respeito desses personagens. Entretanto para Schmidt (2003, p. 66),

outros historiadores – com o uso de muita criatividade na localização e leitura de novas fontes ou na releitura de documentos conhecidos – têm conseguido iluminar as vidas de indivíduos comuns, de populares. Isso vem ocorrendo, sobretudo, por inspiração da micro-história italiana (Ginzburg, 1987) [...] No Brasil, percebe-se um movimento semelhante, com a produção de biografias de militantes operários, escravos e ex-escravos, etc. Enfim, a qualificação de elitismo atribuída ao gênero biográfico não se sustenta diante de um exame da produção historiográfica atual [...].

Nesse contexto, a biografia passa a permitir, então, uma abordagem que examine não apenas personagens ilustres ou conhecidos, mas que, sobretudo, evidenciem, em suas trajetórias, testemunhos ou reflexos de um tempo, bem como a possibilidade de acessar contextos que não poderiam ser percebidos de outras maneiras.

Para trabalhar com o personagem e sua trajetória vamos nos valer dos escritos de Karsburg (2015), para quem [...] “a trajetória não tem por obrigatoriedade abordar toda a vida do sujeito; antes, procura centrar as análises num período determinado” (KARSBURG, 2015, p. 33).

Na busca de respostas formulamos algumas questões de apoio que procuraremos responder ao longo da pesquisa: 1) Quem era Sinésio Santos? 2) Como Sinésio se tornou um fotógrafo reconhecido na cidade de Caxias? 3) Que narrativas fotográficas deixou sobre a cidade de Caxias? 4) Como os registros fotográficos de Sinésio podem ser utilizados? 5) Esse acervo fotográfico pode ser tomado como um patrimônio visual da cidade de Caxias?

Com a pesquisa, pretendemos demonstrar não só o papel de um fotógrafo no contexto da cidade como o significado de que se reveste o seu trabalho, uma vez que o acervo fotográfico de Sinésio Santos pode contribuir para a manutenção da importância de Caxias no cenário regional e nacional, visto que “na virada do século XIX para o XX,

Caxias era tida como uma das cidades mais importantes da região, a segunda do Maranhão, tanto econômica quanto culturalmente” (SOUZA; VIANNA; MENESES, 2015). Um exemplo do que falamos é o papel histórico-cultural que Caxias teve ao longo da História do Maranhão sendo considerada como a cidade dos poetas no meio artístico, e denominada a “Princesa do Sertão” Maranhense, pelo seu desenvolvimento econômico. Tais fatos não impediram que fosse palco de uma das mais cruentas revoluções registradas na História do Brasil, a Guerra da Balaiada, entre os anos de 1838 e 1841. A par dessa revolução regional, Caxias é conhecida também por estar representada em dois símbolos nacionais, a saber: o Hino Nacional, onde está registrado trecho da Canção do Exílio do poeta caxiense, Gonçalves Dias; e a Bandeira Nacional, idealizada pelo positivista caxiense Raimundo Teixeira Mendes. Tais marcas históricas têm levado a seus moradores o desejo de querer manter viva a história do lugar, quer por meio de registros escritos, quer através das lentes de um fotógrafo da região, cuja narrativa fotográfica, articulada com documentos orais e escritos, vem abrindo horizontes para a escrita da história de Caxias/MA. Afinal, “o texto memorialístico e a história recolhem de tempos remotos fragmentos significativos e os apresentam como um pretérito interpretado”, diz Maluf (1995, p. 41).

1.1 História e memória, elementos que se entrelaçam

Segundo Le Goff (2013, p. 490), os fundadores dos *Annales*⁴, no início do século XX, já mostravam ser necessário ampliar a noção de documento: “A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se, quando não existem”. Nesse caso, pode o pesquisador, por meio da “conversão do olhar histórico”, inquirir as memórias individual e coletiva na busca de revelações. Foi o caso da revelação feita por um depoente sobre a atuação de Sinésio Santos enquanto presidente da União Artística Operária Caxiense.

“Havia a proibição da entrada de “mulheres livres” na União Artística Operária, mas ela deixou de ser cumprida em 1987 “[...] quando ele (Sinésio) assumiu pela segunda vez a presidência da União. Nessa ocasião ele liberou a entrada da Associação pra todas as mulheres “livres”, [...] deu acesso a tudo, deu acesso às festas, porque antigamente num entrava aqui não”. (Depoimento de Nelson Monteiro, 2017)⁵.

⁴ Sobre *Annales*, consultar BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: UNESP, 1992.

⁵ Atual Presidente da União Artística Operária Caxiense, tendo se tornado sócio desse órgão na gestão de Sinésio Santos. Entrevista realizada em 06 de outubro de 2017.

Essa memória, sabemos, é distinta do que entendemos por história que, nas palavras de Halbwachs (2013, p.79), “deve [ser] entendida não [como] uma sucessão cronológica de eventos, mas tudo o que faz com que um período se distinga dos outros, do qual os livros e as narrativas em geral nos apresentam apenas um quadro muito esquemático e incompleto”.

Diz Halbwachs (2013), ainda, que

Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transportar a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente (HALBWACHS, 2013, p. 72).

Segundo esse mesmo autor, o que diferencia a memória da história é que aquela é dinâmica, constituindo-se como um fluxo sucessivo de ideias e pensamentos, só mantendo nas lembranças o que ainda está latente na consciência do coletivo, com observância aos limites do grupo. Em se tratando de história, essa se divide em períodos, apresentando-se como se fosse renovada a cada período. Um outro aspecto que as distingue, segundo o citado autor, refere-se ao fato de que, a princípio, só existiria uma única história, mas muitas memórias. Nesse caso, Halbwachs evidencia as concepções que circulavam em sua época, sem considerar a possibilidade das histórias plurais⁶, fato que só viria a acontecer mais tarde. Para o sociólogo, seria possível pensar em uma história de caráter universal, mas a ideia de uma “memória universal” seria inviável, tendo em vista que “para termos ideia da multiplicidade de memórias coletivas, imaginemos o que seria a história de nossa vida se, enquanto a contamos, nos detivéssemos a cada vez que nos lembrássemos de um dos grupos pelos quais passamos, para examiná-lo...” (HALBWACHS, 2013, p.107).

Para Burke (2000), os historiadores, além de conceber a memória como fenômeno histórico, devem ainda, interpretá-la como fonte para a história. Para tanto, ao utilizar essa fonte, devem ter o mesmo rigor crítico, seguindo as mesmas interpretações, seleção e escolhas consideradas nas pesquisas em que se utilizam outros documentos históricos. O autor ainda considera que “as memórias são maleáveis e é necessário compreender como são concretizadas, e por quem, assim como os limites dessa maleabilidade” (BURKE,

⁶ Histórias nas quais um movimento, uma etnia ou qualquer outro tipo de grupo produz uma história de si para si: a história do movimento negro, do movimento gay, do feminismo, a história de seitas religiosas, de etnias específicas, de famílias, de categorias profissionais, de partidos políticos, e tantas outras histórias imagináveis. Cf. BARROS, José D' Assunção. História e memória – uma relação na confluência entre tempo e espaço. IN: MOUSEION, vol. 3, n.5, Jan-Jul/2009.

2000, p. 73). Ao longo da pesquisa, procuramos escutar as memórias de alguns sujeitos, a fim de observar, nos seus discursos, dados relevantes para a análise que fazemos.

O Sinésio começou vendendo água quando ainda era criança, assim 10, 12 anos. Trazia no jumento. Era a pobreza, eles eram muito pobres naquela época. [...] Ele não ficou só nisso não, foi trabalhando, trabalhando até se entrosar. [...] (Depoimento de Amadeu Viana de Oliveira, 2017)⁷.

As novas possibilidades historiográficas nos permitiram entender, também, a importância da história oral, pois “mesmo os que trabalham com períodos anteriores têm alguma coisa a aprender com o movimento da história oral, pois precisam estar conscientes dos testemunhos e tradições embutidos em muitos registros históricos” (BURKE, 2000, p. 72). O que estamos querendo apontar é que hoje, tanto os papéis escritos quanto os objetos, os relatos orais, assim como os mitos, as festas, os saberes e os sabores, as fotografias e as propagandas fazem parte do universo da pesquisa, sendo importantes fontes para a escrita da história.

Julgamos necessário pontuar, ainda, que o enfoque dado nessa tese à fotografia como fonte documental se justifica por dois motivos: o primeiro pelo fato de nosso personagem ser um fotógrafo; o segundo pelo fato de que a máquina fotográfica é, também, um desencadeador de memória, funciona como um objeto de estudo bastante expressivo pela capacidade que tem de preservar histórias perdidas no tempo e no espaço. Uma fotografia impressa em um dado momento do passado, quando trazida para o presente, pode despertar diferentes sentimentos. E, por despertar lembranças ou outros sentimentos nas pessoas é que a fotografia passa a ser vista não como um objeto em si mesmo, mas como passaporte para a re(construção) da memória. Para Halbwachs (2013, p. 91)

A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada.

A importância dessa tese reside, também, no fato de que se observa, no acervo pesquisado, uma riqueza de imagens fotográficas que merecem ser exploradas, analisadas e, posteriormente, divulgadas por meio de registros escritos, com o intuito de contribuir para o enriquecimento dos estudos históricos, como também para conhecer e preservar a

⁷Antigo morador de Caxias (98 anos), foi membro da Diretora da União Artística Operária Caxiense, juntamente com Sinésio Santos. Entrevista realizada em 11 de outubro de 2017.

memória dos cenários e personagens da vida caxiense de outrora. Assim, o olhar fotográfico visto e percebido, segundo seu potencial expressivo, alcança as lembranças das pessoas, pois além de pontuar acontecimentos, ganha novos contornos e formas. Segundo pesquisadores,

As fotografias também são lugares de lembrança das experiências de outros, que permanecem “vivas” no referente fotográfico, possibilitando não só uma leitura rememorativa de fatos e ações dos sujeitos históricos em seu tempo, mas também, através do olhar investigativo e interpretativo no presente, delinear as lembranças que se fazem comuns. (DIETRICH; MATOS, 2011, p. 22).

A fotografia, nesse caso, é vista como documento capaz de auxiliar na produção de conhecimento histórico e cultural para as sociedades. Nas palavras de Le Goff (2013, p.426), a fotografia é quem “revoluciona a memória, a multiplica e a democratiza; dá-lhe uma precisão e uma verdade cronológica”. Nesse contexto, a história cumpre sua função se conseguir registrar os fatos de uma determinada época para, assim, construir a memória que estabelecerá comunicação com futuras gerações, promovendo a preservação e a socialização de marcas culturais.

Nesta tese, abordaremos as fotografias clicadas por Sinésio Santos que retratam o passado caxiense capaz de dialogar com o presente, sem perder de vista a sua originalidade. Para tanto, faz-se necessário entender que sendo a fotografia um instrumento, cuja função primeira se constitui em captar imagens de um dado momento, ela por si só não terá um importante papel na memória histórica se não vier acompanhada de narrativas que explicitem os elementos e os fatos ali vistos e que serão eternizados por meio das imagens reveladas. Para Leite (2001, p.135), as fotos funcionam como

um desencadeador de lembranças múltiplas [que] se constituem, de um lado, [como] uma forma de resgatar um passado esquecido e, de outro, no caso do pesquisador, [como] um estímulo formulador de hipóteses para testar a comunicação das fotografias e o seu esquecimento temporário ou total.

Ao nos debruçarmos sobre tal tema, verificamos que desde a Pré-História as imagens já faziam parte da vida humana através dos desenhos nas cavernas. Os registros desses momentos históricos foram realizados com a utilização de imagens. “As imagens são antigas, e estão a atestar a presença e a passagem do homem através das épocas. Seria possível, talvez, dizer que as imagens são anteriores à escrita e ao complexo mundo da palavra e do texto” (PESAVENTO, 2008, p. 99). A fotografia, mais contemporaneamente e enquanto registro imagético, é considerada um recurso revelador da identidade cultural de determinado grupo social ou de comunidades. Além de servir como suporte

memorialístico, ela pode ser utilizada como ferramenta que propicia aos sujeitos se reconhecerem como parte de um grupo e de uma cultura. Segundo Delgado,

O homem é um ser permanentemente em busca de si mesmo, de suas referências, de seus laços identificadores. A identidade, além de seus aspectos estritamente individuais, apresenta dimensão coletiva, que se refere à integração do homem como sujeito do processo de construção da História. [...] a construção de identidades é também uma dinâmica através da qual a identificação das similitudes e a afirmação das diferenças situam o ser humano em relação aos grupos sociais que o cercam (DELGADO, 2010, p.51).

De acordo com Halbwachs (2013, p.188), "cada sociedade recorta o espaço à sua maneira, mas de uma vez por todas, ou sempre, segundo as mesmas linhas, de maneira a constituir um quadro fixo onde encerra e encontra suas lembranças". Considerando as palavras desse estudioso, percebemos que da mesma forma que as marcas deixadas nas cavernas pelos nossos antepassados ajudaram na construção da história, e serviram para que as sociedades organizassem melhor suas memórias, a fotografia, além de fonte de recordação, fonte documental, arquivo familiar, entre outros, funciona como recurso que leva pessoas ou grupos a se reconhecerem, na medida em que se identificam como parte de um grupo, de um espaço ou de uma cultura.

Por meio das imagens, podemos entender questões culturais das mais variadas formas, que ainda não foram exploradas, mas que apresentam possibilidades de análises, como, por exemplo, estudar a identidade de determinados povos, seus costumes e crenças. Nesse caso, a foto pode revelar aspectos antes encobertos e dar pistas sobre comportamento ou sobre fatos que podem ser subtraídos das imagens fotográficas. A fotografia, dessa forma, torna-se relevante para a afirmação dos aspectos identitários relacionados aos espaços, à sociedade, aos momentos históricos e à cultura local. De acordo com Kossoy,

Toda e qualquer fotografia, além de ser um resíduo do passado, é também um testemunho visual no qual se pode detectar – tal como ocorre nos documentos escritos – não apenas os elementos constitutivos que lhe deram origem do ponto de vista material. No que toca à imagem fotográfica, uma série de dados poderão ser reveladores, posto que jamais mencionados pela linguagem escrita da história (KOSSOY, 2001, p. 159- 60).

Exemplificamos o que dizemos, apresentando a imagem fotográfica de uma das mais comentadas festividades de cunho religioso de Caxias/MA: o Festejo de São Benedito (Figura 1). Essa atividade ficou, durante muito tempo, ameaçada de não ser comemorada pelos fiéis, sendo realizada apenas para cumprir o calendário da igreja, sem promover as

badalações festivas de praxe. Mesmo com todas as mudanças ocorridas ao longo do tempo, como, por exemplo, no aspecto espacial, nas concepções trazidas por novos párocos, nos novos interesses da população mais jovem, os caxienses ainda conservam muitas características dessa cultura religiosa, principalmente no que se refere às relações que a comunidade estabelece com a igreja. A festa funciona como um símbolo de representação da crença, da cultura religiosa, do significado que o evento pôde e ainda pode esboçar para a memória dos moradores de Caxias. Para Santos (2014, p. 89), “memória coletiva confere uma identidade étnica, cultural ou religiosa a uma dada identidade coletiva. Os grupos precisam lembrar e relembrar, ritualizar, para se reproduzir identitariamente, com sentimento de pertencimento”. Diz a depoente:

O festejo de São Benedito para mim era um grande momento... naquela época todo mundo se preparava, não tinha um caxiense e até outros de fora que não participasse da festa. A procissão era um esplendor, era muita fé que o povo tinha [...] hoje não é mais assim, muita gente nem sabe quando tá acontecendo o festejo [...] esses jovens de hoje nem imaginam como era, só contando e assim mesmo não dá para entender como era na época. (Depoimento de Maria do Espírito Santo Moreira de Araújo Carneiro, 2018)⁸.

A fotografia abaixo (Figura 1) descreve e revela aspectos da identidade cultural da comunidade e aguça a memória, mostrando traços que somente são possíveis de serem vistos por meio da imagem. Martins (2008, p. 26) fala da incorporação da fotografia como metodologia adicional às técnicas utilizadas na investigação, nesse caso “historiadores agregam à lista da documentação a que recorrem para ampliar as evidências documentais da realidade social do passado”. Tal recurso, nessa abordagem, apresenta informações necessárias para se conhecer e interpretar determinadas realidades ocorridas em tempos passados.

⁸ Professora aposentada (71 anos), antiga moradora da cidade. Entrevista realizada em 21 de agosto de 2018.

Figura 1 - Festejo de São Benedito- década de 1980



Fonte: Acervo do fotógrafo Sinésio Santos.

No que tange à leitura documental (Figura 2), é possível perceber a representação do cotidiano caxiense que, mesmo vivenciado pelos moradores em períodos passados, deixou resquício na realidade atual. São práticas que atravessaram décadas. A foto traz referência à prática do cotidiano de Caxias/MA no século passado e que, atualmente, encontra-se, ainda, em plena evidência: o hábito de sentar ou se reunir em frente a residências para conversar e observar a movimentação dos transeuntes.

É indiscutível a importância da fotografia como marca cultural de uma época, não só pelo passado ao qual nos remete, mas também, e principalmente, pelo passado que ela traz à tona. Um passado que revela, através do olhar fotográfico, um tempo e um espaço que fazem sentido. Um sentido individual que envolve a escolha efetivamente realizada; e, outro, coletivo, que remete o sujeito à sua época. A fotografia, assim compreendida, deixa de ser imagem retida no tempo para se tornar uma mensagem que se processa através do tempo, tanto como imagem/documento quanto como imagem/monumento (CARDOSO, 1997.p.406).

Figura 2 - Rua Gustavo Colaço- década de 1960



Fonte: Acervo do fotógrafo Sinésio Santos.

No que se refere à técnica fotográfica, observamos que, durante a sua trajetória, Sinésio conseguiu aprimorar o trabalho, fato que podemos observar, por exemplo, quando comparamos a foto acima com outras capturadas no período inicial de sua carreira (Figura 2). É comum tais fotos apresentarem traços desalinhados, fora dos padrões técnicos, característica típica de fotógrafos amadores. É o que apresenta a referida fotografia, uma falta de enquadramento, como se a imagem estivesse declinando. Tudo isso são indícios de que, com o passar dos anos, houve um aperfeiçoamento do trabalho do autor, sua fotografia evoluiu em termos técnicos, a prática lhe proporcionou capturá-las com mais perfeição.

A fotografia é uma forma possível de reconhecimento tanto de uma sociedade como de um sujeito, considerando que a imagem funciona como um índice que retoma um momento, um lugar ou ainda aspectos da tradição de um povo, conferindo à memória subsídios para identificação cultural. Nesse sentido, vale nos reportarmos a Le Goff (2013), quando diz que a fotografia proporciona aos sujeitos a multiplicação e democratização da memória, com precisão e verdade não possíveis de serem evidenciadas em outras fontes. Diante disso, é fácil perceber que as imagens, de qualquer natureza, podem ser consideradas como bens que fazem parte da cultura, as quais nos levam a identificar características de grupos e da sociedade. Ao ativarem a memória, trazendo ao presente lembranças adormecidas sobre os acontecimentos da cidade, as fotografias também colaboram para a manutenção da memória do lugar. Para tanto, faz-se necessário compreender que a fotografia se associou à memória e, com isso, propiciou uma nova dimensão ao conhecimento histórico. Assim, ao ser analisada como fonte histórica, a fotografia deixa de ser vista como recurso meramente ilustrativo, passando a buscar universos, anteriormente, pouco visitados. Dessa forma, é preciso desvendar nas imagens aspectos não mostrados, mas que estão nas entrelinhas. “Utilizar imagens no fazer historiográfico é tarefa que exige dos historiadores especial atenção” (LEHMKUHL, 2010, p. 54). No dizer de Burke (2005), é preciso saber interrogá-las.

1.2 A fotografia como recurso memorialístico

O surgimento da fotografia no desdobramento das transformações advindas com a Revolução Industrial foi um recurso pictórico que veio exercer importante função na vida sociocultural do século XIX. Ela trazia novas possibilidades de informação, assim como

passou a ser vista como uma forma inovadora de apoio às novas pesquisas. Com o surgimento de equipamentos mais modernos, a qualidade das imagens foi sendo gradativamente melhorada. Por isso, o desenvolvimento de novas tecnologias foi determinante para que os profissionais que trabalhassem com imagens não precisassem buscar a cientificidade para os seus laboratórios, tornando o método menos complexo e mais acessível. Foi o que aconteceu com Sinésio, que aprendeu a lidar com os equipamentos de revelação de maneira informal, sem ir a laboratórios de ensino, pois, em sua época, o uso da tecnologia para revelação, por exemplo, já facilitava o trabalho dos amadores. Tal fato permitiu ao fotógrafo, com grau de instrução apenas elementar, aprender o ofício por meio de observação e curiosidade, sem usar técnicas avançadas que, possivelmente, dificultariam o seu acesso, como também seu aprendizado. Dessa forma, afirma Amadeu Viana,

O Estélio sendo gerente do Banco do Brasil, mantinha aquele estúdio por prazer, ele não vivia de fotografar. O Sinésio como era muito interessado em aprender as coisas, aprendeu com o Estélio, ficou por lá algum tempo observando e ajudando. Sinésio era um sujeito incrível e muito curioso, não tinha estudo, mas tinha boa vontade. (Depoimento de Amadeu Viana, 2017).

A partir dos anos 1930, a fotografia passou a ser considerada, também, como documento histórico, passando, nas últimas décadas, a alcançar o *status* de fonte de pesquisa, considerando ser um importante recurso informativo, como também por permitir aos sujeitos perceber aspectos não observados em outros registros. Por meio da imagem fotográfica, pode-se reaver na memória episódios que compõem a história. Assim, acrescentam Felizardo e Semain (2007, p. 210), “memória e fotografia se (con)fundem, são uníssonas, uma está contida na outra, estão intrinsecamente ligadas, fundamentalmente “enamoradas”.

A imagem fotográfica, enquanto registro dos diferentes eventos, pessoas e paisagens tem se tornado uma importante fonte para pesquisas, sobretudo, àquelas que versam sobre memória. Já dissemos que fotografia e memória estabelecem um eixo que se articulam mutuamente. A foto, ao retratar um momento ou uma pessoa que fez parte de um outro tempo, funciona como um suporte de memória que faz menção ao passado e que aguça as lembranças. Segundo Kossoy (2001)

O fragmento da realidade gravado na fotografia representa o congelamento do gesto e da paisagem e, portanto, a perpetuação de um momento, em outras palavras, da memória: memória do indivíduo, da comunidade, dos costumes, do fato social, da paisagem urbana, da

natureza. A cena registrada na imagem não se repetirá jamais. O momento vivido, congelado pelo registro fotográfico, é irreversível. (KOSSOY, 2001, p. 161).

De acordo com o exposto, percebe-se que a fotografia, além de lembrar e reativar momentos esquecidos pode suscitar outras lembranças e fazer emergir outros personagens que, em outras circunstâncias, não seriam (re)lembrados. A fotografia transporta o sujeito para lugares, épocas, despertando sentimento de alegria, horror, saudade, enfim “a fotografia tem poderes que nenhum outro sistema de imagens jamais desfrutou” (SONTAG, 2004, p. 174). Parafrazeando Kossoy, a fotografia permanece viva, pois o momento registrado ficou estático, preservado para tempos futuros. As paisagens e as pessoas, mesmo que tenham desaparecido ou se transformado, têm o registro fotográfico que guardará aquele instante da realidade, que ficou congelado. “É que as fotografias mostram, em seu conteúdo, o próprio passado” (KOSSOY, 2001, p. 158), são fragmentos de diversos e contínuos episódios que, ao serem analisadas, concedem ao observador uma possibilidade de visitar o que ficou na história vivenciada em outros tempos. Ciavatta (2002, p.30) acentua que “o olhar fixado no objeto fotográfico não é apenas uma característica do artefato, um aspecto do suporte que sustenta sua existência. Cada registro é parte de uma história e constitui ele próprio um princípio de memória”. A fotografia era vista, nesse contexto, como uma nova técnica que vislumbrava as possibilidades de ampliação do ângulo de visão humana. De acordo com Kossoy,

A nova invenção veio para ficar. Seu consumo crescente e ininterrupto ensejou o gradativo aperfeiçoamento da técnica fotográfica. Essencialmente artesanal, a princípio se viu mais e mais sofisticada à medida que aquele consumo, que ocorria particularmente nos grandes centros europeus e nos Estados Unidos, justificou inversões significativas de capital em pesquisas e na produção de equipamentos e materiais fotossensíveis (KOSSOY, 2001, p.25).

Para esse autor (2001), “a descoberta da fotografia propiciaria [...] [ainda] a inusitada possibilidade de autoconhecimento” (2001, p. 27). Vale dizer, portanto, que a fotografia permite que se conheçam aspectos significativos da vida ocorridos em determinado tempo, alargando a sua utilidade para muito mais do que uma simples ilustração e recordação. Além disso, ela informa sobre a história social e serve como fonte documental, retratando estilos e épocas, permitindo que se conheça o patrimônio material e imaterial de uma sociedade. Isto se dá por meio das imagens capturadas pelo fotógrafo em

um dado período e mostram, por exemplo, detalhes da arquitetura, costumes e tradições do povo ou aspectos políticos e sociais. Kossoy diz ainda que:

fotografia é memória e com ela se confunde. Fonte inesgotável de informação e emoção. Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social. Registro que cristaliza, enquanto dura, a imagem de uma ínfima porção de espaço do mundo exterior. É também a paralisação súbita do incontestável avanço dos ponteiros do relógio: é, pois, o documento que retém a imagem fugidia de um instante da vida que flui ininterruptamente. (KOSSOY, 2001, p. 162).

Expressão do que falamos, a foto que segue (Figura 3) permite ao observador perceber, por exemplo, uma manifestação que pode ser enquadrada como uma das marcas do período autoritário. Quando da visita de um chefe político, as escolas, guiadas por diretores e professores, deveriam levar os alunos com bandeiras para receber e manifestar satisfação pelo visitante ilustre, e também para evidenciar a popularidade do político anfitrião, fato esse que, nos dias atuais, talvez, de forma velada, ainda exista. Em outro registro (Figura 4), as bandeiras de suposto contentamento foram substituídas por cartazes com palavras de ordem, o que se contrapõe às festividades dispensadas àquelas autoridades no final dos anos 1960. Capturada vinte anos mais tarde, em 1987, os representantes de associações, insatisfeitos com a gestão política, levantam faixas, cobrando a promessa não cumprida pelo então governador, quando da sua visita a Caxias. Tal observação nos permite inferir sobre as transformações que ocorreram no cenário político nacional, as quais conduziram a população a ir às ruas, não apenas para aplaudir atendendo às determinações das autoridades, mas, também, para explicitar seus anseios e/ou manifestar descontentamento.

Figura 3 - Visita do Presidente Castelo Branco
ao Governador José Sarney - 1967



Fonte: Acervo Fundo de Memória Sinésio Santos.

Figura 4 - Manifestação de membros de Associações,
durante visita do Governador Epitácio Cafeteira/1987



Fonte: Acervo do Sr. Danilo Nunes/ registro de Sinésio Santos.

Ambas as fotos permitem que as pensemos como suportes memorialísticos e como detentoras de informações históricas. A fotografia, como mostramos, é um recurso de registro e um testemunho de relevantes informações culturais. Elas instigam a memória de cada um para buscar nas suas lembranças fatos já não vistos nos dias atuais, mas que ficaram registrados através das lentes de um fotógrafo. Para Mauad (2010, p. 147), “a experiência fotográfica se transforma com o advento das tecnologias digitais, mas não perde a sua dimensão de potencializar memórias”. Nesse caso, Caxias de outrora é

rememorada por seus moradores por meio da representação das imagens fotográficas reveladas, a partir dos anos 1950, pelo fotógrafo Sinésio Santos. Conforme postula Ciavatta (2008, p. 41), “...como fonte de recordação e de emoção, a imagem fotográfica associa-se à memória e introduz uma nova dimensão no conhecimento histórico, tradicionalmente obtido por meio da linguagem oral e, principalmente, da linguagem escrita”.

Mauad (2008), por seu turno, vê a fotografia como fonte histórica que permite ao historiador realizar novas formas de análise, sem se preocupar com a finalidade do registro, isto é, se foi realizado com o intuito de comprovar algo que não foi claramente explicitado ou, simplesmente, para registrar um modo de vida. Le Goff (2013), em seus estudos, intensifica as noções sobre fotografia considerando-a, de forma simultânea como imagem/documento e como imagem/monumento. Para ele, a fotografia vista como imagem/documento é considerada como índice, no qual qualquer aspecto que tenha sido registrado em uma determinada época dará informações desse passado. Enquanto imagem/monumento, a fotografia é um símbolo, representando o que foi determinado pela sociedade como única imagem que será eternizada para o futuro. A fotografia a seguir explicita o que diz Le Goff, uma vez que funciona como um documento visual, tendo em vista que informa sobre um acontecimento ocorrido no passado, acentuando, ao mesmo tempo, o seu caráter monumental, considerando que, ao mostrar resquícios da Guerra da Balaiada⁹ e o espaço físico onde a batalha ocorreu (Figura 5), traz à tona substratos da época, como também, simboliza, por meio da imagem das ruínas, um episódio relevante para a história.

⁹ A Guerra da Balaiada foi a mais longa e numerosa revolta popular ocorrida no Maranhão: De um lado, grandes proprietários de terra e de escravos, autoridades provinciais e comerciantes; do outro, os balaios (vaqueiros, artesãos, lavradores, escravos, mestiços, mulatos, sertanejos, índios e negros), sem direito à cidadania e nem ao acesso à propriedade da terra, buscando o fim de novas arbitrariedades instituídas pelas oligarquias regionais que haviam subido ao poder após a proclamação da independência, além do fim de recrutamentos violentos.

Figura 5 - Ruínas da Guerra da Balaiada – década de 1970



Fonte: Acervo do fotógrafo Sinésio Santos.

Vale, ainda, aqui, estabelecer um paralelo com o que diz Kossoy (2001, p. 37) sobre a primeira e a segunda dimensão da fotografia. Para o estudioso, existem “três elementos considerados fundamentais para a realização de uma fotografia: o assunto, o fotógrafo e a tecnologia”. Sendo que o assunto é algo selecionado pelo fotógrafo, estando em conformidade com o tempo e o espaço; a tecnologia diz respeito ao seu surgimento e uso em determinada época. Esse conjunto resultará, de acordo com Kossoy, no produto, ou seja, na fotografia. É bom lembrar que todo esse processo define a primeira e a segunda dimensão fotográfica. A primeira se relaciona ao ato de fotografar, a ação do fotógrafo, aquilo que não é possível visualizar nas imagens, mas o que está oculto, nesse caso seria imagem/monumento. A segunda dimensão busca, além do visível, o que também não está explícito. Para Ramos (2017, p. 27), “na realidade do documento fotográfico, o autor busca não somente o que é possível ver (o ‘aparente’), a duplicidade como ser exterior; mas, sobretudo, o que está invisível (‘o oculto’), a ‘realidade interior’ da fotografia”.

Considerando todas essas proposições é que somos levados a pensar que a fotografia é um instrumento capaz de estabelecer comunicação entre gerações, promovendo a preservação e socialização de marcas histórico-culturais de todas as épocas, dado o seu caráter memorialístico, mas sem perder de vista o que aponta Pesavento (2008), no sentido de reafirmar a capacidade das imagens:

As imagens possuem poderes bem definidos: são sedutoras, captando o olhar, de modo a envolver aquele que as contempla; são mobilizadoras, instigando à ação, por vezes mesmo de forma impensada e imediata; proporcionam a evasão, libertando a imaginação para fora do campo da imagem vista, de forma a conduzir o pensamento para outras instâncias imaginárias; são evocativas, despertando a memória e conectando a outras experiências, têm, ainda, um poder

cognitivo, traduzindo uma forma de saber sobre o mundo para além do conhecimento científico. (PESAVENTO, 2008, p.106).

A fotografia, portanto, é essencial para a constituição e preservação da memória, uma vez que essa fonte pode testemunhar o cotidiano de um grupo em um tempo, servindo para resguardar as lembranças desse determinado tempo, tanto no âmbito individual quanto no coletivo. A memória é ativa e o ato de recordar é um processo dinâmico que está sempre retornando ao passado para manter vivas as lembranças. Valquíria Oliveira¹⁰, uma de nossas depoentes, deixa evidente em seu discurso, a importância desses arquivos para resguardar os momentos da família para as gerações posteriores, “[...] ele (Sinésio) foi chamado várias vezes aqui na casa dos meus pais para fotografar aniversários, casamentos. Foi ele quem fotografou meu casamento, tenho essas fotos aqui, é uma lembrança boa para os meus netos” (Depoimento de Valquíria Araújo Fernandes de Oliveira, 2017). Nesse sentido, a fotografia pode ser reconhecida, também, como um importante registro das reminiscências. Para Halbwachs (2013, 93), “a lembrança é uma imagem introduzida em outras imagens, uma imagem genérica transportada ao passado”.

Contemplar uma fotografia pode significar, então, trazer para o presente o que está posto no passado, pois essas imagens, muitas vezes, ativam a imaginação, acionando a memória. Segundo Ciavatta (2008, p. 51), “a fotografia atua como elemento de legitimação da memória familiar e da história que se constrói sobre o grupo”. Os retratos dos acontecimentos e lugares servem como suporte material para a (re)construção do aspecto memorialístico de um grupo, o que leva a imagem fotográfica a ser reverenciada como um importante recurso nas discussões sobre essa temática. Para Kossoy (2001, p. 26),

“O mundo tornou-se, de certa forma, ‘familiar’ após o advento da fotografia; o homem passou a ter um conhecimento mais preciso e amplo de outras realidades que lhe eram, até aquele momento, transmitidas unicamente pela tradição escrita, verbal e pictórica”.

Pollak (1992) fala de dois elementos constitutivos da memória: acontecimentos vividos pessoalmente e aqueles “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos que a pessoa não participou, mas o grupo ao qual ela se sente pertencer participou. Nesse sentido, por meio da circulação das imagens fotográficas de uma dada época, é possível que a pessoa consiga se identificar com esse tempo, ativando o que Pollak chama de “memória quase

¹⁰ Professora aposentada da UEMA (74 anos) ocupando o cargo de diretora do Centro de Estudos Superiores de Caxias; foi Secretária Municipal de Educação e Secretária Municipal de Cultura. Entrevista realizada em 29 de novembro de 2017.

que herdada”. É o que foi possível observar, por exemplo, quando, ao mostrarmos a foto abaixo (Figura 6) para uma depoente (Ludce de Maria Frazão Machado Araújo)¹¹ que não se encontra na imagem, ela mostrou-se admirada por não ter sido retratada ao lado das companheiras, já que nos revelou fazer parte do grupo de amigas, identificando-se, dessa forma, com a época, com a turma e, portanto, partícipe do evento “por tabela”. Ludce Machado sentia-se representada pelo grupo. A lembrança de certos acontecimentos, como sabemos, leva à busca de outros fatos ocorridos na mesma época. São acontecimentos trazidos por alguém que os vivenciou, os testemunhou. Nesse sentido, a fotografia desempenha a função de testemunha do passado, pois quando se revê uma imagem fotográfica, retoma-se àquele momento.

Figura 6 - Jogadoras de Vôlei/ Colégio São José- década de 1970



Fonte: Acervo Fundo de Memória Sinésio Santos.

A fotografia, nesse caso, é de grande importância para a preservação das lembranças, uma vez que colabora para salvaguardar a memória individual e coletiva. Às imagens fotográficas lhes são atribuídos valores de caráter documental, dada a sua capacidade de representação dos aspectos sociais, históricos e culturais, preservando na memória as lembranças de seus moradores. As fotografias resgatam acontecimentos e espaços, reelaborando ou construindo uma outra história. Tais imagens, além de possibilitar o registro de momentos de uma época, também transmitem informações,

¹¹ Funcionária pública que morou na cidade ainda jovem, retornando nos anos 2000. Entrevista realizada em 01 de agosto de 2018.

conhecimentos e cultura, o que colabora para resguardar aspectos do passado que podem se tornar desconhecidos para gerações futuras.

Dessa forma, pretende-se re(viver) a história, considerando que a fotografia é um recurso capaz de reativar na memória situações esquecidas. Dubois (2012), para quem a fotografia e a memória humana são próximas, considerando que a foto é uma espécie de lembrança visual, afirma que “uma foto é sempre uma imagem mental. Ou, em outras palavras, nossa memória só é feita de fotografias” (DUBOIS, 2012, p. 314). Enquanto registro documental, ela revela como eram os espaços, os cenários, as rotinas, as feições das pessoas, enfim, ao mesmo tempo em que aguça o imaginário dos sujeitos, fazendo-os descrever aquilo que não está expresso nas imagens, como, por exemplo, as emoções vivenciadas pelo fotógrafo. “Cada foto é um momento privilegiado, convertido em um objeto diminuto que as pessoas podem guardar e olhar outras vezes” (SONTAG, 2004, p. 28). A fotografia que segue (Figura 7) se reporta a uma paisagem, a um cotidiano que já não existem mais, um espaço que, aos poucos, desapareceu fisicamente, permanecendo apenas na narrativa trazida pela fotografia e pelas lembranças dos mais antigos. Raimunda Feitosa, moradora da cidade há mais de sete décadas, ao visualizar a imagem, fez o seguinte depoimento:

“O Rio Itapecuru era sinônimo de lazer, brincadeira, porque ali eu e meus irmãos brincávamos muito, a gente nadava, andava de canoa e até ia lavar roupa. [...] hoje não se faz mais isso, a água baixou muito, tem muita casa ali perto, naquele tempo era só mata ao redor. [...] eu me lembro também do restaurante flutuante que afundou [...] tenho saudade daquele tempo [...]”. (Depoimento de Raimunda Vieira Feitosa Oliveira, 2018)¹²

¹² Residente em Caxias desde o nascimento, aposentada da Rede Pública do Estado do Maranhão com a função de Serviços Gerais, frequentadora da União Artística Operária Caxiense (74 anos). Entrevista realizada em 18 de abril de 2018.

Figura 7 - Rio Itapecuru- década de 1950



Fonte: Acervo do fotógrafo Sinésio Santos.

Tal depoimento nos indica que a fotografia desempenha, hodiernamente, uma importante função no processo de rememoração, o que possibilita aos sujeitos construir sua própria versão dos fatos vividos. “É o suporte imagético que, na maioria das vezes, vem orientando a reconstrução e veiculação da nossa memória, seja como indivíduos ou como participantes de diferentes grupos sociais” (SIMSON, 1998, p.22).

O desejo de arquivar dados, assegurando a imortalidade da história ocorrida em um dado tempo, é o que nos faz ouvir, a todo instante, o clique da máquina fotográfica nos lembrando do desfile de Sete de Setembro, a posse em academias, as festas familiares. Nesses eventos de nossa história e de nossa memória, “os personagens retratados envelhecem e morrem, os cenários se modificam, transfiguram-se também desaparecem. O mesmo ocorre com os autores-fotógrafos e seus equipamentos. De todo o processo, somente a fotografia sobrevive” Kossoy (2001, p. 162). Com isso, verifica-se a força mobilizadora que o registro fotográfico possui: garantir a lembrança viva, fato que nos faz entender o motivo da relação memória e fotografia.

1.3 Imagens fotográficas: representações de sentido

A fotografia pode ser tomada, também, como um texto aberto e amplo carregada de diversas informações e sentidos. Os múltiplos significados nela contidos exigem do observador e/ou pesquisador um olhar atento e cuidadoso sobre os detalhes que a foto oculta ou deixa escapar. Esse instrumento pode conduzir a muitas interpretações desde a

mais elementar a mais complexa. “Apesar da aparente neutralidade do olho da câmara e de todo o verismo iconográfico, a fotografia será sempre uma interpretação” (KOSSOY, 2001, p. 120). Partindo do exposto, vemos que a fotografia pode contribuir para a veiculação de dados não, necessariamente, pensados pelo seu produtor. Nesse sentido, segundo Burke, tanto no caso de imagens, como de textos, diz:

O historiador necessita ler nas entrelinhas, observando os detalhes pequenos mais significativos – incluindo ausências significativas - usando-os como pistas para informações que os produtores de imagens não sabiam que eles sabiam, ou para suposições que eles não estavam conscientes de possuir. (BURKE, 2005, p. 238).

O observador de uma imagem fotográfica, portanto, ao analisá-la, deve perceber o contexto no qual ela se insere, assim como seu meio de divulgação (outdoor, museu, exposição artística, álbum de família, revista, livro, jornal). Mas não deve deixar de lado o seu produtor, assim como o tempo e o espaço em que foi produzida. Todo esse aparato deve ser observado para que se possa entender o seu significado, ou seja, o que ela representa. Nesse cenário, é interessante dizer que, no processo de atribuir sentido a uma imagem fotográfica, vários elementos devem ser considerados, tendo em vista que “como cada foto é apenas um fragmento, seu peso moral e emocional depende do lugar em que se insere” (SONTAG, 2004, p. 122). A autora reflete, ainda, que, em cada contexto, as fotografias se apresentam de maneira diferenciada, “mas nenhuma delas pode assegurar o seu significado”. Cada imagem pode estar permeada de ideias e para desvendá-la é necessário lê-la de maneira a extrair dela o significado que responda ao que se busca, considerando que toda imagem oferece ao observador inúmeras mensagens que, às vezes, somente é possível entendê-las a partir dos elementos acima citados, como também do conhecimento cultural de cada um. Para Leite, (2001),

O significado da imagem pode depender da identificação de processos diferenciados de interpretação, relativos aos níveis que se atinja no conteúdo latente. A fruição e a reflexão são práticas simultâneas no processo de leitura da comunicação não-verbal e trazem para o processo não apenas o conteúdo explícito da imagem, mas a formação cultural e intelectual do leitor (LEITE, 2001, p.158).

No que concerne às interpretações que se faz da imagem fotográfica, é interessante pensar, além de alguns elementos já citados, como espaço e contexto, no sentido dado pelo fotógrafo ao objeto fotografado. A fotografia abaixo (Figura 8) registra um momento que

deve ter sido muito importante para Sinésio Santos. Trata-se de uma festa do Dia 1º de Maio, Dia do Trabalhador, atividade realizada em um espaço bastante significativo para o fotógrafo, já que era associado da União Artística Operária Caxiense, o Clube Operário da Cidade de Caxias, do qual foi presidente. O significado da foto para quem hoje a observa difere da percepção do fotógrafo Sinésio, e dos fotografados, considerando não só os diferentes momentos, mas, também, os ideais de uma sociedade dos anos 1960 e de hoje.

Figura 8 - Festa do Dia 1º de Maio/ União Artística Operária Caxiense/ 1966



Fonte: Acervo do fotógrafo Sinésio Santos.

Na análise de uma fotografia é pertinente que o olhar do fotógrafo e do observador sejam distintos, tendo em vista que suas experiências não partem dos mesmos contextos. Dessa forma, a representação e interpretação da imagem fotográfica passam a ser de domínio, também, de quem a analisa, deixando, exclusivamente, de representar a realidade determinada por quem a registrou. “Enquanto representação, ela nos faz imaginar os segredos dos implícitos, os enigmas que esconde, o não manifesto, a emoção e a ideologia do fotógrafo” (KOSSOY, 2007, p. 157).

O potencial de uma imagem está, portanto, ligado aos diferentes modos de suscitar nos observadores curiosidade em explorar os seus pormenores, fato que pode estar na cor, no enquadramento, na luz lançada sobre o objeto fotografado, no tamanho, no suporte (álbum, porta-retratos, quadro), enfim, em diferentes meios de apresentação. “A fotografia é uma imagem ambígua e polissêmica, que é passível de múltiplas problematizações e indagações” (MONTEIRO, 2008, p. 148), pois se constitui de um

recurso que traz consigo aspectos ideológicos e estéticos, resultantes das escolhas do seu produtor, como também da seleção dos seus componentes. Para Kossoy (2001, p. 139), “estética e ideologia são componentes fluidos e indivisíveis, implícitos na representação fotográfica”.

Nesse aspecto, porém é importante entender que, ao capturar uma imagem, é possível se lançar mão de um conjunto de aparatos que permitem a sua manipulação, fazendo com que não seja retratada na imagem a realidade tão desejada. Destaca Pesavento (2008, p. 111) que “a realidade trazida pela fotografia [...] é sempre uma realidade reconstruída, simulada, que implica uma performance e uma teatralização”, portanto é preciso “educar o olhar, dar a ver¹³”, a fim de que se possa entender as imagens e retirar delas o sentido que não está dito. Kossoy (2001, p. 120) ainda acrescenta que “apesar do amplo potencial de informação contido na imagem, ela não substitui a realidade tal como se deu no passado. Ela apenas traz informações visuais de um fragmento do real, selecionado e *organizado* ideologicamente”. É interessante destacar, ainda, que o aspecto polissêmico da fotografia ocorre em função da impossibilidade de se estabelecer previamente acordos que determinem seus significados. A leitura imagética depende, além de outros fatores, de um cabedal de conhecimentos necessários para a sua interpretação, como conhecimento cultural, o que leva cada leitor a fazer sua própria análise, pois

No esforço de interpretação das imagens fixas, acompanhadas ou não de textos, a leitura das mesmas se abre em leque para diferentes interpretações a partir daquilo que o receptor projeta de si, em função do seu próprio repertório cultural, de sua situação socioeconômica, de seus preconceitos, de sua ideologia, razão por que as imagens sempre permitirão uma leitura plural (KOSSOY, 2001, P. 121).

Dessa forma, as diferentes possibilidades de representação de sentido que uma imagem fotográfica pode permitir estão relacionadas a dois eixos: ao processo de produção, esse ligado ao produtor; ao processo de interpretação que se liga ao observador, ambos com habilidades e conhecimento de mundo diversificados, assim como aos aspectos temporal-espacial, visto que esses também interferem na construção de representação e de sentido que uma fotografia pode expressar. Fato que nos leva a entender que o sentido que uma imagem representou para um determinado observador no século XX pode ser diferente do interpretado atualmente. É o que expressou o Sr. Antônio Magalhães quando lhe apresentamos a foto acima (Figura 8),

¹³ Sobre as expressões, consultar Sandra Pesavento, 2008.

“[...] é uma data que ninguém da minha época pode esquecer, havia um grande baile [...], hoje ninguém mais fala, turma como aquela não existe mais [...] a comemoração do dia do trabalhador começava cedo e ia até madrugada, era tradicional. A União foi criada por operários, mas lá iam ricos e pobres. Eu era da diretoria [...]” (Depoimento de Antônio José Magalhães Conceição, 2016)¹⁴

É importante perceber, por fim, que uma foto expressa tradições, valores, histórias e costumes de uma determinada época e de determinada sociedade, podendo não esboçar o mesmo sentido e representação para outros que não conhecem ou não se deram a conhecer à referida cultura ou história. A título de exemplificar o exposto, segue uma imagem revelada pelo fotógrafo Sinésio Santos, em Caxias/MA, na década de 1950, no Morro do Alecrim, espaço onde ocorreu a Guerra da Balaiada no período de 1838-1841.

Figura 9 - Canhão da Guerra da Balaiada – década de 1950



Fonte: Acervo do fotógrafo Sinésio Santos.

Na foto em destaque (figura 9), um grupo de homens visita o lugar histórico mais conhecido da cidade. Escolheram tal ambiente por, provavelmente, saberem que ele revela parte da história de Caxias. Mas, para além de representar um espaço que faz parte da narrativa histórica sobre a cidade, o que pode ser deduzido pela presença do canhão e pela violência que o mesmo representa, o fotógrafo escolheu o Plano Geral¹⁵ para dar destaque, não somente aos fotografados, mas, principalmente, ao espaço onde a foto foi capturada. Tal técnica revela a visão que se tem da parte baixa da cidade, do seu entorno; o espaço

¹⁴ Aposentado da Estrada de Ferro (86 anos), amigo de Sinésio Santos; foi sócio da União artística Operária Caxiense. Entrevista realizada em 31 de agosto de 2016.

¹⁵ O Plano Geral é também conhecido como “aberto”, porque costuma mostrar o ambiente no qual a cena enquadrada se desenvolve. (RAMOS, 2017, p. 33).

reservado para o combate (Morro do Alecrim) foi considerado ponto estratégico de defesa e lugar de difícil acesso aos oponentes. O vestígio da guerra gravado na fotografia “passa a ter sentido no momento em que se tenha conhecimento e se compreendam os elos da cadeia de fatos *ausentes* da imagem. Além da verdade iconográfica” (Kossoy, 2001, p. 123). Deixando de lado os aspectos explícitos, por exemplo, a figura dos sujeitos presentes na foto e passando a indagar sobre a guerra, o observador precisa analisá-la a partir do contexto histórico, econômico e político no momento vivido, o que somente é possível considerando o conhecimento cultural do observador. Sem esse conhecimento, a pose dos personagens registrada ao lado do canhão nada significará para os fotografados. De outra forma, a fotografia revela, por meio do seu enquadramento, da sua produção estética, a preocupação de seu produtor em melhor organizá-la, ou seja, a fim de que possa destacar os personagens, demonstrando não só uma beleza não visualizada do lugar, mas dando a ideia do espaço onde ocorreu a guerra, do panorama visual da cidade, demonstrando que a cidade ocupa uma posição cercada por morros, o que nos dá a perceber que “trata-se de uma foto bastante elaborada sob o prisma estético” (KOSSOY, 2001, P. 126). Isso quer dizer que, mesmo sem conhecer a gramática visual, pois a data nos leva a entender que essa imagem foi capturada ainda no início de sua carreira, o autor procurou enquadrá-la obedecendo aos preceitos dessa teoria.

Esta pesquisa cujo foco principal está centrado nas fotografias de Sinésio Santos sobre Caxias e sua gente vem procurando descrever fatos, situações e acontecimentos vividos em Caxias/MA entre 1950 e 1990 e que ainda não estão registrados em textos escritos, podendo ser acrescidos de outros, uma vez que o conhecimento histórico é algo que vai se renovando. Eles podem ocorrer por meio de estudos e de indagações às diversas fontes [escritos, desenhos, depoimentos orais e fotografias]. Estas são o principal recurso deste trabalho. Pois,

[...] as fotografias guardam, na sua superfície sensível, a marca indefectível do passado que a produziu e consumiu. Um dia já foram memória presente, próximas àqueles que as possuíam, as guardavam e colecionavam como relíquias, lembranças ou testemunhos. No processo de constante vir a ser recuperam o seu caráter de presença num novo lugar, num outro contexto e com uma função diferente. Da mesma forma que seus antigos donos, o historiador entra em contato com este presente/passado e o investe de sentido, um sentido diverso daquele dado pelos contemporâneos da imagem, mas próprio de ser estudado (MAUAD, 2008, p. 26).

Considerando o exposto, vemos que uma imagem fotográfica feita no passado pode ser vista como uma espécie de relíquia e que, de acordo com Le Goff (2013, p.497), todo

documento reflete “o esforço das sociedades históricas para impor ao futuro, voluntária ou involuntariamente determinada imagem de si próprias”. Assim, pode-se deduzir que as imagens produzidas pelos fotógrafos podem/devem ser tomadas, também, como um registro histórico. É dentro do universo imagético, portanto, que as fotografias, além da visualidade revelam o aspecto histórico do lugar ou do momento, à medida que expõem ideias, culturas, valores e comportamentos, elementos estes que possibilitam reaver as várias maneiras de viver de diversas sociedades, como também sua atuação e estilo em diferentes épocas. Revelam, ainda, fatos importantes para serem comparados com aqueles que ainda perduram nestas sociedades e que serão passados para gerações futuras. De acordo com Novaes,

Imagens, tais como textos, são artefatos culturais. É nesse sentido que a produção e análise dos registros fotográficos, filmicos e videográficos podem permitir a reconstrução da história cultural de grupos sociais, bem como um melhor entendimento de processos de mudança social. (NOVAES, 2005, 110).

Entender a história cultural sob o prisma, apenas, da alta cultura, ou seja, da erudita, da científica, da filosófica, enfatizando a história da cultura intelectual, constitui uma ideia reducionista daquilo que vem a ser cultura. Dessa forma, “a história cultural, tal como entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler”. (CHARTIER, 1990, p. 17). A história assim delineada abre caminhos para os sujeitos comuns.

Na fotografia, o aspecto cultural está expresso nos mais variados acontecimentos cotidianos, por exemplo. Vista enquanto elemento cultural, a imagem fotográfica ultrapassa os cânones da representação de acontecimentos, visto que sua circulação permite mostrar as diferentes realidades dos vários grupos sociais ao redor do mundo. Essa dimensão cultural da fotografia, enquanto artefato documental só passou a ser enfatizada em meados do século XX, antes, conforme já expresso, era vivenciado um modelo de cultura que se aproximava da erudição clássica. O que veio a ser rompido graças aos estudos de novos cientistas sociais, que procuraram mostrar, em seus estudos, que o cultural engloba também o popular. Foi a partir dessa nova concepção de história cultural que a historiografia trouxe para discussão novos atores sociais e objetos, abordando a cultura nas mais variadas maneiras de expressão. Nesse contexto, as ideias de Chartier sobre História Cultural afluíram os ânimos de pesquisadores, entre eles, Sandra Pesavento, que comungou com as ideias do estudioso, época em que são trazidas reflexões

sobre as suas diferentes abordagens¹⁶. Ideias essas discutidas, a princípio, na França, toma espaço no Brasil. As novas abordagens abrem espaços para discussões mais amplas a respeito dos sujeitos e objetos da História Cultural.

A imagem, ao ser vista e percebida como artefato que procura representar aspecto relacionado à história de uma época, revela valores dessa época, evidenciando que a produção iconográfica, enquanto objeto de pesquisa, alarga seu campo de informações, o que permite conhecer a extensão dos contextos socioculturais e históricos em que as imagens foram produzidas. De acordo com Pesavento (2008, p. 114), “para a história cultural, ler uma imagem é avançar para além da estética, ultrapassando os cânones que delimitam o belo e a virtualidade técnica de composição e feitura da boa imagem”.

Analisar a imagem fotográfica como fonte historiográfica, sob a ótica da representação visual, pressupõe buscar na história cultural conceitos que definem representação, visto que, para Chartier (1990), a ideia de *representação* não é retratar a realidade fielmente, mas chamar a atenção para o processo social de construção das *representações*. Seria, portanto, uma propensa ideia de se aproximar da imagem, do objeto ou do fato ocorrido. Para Canabarro,

A história cultural trabalhada por Roger Chartier é uma modalidade que procura entender a produção de sentido das palavras, das imagens e dos símbolos e busca a reconstrução das práticas culturais em termos de recepção, de invenção e de lutas de representações. Trabalha também com as diferentes formas de apropriação de discursos, de textos (verbais e não-verbais) e da produção do sentido, sendo este diferenciado pelas posições que os atores ocupam socialmente. (CANABARRO, 2005, p. 35-36).

A conservação de arquivos fotográficos, quer seja por pesquisadores, quer seja por historiadores ou, simplesmente, no meio familiar permitem guardar cenas ocorridas em diferentes tempos, servindo para manter o aspecto memorialístico de indivíduos, de grupos e de lugares no sentido de preservar uma identidade cultural. Tais registros, além de fornecerem subsídios para o relato oral, colaboram, sobremaneira, para historiar a tradição, assim como manter viva a estrutura identitária das comunidades. Parafraçando Ciavatta (2002), a fotografia produz imagens cujo valor histórico tem sido, de forma gradativa, apropriado pela história atual. É o que acontece com as fotografias que estamos analisando.

¹⁶ A esse respeito, consultar CHARTIER (1990)

Quando arranjadas e identificadas nos remeterão à figura de seu criador – Sinésio Santos de quem falaremos mais detalhadamente no capítulo 2.

Outros conceitos norteadores da tese, além da fotografia, são memória, cidade e patrimônio. No que concerne à fotografia, ela ativa a memória, trazendo ao presente lembranças adormecidas sobre os acontecimentos da cidade, o que colabora para a manutenção da memória do lugar. Para tanto se faz necessário compreender que a fotografia se associou à memória e, com isso, propiciou uma nova dimensão ao conhecimento histórico.

Quanto aos estudos que se dedicam à memória, eles têm sido amplamente divulgados no cenário brasileiro, visto que é necessário colocar à disposição das sociedades conhecimentos históricos e culturais, os quais lhes permitam manter viva a relação passado-presente. A palavra memória, de origem latina, deriva de *menor* e *oris*, e significa “o que lembra”, ligando-se, assim, ao passado, ao já vivido. (GIRON, 2000, p. 23). Já Félix (2004) nos diz que:

Se a pergunta pelo sentido da condição humana e sua trajetória está na base da explicação para o fazer histórico como investigação-testemunho, a memória é um dos suportes essenciais para o encontrar-se dos sujeitos coletivos, isto é, para a definição dos laços de identidade. (FÉLIX, 2004, p. 33).

É importante lembrar de que a temática da memória ocupa um espaço de fundamental importância na escrita da história, basta dizer que este campo é, desde o século V a.C., alvo de interesse dos historiadores e filósofos, passando a ser, a partir do século XX, importante objeto de reflexão nas ciências humanas. “A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro” (LE GOFF, 2013, p. 437). Nesse sentido, a memória tem papel fundamental, pois as reminiscências ajudarão a (re)tomar ou ressignificar aspectos da história. Para tanto, se faz necessário escolher o objeto de sua pesquisa e o método que deverá trilhar, ou seja, a forma que irá trabalhar com a fonte escolhida. Para Le Goff, (2013) [...] o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder (2013, p. 495). De acordo com o que expressa o autor, a questão está posta e cabe ao historiador questionar o documento, fazê-lo trazer possíveis respostas às suas indagações, fazer emergir o que está oculto, trazer à luz fatos ainda não revelados, mas considerando o tempo ocorrido e o contexto histórico. Cabe, nesse aspecto, verificar os registros de

memória para que se possam comparar as informações pertinentes ao fazer historiográfico, cujos eventos ocorreram no passado. Segundo o citado autor, (2013, p. 107),

É preciso questionar a documentação histórica sobre as lacunas, interrogar-se sobre os esquecimentos, os hiatos, os espaços em branco da história. Devemos fazer o inventário dos arquivos do silêncio e fazer a história a partir dos documentos e da ausência de documentos (LE GOFF, 2013, p. 107).

O conceito de memória, na concepção de Le Goff, “remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (2013, p. 387). Em tal concepção, a memória busca no passado aspectos representativos de um fato, aspectos esses que fazem parte das lembranças, não somente aquelas pertencentes a uma única pessoa, mas as de um sujeito que estabelece relações com outros: tanto na escola, quanto na família, na vizinhança ou onde existem grupos maiores, os quais trazem também suas memórias.

“A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje [...]” (LE GOFF, 2013, P. 435). É a memória de um grupo que vai corroborar para manutenção do sentimento de pertença de cada indivíduo a um determinado grupo, ou seja, ao processo de construção identitária. Para Candau (2016, p. 16), “a memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma a outra”. Considerando o que expressa esse autor, conservar a memória, quer seja individual ou de um grupo é preservar lembranças, o que é imprescindível para a manutenção da identidade, pois “não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade” (CANDAU, 2016, p. 19). Memória e identidade constituem-se, então, como elementos que se encontram imbricados. O mesmo autor (2016) nos diz que a história revela as coisas do passado, preocupando-se em ordená-las; já a memória não se preocupa em ordenar os fatos, porque nela está a paixão, a emoção, o afeto. Acrescenta o autor, ainda (2016, p. 132) que “a história pode vir a legitimar, mas a memória é fundadora. Ali onde a história se esforça em colocar o passado à distância, a memória busca difundir-se nele”.

Diante dessas considerações, é fácil perceber que história e memória são evidenciadas como elementos que não se confundem, se relacionam de forma bastante complexa, mas se apresentam mutuamente de forma enriquecedora. Para Halbwachs (2013),

A história é a compilação dos fatos que ocuparam maior lugar na memória dos homens. No entanto, lidos nos livros, ensinados e aprendidos nas escolas, os acontecimentos passados são selecionados, comparados e classificados segundo necessidades ou regras que não se impunham aos círculos dos homens que por muito tempo foram seu repositório vivo. Em geral, a história só começa no ponto em que termina a tradição, momento em que se apaga ou se decompõe a memória social. (HALBWACHS, 2013, pp. 100-1).

É pertinente, lembrar, ainda, que o final do século XX marcou um período de grandes mudanças no âmbito da História. Tais transformações resultaram em reavaliar a complexidade estabelecida entre história e memória, cuja ação se deu em decorrência da reflexão e questionamento dos historiadores em relação à visão tradicional sobre história e memória. Essas mudanças trouxeram novas perspectivas, abrindo espaço para que a historiografia pudesse lançar mão da memória individual e coletiva como fonte histórica. Nesse sentido, a contribuição de Halbwachs foi fundamental para evidenciar que, como já dito anteriormente, cada sujeito, ao reativar suas lembranças, recorre à de outros. É o que promove a valorização da história oral, que retoma sua força no final do século XX. No Brasil, a história oral começou a ser definida no final dos anos 1970, ganhando força, mais precisamente, a partir dos anos 1980, quando diversas instituições acadêmicas iniciaram o desenvolvimento de projetos utilizando depoimentos. Nesse sentido, segundo Meihy (2000, p. 94), “destacaram-se o Laboratório de História Oral e Iconografia da Universidade Federal Fluminense e o Centro de Documentação Iconográfica da Universidade Católica de São Paulo, ambos de 1982”.

Ao contrário da maioria dos documentos históricos, as fontes orais não são *encontradas*, mas *(co)criadas* pelo historiador. Elas não existiriam sob a forma em que existem sem a presença, o estímulo, e o papel ativo do historiador na entrevista feita em campo. Fontes orais são geradas em uma troca dialógica, a *entrevista*: literalmente uma troca de olhares (PORTELLI, 2016, p. 10).

Atualmente a história oral tem sido um vigoroso campo analisado por muitos historiadores. Além disso, “a entrevista propiciará, também, um meio de descobrir documentos escritos e fotografias que, de outro modo, não teriam sido localizados.” (THOMPSON, 1992, p. 25). Fato esse que vivenciamos durante as conversas, quando alguns depoentes nos levaram documentos e imagens comprobatórios da participação do

fotógrafo em algum evento ou instituição. “A história oral, então, é primordialmente uma *arte da escuta*”, diz Portelli (PORTELLI, 2016, p.10). E de muitas trocas.

Segundo Candau (2016), muitos estudiosos insistem sobre os laços fundamentais que unem memória e identidade, pois, para eles, é a memória que alimenta a identidade. Nesse sentido, vale dizer que as histórias quando preservadas nos mais variados suportes ressoam na memória, trazendo para o presente as reminiscências arquivadas que apresentam elementos significativos do cotidiano e da cultura de uma dada sociedade. Essas lembranças ajudam a constituir a identidade.

Já a memória é a esteira onde está pautada a identidade e Candau, em seus estudos, deixa entrever essa relação, quando afirma que “memória é a identidade em ação” (2016, p. 18). O aspecto mnemônico é visto como recurso que promove a construção das identidades, pois a memória “[...] vem fortalecer a identidade, tanto no nível individual quanto coletivo: assim, restituir a memória desaparecida de uma pessoa é restituir sua identidade” (2016, p. 16). A memória de um grupo se articula com as memórias individuais, buscando aquilo que é comum a todos, isto é, as crenças, as relações sociais, religião, entre outros. Nesse caso, a memória poderá levar os sujeitos a se reconhecerem em uma dada comunidade, estabelecendo sua relação identitária com o grupo.

Difundir a memória de um lugar, utilizando, para tanto, a fotografia, constitui-se uma forma de a comunidade dar a conhecer a sua cultura, manter a identidade, valorizar o sentimento de pertença e, ainda, evitar o esquecimento, principalmente entre os jovens e as gerações vindouras. Para Kossoy (2001, p. 26), “a expressão cultural dos povos exteriorizada através de seus costumes, habitação, monumentos, mitos e religiões, fatos sociais e políticos passou a ser gradativamente documentada pela câmara”. Possuidor do conhecimento tecnológico, o homem buscou no aparato técnico, nesse caso a fotografia, uma maneira de congelar o tempo, para mais tarde servir como suporte capaz de aguçar a memória dos sujeitos, assim como para delinear características culturais de uma comunidade em tempos passados, passando a se apresentar como representação da realidade. Kossoy afirma que:

Os homens colecionam estes inúmeros pedaços congelados do passado em forma de imagens para que possam recordar, a qualquer momento, trechos de suas trajetórias ao longo da vida. Apreciando estas imagens, descongelam momentaneamente seus conteúdos e contam a si mesmos e aos mais próximos suas histórias de vida (KOSSOY, 2005, p.43).

Memória, identidade e fotografia na perspectiva da história são, portanto, conceitos que serão usados nesta tese concomitantes com as fontes documentais e orais. Michel de Certeau (1982) quando reflete sobre a organização dos papéis e outros objetos que são fontes da pesquisa em história explica que

tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em ‘documentos’ certos objetos distribuídos de outra maneira. [...] essa nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Apontar essa recolha como começo para a pesquisa, [...] consiste em produzir tais documentos, pelo simples fato de [...] fotografar estes objetos mudando, ao mesmo tempo, o seu lugar e o seu estatuto (1982, p. 81).

Cabe ao historiador escolher e lançar mão das evidências materiais e/ou imateriais de forma própria e original para construir o seu texto histórico (SILVEIRA E RAMOS, 2017, p.15). É o que ocorre com o acervo de Sinésio Santos. Dado o grande número de fotografias que o autor possuía, fizemos uma seleção a partir de temas e cronologia, rearranjamos as fotos e as analisamos em busca das respostas às perguntas formuladas. É importante ter presente, ainda, que para a realização desta pesquisa, as fotografias utilizadas são provenientes tanto dos negativos originais do acervo do fotógrafo, quanto de imagens já impressas reveladas por Sinésio Santos, as quais se encontram nos acervos das famílias, em álbuns de muitos caxienses, como também na obra intitulada *Sinésio Santos: a cidade e os olhos*, livro organizado e publicado, recentemente/2018, financiado pela FAPEMA, produto de uma das ações do Projeto *Fundo de Memória Sinésio Santos*.

As fotografias que compõem o *Fundo de Memória Sinésio Santos*, da Universidade Estadual do Maranhão [UEMA], muitas das quais serão também por nós analisadas na tese, serão parte desse outro olhar sobre a cidade de Caxias, a partir deste acervo que será, ao mesmo tempo, atravessado pelo conceito de patrimônio imaterial, passando a ser parte integrante da história da cidade. O patrimônio cultural, material e imaterial hoje ampliou seu conceito para além de herança cultural e pode ser entendido como “o conjunto dos bens culturais referentes às identidades coletivas” (ZANIRATO e RIBEIRO, 2006, p. 251). Choay (2001), por sua vez, nos alerta para a ressignificação atual do conceito de patrimônio que se tornou

um conjunto de bens culturais cujo tratamento orienta-se pela lógica de conservar e transmitir, pelo respeito à herança enquanto evidência de realizações e materialização de valores. A incorporação desses elementos por parte de um país ou população se completa na ideia do legado cultural (CHOAY, 2001, p.11).

Hugues de Varine (2012), escrevendo sobre o tema do patrimônio, vai nos lembrar também, que “todo bem [...], do mais modesto ao mais notável, tudo o que tem um sentido para nós, o que herdamos, criamos, transformamos e transmitimos é o patrimônio tecido de nossa vida, um componente de nossa personalidade” (VARINE, 2012, p. 43).

Queremos lembrar que é com o respaldo dos autores citados, entre outros, que pretendemos iluminar o *Fundo de Memória Sinésio Santos* mostrando-o como um patrimônio fotográfico da cidade de Caxias e do Maranhão. Consideramos os documentos fotográficos dessa coleção bens que, ao compor um acervo e/ou um centro de documentação histórica, foram alçados à condição de patrimônio, pois, segundo Heloisa Bellotto (2000, p.154), esses conjuntos documentais podem constituir o patrimônio documental de uma instituição, de um município, de um estado ou de um país.

Entendemos ainda que tal acervo, por nos levar à compreensão de práticas sociais em determinado tempo, à constituição da história de épocas anteriores a indagar o presente, a partir do que expressa o passado, a acessar informações sobre o passado, lançando-as para a posterioridade, pode contribuir para o futuro da história. Ao reunir um conjunto de informações sobre bens materiais e imateriais é que percebemos o seu valor enquanto patrimônio. Dessa forma, a comunidade acadêmica e muitos moradores, mesmo sem conhecer o acervo por inteiro, o elevam a tal categoria por entender que, por meio dele, é possível empreender novas investigações. Foi o que constatamos através de depoimentos, do olhar inquiridor da comunidade quando da exposição itinerante (Anexo A) por nós organizada, do interesse das pessoas em fazer pesquisa voltada para as fotografias, enfim pelo conjunto de informações sobre a realidade histórico-cultural que as mesmas nos trouxeram. É com esse olhar que pretendemos organizar o conjunto imagético que comporá o *Fundo de Memória Sinésio Santos*, tornando-o acessível a todos [professores, pesquisadores, acadêmicos, estudantes secundaristas, população, entre outros].

É importante acrescentar que algumas imagens que farão parte do acervo se encontram dispersas em álbuns particulares, o que dificulta o acesso aos interessados; outra parte não era conhecida pela comunidade, uma vez que não estava digitalizada, passando a ser divulgada com a já citada exposição. Entendemos que a partir da catalogação dessas imagens, a UEMA mostrará, para além dos muros da instituição, um conjunto documental que contribuirá para o conhecimento da história maranhense e para a preservação do patrimônio imagético de Caxias.

Para a configuração final da tese realizamos, além da revisão bibliográfica já enunciada, entrevistas com pessoas-fonte que deram clareza a aspectos do tema requerido. Nesse sentido, as fontes de natureza oral foram gradativamente sendo incorporadas ao universo da pesquisa como testemunhos das ações desenvolvidas por Sinésio Santos, pessoas da comunidade que com ele conviveram e/ou trabalharam. Tal ação, que foi realizada em hora e data previamente agendada, com o uso de gravador portátil, contou com 17 informantes. É importante ressaltar que dois dos depoimentos foram recolhidos sem agendamento prévio, por terem sido colhidos ocasionalmente. Tais textos foram transcritos, obedecendo aos padrões documentais, que, segundo Thompson (1992, p.25), “ao passar a fala para a forma impressa, o historiador precisa desenvolver uma espécie de habilidade literária que permite que seu texto escrito se mantenha tão fiel quanto possível, tanto ao caráter quanto ao significado”. Afirma, ainda, o citado autor que

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. [...]. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados [...]. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente a sua tradição. E oferece os meios para uma transformação radical no sentido social da história. (THOMPSON, 1992, p. 44).

É importante, ainda, enfatizar que cabe ao pesquisador buscar nas falas dos entrevistados aspectos que o permitam, a partir do cruzamento de informações com outras fontes, encontrar elementos que o ajudem a compreender e conhecer, em seu tempo e espaço, o objeto da pesquisa, mas não, necessariamente, tê-las [falas] como verdades absolutas. Para Ferreira e Amado (2006, p. XVI), a história oral, conforme já frisamos, “é capaz apenas de suscitar, jamais de solucionar, questões; formula as perguntas, porém não pode oferecer as respostas. As soluções e explicações devem ser buscadas onde sempre estiveram: na boa e antiga teoria da história”. É, por meio, desse diálogo entre fontes que é possível levantar questões, analisar histórias, problematizar situações. Nessa perspectiva, a História Oral será tão importante, quantas outras fontes, para fundamentar estudos que discutem, sobretudo, histórias de sujeitos, por que não dizer, anônimos. Nesse caso, discutir as práticas e as representações de Sinésio Santos na sociedade caxiense. Acrescenta, ainda, as citadas autoras que

O uso sistemático do testemunho oral possibilita à história oral esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que às vezes não tem como ser entendidos ou elucidados de outra forma. [...] São histórias de movimentos sociais populares, de lutas cotidianas encobertas ou esquecidas, de versões menosprezadas [...] (FERREIRA; AMADO, 2006, p. XIV).

Finalmente queremos dizer que o processo de coletar dados em atas, registros de cartório, documentos pessoais e reportagens em jornais será tão importante em nossa tese quanto os outros conjuntos documentais já anunciados, porque permitirão um cruzamento sensível entre os dados coletados e os relatos dos depoentes.

O presente trabalho se encontra organizado em três partes e conta com cinco capítulos. A parte intitulada **o tema e o personagem** se refere à introdução e ao segundo capítulo. Nesse capítulo, analisamos a trajetória de Sinésio Santos, sua presença em Caxias e atuação profissional na produção imagética. Por meio dos depoimentos de moradores de Caxias, buscamos perceber como os caxienses viam o fotógrafo e quais relações tiveram com o mesmo. Com isso, queremos ressaltar o olhar da cidade sobre o personagem.

A parte dois, que inclui o terceiro e quarto capítulos, aborda a temática a **captura da cidade pelo fotógrafo**. Os mencionados capítulos estão centrados nas fotografias, ou melhor, no olhar de nosso fotógrafo para a sua cidade e os seus cidadãos. Com o arranjo temático proposto para elas, queremos marcar o seu percurso histórico nos espaços urbanos de Caxias/MA. Em seguida, analisamos essas imagens organizadas por temas [cidade, famílias, sociabilidades e política], dada a amplitude de narrativas que expressam. As fotos revelam, ao mesmo tempo, o olhar de Sinésio Santos sobre a cidade e os seus moradores.

A parte três se ocupará da formação do patrimônio fotográfico de Sinésio Santos e vai compor o quinto capítulo, momento em que encaminhamos nossa reflexão para o papel que podem desempenhar os registros fotográficos de Sinésio Santos em Caxias, na perspectiva do patrimônio visual. Ele se completará com a ação da UEMA-Caxias a propósito da transformação do acervo em patrimônio fotográfico da cidade pelo *Fundo de Memória Sinésio Santos*.

2 “O PAPA DA ARTE DE FOTOGRAFAR”: A TRAJETÓRIA DE SINÉSIO SANTOS

O personagem principal dessa tese, Sinésio Santos da Silva, nasceu em 21 de maio de 1933, filho de Moisés Francisco da Silva e de Maria José dos Santos. Casou-se com Edite Ferreira Santos com quem teve oito filhos. Na maior parte de sua vida profissional ele foi fotógrafo na Cidade de Caxias/MA e arredores. Isto lhe rendeu a formação de um grande acervo de imagens fotográficas [negativos] sobre a cidade de Caxias e seus moradores. Dentre estas fotos, cento e doze foram selecionadas para a presente tese. Ao mesmo tempo em que exercia a sua atividade de fotógrafo, Sinésio Santos teve uma interessante trajetória social e cultural na sua cidade, participando, desde 1966, da organização de espaços sindicais e de cunho social como a União Artística Operária Caxiense, o Centro Artístico Operário Caxiense, a Associação Profissional dos Fotógrafos de Caxias, assim como de espaços de caráter mais socializante como a Associação dos Moradores do Bairro Ponte ou o Círculo dos Trabalhadores Cristãos de Caxias. Em setembro de 1987, fundou, juntamente com mais 23 presidentes de Associações da cidade, a Aliança Democrática Classista de Caxias para a qual foi eleito Vice-Presidente.

Quando levamos em conta a narrativa da história de um indivíduo, tomando-a na longa duração, estamos também favorecendo a manifestação de experiências que são individuais e plurais na vida dessa pessoa. Portanto, a opção por abordar a trajetória percorrida pelo fotógrafo Sinésio Santos, deve-se ao fato de que se pretendeu enfatizar mais que sua vida pessoal, a sua atuação profissional, período em que registrou diversos momentos vividos pelos moradores de Caxias/MA. Sob essa ótica, Sinésio pode ser considerado como um homem que, por meio do trabalho fotográfico, conseguiu galgar também espaço na comunidade caxiense, deixando de ser alguém que se encontrava à margem e se inserindo na sociedade local, a fim de ser reconhecido não só como profissional, mas também como um sujeito pertencente a esse meio. Isto ocorreu ao longo de 40 anos. Foi esse o tempo que Sinésio levou para fazer esta trajetória.

A partir dessas considerações iniciais, é preciso destacar que em toda e qualquer narrativa sobre a vida de um sujeito, seja ela considerada biografia ou trajetória, faz-se necessário observar que alguns métodos devem ser atendidos em ambos os casos, “o principal deles é a reconstrução detalhada dos passos do biografado, com o máximo possível de fontes, que devem ser sistematicamente confrontadas” (KARSBURG, 2015, p.

34). Na busca dessa reconstrução é que a história oral, que se caracteriza por ser uma escuta sensível, se torna uma fiel companheira através dos relatos de amigos e parentes de Sinésio Santos. Um deles nos diz que Sinésio começou a trabalhar muito criança, vendendo água. “Trazia [a água] no jumento [...]” (Depoimento de Amadeu Viana de Oliveira, 2017).

Antes de iniciar sua carreira, desempenhou, desde a adolescência, o ofício de auxiliar de pedreiro e de vendedor de água mineral, pelas ruas da cidade. O produto retirado da “fonte da Veneza” lhe proporcionou, além de alguma renda, o prazer de desfrutar dos recursos naturais ali existentes. Mais tarde, indo trabalhar em estúdios fotográficos, Sinésio aprendeu a lidar com os equipamentos de revelação de maneira informal, ou seja, sem buscar técnicas em escolas especializadas para o exercício do ofício, como já falado anteriormente. O seu aprendizado se deu em função de sua característica de ser observador e curioso. O desenvolvimento de novas tecnologias, portanto, foi determinante para que os profissionais que trabalhavam com imagens não precisassem buscar a cientificidade para os seus laboratórios, o que tornou o método menos complexo e mais acessível. É nesse contexto que o Sinésio aprendeu a arte da fotografia, pois havendo na cidade um sujeito que possuía um estúdio fotográfico (Sr. Estélio), “o Sinésio, que era um sujeito curioso, ficou por lá algum tempo observando e ajudando até aprender a fotografar.” (Depoimento de Amadeu Viana, 2017).

Sinésio não era fotógrafo de “formação”, não tinha ido à Faculdade nem frequentado um Curso Técnico. No início do ano de 1951, ele vai trabalhar na Foto Olival e, em 1954, muda para a Foto Estrela. Em contato com o Sr. Josias, como também com o Sr. Estélio, fotógrafo e proprietário de um ateliê fotográfico, respectivamente, passou a demonstrar interesse pela arte de fotografar, deslumbrando-se pela técnica de ver a imagem capturada se transformar em algo concreto, ou seja, a revelação. Mas não foi só isso, ele teve, ainda, a sensibilidade para aprender o ofício, profissão que lhe daria uma vida mais tranquila e onde recebia o carinho e o reconhecimento da sociedade caxiense. Segundo depoimento de Sinésio Santos Filho e de Márcia Santos, filhos de Sinésio, o pai iniciou a profissão de fotógrafo assim:

O papai antes de morar em Caxias, ele morou na zona rural. Ele iniciou sua vida como ajudante de pedreiro, depois vendedor de água. Ainda muito jovem ele foi trabalhar na casa do seu Josias, um fotógrafo que lhe deu as primeiras orientações sobre fotografia. Seu Josias era deficiente das pernas, então quando tinha alguma foto para fazer de velório, casamento, batizado... o meu pai ia fazer.

Quando seu Josias foi embora, o meu pai adquiriu com o seu Estélio, um funcionário do Banco do Brasil que sabia fotografar, mais alguma experiência e alguns equipamentos e então iniciou na fotografia. (Depoimento de Sinésio Santos da Silva Filho, 2017)¹⁷

Ele conheceu o Sr. Estélio ainda muito jovem, daí, então, começou a se encantar pela arte fotográfica, pois não era o resultado, apenas, que lhe chamava a atenção, mas todo o processo, principalmente, o momento da revelação da foto, a possibilidade de ver aquele simples clique se transformar em imagem. Esse trabalho lhe propiciava também contato com as mais diversas pessoas. Tudo isso fez com que, cada vez mais, ele se afeiçoasse pela profissão. Logo, ele começou a fotografar os logradouros da cidade, os espaços naturais. Meu pai era um homem muito sensível (Depoimento de Márcia Regina Ferreira dos Santos, 2017)¹⁸

O aprendizado adquirido junto ao Sr. Josias e, depois, no ateliê do Sr. Estélio, como também sua vontade de adentrar na cidade, não mais como um vendedor de água, mas como alguém de certa importância contribuíram para que, ainda na década de 1950, Sinésio conseguisse trabalhar em um estúdio fotográfico. Assim, trabalhou como impressor de fotografias em dois estúdios, no período entre 1951 e 1957, conforme já foi dito (Figura 10). Essa experiência fez com que Sinésio Santos instalasse seu próprio estúdio, na Rua Gustavo Colaço, intitulado “Foto Santos”. Para referendar o exposto, observa-se o depoimento do Sr. Amadeu Viana (98 anos), amigo próximo de Sinésio, em que diz o seguinte: “[...] ele não tinha estudo, mas tinha boa vontade. Com experiência, foi trabalhar de carteira assinada em outro foto. Depois, abriu o seu [próprio negócio] no centro da cidade”.

Figura 10 - Carteira Profissional de Sinésio Santos



Fonte: Acervo documental Família Santos.

¹⁷ Filho de Sinésio Santos da Silva, funcionário público e fotógrafo. Entrevista realizada em 10 de outubro de 2017.

¹⁸ Filha de Sinésio Santos da Silva; Assistente Social e professora da UEMA. Entrevista realizada em 06 de outubro de 2017.

O desempenho de Sinésio no campo fotográfico não foi restrito. O fotógrafo deixou registradas imagens que se reportam aos mais diversos acontecimentos do lugar. Assim, festas religiosas, comemorações militares e civis, aniversários, velórios, reuniões familiares, encontros políticos, inauguração de monumentos, logradouros, são imagens que podem se configurar como representações da memória e da história caxienses.

Sinésio construiu sua carreira fotográfica em Caxias, onde ganhou espaço, tendo, dos anos 1950 aos anos 1990 fotografado a sociedade local e circunvizinha. Para Susan Sontag (2004), “Cada foto é um momento privilegiado, convertido em um objeto diminuto que as pessoas podem guardar e olhar outras vezes” (SONTAG, 2004, p. 28). Interessa-nos explicitar também a importância da atuação profissional de Sinésio Santos na constituição de sua identidade. O olhar do historiador, como sabemos, é fundamental na construção da trajetória de um sujeito, sendo, pois, sua missão primeira a de selecionar elementos possíveis para compor a trajetória do personagem considerando a necessidade de produzir tal narrativa. Seguir a trajetória de um indivíduo como Sinésio Santos permite perceber, portanto, a complexa rede de relações que ele estabelece e os diferentes espaços e tempos nos quais está inserido.

2.1 Sinésio Santos o fotógrafo de Caxias/MA

“O papel da câmera no embelezamento do mundo foi tão bem-sucedido que as fotos, mais do que o mundo, tornaram-se o padrão do belo” É com essa frase de Susan Sontag (2004, p. 101) que pretendemos narrar a trajetória de Sinésio Santos, o fotógrafo que mais retratou Caxias, dos idos de 1950 aos de 1990. Nesse sentido, vale apresentá-lo como um profissional apaixonado por sua arte, pois via, através da lente fotográfica, várias e representativas imagens. Registrar a beleza do lugar, das pessoas, dos acontecimentos sociais e políticos foi o que mais o fotógrafo fez, basta verificar, no acervo deixado por ele, as diversas configurações imagéticas que, com sua câmera, foi capaz de capturar. São imagens que demonstram a preocupação do autor em historiar momentos importantes, fato que, possivelmente, tanto lhe rendiam recursos financeiros, como também lhe tornava possuidor da memória visual dos muitos eventos que a cidade realizava. Tais registros, atualmente, servem para (re) lembrar o passado, para retratar a beleza, para comparar espaços, rememorar os acontecimentos, registrar o patrimônio material e imaterial, enfim, o que somente foi possível a partir do trabalho desempenhado por Sinésio Santos.

O fotógrafo que deixou seus entes queridos, em 1999, escolheu Caxias para viver. Cidade de beleza natural, tornou-se, através das imagens que Sinésio revelou, o palco principal de seus cliques. Caxias, desde o início dos anos 1950 constituiu-se como o principal cenário da sua obra. Com tal atitude muitos aspectos culturais que, mais tarde, viriam a ser evidenciados na história da cidade foram preservados. Tais aspectos demonstram uma preocupação do autor em conservar, por meio do fotográfico, as lembranças de outrora, fortalecendo a memória de todos. Com o seu trabalho, Sinésio Santos conseguiu resguardar a história da cidade, o que subsidiará uma produção documental sobre o patrimônio caxiense. Nesse sentido, vale dizer que a figura do fotógrafo e o aspecto memorialístico e patrimonial de Caxias encontram-se imbricados, uma vez que a sua produção fotográfica está ligada à vida caxiense de tempos passados. Demonstrando sensibilidade ao ato de capturar imagens, o jovem rapaz, mesmo sem a oportunidade de se aplicar aos estudos, dedicou-se à prática da fotografia, tornando-se uma figura conhecida por meio do exercício dessa profissão. Possivelmente, essa dedicação possa advir do fato de ter encontrado, nesse trabalho, que embora envolvesse muita técnica e sensibilidade, uma conveniente saída para seu entrosamento com a sociedade, principalmente porque essa atividade lhe permitia percorrer todos os ambientes e neles estabelecer contatos.

Homem de olhar sério e passos firmes é assim que se define o fotógrafo Sinésio Santos, caxiense de coração, nascido em 1933, na zona rural de Parnarama, antes município de Caxias. Ainda criança, juntamente com seus pais, passou a residir na terra das palmeiras, “onde canta o sabiá”, no Balneário Veneza¹⁹. O balneário é o cenário perfeito para quem se dedica à arte de fotografar, considerando que ali naquele espaço, apesar das grandes transformações, ainda hoje conserva a sua beleza. O que pode chamar a atenção daqueles que se interessavam em seguir pela trilha da captura de imagens, num lugar antes tranquilo, simples, natural, sem a agitação do centro urbano. Sinésio iniciou sua arte levando consigo duas grandes companheiras: uma máquina fotográfica Rolleiflex 6x6, adquirida com recursos provenientes das atividades que vinha exercendo em outros ateliês e uma bicicleta (Figura 11), transporte que lhe serviu por muito tempo em seus trajetos pela cidade, conforme registra a foto a seguir:

¹⁹ Fonte de água mineral que forma um grande lago, possuindo lama medicinal, com alto teor de enxofre, que foi, durante muito tempo e ainda hoje, mesmo em menor proporção, utilizada no tratamento de doenças da pele

Figura 11 - Sinésio Santos – década de 1950



Fonte: Acervo do fotógrafo Sinésio Santos.

Com essas importantes ferramentas, Sinésio pode apurar o olho para ver a paisagem e, talvez por morar, durante a sua infância, nas proximidades do Balneário Veneza, tenha se tornado um adepto da natureza, pois encontramos em seu acervo diversas imagens que retratam a paisagem caxiense. Fotografar as paisagens da cidade tentando capturar a beleza dos seus espaços e, quem sabe, melhorar a sua técnica, contribuiu também para que aflorasse a sua sensibilidade.

Após adquirir experiência no Foto Olival e no Foto Estrela, Sinésio inaugurou, com muita dificuldade, o seu primeiro espaço fotográfico, passando de empregado a empregador. Em 1957, deu baixa na carteira e alugou a parte térrea de um prédio, passando a administrar o “Foto Santos” de sua propriedade. Como forma de divulgação de seu trabalho, colocou anúncio no Jornal “Cruzeiro” sobre a abertura de seu empreendimento, apresentando para a comunidade os serviços que disponibilizaria ao público. O anúncio²⁰ (Figura 12) revela, não só a dinamicidade do proprietário, ao trazer para os clientes vários serviços, como postal, meio postal e mignon, como também retratos com flash, novidades para a época, conforme anuncia o texto. Por trás da propaganda do novo estabelecimento, havia, possivelmente, o desejo de tornar pública a posição conquistada.

²⁰ O anúncio traz o seguinte texto: A FOTO SANTOS que está muito bem instalada no Edifício Costa Sobrinho, abaixo do *Colinas Hotel*, acha-se modestamente aparelhada a executar qualquer serviços fotográficos em diversos tipos – postal, meio postal e mignon e retratos a flash. Atende chamados a domicílio. Faça sua visita a FOTO SANTOS, verificando seu pequeno mostruário.

Figura 13 - Fachada do primeiro estúdio de Sinésio Santos década de 1950- Rua Gustavo Colaço



Fonte: Acervo do fotógrafo Sinésio Santos.

Figura 14 - Fachada do segundo estúdio de Sinésio Santos - década de 1960- Largo do Rosário



Fonte: Acervo do fotógrafo Sinésio Santos.

Figura 15 - Fachada do segundo estúdio de Sinésio Santos - década de 1970, com carro próprio



Fonte: Acervo do fotógrafo Sinésio Santos.

O fotógrafo ampliou os seus serviços, passando a utilizar um prédio anexo (Figura 16), pois, além de fotografar e revelar, começou a oferecer para a comunidade outros serviços, como fotocópias, venda de equipamentos, de filmes, de álbuns fotográficos, enfim, promoveu transformações que resultaram no avanço das suas atividades. Nesse período, o fotógrafo já desfrutava de uma vida mais tranquila. Com a localização do novo ateliê, fato que lhe proporcionou melhor estrutura, e a aquisição de um utilitário [caminhonete Rural Willys], pode-se aquilatar as mudanças de nível financeiro ocorridas na vida de Sinésio Santos. Foi nessa época ainda, que os recursos já lhe permitiam financiar os estudos dos filhos na capital cearense, conforme relatou Nelson Monteiro de Sousa (2017). “Com o trabalho de fotógrafo, consegui colocar os filhos pra estudar em Fortaleza junto com os outros, como o Hélio Queiroz. Ele não teve estudo, mas teve visão [...]”. Esse depoimento nos leva a entender que a profissão de fotógrafo para Sinésio lhe permitiu ocupar espaços e serviços que eram utilizados apenas elite caxiense.

As modificações as quais nos referimos no parágrafo anterior, conduziram-no a desfrutar de conforto e *status*, assim como a realizar suas atividades com mais comodidade, além de trazer novidades para os caxienses. Nesse sentido, “Sinésio foi o primeiro a usar flash e o primeiro a prestar serviços de revelação colorida, mas para isso ele enviava o filme para Manaus e Fortaleza e depois para Teresina”, afirma o entrevistado

Domingos Araújo Brandão²¹. A dificuldade de acesso a esse serviço levou o fotógrafo a buscar alternativas, a fim de atender as necessidades dos clientes. O carro adquirido por Sinésio, além de possibilitar as suas idas e vindas pela cidade para desenvolver as suas tarefas, também colaborou para a divulgação do seu estúdio fotográfico.

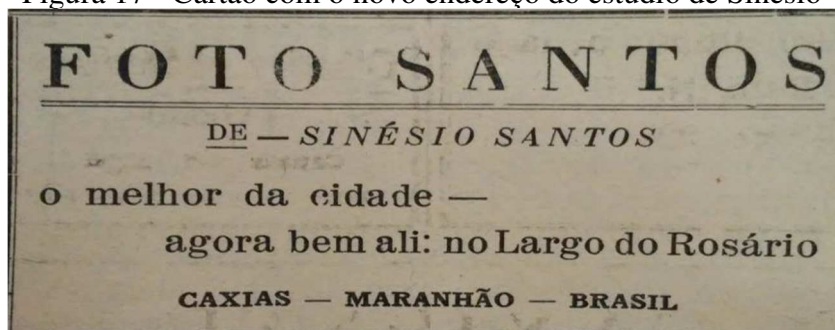
Figura 16 - Fachada do anexo do segundo estúdio de Sinésio Santos



Fonte: Acervo do fotógrafo Sinésio Santos.

Ao transferir-se de prédio, Sinésio, embora vivendo em uma cidade pequena onde todos se conheciam e se encontravam a todo o momento, confeccionou cartões para distribuir aos moradores, como também colocou anúncio no Jornal Folha de Caxias comunicando o seu novo endereço (Figura 17). O anúncio reforçava a ideia da praticidade para se chegar ao ateliê. A Rádio Mearim e o Jornal Folha de Caxias serviram também, durante muito tempo, como meio de divulgação para a comunidade, dos trabalhos por ele desenvolvidos. As informações, datadas de 1965, em que informavam sua mudança, traziam o seguinte texto:

Figura 17 - Cartão com o novo endereço do estúdio de Sinésio



Fonte: Jornal Folha de Caxias, p.2, 1965.

²¹ Membro da Diretoria do Centro Artístico Operário Caxiense e da União Artística Operária Caxiense, desde a década de 1970. Membro da Associação dos Fotógrafos de Caxias em 1976. Entrevista realizada em 13 de dezembro de 2017.

Sem frequentar escola para aprender técnicas, o fotógrafo foi, aos poucos, adquirindo conhecimentos sobre a arte de fotografar, o que é demonstrado pelo o aspecto visual e pelo enquadramento das fotografias. Verifica-se a preocupação em mostrar a imagem por completo, visualizando os detalhes, o que valorizava o espaço, enfatizando todos os elementos que faziam parte do cenário, destacando os artefatos que se encontravam expostos no ambiente. A presença de Sinésio nas residências caxienses, de acordo com os relatos, era algo de grande importância. Talvez, para ele, a ideia fosse, de fato, destacar que o seu papel, enquanto fotógrafo, devesse ir além do esperado. Sua chegada causava expectativa na família, pois eram momentos em que, para muitos clientes, após um clique da foto, os fatos ficariam marcados no álbum e na memória das pessoas. Segundo moradores de Caxias,

Quando ele ia as festinhas quer [fosse] chamado ou não nas residências, ele chegava arrumando as coisas, as pessoas que ele ia fotografar, ele ajeitava botava toalhas lá, para não ficar em um lugar muito feio, ele andava, ele levava com ele aquelas toalhas para colocar em algum lugar, quando era foto de criança. Então, ele era uma pessoa muito assim dinâmico para gostar de arrumar as coisas, ele era bem interessado mesmo para fazer as coisas direito.
(Depoimento de Danilo Nunes dos Santos, 2017)²²

Sinésio quando ia tirar foto aqui em casa, nos dias de festa, ele sempre se preocupava com os detalhes. Ele organizava as pessoas, via se o ângulo dava para aparecer tudo [...] ele via se a cortina estava no lugar, os móveis... Ele procurava dar uma feição bonita [...]. O pessoal aqui em casa gostava muito do trabalho dele, ficava aguardando o momento da foto. Nas datas importantes, todos queriam saber se o seu Sinésio vinha.
(Depoimento de Valquíria Araújo Fernandes de Oliveira, 2017)

Figura 18 - Residência Família Araújo/ registro Sinésio Santos



Fonte: Álbum fotográfico da Família Araújo- 1973.

²² Presidente da Associação dos Moradores do Bairro Ponte; ex-vereador de Caxias; membro da Diretoria da União Artística Operária Caxiense. Entrevista realizada em 27 de novembro de 2017.

A fotografia acima (Figura 18), por exemplo, revela o trabalho minucioso de Sinésio e sua preocupação em retratar de forma nítida e com detalhes os pormenores. Era um enquadramento que deixava à mostra todos os presentes, permitindo o registro da memória, de um capítulo da história da família. A fotografia revela ainda, por parte do autor, certo conhecimento técnico, pois uma vez que o trabalho com fotografia era o seu ganha-pão, o fotógrafo deveria, cada vez mais, aperfeiçoá-lo. Nessa imagem, ele utilizou o ângulo aberto, ou seja, permitindo que se visualizasse toda a cena, em que de acordo com Ramos (2017, p. 33), “serve para situar o observador ou para revelar a singularidade de determinado local”. Sendo a fotografia a sua única fonte de renda, o fotógrafo procurava satisfazer sempre a expectativa dos retratados, conforme é possível se depreender no trecho do relato dos depoentes acima, quando dizem o seguinte: “ele chegava arrumando as coisas, as pessoas que ele ia fotografar, ele ajeitava botava toalhas lá, para não ficar em um lugar muito feio [...]”; “ele sempre se preocupava com os detalhes. Ele organizava as pessoas, via se o ângulo dava para aparecer tudo”. Tal preocupação também está imbuída da necessidade de se dar a ver.

Entendemos, pois, que, para Sinésio, registrar esses momentos requeria muito empenho com sua arte, visto que o comprometimento era um dos requisitos para mostrar sua importância para a sociedade. Levar consigo objetos para tornar o ambiente mais harmonioso vai além do trabalho de um fotógrafo, esse fato também nos indica que essa habilidade também era uma forma de mostrar empenho, dedicação, capacidade de fazer um trabalho que chamasse a atenção e o tornasse diferente de outros, uma maneira de ser visto com um certo prestígio. Para Vasquez,

Fotografar é sempre fazer história, seja a de nossas pequeninas vidas, ou a das nações dos grandes homens. Mas em alguns momentos o fotógrafo tem mais nítida e precisa certeza de estar “fazendo história” com seu trabalho, usando seu engenho e arte para documentar as mais formidáveis realizações de seus contemporâneos... (VASQUEZ 2002, p. 32).

As suas andanças pela cidade para registrar acontecimentos ou algo, sem que fosse encomendado, também faziam parte de sua rotina diária, já o trabalho fotográfico proporcionava o sustento da família. Talvez a razão de executá-lo sem contrato prévio, fosse a possibilidade de vender tais fotos aos fotografados, o que, na maioria das vezes ocorria. Nessa faina diária, Sinésio fazia vários tipos de fotos entre os quais flagrantes e fotos posadas, as quais podiam ser capturadas tanto no ateliê quanto em outro espaço. Essa

maneira de fotografar, supomos, revelava um estilo de trabalho e, quem sabe, uma forma de economizar nos filmes.

Os passeios fotográficos pela cidade renderam a esse homem simples, grandes amizades, o que se refletiu na sua inserção e atuação no campo social da cidade. Os documentos que manuseamos e as entrevistas realizadas nos indicam que Sinésio Santos foi um homem “de clube” que por mais de 30 anos desenvolveu atividades junto aos principais espaços de sociabilidade/solidariedade de Caxias.

Tudo iniciou em 1966, quando Sinésio se tornou membro do Círculo de Trabalhadores Cristãos de Caxias (ver anexo B), instituição que trabalhava em prol da comunidade, sem fins lucrativos, cujo objetivo era a realização de trabalhos voluntários. Sua ficha de integrante desta associação nos indica que Sinésio Santos era, nessa época, um homem que possuía alguns cabedais, pois sua ficha de entrada no Círculo diz que ele era casado, tinha seis filhos e possuía casa própria. Estes, nos parecem indícios de que estamos falando de um homem que havia vencido as adversidades mais prementes da população brasileira, pois aos 33 anos já era proprietário de um imóvel onde morava com a família. Resultado desse prestígio que Sinésio Santos vinha adquirindo foi o fato de ele ter sido apresentado pela Diretoria do Círculo dos trabalhadores Cristãos para ser sócio. Essa, em geral é considerada uma distinção, pois se a Diretoria apresenta o candidato a sócio é porque ele tem aval da mesma para usufruir dessa benesse. Prova do que dizemos é que no ano seguinte, 1967, ele vai-se associar à União Artística Operária Caxiense (anexo C), da qual vai tornar-se vice-presidente nesse mesmo ano. Sua inserção nesses órgãos lhe facilitava uma aproximação com a comunidade, pois estando envolvido em atividades voluntárias e de sociabilidade, essas associações poderiam proporcionar a Sinésio a oportunidade de se tornar mais visível aos olhos da sociedade local.

Mais tarde, já nos anos 1970, está entre os fotógrafos que fundam em 1976, a APFC - Associação Profissional dos Fotógrafos de Caxias-MA (ver anexo D). Este proporciona certo poder de liderança de Sinésio Santos diante do grupo, pois foi o momento em que o grupo passou a ter registro, podendo, com isso, prestar seus serviços de forma regularizada em eventos sociais, cívicos, civis e militares da cidade. Somente, em 1992 (anexo E) é que esta associação transformou-se em sindicato, dando continuidade ao trabalho desenvolvido por Sinésio. Segundo Domingos Brandão (Figura 19),

O Sinésio era uma pessoa simples, mas teve a visão de fundar uma associação dos fotógrafos para os outros também terem acesso nos locais para fotografar e não só ele. Pois é, o Sinésio fez isso aí visando o futuro. Para você ver como ele era, fundou a associação e, inclusive, eu fui um dos fotógrafos beneficiado, a minha inscrição, na associação, era número quinze na minha carteirinha. [...] Hoje existe o sindicato em função da criação dessa associação. (Depoimento de Domingos Brandão, 2017).

Figura 19 - Carteira da Associação Profissional dos Fotógrafos - 1976



Fonte: Acervo documental do Sr. Domingos Araújo Brandão.

O depoimento revela o reconhecimento por parte dos colegas de profissão ao trabalho de Sinésio em prol da sua Associação Profissional. Nos indica, ainda, que Sinésio era o Presidente da Associação dos Fotógrafos no ano de 1976. Mas a ação por ele desencadeada também pode nos revelar o desejo de se fazer ouvir e de ser cada vez mais reconhecido pelo grupo de fotógrafos. Nesse sentido, é interessante observar as Associações as quais Sinésio fez parte. Sem fins lucrativos, elas lhe permitiram transitar por todos os ambientes das sociedades. Eram instituições que lhe traziam prestígio social, atributo importante para um homem família pobre e com pouco grau de instrução e, acima de tudo, vivendo em uma sociedade onde preconceitos de origem e de cor se faziam presentes.

No ano de 1981, Sinésio tornou-se presidente do Centro Artístico Operário Caxiense e, em 1982, viu nascer um novo projeto do qual participou como um dos fundadores. Era a Associação dos Moradores do Bairro Ponte (ver anexo F), que previa buscar meios para melhorar a infraestrutura do bairro, como também representar a comunidade junto aos órgãos governamentais com apoio da equipe diretora. Nessa mesma década, o ano de 1987 foi significativo para Sinésio Santos pois, por iniciativa dos três presidentes dos Clubes da Cidade de Caxias, entre os quais ele se encontrava por ser presidente da União Artística Operária Caxiense, foi feita uma convocação para os/as

presidentes de todas as entidades associativas de Caxias, em número de 23, para quem o grupo propôs a fundação da Aliança Democrática Classista de Caxias, órgão oficialmente fundado em 10 de setembro desse mesmo ano. Sinésio Santos era um dos que encabeçava a lista da convocação e foi eleito para exercer a função de vice-presidente (ver anexo G). Qual a finalidade desta aliança? Ao que tudo indica tratava-se de preservar e defender o “bem-estar social de todos os caxienses principalmente no que diz respeito à defesa dos direitos do cidadão”. Olhando esta Associação Classista do ponto de vista de Sinésio Santos é possível inferir que nesta época ele era parte integrante da elite econômica e social de Caxias, possivelmente já tendo ultrapassado a “barreira da cor”, que lhe foi madrastra em outros tempos. Aqui se percebe um Sinésio ativo, presente e participante.

Fora das atividades de trabalho, quando usufruía de seu tempo livre, Sinésio Santos cultivou também diversas amizades e era com este grupo que desfrutava dos momentos de lazer. Para tanto, fundou, na década de 1960, juntamente com seu pequeno grupo de parceiros, o *Caxiense Club – Caça e Pesca* (Figura 20), cuja sede funcionava na residência de um dos sócios e se destinava apenas ao encontro do restrito grupo para a caça e a pesca.

Figura 20 - Carteira do Caxiense Club – Caça e Pesca



Fonte: Acervo documental do fotógrafo Sinésio Santos.

Como apontamos anteriormente, após ter ocupado, no biênio 1967-1969, a cadeira de vice-presidente da União Artística Operária Caxiense, já com muita experiência e popularidade, em 1981, foi eleito presidente do Centro Artístico Operário (anexo H), e, em 1987, volta a fazer parte da diretoria da União Artística Operária Caxiense, mas, dessa vez, como seu presidente (ver anexo I). Em tais instituições eram desenvolvidos trabalhos sociais de apoio a grupos como a União Feminina, como também se ofertavam cursos de pintura, datilografia, escultura, corte e costura (tendo esse propiciado à comunidade

feminina aperfeiçoamento profissional), enfim, atividades que oportunizavam aos jovens, principalmente os das classes menos favorecidas, adquirirem um ofício. Uma das propostas de Sinésio, enquanto dirigente da União Artística, era garantir a seus associados o atendimento médico e odontológico. Nessa época, mesmo aquelas pessoas que não faziam parte dessas agremiações eram por ele levadas a adquirir a carteira para receber acompanhamento médico. Nesse sentido, o Sr. Amadeu diz o seguinte “O Sinésio era muito cuidadoso com os outros, ajudava todo mundo.” Um exemplo do que falamos era o tratamento que ele dispensava às prostitutas, as mulheres da *Casa Amarela*²³. Elas tinham muita consideração por ele [porque] ninguém se preocupava com elas, “mas ele arrumava médico para todas e até conseguia carteira para elas [...]. O Sinésio tinha fama de conquistador, onde ele chegava já era alegria”.

As prostitutas da cidade, como de qualquer outro lugar, eram muito discriminadas na época. Não tinham recursos para atendimentos de saúde, por isso o papai se preocupava com elas, eram pessoas banidas da sociedade. Ele procurava ajudá-las, providenciando carteira de saúde da associação para que todas se cuidassem. A ideia de meu pai era fazer com que elas evitassem adquirir doenças. (Depoimento de Márcia Santos, 2017).

A filha relata com muita emoção a atitude do pai em relação às mulheres que viviam no prostíbulo, como também sobre o que ele pensava a respeito das preferências sexuais de cada pessoa:

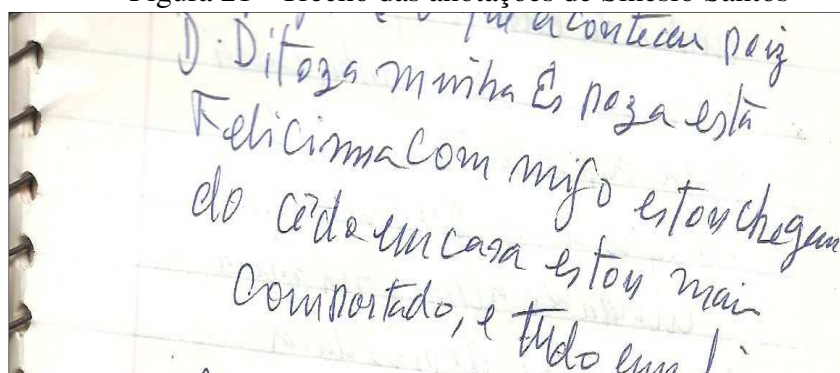
[...] ele sempre nos orientava que respeitássemos as adversidades, lembro de um senhor que era homoafetivo, ele tinha uma atividade social interessante. Na época do carnaval ele juntamente com o papai levava as mulheres que viviam no prostíbulo para fazer um cortejo pela cidade. [...] a relação dele com o papai era amistosa, independente da orientação sexual dele. Naquela época, ele já dizia que todos podem fazer escolhas. Eu achava isso fantástico no papai, a forma como via as coisas, não se preocupava com o que iam dizer. [...] Eu também compreendo a vivência dele com muitas mulheres, meu pai era muito sedutor, por isso sofria muito assédio, minha mãe sofria com isso. (Depoimento de Márcia Santos, 2017).

No que diz respeito à vida particular de Sinésio Santos, as declarações da filha Márcia e o trecho abaixo dão conta das características desse personagem que não foge do estereótipo do homem de seu tempo. Trata-se de um caderno de anotações de Sinésio, ou melhor, um de “diário de campo” onde o fotógrafo começou a escrever seus percursos, andanças diárias e memórias. Sinésio Santos encontrara um outro amor: a escrita de si, a narrativa de sua trajetória. Esse “diário de campo” era uma forma de narrar um pouco da sua história, talvez um monólogo, uma maneira que achou de desabafar e relembrar um

²³ Nome do prostíbulo existente em Caxias até a década de 1980.

passado de alegrias, tristezas, satisfação, enfim, um jeito simples de dizer o que fez ou o que deixou de fazer. No caderno, datado de 1994, cinco anos antes de seu falecimento, Sinésio fala dos seus amores: filhos, esposa, entre outras que, como diz sua filha, Márcia, o assediavam. O trecho a seguir (Figura 21) relata um tempo em que ele já se encontrava mais sereno, ou melhor, mais comportado, como ele próprio afirma, o que deixava sua esposa, D. Ditosa, satisfeita.

Figura 21 - Trecho das anotações de Sinésio Santos



Fonte: Caderno de anotações de Sinésio Santos – 1994.

Segundo, ainda, a filha, Márcia, foi a disposição do pai para ajudar as pessoas, que a levou a se graduar em Serviço Social. Para Márcia, foi o estilo acolhedor do pai para com as pessoas, atitude observada desde criança, que desenvolveu nela a vontade de seguir essa carreira profissional. Nesse aspecto, vale lembrar, ainda, que o fotógrafo costumava, na época dos desfiles de Sete de Setembro, fotografar aquelas pessoas que não podiam pagar pelos seus serviços, deixando as fotos à mostra no estúdio, pois mesmo não as adquirindo, essas pessoas ficavam satisfeitas em saber que a sua fotografia tinha sido revelada e podiam se ver nas imagens expostas estando, assim, registrado aquele momento. Essa atitude, por parte de Sinésio, possivelmente, seria uma estratégia para conquistar a clientela, como também atrair para o seu estúdio pessoas que, mesmo não dispendo de recursos para adquirir suas fotos, de certa forma, ao se aglomerarem em frente ao ateliê, chamando a atenção de outras pessoas, divulgavam, assim, o trabalho do fotógrafo.

É importante acrescentar que a dinamicidade de Sinésio, o seu modo de colaborar com as pessoas, a sua inquietude diante das dificuldades socioeconômicas, situação já vivenciada por ele, foram, entre outros, alguns dos fatores importantes para que adquirisse a simpatia de vários caxienses, conseguindo, dessa forma, aquilo que muitos almejam: notoriedade. Através de um modo de agir, onde Sinésio não deixava de olhar para as

peças do seu grupo social de origem, os populares, ele foi aos poucos fortalecendo seu prestígio e sua ligação com a cidade. Afirmam José do Nascimento Sousa²⁴, fotógrafo em Caxias/MA e Sinésio Filho, respectivamente, o seguinte:

Quando eu cheguei aqui em 1981, [...], tudo que queria saber apelava pro Sinésio. Na época, ele era o fotógrafo mais procurado da cidade [...] era o fotógrafo da elite, era o fotógrafo dos mais humildes. Quando a gente tinha alguma dúvida, íamos procurar o Sinésio ele dava uma orientação pra gente, principalmente com relação a foto preto e branco, naquela época a gente fazia muita foto em preto e branco. Ele sempre ajudando. (Depoimento de José do Nascimento Sousa, 2017)

Eu lembro bem que meu pai criou entre nós uma norma para ajudar as pessoas. Havia umas senhoras que normalmente pediam auxílio às famílias, naquele tempo parece que não tinha aposentadoria [...] então ele determinou que cada um de nós fôssemos responsáveis por uma daquelas velhinhas [...]. Uma vez por mês elas iam lá em casa, mas elas não chegavam todas juntas não, mas quando iam chegando, cada um tomava conta da sua, dava alimento e ajudava no que fosse preciso. (Sinésio Santos Filho, 2017).

Incentivar os filhos a cuidar dos mais humildes, mostrando seu lado humanitário, demonstrava sua condição financeira, quero dizer, já ter recursos econômicos suficientes que lhe permitiam realizar ações sociais. Isso era importante para o fotógrafo, uma vez que essa atitude revelava sua sensibilidade, como também o tornava, cada vez mais, visível aos olhos daqueles de origem igual à dele.

Vale dizer, que, ao se mostrar atuante em todos os espaços sociais dos quais fez parte (clubes e associações), conseguiu construir redes de relações, não só em nível de amizade, pois, ao se manter próximo de pessoas consideradas de prestígio na cidade, certamente, constituía-se em um aspecto vantajoso, diminuindo as possíveis distâncias sociais que pudessem existir entre o fotógrafo e a sociedade. Ao conquistar espaço como um fotógrafo da elite e dos grupos mais pobres, Sinésio se colocava como um mediador social e cultura, uma vez que possibilitava a visibilidade e aproximação entre pessoas de diferentes níveis sociais e a identificação com a cidade.

Com isso, a cidade aprendeu a gostar e a valorizar o seu trabalho, sendo lembrado por seus amigos de associações, principalmente, em sua data natalícia, ocasião em que, no amanhecer, era acordado ao som da Banda Lira Municipal, uma importante banda de música que tocava em ocasiões especiais. Para a filha, esse era um dos mais importantes momentos, porque ali a família percebia a admiração que ele havia conquistado na comunidade. Entretanto, é interessante perceber que não foi o caráter bondoso que lhe rendeu essa admiração, mas, possivelmente, os caminhos que optou por trilhar. Talvez a

²⁴ Fotógrafo em Caxias desde os anos 1970.

perspicácia o tenha feito entender que a ampliação das redes de relação era um dos meios para o seu reconhecimento. Dessa forma, o fotógrafo foi ganhando espaço. A notícia sobre o seu aniversário, acompanhado de felicitações era noticiado no jornal da cidade, conforme se lê nos trechos do Jornal Folha de Caxias²⁵ (Figura 22) datado de 1965 e do Jornal Pioneiro²⁶ – 1978 (Figura 23):

Figura 22 - Notícia de aniversário natalício de Sinésio Santos



Fonte: Jornal Folha de Caxias -1965.

Figura 23 - Notícia de aniversário natalício de Sinésio Santos



Fonte: Jornal O Pioneiro - Ano XII; Nº 419; 25/05/1978.

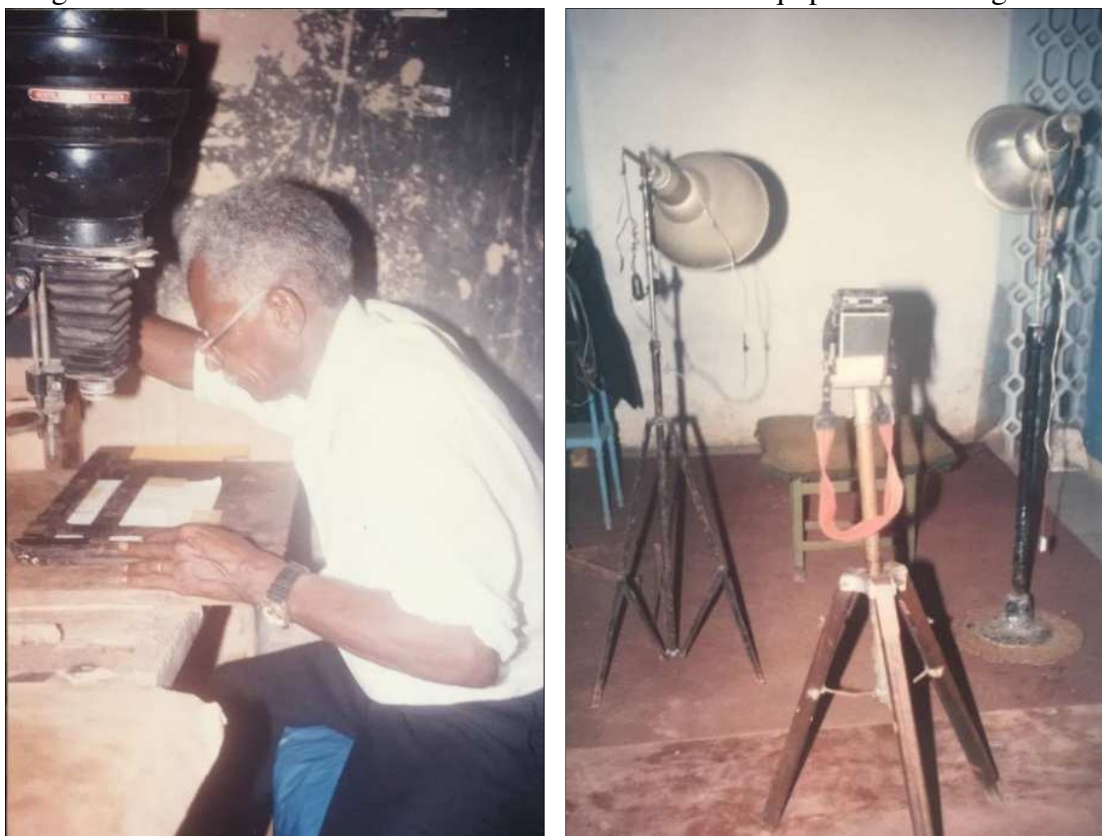
Com o surgimento de outras tecnologias, com a popularização dos serviços fotográficos e a facilidade de aquisição e manuseio de máquinas, os trabalhos dos

²⁵ Transcrição da notícia: Transcorreu a 21 deste o aniversário natalício do Sr. Sinésio Santos, conhecido fotógrafo em nossa cidade, de Diretoria da União Artística Operária Caxiense e grande amigo deste jornal. Visitâmo-lo.

²⁶ Transcrição da notícia: Aniversariou a 21 do corrente o Sr. Sinésio Santos da Silva (foto), proprietário da Foto Santos, em nossa cidade, em cujo ramo é hoje o mais velho profissional de Caxias. Desta feita, Sinésio quis fugir das homenagens que sempre lhe são prestadas na data em apreço por seus amigos e admiradores, refugiando-se com seus familiares, em seu sítio do Itapecuruzinho, onde no entanto foi descoberto a tempo e lá mesmo a data foi festejada com a turma. Nós de O Pioneiro fazemos esse breve registro, embora tardiamente o parabenizemos também.

fotógrafos foram, aos poucos, reduzindo, sendo, em muitas ocasiões festivas, no meio familiar, utilizados equipamentos de propriedade das próprias famílias, fazendo com que, a partir dos anos 1990, houvesse a redução da requisição dos trabalhos dos fotógrafos profissionais. Com a circulação das máquinas digitais, os fotógrafos mais modernos começaram a utilizá-las; os mais tradicionais, a exemplo de Sinésio Santos, conservavam a sua forma mais habitual e artesanal, conforme se vê nas imagens a seguir (Figuras 24 e 25). Mesmo com o surgimento de estúdio com estilo mais atual, o ateliê do fotógrafo ainda atendia, de forma satisfatória, a comunidade, considerando que ele tentava, na medida do possível, renovar.

Figuras 24 e 25 - Sinésio Santos trabalhando no estúdio/ equipamentos fotográficos



Fonte: Acervo do fotógrafo Sinésio Santos.

No acervo do ateliê fotográfico de Sinésio havia vários exemplares de máquinas, as quais foram utilizadas por diversas décadas, representando uma amostra dos equipamentos por ele manuseados. Dos vários modelos usados pelo fotógrafo, registramos que ainda existiram outros que, aos poucos, ele se desfez em substituição aos mais atualizados. Observamos, no conjunto fotográfico (Figuras 26-30), tipos de equipamentos que atendiam à clientela tanto no estúdio, quanto fora dele, identificados a seguir. As

marcas encontradas (Yashica²⁷, Minolta²⁸, Polaroid²⁹, Zenit³⁰ e Voigtländer³¹) seguem os padrões da época, ou seja, os tipos mais tradicionais, cujos preços eram acessíveis, como também apresentavam um certo aspecto de modernidade. Tais artefatos foram fotografados pelo filho do autor, Sinésio Santos Filho, quem nos cedeu as imagens.

Figuras 26-30 - Câmeras fotográficas utilizadas por Sinésio Santos



Fonte: Acervo do fotógrafo Sinésio Santos Filho.

Segundo o Sr. Domingos Brandão, fotógrafo amador, amigo próximo de Sinésio e com quem Brandão aprendeu muito sobre o ofício, assim como fez parte da diretoria do Centro Artístico Operário Caxiense na mesma época de Sinésio Santos, revela o seguinte:

Sinésio era artesanal mesmo, tudo era feito, ele só não fazia o papel, tirava o revelador, ... na hora de secar levava lá para fora, a gente via tudo ao contrário, quando secava ia lá pra dentro de novo, aí joga no ampliador. Aquele projetor então era o seguinte, ele fica dando a sombra, ia descendo e a imagem ia

²⁷ Modelo produzido em 1958

²⁸ Minolta SR-T 101 é uma das primeiras com medição de luz de abertura total TTL (através da lente).

²⁹ Eram utilizados *packs* de filmes com baterias integradas que revelavam imagens de 79 milímetros quadrados com uma borda branca.

³⁰ Automática e com sistema de medição através da lente.

³¹ A Voigtländer é a responsável pelo primeiro zoom de 35 mm e também pela criação da primeira câmera compacta com flash incorporado. A Câmera também possuía flash removível.

diminuindo. Ele mesmo que fazia, tudo ele, ele tirava foto, revelava o filme, na hora de ampliar para pôr no papel, era o Sinésio Santos que fazia. [...] aquilo ali quando tirava, ainda ia para câmara escura de novo, colocava o papel em baixo, aí tinha uma lâmpada, tipo assim um abajur, com uma lâmpada dentro com uma lente embaixo, aquela lente aumentava e diminuía de acordo com a altura da lente e a luz acompanhava dentro. Aquilo lá dentro a gente quando saía vinha se queimando de suor, porque é como se fosse um bojo, a senhora sabe o que é ancoreta? Pois é tipo aquilo ali, lá em cima fechado. O Sinésio também fazia fotocópia. Você sabe porque chama fotocópia? Hoje mudou para xerox, mas era fotocópia, porque se pegava o documento e tirava a foto do registro de nascimento, por exemplo. Ele não entregava no mesmo dia o documento, mas mesmo assim era o Sinésio Santos que entregava mais rápido, porque o filme tinha de 12 e de 24 poses, enquanto não batia aquelas todinho, não podia revelar, a não ser que a pessoa tivesse condição e pagava, pagava o valor do filme, mas, às vezes, ele se sacrificava e ele mesmo revelava as fotos sem terminar o filme. (Depoimento de Domingos Araújo Brandão, 2017).

Corroborando com o que diz Brandão, acrescenta Sílvia Carvalho³², que foi fotografada diversas vezes por Sinésio,

O Sinésio fazia tudo, ele fotografava, revelava, retocava... ele usava um lápis para retocar. Era um artista, ele tinha uma sensibilidade de perfeição, ele gostava das coisas bem-feitas. Uma das peças dele do laboratório ele me vendeu, [...] eu aprendi a revelar com base em algumas informações que ele me deu, ele me explicava como a imagem passava para o papel, era uma solução [...]. Eu era muito curiosa. Outro fato interessante é que quando eu ia tirar foto 3x4, ele vinha com as duas mãos e colocava a minha cabeça como se fosse um esquadro, ele não deixava sair do lugar. (Depoimento de Sílvia Maria Carvalho e Silva, 2018).

Os depoimentos acima nos revelam que ensinar o que sabia aos outros lhe dava prazer porque, talvez, por possuir escolaridade apenas em nível elementar, instruir uma pessoa sobre como fazer um trabalho era uma doutrina que tinha um significado para além de ser prestativo, bondoso, era algo que lhe tornava importante. Essa tarefa elevava o seu conhecimento fotográfico, o que, certamente, o diferenciava dos seus aprendizes, os quais, mesmo possuindo formação escolar superior à dele, mas, no ramo da fotografia, era ele quem dominava tal conhecimento.

Quando se sentiu doente e já pressentindo a sua morte, Sinésio chamou o amigo Domingos Araújo Brandão e lhe entregou muitos dos negativos que faziam parte de seu acervo pessoal, mas que interessava aos amigos mais próximos. Em entrevista, diz Brandão,

Faltando menos de um mês para o Sinésio Santos morrer ele pegou todo o filme, pegou aqueles negativos dos amigos dele, inclusive, eu tenho até o prazer de dizer, fui o primeiro que recebi, toda [foto] que ele tirou minha, ele me deu o negativo: “Brandão, pega aqui, porque eu estou, sei não, o médico não quer dizer

³² Professora da UEMA, quem aprendeu com Sinésio Santos a revelar fotografia.

mas acho que estou despachado”, disse desse jeito, acho que estou despachado. (Depoimento de Domingos Araújo Brandão, 2017)

Com a saúde fragilizada, aos 66 anos, Sinésio, o “papa da arte de fotografar”, despediu-se de Caxias, na madrugada de 24 de novembro, às vésperas do terceiro milênio, em 1999. A notícia da morte do homem de olhar sério e de passos firmes ecoou por toda a cidade, fato que foi noticiado em carros volantes e alto-falantes, meios utilizados, na cidade para prestar informações urgentes. Seu corpo foi velado no salão nobre da União Artística Operária Caxiense, onde as paredes se encontravam ladeadas por fotografias dos benfeitores, mas, após a sua morte dali foi extraída a sua foto (anexo J) com o objetivo de receber homenagens póstumas em outro recinto e nunca mais retornou a seu local de origem. A União, segundo familiares, era seu espaço preferido para encontros com os amigos, clube onde, além de ter sido presidente, era sócio benemérito (anexo K). O cortejo fúnebre foi acompanhado pela Banda de Música de Caxias, emocionando muitos moradores. A despedida com música, de acordo com relato de amigos, se devia ao fato de Sinésio ser um frequentador assíduo dos bailes. As homenagens prestadas à Sinésio não cessaram. O Jornal Folha dos Cocais (Figura 31), cuja edição era feita semanalmente, homenageou Sinésio com o seguinte texto³³, produção essa cuja notícia na íntegra se encontra em anexo (anexo L):

³³ Transcrição da notícia: “Nunca mais uma cerimônia de formatura, um casamento, um batizado, uma bodas será a mesma. Nunca mais um acontecimento político ou social será o mesmo sem a presença marcante de Sinésio Santos, praticando aquilo que ele fazia como ninguém”, disse com olhos cheio de lágrimas o juiz classista, Danilo Nunes dos Santos, ao se referir a amizade que tinha com o mestre da fotografia, o papa da arte de fotografar.

Figura 31 - Notícia da morte de Sinésio Santos



Fonte: Jornal Folha dos Cocais – 1999.

O fotógrafo deixou para os caxienses um grande legado: os cenários das lembranças, que aos poucos vão sendo (re)construídos na memória da cada morador, oferecendo, por meio das fotografias, as descrições dos lugares, das paisagens, dos monumentos. Enfim, é como se ele tivesse recebido, há alguns anos, a incumbência de revelar tais imagens para que, no futuro, os caxienses pudessem recorrer a esses registros para reconstituir a história, pois “imagens do passado são como que pegadas de homens de outro tempo, que expressamente quiseram atestar sua presença, manifestar uma intenção; obter um resultado ou uma reação de um suposto interlocutor” (PESAVENTO, 2008, p. 100). É esse aspecto que compartilhamos com Pesavento, pois percebemos o acervo do fotógrafo como um conjunto documental que, ao se reportar ao passado, além de alimentar a memória, leva o observador a comprovar aspectos, às vezes, só possível por meio da imagem fotográfica.

2.2 A cidade, o fotógrafo e sua representação - Sinésio Santos na fala do outro

Nesse espaço, trazemos alguns relatos dos moradores de Caxias sobre o que representou Sinésio Santos para a cidade: suas relações, seu desempenho profissional, sua atuação enquanto membro de instituições, a maneira como era recebido pelos caxienses, tanto no meio familiar como no espaço social, religioso ou político, enfim, o modo como o fotógrafo era visto pela sociedade caxiense. Dessa forma, escolhemos para construir esse

tópico o relato de pessoas que conviveram com Sinésio Santos, durante muito tempo, quer seja como componente de associações, amigos de infância ou juventude, clientes, fotógrafos conhecidos, pessoas que deixaram evidente as relações que o fotógrafo mantinha com a sociedade caxiense e com o grupo ao qual pertencia. Por meio dos discursos de cada um foi possível perceber a promoção social que a profissão lhe oportunizou, fato que observamos em trechos extraídos dos relatos abaixo: “Venceu porque conseguiu essa arte de fotógrafo”; “...criou a associação dos fotógrafos, ele era incansável naquilo que ele tomava frente”, tais manifestações revelam, não só a vontade de vencer de Sinésio, como também o apreço pela dedicação que Sinésio mantinha com a profissão que exercia.

Eu conheci Sinésio Santos quando eu era muito criança, eu cheguei para Caxias em dezembro de 1949, eu completando cinco anos, ele já maiorzinho, acho que onze, morando na Veneza e eu no Itapecuruzinho, todo dia quando vinha pra cidade ele passava na porta da minha casa. Em Caxias não tinha água encanada, não é!? Então ele trazia água da Veneza, naquele tempo água mineral era muito difícil, [...] nós temos uma fonte de água mineral natural, ainda temos essa mesma fonte, ele botava as ancoretinhas no jumentinho e vinha vender água aqui no Salão Brasil, nesses pontos, só que não era tratada, ele enchida mesmo manual [...]. Ele era muito trabalhador, muito inteligente, pobre, humilde, venceu porque conseguiu essa arte de fotógrafo.[...] E eu continuo dizendo que Sinésio é uma das pessoas muito importante para Caxias, e posso até dizer é uma lenda, é uma lenda muito bonita, a história de Sinésio Santos. (Depoimento de Pedro Ferreira de Andrade, 2017)³⁴

Eu tenho muitas lembranças do contato que tive com o Sinésio Santos, uma pessoa muito autêntica, muito honesta, que zelava pela associação que ele pertencia. Na União Artística, ele era um dos grandes membros que zelava em benefício dessa sociedade. Deixou um vazio. [...] Mas, nessa época, os sócios todos eram unidos com a sociedade em função de Sinésio Santos [...] pra mim, era um dos melhores fotógrafos, muito dedicado. Eu lembro que foi o primeiro fotógrafo em Caxias que desenvolveu a classe de fotógrafo, criou a associação dos fotógrafos, ele era incansável naquilo que ele tomava frente. Pessoa muito boa, muito honesta e dedicada em tudo que fazia, querido em toda a sociedade. (Depoimento de Antônio José Magalhães, 2016).

[...] Honesto, direito, gostava de brincar, fazer caridade, morria uma pessoa não tinha quem fizesse o enterro, ele mandava fazer o enterro, eu fiquei com pena dele morrer de extravagância, rapaz, por causa do cigarro. Foi presidente da União Artística, criou a associação dos fotógrafos, tudo ele fez, bom, muito bom. Bom pai de família educou os filhos todos. Quando adoeceu, foi pro médico e o médico disse que não tinha mais jeito. O cigarro acabou com o rapaz. Foi uma grande perda. (Depoimento de Amadeus Viana de Oliveira, 2017).

[...] não lembro o ano, mas foi bem antes do mandato dele aqui na União que ele criou a Associação dos Fotógrafos, por sinal funcionava aqui mesmo numa sala dessas, depois que ele faleceu as pessoas deixaram o sindicato cair. Ninguém

³⁴ Funcionário público aposentado, amigo de infância de Sinésio Santos (74 anos). Entrevista realizada em 06 de novembro de 2017.

teve a ideia, mas ele teve a ideia [...] (Depoimento de Nelson Monteiro de Sousa, 2017)

Por meio dessas falas, percebemos, ainda, a promoção social que a profissão oportunizou a Sinésio Santos, em depoimentos como “Venceu porque conseguiu essa arte de fotógrafo”; “...antes do mandato dele aqui na União que ele criou a Associação dos Fotógrafos”, acima comentados. Tais manifestações revelam, por um lado, a luta de Sinésio para melhorar de condição econômica, a vontade de sair da vida humilde em que se encontrava no início, e, por outro lado, queria um *status mais alto*, queria tornar-se conhecido. O ofício de fotógrafo permitia a Sinésio percorrer vários locais e neles tornar-se conhecido e a elas se vincular como sócio, participante ou, até mesmo, voluntário. Sua inserção nos órgãos dos quais fez parte contribuiu para adquirir autoridade, a exemplo da União Artística. Essa Associação o elegeu vice-presidente, em 1967, e o consagrou presidente, em 1987, foi um marco na vida do fotógrafo. Na trajetória de Sinésio Santos o que prevalece é a conquista e o prestígio daí advindo. A filiação à União Artística serviu para torná-lo cada vez mais próximo da sociedade, por meio dos trabalhos que o órgão desenvolvia, das festas que promovia, das pessoas que apadrinhavam o clube, favorecendo o contato constante com a comunidade e com outros grupos de prestígio. Assim também ocorreu com a fundação da Associação dos Fotógrafos, algo que lhe deu grande destaque. Com a Associação, todos os fotógrafos passariam a ter registro, evidenciando os benefícios trazidos por ele para a categoria, o que daria grande destaque ao presidente.

As marcas deixadas por ele, enquanto dirigente e membro de associações, fez ecoar entre aqueles que viam nessas instituições somente um meio de revigorar e manter boas relações sociais. Nesse aspecto, Sinésio, o representante dos fotógrafos em Caxias, partiu para a ação junto ao Governador do Estado, Epitácio Cafeteira (Anexos M e N), para a aquisição e construção de um espaço, onde todas as associações pudessem se manter unidas, fortalecendo o seu caráter humanitário. Corroborando com o exposto, Danilo Nunes, presidente de associações, ex-vereador em Caxias, líder de bairro, quem reservava grande apreço por Sinésio, faz o seguinte relato:

Fenômeno na nossa cidade, Sinésio foi um dos primeiros fotógrafos que fotografou todas as festas, todos os eventos ou que fosse convidado ou que não fosse, ele tomava conhecimento e procurava chegar até aquele local, e sempre era bem recebido pela comunidade de Caxias. Ele foi um grande homem em toda história de Caxias. No setor social, ele foi um grande presidente da União Artística Operária Caxiense por duas vezes, como também foi presidente do Centro Artístico Operário Caxiense e passou várias vezes como diretor em outros

cargos. Foi um dos fundadores do Centro dos Trabalhadores Cristãos de Caxias e também da Aliança Classista de Caxias do Médio Parnaíba, quando, juntamente comigo, encabeçou uma visita ao governador pedindo uma casa para abrigar todos os sindicatos e associações. Também participou da fundação da Associação dos Moradores do Bairro Ponte, fez parte do Sindicato dos Motoristas e fundou a Associação dos Fotógrafos de Caxias que, depois, foi transformada em sindicato dos fotógrafos de Caxias. Então, Sinésio Santos foi uma pessoa importante na vida de Caxias. Nós que acompanhamos, que conhecemos a sua vida, foi um grande trabalhador, um grande lutador [...]. Ele visitava essa cidade toda de bicicleta, ele andava, trabalhava de dia e de noite fotografando de bicicleta. Era uma pessoa querida por toda comunidade de Caxias, então Caxias nunca se esquecerá dele, foi um fenômeno na história de Caxias. (Depoimento de Danilo Nunes dos Santos, 2017).

Durante a conversa, Danilo, ainda, fez questão de exibir a fotografia em que Sinésio registrou o momento do encontro do grupo com o governador Epitácio Cafeteira-1987 (Figura 32), data da solicitação da construção do prédio para que as entidades de classe pudessem se reunir, como também uma fotografia em que revela os representantes das associações levantando faixas (Figura 33), cobrando, tempos depois, a promessa não cumprida pelo então governador, quando da sua visita a Caxias. “Ele sempre com a máquina por onde andava, não escapava nada”, diz Danilo.

Figura 32 - Encontro com o Governador- 1987



Fonte: Arquivo do Sr. Danilo Nunes dos Santos.

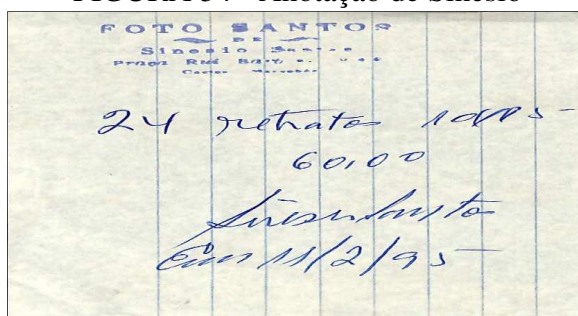
Figura 33 - Membros de associações - 1987



Fonte: Arquivo do Sr. Danilo Nunes dos Santos.

Danilo aproveitou o ensejo para falar das suas memórias, como uma anotação que ele guarda até hoje do amigo (Figura 34); mostrar o álbum de sua família, relembrar o seu casamento, exibir as fotos capturadas por Sinésio durante a festa (Figura 35). Sinésio foi quem retratou todos os eventos em sua casa, até mesmo a festa e bênção em comemoração pela aquisição de sua casa própria entregue pelos representantes da Caixa Econômica Federal (Figuras 36 - 38), “nesse dia, Sinésio veio registrar o momento em que recebi minha casa. Para mim, foi uma data muito importante, por isso Sinésio estava lá, registrando tudo”, lembra Danilo. Entendemos, pois, que “registrar tudo” é uma forma de estar presente em todos os eventos, estar sempre nos locais onde circulavam as mais diversas pessoas da comunidade, “[...] que fosse convidado ou que não fosse, ele tomava conhecimento e procurava chegar até aquele local [...]”, são palavras de Danilo Nunes. Estar em evidência, expor sua profissão, em uma época em que, geralmente, poucos tinham acesso aos ambientes de elite, constituía-se em uma grande oportunidade para quem estava disposto a estabelecer redes de contatos e se manter ativo na sociedade.

FIGURA 34 - Anotação de Sinésio



Fonte: Arquivo do Sr. Danilo Nunes dos Santos.

Figura 35 - Casamento Danilo Nunes- 1973
registro de Sinésio Santos



Fonte: Álbum fotográfico da Família Danilo Nunes dos Santos.

Figuras 36 e 37 - Data em que Danilo Nunes recebe a sua nova casa/ 1982 registro de
Sinésio Santos



Fonte: Álbum fotográfico da Família Danilo Nunes dos Santos.

Figura 38 - Festa em comemoração à entrega do imóvel pela Caixa Econômica - registro Sinésio Santos



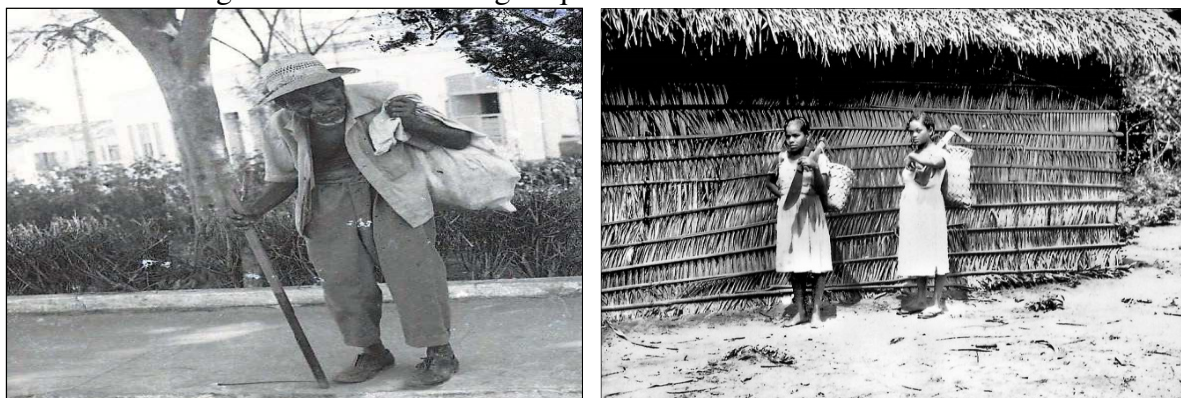
Fonte: Álbum fotográfico da Família Danilo Nunes dos Santos.

Por meio das personagens fotografadas, Sinésio percorreu todos os lugares de Caxias, ajudando a escrever as histórias dos moradores e da cidade, conservando as lembranças de cada um dos retratados. Não escolhendo os tipos de registros, fotografou os mais diferentes temas, sem mesmo ser convocado para tal tarefa, como dizem alguns entrevistados. Registrou, às vezes, por iniciativa própria, demonstrando sua visão sensível em relação aos desconhecidos, ou mesmo, uma tentativa de querer ajudar, em função dessas pessoas terem origem semelhantes às do fotógrafo. Nesse caso, tais fotos (Figuras 39 e 40) podem evidenciar, também, o desejo de tornar os anônimos visíveis para a comunidade, mas podem explicitar a sua própria vontade de deixar para a posterioridade a imagem de um fotógrafo atento às questões sociais, uma vez que fotografava até mesmo aqueles que não pagariam pelos seus serviços e também arquivava essas memórias como se soubesse do seu valor no futuro. Eram essas as ações que poderiam elevar o conceito que as pessoas tinham dele e que lhe interessava, para além da notoriedade almejada. Dessa forma, muitos descrevem Sinésio como um viajante de bicicleta em busca de uma imagem reveladora, quer seja do rico ou do pobre.

O Sinésio Santos foi um grande fotógrafo na época aqui em Caxias, foi dos primeiros, ele frequentava todas as comunidades de Caxias, eu me lembro que ele sempre andava com sua máquina de lado, sempre pronto para fotografar o que via e gostava. Ele era muito sensível [...]. Eu conheci o Sinésio há muitos anos, desde quando eu era criança ele já ia nas escolas para fotografar, ia em todos os lugares da cidade. Ele frequentava a casa da minha mãe, lá fotografava os aniversários, as festas. ... Lembro bem que o velório do meu avô, em 1974, ele fotografou também, mesmo sem ser chamado ele ia. Quando menos se esperava, ele chegava em nossas residências. Mas, ele era chamado em ocasiões especiais para fotografar os eventos, as festas, festas juninas. Ele foi uma pessoa muito

especial em nossas vidas, aqui em Caxias, como fotógrafo. (Depoimento de Maria Ilma Medeiros e Silva, 2017)³⁵

Figuras 39 e 40 - mendigo / quebraadeiras de côco - anos 1960



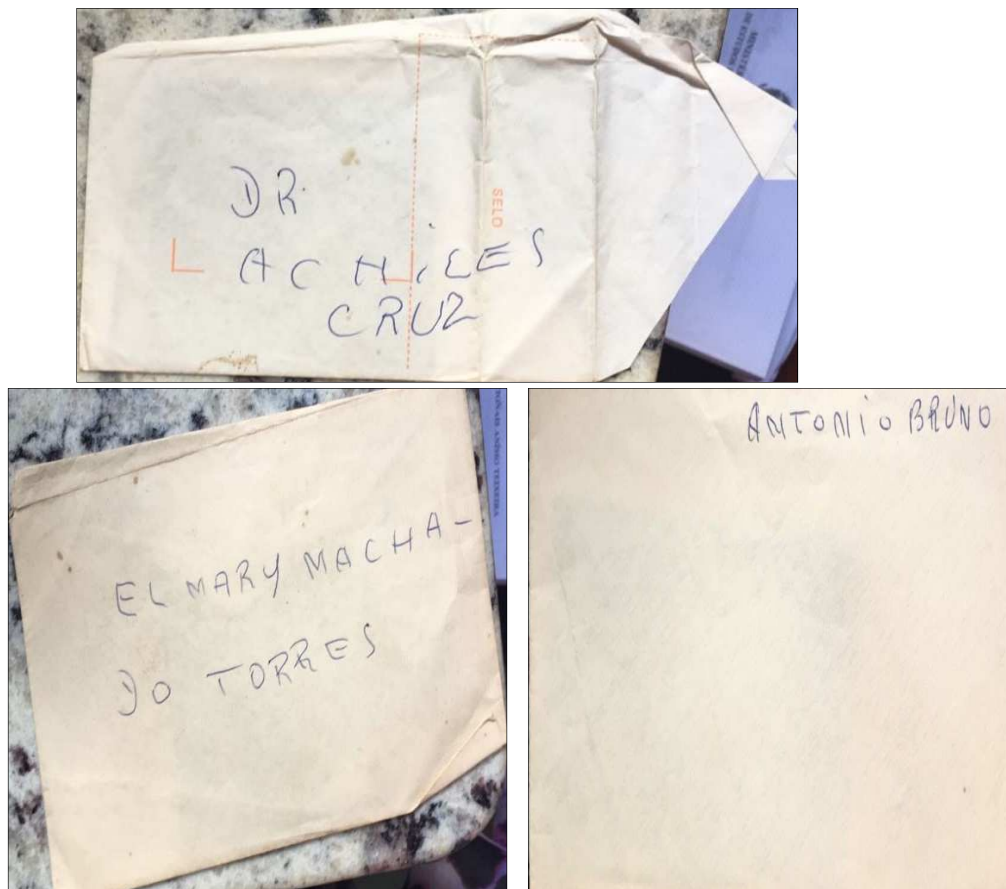
Fonte: Acervo Fundo de Memória Sinésio Santos.

Sinésio Santos, embora sem compartilhar e sem compreender o trabalho do historiador, arquivava os produtos de seu trabalho (Figuras 41-43), ou seja, todos os negativos das imagens capturadas tanto no estúdio, como fora dele. Essa atitude nos aproxima e nos conecta. A fala de Brandão evidencia, mais uma vez, o senso arquivístico de Sinésio Santos quando buscava organizar os negativos das fotografias. Sua forma de organização desses objetos era por família o que lhe permitia manter vínculos com as mesmas e com as instituições no sentido de, além de manter vivas as relações sociais e favorecer os negócios, demonstrar o zelo pela atividade que desenvolvia e a dedicação dispensada aos clientes. Foi, sem dúvida, o cuidado que dispensou a essa atividade que lhe permitiu transitar livremente pela sociedade caxiense.

O Sinésio soube fazer as coisas, ele tirava fotos do pessoal e guardava o negativo dentro de um envelope. Se um queria foto da família ele corria lá [...], ele já tinha seu arquivo como os computadores hoje. Ele não perdia tempo, colocava cada um no envelope certo, por exemplo, com o nome do Fulano de Tal, ele organizava por família. Você tinha uma foto de mil e novecentos e não sei quando e escolhia a que a pessoa queria. Muitas pessoas que ele tirou foto e foi embora para o Rio de Janeiro e, depois de muito tempo, voltava e queria a foto que ele tirou, então não tinha problema, pois o Sinésio Santos tinha a foto, era das famílias, das entidades [...] dos comércios, [...], de tudo isso ele tinha. (Depoimento de Domingos Araújo Brandão, 2017).

³⁵ Professora aposentada (68 anos). Entrevista realizada em 12 de dezembro de 2017).

Figuras 41, 42 e 43 - Envelopes para arquivar as fotos das famílias e entidades



Fonte: Acervo do fotógrafo Sinésio Santos.

[...] Sem frequentar nenhuma escola, nenhum curso para isso, como se fosse um autodidata, o Sinésio se tornou um grande fotógrafo. Ele não perdia tempo, quando encontrava um fotógrafo muito bom, ele aproveitava para aprender alguma coisa, para se aperfeiçoar cada vez mais, ele se preocupava em fazer fotos boas, como é o caso do Josino Frazão, um exímio violinista, que também fazia fotos amadoras, então o Sinésio aproveitava e aprendia alguma coisa com ele. Eu dou testemunho disso porque muitas fotografias feitas por ele na época, em preto e branco, são muito melhores que algumas coloridas de agora. Na época dos aniversários, ele ia nas casas das pessoas ou chamados ou não. Se chamados, ele ia fazer toda cobertura do aniversário ou de casamento, ele se empenhava muito em fazer essas fotografias. [...] Apesar da cor que ele tinha, apesar do preconceito da época, mas ele era uma pessoa respeitada na cidade. Ele foi chamado várias vezes aqui na casa dos meus pais para fotografar aniversários, casamentos. Foi ele quem fotografou meu casamento, tenho essas fotos aqui, é uma lembrança boa para os meus netos (Figura 44). Ele também fotografava festas religiosas, quando fotografava crianças, se alguma saía do lugar, com muita delicadeza, ele ajeitava aquela criança que estava fora da lente fotográfica (Figura 45). E às vezes ele não precisava nem ser chamado. Se tinha um evento na cidade, ele se fazia presente, batia as fotografias [...]. (Depoimento de Valquíria Araújo F. de Oliveira, 2017)

Figura 44 - Casamento Valquíria Araújo Fernandes de Oliveira –
registro de Sinésio Santos/ 1973



Fonte: Álbum fotográfico da Família Araújo Oliveira.

Figura 45 - Festa de 1ª Comunhão- Igreja Matriz- 1987



Fonte: Acervo do fotógrafo Sinésio Santos.

Em seu depoimento, Valquíria acrescenta que, “na política, Sinésio acompanhou a carreira dos homens públicos, [...] quando o Presidente Castelo Branco veio aqui em Caxias (Figura 46), foi ele quem fez a cobertura, Jânio Quadros também”. Para a depoente, Sinésio foi testemunha de importantes momentos históricos para as autoridades caxienses, época em que a política fervilhava. Dessa forma, Pedro Ferreira, amigo do Sinésio, acrescenta o seguinte:

Eu estava em uma festa com aquele Castelo Branco, se o espírito não me engana, aqui em Caxias e quem estava fotografando era Sinésio Santos. Hoje eu tiro o chapéu pra senhora por lembrar de uma pessoa tão importante como foi Sinésio Santos para Caxias, porque tem tanto registro de Sinésio Santos em Caxias, das festas que ele participou, de governador tal, todo mundo ele fotografou, eu acredito. [...] então, eu acredito que a maior riqueza que nós temos deve ser o álbum de fotos do Sinésio Santos de Caxias. [...] para todas essas pessoas quem era o fotógrafo era o Sinésio Santos. Enquanto o Sinésio não chegava a festa não

começava que era para poder ele registrar. Não tinha máquina filmadora naquela época, era na foto mesmo, começou na foto preto e branco depois passou a colorida. Eu acho que isso para Caxias vai ser muito bom, lembrar de uma pessoa tão importante como Sinésio Santos, coisa que ninguém nunca se lembrou. (Depoimento de Pedro Ferreira de Andrade, 2017).

Figura 46 - Visita do Presidente Castelo Branco a Caxias- 1967- registro de Sinésio Santos



Fonte: Acervo do fotógrafo Sinésio Santos.

Os discursos dos depoentes deixaram explícito que Sinésio foi um homem organizado, responsável com o trabalho que desenvolvia, amigo de todos e que as portas da sociedade estavam sempre abertas para recebê-lo, pois sua desenvoltura, enquanto profissional e companheiro, agradava a todos. Demonstraram, ainda, que colaborar com o bem social era o que determinava suas ações. Percebemos, também, por meio das conversas, que a sua ativa participação nas agremiações as quais estava ligado o tornava uma pessoa, sob a visão de muitos, especial, participativa. Entretanto, com todas essas qualidades que lhes foram atribuídas pelos depoentes, percebemos que o preconceito racial ainda dispensado a ele estava muito presente no meio da elite local, mas o que parece amenizar esse aspecto está relacionado ao empenho do autor com o fazer fotográfico, o que ficou claro no relato de Valquíria Araújo “[...] ele se empenhava muito em fazer essas fotografias. [...] Apesar da cor que ele tinha, apesar do preconceito da época, mas ele era uma pessoa respeitada na cidade [...]”. Respeito esse adquirido com o trabalho que desenvolvia na cidade tanto como membro de instituições e, principalmente, enquanto fotógrafo.

O contemporâneo do fotógrafo, Domingos Brandão, também deixa entrever, durante o relato, a citada situação. Momento em que a elite do Clube Recreativo Caxiense, antes Cassino Caxiense, rejeitou a proposta do fotógrafo de se tornar sócio, pois constava

nas normas da instituição, entre várias condições para se associar, a não aceitação de pessoas de pele escura, requisito expresso de forma velada. Contudo, o atual presidente da União Artística, Nelson Monteiro, na época, membro da diretoria desse clube, com quem Sinésio estabeleceu parceria durante o segundo mandato, nos revela, em seu depoimento, que o fotógrafo, quando presidente desse clube, rompeu com muitas barreiras que existia na associação, provocando desconforto entre muitos associados.

O Sinésio Santos era uma pessoa que não tinha inimigo, ele ia onde era convidado e onde não era convidado, ele era metido porque era o trabalho dele. Ele entrava em todo lugar, ele era preto por fora, mas por dentro ... não tinham preconceito com ele. Mas ele me contou, certa vez, que não foi associado no Casino Caxiense por causa da cor. Ele entrava para tirar foto, mas convite para festa não, [porque não] era convidado, nem aceitaram ele ser sócio, nem contribuinte, isso aí eu me lembro. O melhor clube que tinha naquele tempo era o Casino Caxiense e ele não podia ser sócio [...]. Não era só ele, qualquer pessoa de cor não podia [...] então pra mim isso foi um absurdo. O estatuto constava que pessoa de cor não podia ser sócio. Não aceitavam, porque no tempo que eles fizeram ainda estava como aquela época de escravo, e eram pessoas antigas que estavam lá dentro. O Casino era mais elitizado. Mas, mesmo com isso, ele não chegou a demonstrar que ficou decepcionado, simplesmente disse: “Dominguinhos, lá fora o Pelé tem prioridade, aqui, Sinésio não tem...”. Aqui no Centro Artístico não chegou a ter essa norma, mas na União Artística chegou a ter uma sala só para as pessoas mais simples, mas depois isso mudou. (Depoimento de Domingos Araújo Brandão, 2017)

Nelson Monteiro continua dizendo que:

[...] Aqui, até quando uma jovem saía com o namorado, ela não entrava mais não, [...] aí pronto, ela estava extinta. Mas, ele chegou e liberou. Quando eu cheguei aqui um dia pra uma festa, tava uma turma, eu disse assim: - opa! Rapaz, o presidente é doido! Ele me disse assim “num tem nada não, Monteiro, isso não arranca pedaço de ninguém não”. O Sinésio abriu mão dos preconceitos, pessoas que não entravam aqui, ele mandava entrar pela porta da frente, alguns diretores ficavam zangados, mas ele resolvia tudo e saía numa boa com todo mundo. Isso era uma característica dele, ele era um homem humano, isso eu posso descrever. Também, cansei de presenciar os clientes chegando pra tirar fotos e as pessoas chegando pra pedir ajuda. Ele dizia: - sente ali. Ele terminava de tirar as fotos, recebia aquele dinheiro e dividia, isso também eu vi, mesmo pouco, mas dividia [...]. Com o trabalho de fotógrafo, conseguiu colocar os filhos pra estudar em Fortaleza junto com os outros, como o Hélio Queiroz. Ele não teve estudo, mas teve visão [...]. Quando foi lá no fim, não tinha mais serviço, foi mudando tudo, chegou a época moderna né, com outras máquinas modernas, filmadora e etc aí foi caindo o serviço de foto. Ele chegou a dizer pra mim que teve um período que estava só com o salário dele, sobrevivendo só com o salário mínimo do INSS [...] (Depoimento de Nelson Monteiro de Sousa, 2017).

O estigma sofrido por Sinésio, segundo Monteiro, o fez, de certa forma, agir de maneira distinta da vivenciada por ele, pois ao dizer que “O Sinésio abriu mão dos preconceitos, pessoas que não entravam aqui, ele mandava entrar pela porta da frente”, reforça a ideia de que, mesmo tendo sentido preconceito de cor, ele quis, no momento em que ocupou uma posição de prestígio, extinguir as normas vinculadas a situações

preconceituosas. Essa atitude, possivelmente, poderia estar relacionada à pretensa vontade de externar superioridade, de reagir ao fato ocorrido com ele no passado que, mesmo sem aparentar decepção, como afirmou, Brandão “[...] ele não chegou a demonstrar que ficou decepcionado, simplesmente disse: Dominginhos, lá fora o Pelé tem prioridade, aqui, Sinésio não tem...”, tal frase pode revelar um certo ressentimento em não ter sido aceito como sócio do clube. Isto o levaria, nesse caso, a querer quebrar o ranço abusivo do preconceito que ainda vigorava quando foi presidente, no final dos anos 1980. Esse fato, certamente, marcaria o seu pleito na presidência da União Artística, o que de fato marcou, fazendo com que o seu nome assinalasse a época em que se reagiu ao estigma do preconceito racial mesmo que fosse, apenas, naquela instituição.

De acordo com o exposto, é necessário perceber que, no início, o fotógrafo enfrentou resistências para fazer parte de determinado grupo, o que fica evidente em seu discurso. Estar inserido nessas agremiações era algo que poderia alcançar meios, lançando mão do trabalho de fotógrafo, para conseguir reconhecimento entre os grupos mais restritos.

Por meio dessas falas, percebemos que Sinésio Santos procurou ter uma expressiva atuação no cenário caxiense, demonstrando, também, uma constante preocupação com a manutenção do bem-estar dos mais humildes, como também em torná-los visíveis aos olhos da sociedade. A sua obra, que reúne um conjunto significativo de imagens sobre a cidade e seus moradores, comprova o desempenho no meio profissional, sendo visto como um importante representante da categoria de fotógrafos, dada a sua habilidade com o trabalho, assim como pelo fato de ter fundado a Associação dos Fotógrafos. Na sua vasta produção imagética, encontramos o registro de grandes transformações ocorridas na cidade ao longo da sua história, assim como faz ressurgir, na memória dos moradores, recordações adormecidas. Percebemos que, embora já estejamos com 20 anos da partida de Sinésio, sua imagem, enquanto fotógrafo, ainda está latente nas lembranças dos caxienses. Quem nos revela isso é a reportagem “A nostalgia do Bar Excelsior Hotel chega ao fim”³⁶ (Figura 47), publicada no blog horadoportal.com.br, em

³⁶ Transcrição da notícia: Na manhã deste sábado (9) recebo a informação que finda uma página da cultura de Caxias. Pena que os fotógrafos Sinésio Santos e o Waston não estejam mais em nosso meio para registrar essa passagem que entristece. Também o Sinésio Santos, o Libânio Torres, a Diracy, o João Luís Albuquerque, o Raimundinho Valério e tantos outros ilustres que frequentavam o bar do Excelsior Hotel que hoje está com as portas fechadas [...].

outubro de 2017, numa demonstração da sua importância para a cidade, mesmo após quase duas décadas de seu falecimento.

Figura 47 - Reportagem

01/10/2017 A nostalgia do Bar do Exelsior Hotel chega ao fim - Hora do Portal



Hora do Portal
com.br (http://horadoportal.com.br/)

JORNALISMO VERDADE. OS FATOS COMO ELES SÃO.

Repórter Ismael Gama
Matéria: Muçulmanos em São Luís
A HISTÓRIA PASSA POR AQUI

TV ASSEMBLEIA
CANAL 51.2
PUBLICIDADE

Página Inicial → Notícias → Caxias →

Caxias

A nostalgia do Bar do Exelsior Hotel chega ao fim

Na manhã deste sábado (9) recebo a informação que finda uma página de cultura de Caxias.

11/09/17 19h35

Compartilhar 2

Sábado, 9 de setembro, uma manhã quente, costumavelmente em Caxias, recebo a notícia do **fechamento** de um dos locais mais tradicionais da cidade, o **Bar do Exelsior Hotel**.

Aquele espaço que abrigou durante décadas, viu dissolver o que parecia uma eternidade. Na década de 60, na gestão do Valdec, abrigou as baladas, as orgias, era o recanto dos apaixonados. Por lá eu vi circular o Alderico Silva, o Delamar Silva, o Delmar, o Gentil Menezes, o Zé Simão, o Fause Elouf Simão, o Enéas Patrício e tantos outros.

Também vi por lá deleitar-se nas mesas regadas por brahmas **estupidamente gelada** o Zé Merda, o Clóvis Carneiro, o Rogério Rodrigues, o Cristino Papagaio, o Babá, o Zé de Pinho e o Manoel Pinto da Mota. Lá também saboreava uma geladinha o poeta Costa Sobrinho e o escritor Abreu Sobrinho.

Na manhã deste sábado (9) recebo a informação que finda uma página da cultura de Caxias. Pena que os fotógrafos Sinésio Santos e o Waston não estejam mais em nosso meio para registrar essa passagem que nos entristece. Também o Sinésio Santos, o Libânio Torres, o Enéas Torreão, a Diracy, o João Luis Albuquerque, o Reimundinho Valério, o Dezoito e tantos ilustres caxienses que frequentaram o bar do Exelsior Hotel que hoje está com as portas fechadas. Recordo-me que após tomar um sorvete na leiteria Ouro Velho do Jairo Brandão, segui para o Bar do Exelsior Hotel para o deite de suas noites.

O que será que tá acontecendo em Caxias? Cadê o progresso? É a crise? Não sabemos, mas ficará marcado em nossos corações uma sublime recordação do Bar do Exelsior Hotel.

Fonte: Blog Hora do Portal.

PARTE DOIS

A CAPTURA DA CIDADE PELO FOTÓGRAFO

Figura 48 – foto Sinésio Santos/ anos 1950



Fonte: Sinésio Santos: a cidade e os olhos (2018).

Foi fotografando a cidade, seu cotidiano e moradores que Sinésio Santos deixou marcas na história de Caxias, visto que o conteúdo fotográfico das imagens deixadas por ele está imbuído de narrativas que ressaltam aspectos históricos e culturais, tais como: permitem estabelecer comparações entre diferentes momentos, unindo passado ao presente; revelar acontecimentos, os quais podem problematizar questões relacionadas a políticos que fizeram história e carreira na cidade, sobre as alianças mantidas e rompidas; comprovar um momento que deixou de existir, podendo testemunhá-lo; representar uma época, um espaço, um objeto ou um momento marcante, enfim, são imagens que podem comprovar ou desmentir uma realidade. É o que queremos mostrar, com detalhes, nos capítulos 3 e 4. A sua vasta produção imagética retrata diferentes pontos e aspectos da cidade: órgãos públicos e privados, famílias, eventos sociais, políticos, religiosos, civis e militares. Cada aspecto compoando uma história, quer seja de caráter particular ou social.

Muitas imagens deixadas pelo autor revelam, ainda, o processo de construção e mudanças da cidade, demonstrando a preocupação do fotógrafo em resguardar, por meio de imagens, a memória do lugar. Foi registrando os eventos, as transformações urbanas e o crescimento local, como também retratando o cotidiano dos moradores que o nosso personagem mostrou a importância de seu trabalho enquanto testemunha ocular dos acontecimentos ocorridos ao longo dos anos.

3 OS CLIQUES DE SINÉSIO SANTOS E A CIDADE QUE ELE REGISTROU

Toda fotografia é um resíduo do passado. Um artefato que contém em si um fragmento determinado da realidade registrado fotograficamente. (KOSSOY, 2001, P. 45).

As fotografias selecionadas para a escrita da segunda parte da tese foram analisadas levando em conta as imagens constitutivas da narrativa urbana de Caxias as quais, em nosso entendimento, revelaram a cidade sob o olhar do fotógrafo, isto é, como ele a via. E o resultado é uma demonstração da polissemia fotográfica caxiense com variados registros da sociabilidade local, das relações políticas e familiares. Sinésio registrou, ainda, imagens na área urbana e periférica de Caxias, tanto de autoridades, de festas populares, como de grupos de elite, ou de jogos de futebol. Enfim um conjunto significativo de fotografias do período compreendido entre 1950 e 1990.

3.1 O centro e a periferia: a vida cotidiana da cidade pelas imagens

Ao longo dos tempos, vários discursos foram produzidos a respeito do tema da cidade, assim diversas imagens e modos de viver o cotidiano da *urbe* foram incluídos nesse estudo. Conforme a escolha do ângulo de visualização, a cidade pode ser vista a partir do formal, do olhar da razão, evidenciando que, de acordo com o ângulo escolhido, ela pode ser observada pela ótica da racionalização, do projeto urbanístico ou pela visão dos seus moradores. Nesse sentido, considerando a massa populacional existente nas cidades, isto é, o número significativo de observadores e de vivenciadores do movimento constante de andar pelos seus espaços, metaforicamente, caberia dizer que o número existente de cidades corresponde aos significados produzidos sobre ela.

Assim, como se definir uma cidade? Existe a cidade idealizada, isto é, a dos administradores, a dos pensadores, a dos caminhantes ordinários, a cidade que está nas lembranças. Uma outra maneira é ver a cidade real nos seus aspectos plurais, porque é nela que se fundem práticas e diferentes modos de ver. “Planejar a cidade é ao mesmo tempo pensar a própria pluralidade do real e dar efetividade a este pensamento do plural: é saber e poder articular” (CERTEAU, 2008, p. 172).

Caxias-MA, ao longo dos tempos, tem se mostrado aos seus moradores como um texto em constante alteração e com possibilidades de expressar diversos significados e ambiguidades. A cidade se coaduna com o que diz Certeau, ou seja, ela se inventa para

além da “Cidade–panorama” e da visão dos seus administradores, o que permite a elaboração de outras práticas e novos discursos.

a partir dos limiares onde cessa a visibilidade, vivem os praticantes ordinários da cidade. Forma elementar dessa experiência, eles são caminhantes, pedestres, Wandersmänner, cujo corpo obedece aos cheios e vazios de um “texto” urbano que escrevem sem poder lê-lo. Esses praticantes jogam com espaços que não se veem; têm dele um conhecimento tão cego como no corpo-a-corpo amoroso. (CERTEAU, 2008, p. 171).

Utilizar a fotografia revelada por Sinésio para discutir essa temática torna-se, então, pertinente, considerando a possível reflexão sobre a pluralidade de sentido que a cidade evoca para os seus moradores e de como ela se assemelha com as possíveis leituras de uma imagem fotográfica. Segundo Mauad (2008, p. 22) “a fotografia é uma fonte histórica que demanda, por parte do historiador, um novo tipo de crítica (...) não importando se o registro foi feito para documentar um fato ou representar um estilo de vida”. Assim, abordar o cotidiano de Caxias/MA, através dos cliques de Sinésio Santos nos permitirá visitar, também, os espaços ocupados pelos seus moradores. Esses sujeitos, ao utilizarem os espaços urbanos, atribuem-lhe novos sentidos e usos, nem sempre percebidos pelos outros moradores da cidade. Mas, o fotógrafo Sinésio Santos não somente os viu como os retratou no cotidiano da cidade. Um exemplo do que falamos são as imagens a seguir (Figuras 48 e 49) que explicitam um cenário caxiense recorrente, em tempos passados. São as choupanas daqueles habitantes pertencentes a grupos sociais menos favorecidos, ou de pessoas procedentes da zona rural, cujas práticas de morar se assemelham às vivenciadas no lugar de origem: tipo de construção, uso de animal como meio de transporte, vasta vegetação no entorno das moradias, falta de iluminação pública. Observando essas particularidades do cotidiano desses moradores, percebe-se um rompimento com o modelo de cidade pensado pelo sistema urbanístico e praticado por seus gestores. “A vida urbana deixa sempre mais remontar àquilo que o projeto urbanístico dela excluía” (CERTEAU, 2008, p. 174).

Figura 49 - Área periférica de Caxias/MA



Fonte: Acervo do fotógrafo Sinésio Santos.

A cidade, segundo Certeau, “instaurada pelo discurso utópico e urbanístico é definida pela possibilidade da produção de um espaço próprio, do estabelecimento de um não-tempo e pela criação de um sujeito universal e anônimo que é a própria cidade” (CERTEAU, 2008, p. 172-173). Assim, observa-se que as práticas cotidianas dos moradores que modificam os espaços com suas estruturas fora dos padrões, aspectos que incluem invasões para obtenção de espaço para moradia, ocupação de ambiente para venda clandestina de mercadorias, são ações de ordem política, as quais geram conflitos entre os gestores e aqueles que vivenciam tais práticas. Para Certeau (2008, p. 174) a linguagem do poder “se urbaniza”, mas a cidade se vê entregue a movimentos contraditórios que se compensam e se combinam fora do poder panóptico (2008, p. 174).

A explicação para essas distorções deve levar em conta que, para a edificação do espaço urbano, são considerados alguns vetores que se configuram como subsídios para a sustentação da cidade, tais como: a força gestora, os gerenciadores do capital, os responsáveis pelas edificações arquitetônicas da cidade, ou seja, tanto os possuidores dos saberes sobre arquitetura, quanto aqueles que utilizam os espaços com suas práticas cotidianas. Tais vetores, ao se entrecruzarem, podem criar propostas diferentes para o espaço urbano, (des) alinhando sua imagem, criando diferentes cenários. No que se refere ao poder institucional (força gestora) e aos conhecimentos científicos, a cidade é organizada com base em normas e leis urbanísticas, com destaque a um planejamento espacial. Tal planejamento, quase sempre está atrelado a uma proposta que se distancia das necessidades particulares, e que despreza o aspecto social, não sendo, nesse sentido, eficiente para os seus moradores.

O que se vê na fotografia abaixo (Figura 50), registrada por Sinésio Santos, nos anos 1970, é um centro urbano ainda desprovido de comércio ambulante e sem grande circulação, o que não significa dizer que, na referida época, não existiam tais movimentos comerciais, mas que esses eram deslocados para outras áreas da cidade, onde não competiam com aqueles de construção edificada.

Figura 50 - Centro comercial de Caxias/MA



Fonte: Acervo do fotógrafo Sinésio Santos.

A proliferação mercadológica dos setores de maior poder econômico nos espaços da cidade interfere nos segmentos de menor poder político e econômico. Estes setores estabelecem relações com um espaço macro e micro, envolvendo práticas que vão desde o olhar para a cidade até ações como caminhar, observar os andantes, comercializar, conversar nas calçadas. Esses são os entendimentos sobre o cotidiano que também se reportam aos hábitos dos sujeitos no seu dia-a-dia. É nessa configuração que a cidade se movimenta, as pessoas pelas ruas e calçadas constroem histórias, leem e produzem imagens, acessam a memória, atualizam as informações e, assim seguem, no exercício de ir e vir pela *urbe*. “Em suma, o *espaço é um lugar praticado*. Assim, a rua geometricamente definida pelo urbanismo é transformada em um espaço pelos pedestres” (CERTEAU, 2008, p. 202).

Em se tratando dos espaços fotografados por Sinésio, é importante registrar o uso da perspectiva em várias fotografias capturadas pelo autor, técnica utilizada pelos pintores renascentistas para dar maior realismo à imagem. Observamos, por exemplo, que na foto acima (Figura 50), o fotógrafo lança mão dessa técnica, o que dá ao observador uma ideia do tamanho da rua, pois além da altura e largura (1ª e 2ª dimensões) é possível visualizar a

profundidade (3ª dimensão), o que seria uma ilusão de ótica, ou seja, impressão de tridimensionalidade da fotografia.

Os moradores que observam a cidade percebem os passantes, da calçada de suas residências (Figura 51), um lugar onde sempre está presente uma testemunha ocular dos acontecimentos diários. Caminhar pela cidade é uma atividade pautada no sentir e no ver, as imagens do cenário do espaço urbano vão se (re)construindo ou se alterando a partir da sensibilidade e do olhar de cada um. É nesse panorama que os espaços (as casas, os prédios, os becos, as ruas), na visão dos andantes, ganham sentido e se tornam expressivos. Ainda mais quando o andante é um fotógrafo que, ao circular pela cidade, consegue perceber nuances talvez nunca vistas e observá-las de maneira própria.

Figura 51 - Centro Histórico- década de 1960



Fonte: Acervo do fotógrafo Sinésio Santos.

Assim é que as imagens constituídas de uma cidade não são homogêneas, mas plurais, considerando os diversos trajetos que são permitidos seguir e os diferentes olhares que se têm sobre ela. Para Certeau (2008, p. 171), “as redes dessas escrituras avançando e entrecruzando-se compõem uma história múltipla, sem autor nem espectador, formado em fragmentos de trajetórias e em alterações de espaços”.

Figura 52 - Centro Histórico de Caxias-MA – década de 1960



Fonte: Acervo do fotógrafo Sinésio Santos.

O centro histórico de Caxias (Figura 52) é concebido como um lugar de passagem. Todos por ali transitam diuturnamente, desde tempos anteriores, quer seja para conversar, fazer compras, buscar trabalho, procurar imóveis, enfim, andam, às vezes, sem objetivo definido, simplesmente, passeiam. Para Certeau (2008, p. 202), “o espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam”. Mas o olhar de cada um dos transeuntes não é o mesmo, diferenciando-se também do olhar dos que se põem a observar da calçada. Esses assistem de um ponto fixo toda a movimentação, àqueles constroem diversas ideias acerca do espaço, se movimentam, captam características diversas. Segundo as análises do citado historiador,

Os processos do caminhar podem reportar-se em mapas urbanos de maneira a transcrever-lhes os traços (aqui densos, ali mais leves) e as trajetórias (passando por aqui e não por lá). Mas essas curvas em cheios ou em vazios remetem somente, como palavras, à ausência daquilo que passou. Os destaques de percursos perdem o que foi: o próprio ato de passar a operação de ir vagar ou “olhar as vitrines”, noutras palavras, a atividade dos passantes é transportar em pontos que compõem sobre o plano uma linha totalizante e irreversível. (CERTEAU, 2008, p. 176).

Os passos dos andantes criam espaços, assim como criam e atualizam os discursos sobre a cidade. Nessa perspectiva, o ato de andar é comparado ao de falar. Utilizando-se de metáforas e estabelecendo analogias, essa ideia é defendida por Certeau (2008), para quem o ato de caminhar está ancorado em uma tríplice função enunciativa, a qual seria, em primeira instância, o processo de *apropriação*, considerando que o pedestre, ao andar pela cidade, se apropria do “sistema topográfico” (grifos do autor) da mesma forma que o falante se apropria da língua para interagir com os outros, assim, pode-se postular que o

sujeito, ao andar pela cidade, experimenta de forma concreta e subjetiva o cotidiano dos espaços urbanos; a segunda função diz respeito à *realização* espacial do lugar, (assim como o discurso se realiza a partir do exercício da fala); e, por último, o ato de andar implica *relações*, ou seja, acordos práticos (assim como os interlocutores estabelecem contratos para o uso efetivo da linguagem, sob pena de haver ruído na comunicação). Assim, “o ato de caminhar parece, portanto, encontrar uma primeira definição como espaço de enunciação” (2008, p. 177).

Por meio das relações que são estabelecidas com os espaços, criam-se significados para as práticas cotidianas. Por exemplo, existem lugares privados de acesso e outros de entrada permitida, nesse caso, os andantes, por meio das experiências vivenciadas e adquiridas durante os percursos pela cidade, realizam suas escolhas, obedecendo às normas topográficas ou rompendo com elas. O ato de caminhar não se constitui apenas como ato físico em si, mas também nas escolhas que se faz, nos percursos a serem trilhados. “A arte de ‘moldar’ frases tem como equivalência a arte de moldar percursos” (2008, p.179).

Durante muito tempo, em Caxias-MA, as ruínas da Guerra da Balaiada (Figura 53), por exemplo, era um espaço que poucos andantes elegiam como significativo, talvez dada a sua localização (no alto do Morro do Alecrim³⁷), dificultando a circulação dos andantes ou mesmo pelos cuidados das autoridades em tornar tal espaço reservado apenas para momentos solenes ou de visita para turistas, o que fazia criar uma simbologia do lugar como um ambiente que não podia ser utilizado cotidianamente pelos seus moradores, espaço que necessitava ser protegido. Hoje, o cotidiano da cidade foi alterado, transformando esse espaço, antes não percorrido, numa dinâmica de circulação efetivamente construída a partir das escolhas dos seus transeuntes, como também dos sentidos que o espaço passou a produzir para cada sujeito.

³⁷ Espaço onde ocorreu, no período de 1838-1841, a Guerra da Balaiada, lugar de preservação de parte da história de Caxias/MA. Área que, em 1997 foi escavada e, em 2004, construído e inaugurado o Memorial da Balaiada.

Figura 53 - Ruínas da Guerra da Balaiada – década de 1960



Fonte: Acervo do fotógrafo Sinésio Santos.

O caminhante, ao observar as determinações de percursos delineados pelos padrões urbanísticos, procura eleger os trajetos e os espaços de acordo com a sua ordem de importância, afastando os que não lhes são significativos ou que não fazem parte do seu cotidiano.

O caminhante transforma em outra coisa cada significante espacial. E se, de um lado, ele torna efetivas algumas somente das possibilidades fixadas pela ordem construída (vai somente por aqui, mas não por lá), do outro aumenta o número dos possíveis (por exemplo, criando atalhos ou desvios) e o dos interditos (por exemplo, ele se proíbe de ir por caminhos considerados ilícitos ou obrigatórios). Selecciona, portanto (CERTEAU, 2008, p. 178).

É, então, pela maneira de se apropriar dos espaços e do uso feito pelos caminhantes, um uso que foge aos padrões urbanísticos, ou seja, clandestino, que a cidade se torna um lugar praticado, repleto de atalhos, com situações diversas. A caminhada traça sua própria organicidade, sua prática cria trajetos e o caminhante vai, aos poucos, estabelecendo relações com o espaço. “A caminhada afirma, lança suspeita, arrisca, transgride, respeita etc., as trajetórias que ‘fala’” (CERTEAU, 2008, p.179). O movimento do cotidiano não obedece a regras, são os praticantes que tentam construir suas próprias normas, instituindo, assim, a subjetividade espacial, atribuindo significados a eles. A cidade vai se transformando em um texto em constante construção, à medida que seus espaços vão sendo percebidos por meio das práticas de seus habitantes. É com este entendimento de cidade que analisamos o olhar fotográfico de Sinésio Santos sobre Caxias.

3.2 As imagens como elementos constitutivos da narrativa histórica sobre Caxias

A imagem fotográfica produzida por Sinésio Santos nos parece emergir como um relato dos acontecimentos da cidade, ressaltando as memórias e as histórias de Caxias, um histórico que vai desde os acontecimentos mais particulares aos públicos. A segunda metade do século XX foi registrada pelas lentes do fotógrafo que, com seus cliques construiu uma narrativa da vida urbana caxiense com suas transformações, seu progresso, seu crescimento, como também suas perdas e mazelas. Nesse contexto, e, a partir das imagens coletadas no acervo do autor, buscamos enfatizar a composição da narrativa-visual de Caxias, destacando o modo como Sinésio representou a urbe por meio das imagens por ele capturadas. “A fotografia comunica por meio de mensagens não-verbais, cujo signo constitutivo é a imagem” (MAUAD, 2008, p. 29). Um exemplo do que falamos é a imagem (Figura 54) que representou, no século XIX, um importante espaço de Caxias. Fundada em 1889, a Companhia de Fiação União Têxtil Caxiense S/A, cuja falência se deu nos anos 1950, teve imensa significação para os moradores, pois dali, até meados do século passado, muitas famílias tiravam o seu sustento.

A fábrica era sinônimo de progresso. A imagem hoje faz parte da narrativa histórica de uma grande população que exerceu suas atividades laborais na manufatura e que guardam na memória os tempos que já se foram. Tal imagem é portadora de infinitas histórias: mulheres pobres que buscavam nessa indústria um fio de esperança para sobreviver em meio às turvas dificuldades da época, período em que a manufatura era um dos maiores centros empregatícios de Caxias para as figuras femininas. As narrativas construídas em torno dessa foto representam uma fatia do tempo de cada pessoa que ali trabalhou, de cada morador, como também das experiências vivenciadas na época. Para Martins (2008, p. 45),

A fotografia vista como um conjunto narrativo de histórias, e não como mero fragmento imagético, se propõe como memória dos dilaceramentos, das rupturas, dos abismos e distanciamentos, como recordação do impossível, do que não ficou e não retornará. Memória das perdas. Memória desejada e indesejada. Memória do que opõe a sociedade moderna à tradicional, memória do comunitário que não dura, que não permanece [...] Memória de uma sociedade de perdas sociais contínuas e constitutivas, de uma sociedade que precisa ser recriada todos os dias...

É interessante dizer que, com base nas pesquisas, tal fotografia constitui-se de uma reprodução idealizada e realizada por Sinésio Santos, uma vez que esta construção fabril, se reporta a uma época significativa da história caxiense, isto é, o período do

algodão. Além disso, ela registra uma arquitetura hoje transformada em patrimônio do lugar. Sinésio, como podemos observar, dá outra dimensão à essa fotografia, passando a reproduzi-la no formato de cartão postal. Isto faz todo o sentido, pois é uma imagem que veio simbolizar uma época de grande conquista e desenvolvimento para o município, daí a ideia de propagar para o resto do país o avanço econômico alcançado com o advento da fábrica. Nesse sentido, o postal atingiria um grande público. Segundo Almeida (2017, p. 23), “é precisamente essa imensa dimensão comunicante que amplia o âmbito, por assim dizer, modernizante do postal ilustrado”, acrescenta, ainda, o citado autor que “com o desenvolvimento das técnicas de impressão e, simultaneamente, com a invenção da fotografia, o postal apareceu como um sinal eufórico, anunciador da modernidade” (ALMEIDA, 2017, p. 19). Nesse sentido, o fotógrafo escolheu para representar a cidade em cartão postal, uma vez que seria algo que correria o país afora, a imagem daquilo que, além de explicitar o desenvolvimento econômico da região, também, durante muito tempo, foi uma das mais importantes arquiteturas que simbolizava a identidade dos moradores do lugar, tenham eles desenvolvido ou não suas atividades laborais naquele espaço, ou fossem ricos ou pobres, mas ali se constituía um símbolo de Caxias.

Figura 54 - Companhia de Fiação e Tecidos União Têxtil Caxiense S/A



Fonte: Acervo Fundo de Memória Sinésio Santos.

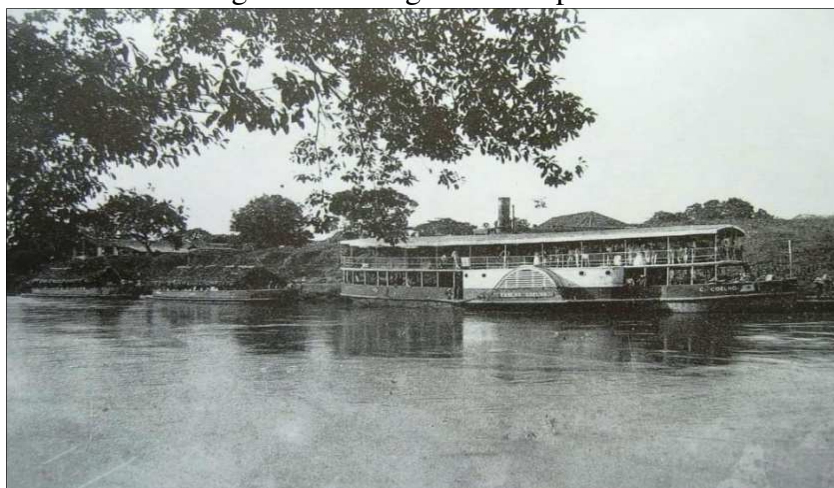
Hoje, nesse local, já não funciona a fábrica, já não existe essa paisagem bucólica, tudo isso abriga órgãos públicos. Em seus arredores, hoje, ocupam lugar o grande comércio e a praça. A estrutura física do prédio permanece, mas as lembranças ficaram guardadas só na memória dos mais longevos moradores. Para os mais jovens, ficaram as histórias que são narradas e (re)contadas, como também as imagens reveladas pelo artista, testemunha

daquilo que um dia representou o avanço e que permite mostrar, atualmente, realidades não mais vividas pelos atuais habitantes de Caxias. Nesse caso, estamos de acordo com Pesavento (2008) quando diz que “a imagem é uma narrativa que conta e explica algo”, (PESAVENTO, 2008, P.108).

Sinésio Santos, ao longo da sua trajetória como fotógrafo, também registrou importante época da história da cidade, quando grande parte da população utilizava pequenas embarcações como meio de transporte (Figura 55), navegando pelo Rio Itapecuru, uma via bastante movimentada e que também barateava os custos com locomoção. Para retratar o cotidiano urbano, a navegação constituiu-se, até meados do Século XX, em um importante meio de transportar pessoas e o rio mostrava-se como um atraente caminho para se fazer a travessia da cidade. É interessante destacar, ainda, que a fotografia retrata um ambiente bastante ecológico, com um rio em plena movimentação, num período em que a cidade se encontrava em harmonia com a natureza, sem poluição e sem agressão ao espaço natural. O Itapecuru era o rio que propiciava a pesca para a manutenção da subsistência de muitos moradores, sem subtrair dele recursos que prejudicassem o seu curso ou causasse danos à natureza. O rio de outrora também era visto como espaço de lazer, como foi possível perceber na imagem (Figura 56). Atualmente, esse cenário foi alterado. Os transportes foram substituídos; os passeios de canoa cederam lugar para outras atividades, considerando que as ações que vêm sendo desenvolvidas pelo homem, ao longo dos tempos (desmatamento, construção às margens do rio, poluição, entre outros), não permitiram mais que se desfrutasse dos benefícios promovidos pelo Itapecuru, ficando esses eventos registrados, tão somente, na narrativa visual de Caxias registrada por Sinésio Santos.

Nessas fotos, vimos que os registros de nosso personagem retratam paisagens urbanas que dão conta de um dos meios de transporte utilizados pelos moradores do período. São momentos em que consegue flagrar uma época em que o Rio Itapecuru oferecia à comunidade um caminho, uma alternativa para o movimento de ir e vir dos moradores.

Figura 55 - Imagem Rio Itapecuru



Fonte: Acervo do fotógrafo Sinésio Santos.

Figura 56 - Imagem Rio Itapecuru anos 1980



Fonte: Acervo do fotógrafo Sinésio Santos.

Observando a foto acima (Figura 56), além da barca com os passeantes, verificamos, ao fundo, a existência do Restaurante Flutuante. Esse restaurante submergiu há quase três décadas, mas sua imagem permaneceu na fotografia e na memória dos antigos frequentadores que apreciavam degustar um peixe no balanço das águas do Itapecuru. Segundo Côrte (2012, p. 84), “a dimensão visual de uma cidade se compõe de muitos textos, ou seja, do entrecruzamento de diversos símbolos e discursos oriundos de tempos e espaços diversos. Juntos formam uma narrativa que alimenta nossa memória visual”.

Figura 57 - Festa em comemoração ao Dia 1º de Maio.
 União Artística Operária Caxiense – década de 1980



Fonte: Acervo do fotógrafo Sinésio Santos.

A câmera fotográfica de Sinésio Santos flagrou, também, cenas do cotidiano caxiense quando registrou momentos importantes da vida de seus moradores. Caxias, ao longo da sua história, comemorou, com muito rigor e muita festa, o Dia 1º de Maio (Figura 57), data da fundação da União Artística Operária Caxiense, clube fundado, em 1º de Maio de 1915, por um grupo de artesãos, músicos e operários das fábricas têxteis de Caxias. Embora a imagem capturada focalizasse a arquitetura do prédio, a ideia, ao que parece, não era destacá-lo, mas evocar, considerando a data, o que o edifício representava para a categoria de trabalhadores. As festividades alusivas ao aniversário da fundação da União Artística, na data em que se comemorava o Dia do Trabalho, eram realizadas com muita pompa. Ali os homens trajavam-se de terno e gravata, exigência essa para todos que pretendiam desfrutar do espaço. A foto faz referência à importância dessa data cuja comemoração se fazia com baile, fogos de artifício, discursos, hasteamento da bandeira, entre outros rituais. Sinésio Santos, embora, na época, ocupasse cargo na diretoria do clube, dispensava um momento da festa para exercer a arte que melhor sabia fazer: fotografar.

Esses registros permitem, atualmente, mexer com as lembranças dos moradores da cidade porque as imagens fotográficas permitirão a (re) constituição das narrativas que estão na memória da coletividade, uma vez que essa atividade social (baile do dia 1º de maio) deixou de ser realizada na década de 1990. O espaço que outrora foi palco de grandes realizações, hoje se encontra em ruínas, descaracterizado, sem resquício das atividades realizadas nas décadas passadas, existindo apenas nas imagens deixadas pelo

fotógrafo. Hoje, com as mudanças de ordem política em Caxias e em todo o país, as comemorações foram substituídas por movimentos de caráter reivindicatório, passeatas, distribuição de panfletos com palavras de ordem, reuniões sindicais, entre outras ações. Essas fotos servirão, ainda, para que se possa confrontar o passado com o presente, analisar as razões das mudanças de postura da população em relação às comemorações festivas, como também despertar, na memória daquelas pessoas que vivenciaram o momento, sentimentos de nostalgia dos lugares que movimentaram a vida dos caxienses em um outro tempo. Para Machado Jr. (2009, p. 33),

Como objeto imóvel e estático, a fotografia pode representar sua condição no tempo presente. Como objeto iconográfico pode, no caso das imagens que representam a presença de pessoas, reconstituir o que levou aquelas *personagens* a estarem ali, assim, daquele jeito, naquele momento, criando posteriormente, verdades visuais e supondo, no âmbito do imaginário de quem as observa, possíveis desenlaces. (MACHADO JÚNIOR, 2009, p. 33).

Os membros da elite de Caxias se entretinham, num outro espaço da cidade: o Clube Cassino Caxiense (Figuras 58 e 59). Durante muitas décadas, embalados pela voz de cantores globais, do conjunto musical *Renato e seus Blue Caps*, da banda caxiense *Jomar Tempo 3*, *Hermógenes Som Pop* e outros importantes conjuntos musicais locais, a sociedade desfrutou de grandes momentos festivos, como carnaval, réveillon, aniversário da cidade, enfim, festas pomposas em que a fina flor caxiense se reunia, até os anos 1990, para celebrar datas importantes. O Cassino, que foi palco de grandes realizações, de grandes encontros, era espaço reservado apenas a uma camada da sociedade considerada de prestígio social³⁸. Entretanto, o glamour que ali existiu pode ser conhecido e guardado graças às imagens fotográficas capturadas pelas lentes de Sinésio Santos, que, durante muito tempo, podia entrar para exercer a função de fotógrafo, mas não para se divertir. Era a força do racismo que vigorava ainda naquele meio. Entretanto, foi com essa profissão que o autor conseguiu romper barreiras e se transportar para estes espaços antes privados. Atualmente, o prédio se encontra em completa decadência, sem prestar qualquer serviço à comunidade. Aqueles que viveram tal época hão de refletir que as histórias sobre o deslumbre vivido, sobre o glamoroso clube que abrigava a sociedade caxiense se faz acompanhar das imagens fotográficas registradas por Sinésio.

³⁸ Em um passado bem distante a diretoria do Cassino, como já apontamos no capítulo 2, negou a proposta de Sinésio para tornar-se sócio.

Figura 58 - Cassino Caxiense - criado em 1934- imagem do prédio, erguido em 1963



Fonte: Acervo Fundo de Memória Sinésio Santos.

Figura 59 - Baile de Carnaval no Cassino Caxiense – anos 1960



Fonte: Acervo do fotógrafo Sinésio Santos.

Situada no centro da cidade, a Rua 1º de Agosto, onde se localiza o antigo Cassino, a área é marcada, atualmente, pela presença de órgãos públicos e privados, escritórios, clínica, enfim, por um conjunto de salas que caracterizam uma área comercial. Até meados da década de 1980, a rua abrigava apenas residências familiares, entre elas, a Delfilândia (Figura 60), prédio que designava a casa do Sr. Delfino, rico empresário, que, na década de 1920, ocupou a cadeira de vice-prefeito da Caxias. A moradia representava a modernidade da época, ladeada por muretas, deixando seu alpendre à mostra, contrapondo-se à arquitetura atual, quando prevalece o modelo cercado de proteção. Em frente à casa da família, estacionava um dos poucos automóveis que circulava na cidade, objeto de luxo do momento, sendo possuidores apenas os mais abastados. O carro de passeio simbolizava o poder dos burgueses caxienses na década de 1950, período marcado por dificuldades

financeiras para aqueles que sofreram com a falência da Manufatura Têxtil, fechada nessa década.

Figura 60 - Residência da família do Sr. José Delfino/ década de 1950



Fonte: Acervo do fotógrafo Sinésio Santos.

A referida casa que, atualmente, vem servindo de abrigo para alguns transeuntes, cuja arquitetura se desfez em ruínas, já recepcionou inúmeras autoridades, já foi palco de variadas festividades familiares e sociais, chamando a atenção dos passantes pelos janelões, assim como dos seus visitantes pela mobília colonial que ornamentava a residência. A imagem fotográfica, nesse caso, funciona como facilitadora de uma narrativa que descreve um passado, cujos fios de memória das gerações e herdeiros que por ali passaram compartilham da construção dessa história. Contudo, é importante destacar, ainda, que a imagem da casa com a identificação de seu proprietário no alto do prédio são frações que, além de ajudar na narrativa sobre a família, colaboram, sobremaneira, para a tessitura de um texto visual sobre os costumes de uma dada época. Como bem define Mauad, (2008, p.36), “toda imagem é histórica. O marco de sua produção e o momento da sua execução estão, indefectivelmente, decalcados na superfície da foto, do quadro, da escultura, da fachada do edifício”.

Como todo texto imagético, a fotografia ajuda a rever histórias, analisá-las, produzir narrativas, revelar episódios, denunciar aspectos sociais, culturais, enfim, construir cenas da vida pública e privada, dos cenários urbanos, processos esses elucidados a partir do conteúdo oriundo de um conjunto de informações que refletem a realidade do

espaço, do tempo, do objeto, do contexto ou da pessoa retratada. É nesse sentido que as fotos reveladas por Sinésio Santos podem ser evidenciadas, oportunizando a construção de uma narrativa visual caxiense. Assim, buscamos, nessas imagens, panoramas que comunicam e narram aspectos culturais, históricos, sociais e familiares do cotidiano caxiense de outrora. Segundo Mauad (2008, p. 25), “na qualidade de texto, [...], a fotografia deve ser concebida como uma mensagem que se organiza a partir de dois eixos: expressão e conteúdo”. Nesse caso, o que a foto irá contar será determinado por aquilo que os elementos visuais representam na imagem.

Essas narrativas visuais além de se constituírem como lugares de memória dos caxienses, são capítulos de histórias, cujos enredos descrevem o cenário urbano de uma dada época: Os anos 1950 a 1990. Entretanto, é importante pensar na possibilidade de Sinésio fotografar prédios e residências de pessoas consideradas da elite caxiense como uma forma de divulgar o seu trabalho, de fazer circular nos meios sociais imagens que veiculam poder, beleza e que chamam atenção pelo valor que representam, talvez possamos pensar nesse arranjo por ele utilizado como táticas para conseguir aceitação no mercado e, também, prestígio social.

3.3 A construção da memória da cidade pela fotografia

Como fotógrafo, Sinésio Santos da Silva, por mais de quatro décadas (1950 a 1990), produziu um álbum sobre a cidade e seus moradores, que veio a compor diversas narrativas. Trabalho esse que revela hábitos, cultura, modo de vida, relações políticas, enfim, constroem verdadeiros textos sobre autoridades, personalidades civis e militares, personagens artísticos, espaços, enfim, tudo que pôde ser capturado. Temos em vista, na análise que fazemos, que a fotografia é “constituída por grandes e pequenos eventos, por personalidades mundiais e por gente anônima, por lugares distantes e exóticos e pela intimidade doméstica, pelas possibilidades coletivas e pelas ideologias oficiais”. (MAUAD, p. 5, 1996).

Selecionamos, por isso, algumas imagens fotográficas que dão conta da polissemia temática retratada por Sinésio Santos, ao longo da segunda metade do século XX, em Caxias/MA. Para as etapas que seguem, escolhemos analisar as temáticas da cidade de Caxias a partir de outros recortes como os da família, da sociabilidade e da política, apresentando, entre as temáticas citadas, imagens que retratam os mais humildes. Entendemos que esse conjunto temático responde ao trabalho a que nos propusemos como

também são imagens, entre várias, recorrentes em seu acervo. O acervo do autor, para além do recorte analisado, permite-nos conhecer a trajetória fotográfica de Sinésio Santos, assim como suas relações com a sociedade caxiense que é dada pelas fotos e depoimentos. É importante dizer ainda que tais registros (re) ativarão, provavelmente, a memória de muitos sujeitos, considerando que, após a divulgação da presente tese, como também da publicação do livro *Sinésio Santos: a cidade e os olhos*, ação já realizada, cuja menção foi feita na introdução do presente texto [Projeto Fundo de Memória Sinésio Santos], os caxienses terão, ainda mais, acesso a fotografias que marcaram época na vida pública e privada da cidade.

Necessário se fez, também, buscar informações com a família de Sinésio, no sentido de solicitar alguns esclarecimentos acerca do espaço, tempo e acontecimentos narrados na imagem, como também em alguns testemunhos capazes de elucidar dúvidas sobre datas de determinados eventos, uma vez que a câmera fotográfica de Sinésio Santos capturou as mais significativas imagens, as quais vieram a fazer parte de uma narrativa sobre Caxias e seus moradores, assim como testemunhar e acompanhar as diversas transformações pelas quais a cidade passou. “A imagem fotográfica fornece provas, indícios e funciona sempre como documento iconográfico acerca de uma realidade, um testemunho que contém evidências sobre algo que em algum momento existiu”, afirma Neumann (2015, p. 41). Vale dizer, ainda, que Sinésio compôs o seu acervo sobre várias temáticas fotográficas, mas foi o espaço urbano uma das mais evidenciadas, conforme elucidamos na análise até aqui desenvolvida.

Quanto às temáticas abordadas nesta parte da tese (3.3), as quais seguem até o quarto capítulo, estão assim constituídas:

Quadro 1 – Distribuição de temáticas fotográficas

Temática	Quantidade de fotos apresentadas	Características das imagens
Cidade	17	Fotografias compostas de prédios, ruas, monumentos e praças de Caxias.
Família	16	Imagens de encontros e comemorações familiares.
Sociabilidade	10	Fotos que retratam reuniões de grupo, festas e jogos.
Política	09	Registros que testemunham acontecimentos que se reportam aos gerenciadores do poder público, tais como presidentes, senador, prefeitos e deputados.

Para retratar a cidade de tempos passados, buscamos imagens que fazem referência a lugares, cujas características paisagísticas foram alteradas pela modernidade, pelo seu desenvolvimento urbano e que sejam fornecedoras de informações acerca de um determinado período. As imagens produzidas por Sinésio Santos sobre a cidade nos parecem formar um texto que, comparado com as imagens atuais, levam-nos a compreender a trajetória de nosso personagem. Para explicitar o exercício proposto, faremos uma abordagem mais detalhada da proposta de análise levantada para os dois próximos capítulos.

A paisagem urbana de Caxias da qual já falamos anteriormente é aqui representada nas fotografias de Sinésio Santos por lugares que dão indícios do processo de transformações urbanas, a partir de prédios públicos, comerciais, privados e espaços de lazer, conforme já evidenciados nas imagens anteriores. O centro histórico da cidade é organizado por um conjunto de ruas, prédios e praças que vão se tecendo uns aos outros até se constituírem em mosaico onde se misturam o moderno e o antigo. Na década de 1960, mais precisamente em 1968, Caxias inaugura o prédio da Casa da Justiça (Figura 61), situado em frente à Praça Gonçalves Dias, órgão em que se centraria o poder judiciário, onde também funcionou, nas décadas de 1960 – 1970, o Grupo Escolar João Lisboa, como também o Grupo Escolar Gonçalves Dias.

Atualmente, com as crescentes alterações urbanas, o prédio passou a abrigar secretarias ligadas ao poder público municipal, perdendo sua antiga função. A fotografia do Fórum constrói, agora, inúmeras narrativas acerca da história da cidade, desde as

lembranças dos ex-alunos das escolas, aos funcionários e àqueles que desempenharam funções laborais, até os anos 2000, no Fórum de Caxias.

Figura 61 - Casa da Justiça – década de 1970



Fonte: Acervo do fotógrafo Sinésio Santos.

Dissecando a foto, vemos no primeiro plano inúmeras palmeiras. Essas, mesmo estando erguidas na praça, em frente à Casa da Justiça, foram retratadas de forma a emoldurar o prédio. Provavelmente, esse tenha sido o propósito do fotógrafo, já que tais árvores são as mesmas cantadas nos versos gonçalvinos “minha terra tem palmeiras, onde canta o sabiá...”, os quais são conhecidos mundialmente e que, para os caxienses, simbolizam a região, sendo, portanto, preservadas pelos moradores.

Na história, essa região, por ser uma das maiores produtoras do babaçu passou a ser reconhecida como Terra das Palmeiras, o que leva os habitantes a manter tal árvore como elemento simbolizador da identidade regional. Considerando que esse aspecto identitário sempre esteve arraigado na memória dos habitantes, possivelmente, nessa imagem, Sinésio tenha retratado as palmeiras de forma consciente, intencionando, dessa forma, exaltar a importância de Caxias para a economia local, quando do expressivo trabalho de exportação da produção do babaçu. Além de servir, ainda, como tema para os cânticos da terra, tais palmeiras motivaram a criação de uma lenda caxiense, a qual foi, ao longo dos tempos, mantida no imaginário dos moradores. Segundo o folclore, a existência dessas palmeiras manteria o sucesso de um determinado empresário caxiense. Entretanto, quando, duas delas (se encontravam lado a lado) viessem ao chão, seria a falência desse grande empreendedor, o que veio a ocorrer de fato. Tal mito, que circulou por toda a

localidade e arredores, pode também ter sido a razão pela qual o fotógrafo enquadrou as palmeiras no registro, pois, de certa forma, seria uma exaltação a essas simbologias.

A fotografia acima, além de relatar histórias, preservar memórias, registra aspectos da cidade já modificados. A citada praça, conforme é lembrada por muitos moradores, era lugar de encontro dos casais, onde havia uma espécie de ritual: as mulheres, à noite nos finais de semana, ao saírem para passear, caminhavam circulando a praça no sentido horário, enquanto os homens faziam o trajeto inverso, o que acabava provocando o encontro entre os casais, podendo, dessa forma, se iniciar um namoro. Tal hábito perdurou por muito tempo em Caxias. Atualmente, a essa paisagem foram agregados outros elementos, como vendedores ambulantes, inexistentes na época; grades torneando os jardins. O romantismo dos encontros se eternizou apenas na fotografia e na memória daqueles que se enamoravam. A imagem trazida pela foto brinda os sujeitos com as reminiscências, ao trazerem à tona momentos passados, cujos sentidos dependem daquilo que a imagem pode despertar em cada um. Isso significa que “a imagem é portadora de significados que são construídos e/ou descobertos por aquele que pensa, enquanto olha ... Da visão ao olhar – que constitui o *ver*, mas estabelecendo significados e correlações -, uma operação mental introduz-se”. (PESAVENTO, 2008, p. 101).

Figura 62 - Praça Rui Barbosa década de 1970



Fonte: Acervo Fundo de Memória Sinésio Santos.

Na figura 62, a Praça Rui Barbosa, endereço do atual Banco do Brasil, Sinésio Santos revela também o centro da cidade, em que se combinam o novo e o antigo (calçamento de pedra), com um cenário urbano onde as construções residenciais trazem outro estilo arquitetônico, cujas casas já não são construídas seguindo o modelo de uma

arquitetura colonial, com imagens residenciais, em que as inúmeras janelas e portas foram substituídas por muretas. Mais tarde, tal cenário foi remodelado, trazendo outra paisagem diferente da que exibe a foto.

Figura 63 - Praça Rui Barbosa década de 1990



Fonte: Acervo Fundo de Memória Sinésio Santos.

Esse espaço já não abriga mais famílias, mas o comércio (Figura 63), cuja imagem retrata o mesmo espaço, mas já bastante modificado. A modernização, nessa época passa a tomar lugar no cenário urbano. O calçamento de pedra (Figuras 62 e 64) foi substituído por asfalto, um ato que descaracterizou a estrutura paisagística de um período da história, ficando gravado apenas nas fotografias. É importante registrar que a substituição do calçamento se caracterizou como um cumprimento da vontade política e não da população, atitude que provocou polêmica entre os moradores, daí, também, a importância de resguardar imagens de um aspecto da cidade que, para poucos, significou modernidade. Assim, as imagens vão narrando e rememorando cada período pelo qual passou a cidade. Segundo Rocha & Eckert (2010, p. 85), “imagens da cidade vivida povoam nossas memórias”.

Figura 64 - Rua 1º de Agosto – década de 1960



Fonte: Acervo do fotógrafo Sinésio Santos.

Ampliando o olhar sobre a figura nº 64, é possível dizer que nos anos 1960 ainda era um acontecimento assistir ao desfile de ordem unida de praças e soldados, como se vê na foto. A população acompanhava das janelas dos edifícios e da rua e as crianças repetiam o gesto garboso dos que desfilavam. Ao fotógrafo ficou a importância do registro da cena.

Registrar as celebrações religiosas também era uma constante entre as preferências de Sinésio, ainda que se tratasse de uma reprodução, visto que o autor, além de ser católico, gostava também de se fazer presente nesses eventos, uma vez que, nessas ocasiões, era possível se deparar com vários grupos de pessoas, dos mais simples aos mais abastados, vindos das diversas localidades, momento oportuno para se aproximar e manter contato com a população, isto é, seus prováveis clientes. Entendendo a importância de tais registros para a constituição da história da religiosidade caxiense, Sinésio buscou arquivar até mesmo imagens de momentos que sua lente não capturou, como é o caso, por exemplo, da foto abaixo (Figura 65), que relata e enobrece os feitos da Igreja Católica, instituição, na época, de grande destaque e poder. Ao reproduzir essa imagem que não foi por ele registrada, Sinésio parece querer enfatizar o valor que dispensava às atividades realizadas pela igreja, o que poderia agradar aos religiosos, como também torná-lo o fotógrafo oficial dos devotos. Dessa forma, Sinésio arquivou, em seu acervo, negativo fotográfico que revela um dos mais importantes acontecimentos de cunho religioso ocorrido em Caxias, o 1º Congresso Eucarístico Sacerdotal, realizado em 1937, época em que foi erguida uma cruz de cimento armado para referendar o evento. Tempos depois, a cruz foi demolida e em seu lugar, para prestar homenagem ao acontecimento, a igreja católica arrecadou recursos entre a população e construiu, já na década de 1950, uma réplica do monumento

do Cristo Redentor (Figura 65) de três metros de altura, contando, ainda, com um pedestal que eleva a escultura. A fotografia aponta para um momento de esplendor de muitos católicos, retratando a importância dada à edificação.

Figura 65 - Monumento em homenagem ao 1º Congresso Eucarístico Sacerdotal – registro década de 1950



Fonte: Acervo Fundo de Memória Sinésio Santos.

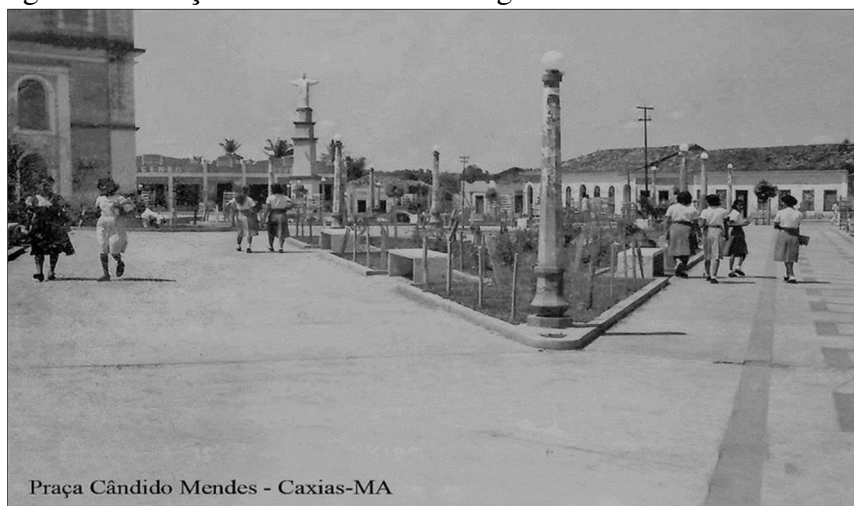
Vale dizer que a demolição da cruz para dar lugar ao Cristo, elemento que também poderia render homenagem ao acontecimento, ao ser substituída, constituiu-se uma forma de elevar Caxias à categoria de cidade avançada, pois o Cristo, de certa forma, fazia as pessoas se transportarem ao Rio de Janeiro, capital, além de moderna, traz o Redentor como um dos seus mais importantes símbolos e também um dos mais atrativos pontos turísticos do país. Nesse sentido, Caxias se aproximaria dessa modernidade. Sendo o acontecimento algo vultoso para a sociedade, o fotógrafo pode ter sido motivado a registrar o momento, a fim de evidenciar o seu trabalho, pois o evento, dado o seu valor, a imagem circularia não apenas em Caxias, mas também externamente.

É interessante perceber também que essa fotografia nos leva a observar a imagem de Cristo como a representação de um símbolo para a população, visto que, por meio da edificação da estátua no centro do largo, imagem representativa do catolicismo na cidade, a população passou a se identificar com o espaço, criando entre os moradores o hábito de circularem pelo lugar para contemplar o busto e, assim, determinar o local como uma referência para os habitantes. Nesse sentido, talvez, mesmo sem perceber, Sinésio evidenciou nessa fotografia como tal espaço tornou-se significativo para a população,

revelando, de certa forma, como a cidade de Caxias foi constituindo-se também como um lugar onde os caxienses se identificavam e se sentiam parte.

Importa ainda observar tanto na imagem anterior (Figura 65), quanto nas imagens seguintes, por exemplo, (Figuras 66 e 67), a presença de Sinésio enquanto observador da vida cotidiana da cidade, um espectador em busca dos acontecimentos diários para registrar, ainda que não fosse um evento. São imagens capturadas sem que o fotógrafo fosse percebido pelos presentes. Esse fato mostra que Sinésio, nessa época, já andava à procura de momentos para fotografar, percorrendo os espaços, registrando o dia a dia das pessoas. Era o início de sua carreira como fotógrafo profissional, por isso se tornar visível aos olhos dos moradores era fundamental, sendo essa, talvez, uma das estratégias utilizadas para se tornar cada vez mais conhecido. Possivelmente, a existência do *Foto Santos* no final da década de 1950, tenha lhe propiciado tal visibilidade.

Figura 66 - Praça Cândido Mendes/Largo da Matriz – anos 1950



Praça Cândido Mendes - Caxias-MA

Fonte: Acervo Fundo de Memória Sinésio Santos.

Caxias de antigamente era estruturada por vários largos: Largo do Cemitério do Rosário, Largo de São Benedito, Largo do Rosário, enfim, espaços que, aos poucos foram se transformando em praças. A exemplo disso, o monumento do Cristo Redentor³⁹, está erguido em frente à Igreja Nossa Senhora da Conceição e São José, antigo Largo da Matriz, hoje Praça Cândido Mendes (Figura 66), lugar bastante modificado, com novas e modernas edificações no seu entorno. A fotografia revela que, no entorno da praça,

³⁹ Imagem da Missa de Inauguração do Monumento - 1950

existiam vários prédios de formato colonial, fachadas de “porta e janela” seguindo o mesmo padrão.

O grande largo visto na imagem, atualmente, abriga vendedores; cede lugar para ponto de táxi, deixando o monumento em segundo plano; o Cristo, que, mesmo ocupando um lugar de grande visibilidade e que, no passado, era reverenciado pelos transeuntes, parece passar despercebido pelos que por ali transitam. Tal fotografia constitui-se, dessa forma, em um patrimônio memorialístico, considerando que essa paisagem foi reestruturada pelas reformas urbanas, existindo, tão somente, no acervo e na memória de alguns moradores. As imagens revelam, ainda, que a atual Praça da Matriz foi redesenhada sobre a cidade do passado.

A importância desses registros reside, não apenas, em referendar as edificações e as reformas observadas na cidade, mas, para além dessa demonstração, funciona como um recurso que levou a população a perceber, gradativamente, como a cidade foi se transformando, quais aspectos podiam ser considerados como moderno, quais mudanças impactaram na vida dos sujeitos, destacando, ainda, os interesses de cada um, o que muitas vezes, altera o aspecto visual da cidade. Enfim, levar os moradores a perceberem o nível de modernidade que a cidade atingiu. São registros que vão evidenciando o surgimento de uma nova cidade, e essa gradativa mudança capturada pelo fotógrafo evidencia o antigo e o novo, deixa perceptível o caráter do cotidiano, os hábitos, as crenças, os aspectos significativos de uma época, os elementos de identidade dos sujeitos, os empreendimentos de sucesso, as determinações políticas, como é o caso, por exemplo, da substituição do calçamento. A fotografia, nesse caso, propicia à comunidade perceber a aparência moderna que a cidade alcançou.

O arquivo de Sinésio testemunha, ainda, a existência de eventos e lugares que atravessaram décadas, os quais revelam para a comunidade as modificações, a falta de conservação, como também o desaparecimento de alguns aspectos do patrimônio caxiense, constituindo, dessa forma, a memória visual da cidade, o que, para Pierre Nora,

à medida que desaparece a memória tradicional, nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi, como se esse dossiê cada vez mais prolífero devesse se tornar prova em não se sabe que tribunal da história. (NORA, 1993, p.15).

Nas imagens que fez da cidade, Sinésio deixa evidentes os indícios das grandes transformações ocorridas entre os anos 1950 e 1990. O prédio do Centro Artístico Operário

Caxiense (Figura 67), por exemplo, fundado em 1910, espaço onde o fotógrafo foi presidente nos anos 1980, perdurou com a mesma fachada desde o período da sua fundação até os anos 1960. Nesse espaço, viveu o ilustre poeta caxiense, o literato Coelho Neto. Essa foto revela a ideia de que os trabalhadores caxienses, desde épocas passadas, já se mantinham articulados, reservando para si um espaço de sociabilidade, pois o Centro Artístico era uma entidade que reunia membros da classe operária, com atividades realizadas de forma plena: reuniões, bailes dançantes, comemorações cívicas, bingos, enfim lugar que possuía, até meados da década de 1980, muita movimentação. Além dessas atividades, a instituição mantinha escola primária e de música para os filhos dos sócios.

Figura 67 - Fachada do Centro Artístico Operário Caxiense – décadas de 1910-1960



Fonte: Acervo do fotógrafo Sinésio Santos.

A partir dos anos 1960, o ambiente do Centro Artístico Operário Caxiense foi reconstruído, subtraindo dele a fachada e alterando a parte interna. Atualmente, as festas deixaram de ser realizadas; o prédio continua existindo, mas sem as suas atividades pioneiras. Vários arranjos foram providenciados para a manutenção do prédio atual, mas, o cotidiano da Rua Coelho Neto foi alterado, passando a serem desenvolvidas, no Centro Artístico, outras atividades, como rádio comunitária, restaurante *self service*, serviços esses que escaparam do propósito inicial, mas que vieram para atender às necessidades do momento. Por isso, a citada fotografia promove um cenário de evocações que transportam os sujeitos para ler e interpretar a cidade no tempo do registro fotográfico, percebendo a

mudança de interesse dos associados; o dia a dia do clube, suas comemorações; sua remodelação, confrontando o modelo arquitetônico do passado com a estrutura atual, o que nos levou a perceber a importância que a cidade tinha para os grupos sociais em um dado período. Essa foto surge como um texto visual que relata as mudanças de um cenário, cuja rotina o mundo moderno ocultou. Nesse sentido, Pesavento nos diz que

Todo traço do passado pode ser datado através do conhecimento científico ou classificado segundo um estilo preciso, mas o resgate do passado implica em ir além desta instância, para os domínios do simbólico e do sensível, ao encontro de carga de significados que esta cidade abrigou em um outro tempo (PESAVENTO, 2005, p.03).

Além dessas análises, faz-se mister reiterar, ainda, a ideia de que Sinésio, no período inicial de sua carreira, era percebido como um sujeito que buscava na profissão uma posição que pudesse dar notoriedade à sua figura, fato observado também na foto acima (Figura 67), em que ele se coloca como um observador dos eventos, pronto para um registro. Ainda que fosse um trabalho que não lhe rendesse recurso financeiro naquele momento, mas essa estratégia de percorrer a cidade, mais tarde, traria resultados. É uma imagem reveladora de seu empenho para conquistar o público, situação expressa no trecho do depoimento de Danilo Nunes (2017), quando diz o seguinte: “[...] Ele visitava essa cidade toda de bicicleta, ele andava, trabalhava de dia e de noite fotografando de bicicleta”.

Parecendo direcionar o olhar do observador, o fotógrafo recorta do cenário caxiense imagens que deixam à mostra detalhes que destacam o modelo arquitetônico dos prédios, fato que demonstra a opção do profissional em, quiçá, querer, de forma intencional, evidenciar a arquitetura, o que pode ser visto como uma declaração do juízo de valor que ele, mesmo com grau de instrução elementar, era capaz de reconhecer em uma edificação. As imagens sobre a cidade de Caxias constituem um álbum que vai aos poucos narrando sua história. Nesse sentido, vale recorrer aos registros de Sinésio Santos para encontrar neles uma representação ampla a respeito dos elementos que norteiam a narrativa. Na busca do conhecimento sobre a edificação e conservação do aspecto arquitetônico da cidade, em várias imagens já apresentadas, mas aqui nos reportamos às que seguem (Figuras 68 e 69), observamos as antigas construções, com traços neocoloniais, muitas delas já alteradas, mas algumas ainda mantendo a sua estrutura original.

Figura 68 - Fachada da Secretaria de Estado Sr. José – década de 1960



Fonte: Acervo do fotógrafo Sinésio Santos.

Figura 69 - Fachada da Residência do – década de 1950



Fonte: Acervo do fotógrafo Sinésio Santos.

Figura 70 - Fachada do prédio que sediou o SENAC - registro - década de 1990



Fonte: Acervo do fotógrafo Sinésio Santos.

O prédio, onde funciona a Secretaria de Estado de Educação (Figura 68), antes prédio residencial, ainda conserva, em sua fachada, mesmo com o seu estado de conservação alterado, a sua estrutura primeira. Os detalhes nos reportam a um tempo em que as construções traziam pequenos destaques na parte frontal, a exemplo, o círculo encimando a porta, os detalhes sob as telhas, ornamentando as grossas paredes, as várias e enormes janelas com persianas, marcas que definem um período em que se cultivava uma arquitetura diferente da atual. A exemplo do que se vê na residência do empresário José Delfino, prédio hoje em abandono (Figura 69). O sobrado, que sediou o SENAC (Serviço Nacional do Comércio), antes prédio residencial (Figura 70), demolido há mais de três

décadas, trazia em sua arquitetura um estilo diferente do atual, com alpendre, portas e janelas em formato de verga, cujo adorno (um desenho oval) sobre os janelões foi cravado na parede como uma tatuagem. As muretas enfeitavam as residências das famílias mais abastadas, sendo, assim, interpretado, a partir das narrativas tecidas pelas fotografias. Esses registros imagéticos contribuem para sedimentar na memória dos mais jovens, peculiaridades de uma cidade que, ao longo dos tempos, vem alterando seu aspecto visual.

Considerando ser um dos profissionais da fotografia que mais registrou aspectos da cidade entre as décadas de 1950 e 1990, como também pela variedade e circulação de sua obra, Sinésio foi um dos responsáveis pela existência, atualmente, de imagens de Caxias tanto de caráter artístico como de valor documental. As fotos a seguir (Figura 71-73) mostram importantes vistas urbanas de espaços como a Rua Afonso Pena, Praça Magalhães de Almeida e Rua 1º de Agosto, respectivamente. São áreas já bastante alteradas, a começar pela retirada do calçamento de pedra, trabalho realizado, no século XIX, e removido na década de 1990, pelo então governante, para dar lugar ao asfalto, fato já observado no entorno da Catedral Nossa Senhora dos Remédios (Figura 72).

Sinésio Santos gravou nos registros imagéticos a fisionomia de uma cidade em constante transformação. Dessa forma, a beleza dessa construção histórica e artística deixou indícios de sua existência na fotografia, pois “do ponto de vista temporal, a imagem fotográfica permite a presentificação do passado, como uma mensagem que se processa através do tempo” (MAUAD, 2012, p. 51). O movimento dos passantes, a falta de circulação de automóveis, a inexistência de poluição visual, a construção arquitetônica seguindo os mesmos padrões são outros aspectos evidenciados na imagem (Figura 71), os quais caracterizaram o cotidiano de Caxias até os anos 1970. Esta fotografia testemunha um momento, isto é, registra um acontecimento, como a presença de carroça circulando no centro de Caxias. Tais imagens revelam a sensibilidade do autor em produzir fotografias da paisagem urbana da cidade. “As vistas representam a sintonia entre o fotógrafo e sua época” (LIMA, 1998, p. 67). O fotógrafo, nesse caso, aproveitou-se do momento oportuno para conseguir uma perfeita imagem, a iluminação natural, a sombra propiciada pelo prédio, a escolha do ponto de partida para o clique, o enquadramento na busca pelo detalhe, tudo isso foram artifícios utilizados para conseguir uma vista urbana em perfeita harmonia com a época.

Além do exposto acima, fica evidente que o fotógrafo, ao buscar revelar o movimento habitual do centro urbano da cidade, as pessoas com suas atividades habituais, procura dar crédito ao seu trabalho, à sua imagem de profissional, registrando rotinas corriqueiras em um período que custava caro a aquisição de filmes fotográficos. Mas que, mesmo sem receber pagamento por esse trabalho, para ele era lucrativo, considerando a possibilidade de demonstrar a sua potencialidade enquanto fotógrafo ao ser visto exercitando a sua função.

Figura 71 - Rua Afonso Pena - década de 1960



Fonte: Acervo Fundo de Memória Sinésio Santos.

Já a Catedral de Nossa Senhora dos Remédios (Figura 72), construída em 1817, ganha destaque visual por estar situada em uma área de posição geográfica bem elevada, Praça Magalhães de Almeida, localizada próxima ao Morro do Alecrim, local onde se instalaram as tropas militares durante a Guerra da Balaiada. De acordo com Almeida (2009, p. 49-50), “alguns episódios da história de Caxias estão ligados ao patrimônio edificado. [...] a igreja de Nossa Senhora dos Remédios serviu como depósito de artigos bélicos aos legalistas, sendo depois tomada pelos balaios”. Dessa forma, a foto revela um espaço importante para a história da cidade, mas que, em nome do “progresso” se apresenta bem modificado em relação ao passado, deixando para as gerações vindouras a memória de um tempo e espaço que se transformaram. O antigo pavimento ao redor do templo está submerso no asfalto recém assentado, conforme podemos acompanhar por meio das imagens fotográficas, que registraram as alterações de ordem paisagística/arquitetônica às quais a cidade foi submetida. É importante termos em mente que cabe a todos a função de captar as diversas informações trazidas pela imagem sobre a

cidade em cada lugar e nas diversas épocas, pois “ler a cidade [...] é interpretar os espaços, preencher lacunas, lembrar o passado, imaginar o futuro” (XAVIER, 2010, p.273).

Figura 72 – Catedral Nossa Senhora dos Remédios - década de 1990



Fonte: Acervo do fotógrafo Sinésio Santos.

Em se tratando da Rua 1º de Agosto (Figura 73), onde se inaugurou, na década de 1940, a Subagência do Banco do Brasil (transformando-se, mais tarde em agência) vemos, do lado direito da imagem, o prédio bancário, onde, nos anos 1970-1980, alojou-se o Supermercado Avenida, passando, em seguida, a dar guarida a outros empreendimentos até que foi desativado. Depois de permanecer fechado, por longo tempo, o prédio foi reformado e, atualmente, é a sede da loja Armarinho Luiza. Do lado esquerdo, verificamos a antiga Casa Moura, atualmente, funcionando em outra localização. Desse prédio, de propriedade da Família Moura, restou apenas o espaço, que cedeu lugar a outra edificação com características modernas. Nesse logradouro, que era um espaço de muita movimentação, funcionou, no passado (por volta de 1910), um jornal de grande circulação, chamado “A Penna”. Até a década de 1990, funcionou ali, também, a Escola Técnica de Comércio de Caxias e a Escola de Arte Culinária. Enfim, o prédio sediou vários empreendimentos, apesar de modificado e ainda conservando alguns vestígios do passado. Ao fundo da imagem, podemos verificar a Igreja Catedral, localizada no largo da Catedral, onde podemos melhor visualizá-la na fotografia registrada anteriormente (Figura 72). Os postes em madeira simbolizam, ainda, aspectos da área urbana de Caxias. Considerando o observador da cidade e os transeuntes, as fotografias “são parte de um álbum maior que narra a história urbana do lugar, suas possibilidades de uso e a reinvenção espacial.

Revelam, também, as interferências do poder público e dos grupos sociais para produzir novos sentidos e influenciar o presente” (CÔRTE, 2012, p. 94).

São essas interferências que foram dando corpo ao moderno, modificando o antigo, reafirmando o fotógrafo como aquele que organiza a mensagem visual sobre os sucessos, as mudanças, as perfeições e imperfeições produzidas na cidade. Os registros permitem, também, muitas vezes, referenciar os feitos do poder público, demonstrando que compartilhava com as ideias das autoridades, no sentido de exaltar tais ações, como é o caso, por exemplo, da imagem (Figura 72) que retrata o pavimento sedimentado no entorno da Igreja da Catedral.

Dessa paisagem fotográfica registrada por Sinésio, podemos comprovar, por meio das informações grafadas no centro da fotografia, prática não muito comum no ateliê fotográfico, que, mesmo sendo possível observar outros aspectos, o autor pretendia destacar o prédio bancário e não outros elementos, dando indício da informação que almejava prestar para os próximos habitantes, em uma ideia de que seu registro serviria para a comprovação da existência do lugar, assim como para resguardar a memória de uma dada época. Nas palavras de Pesavento (2008, P. 99), “a imagem pressupõe um espectador, o que faz com que, no momento de sua criação, já se encontre, implícito, um destinatário”. O Banco do Brasil, por ser um empreendimento de grande valor para a cidade e ainda por representar uma das primeiras agências financeiras a ser instalada em Caxias, provavelmente, tenha sido essa a razão do destaque dado na fotografia.

Figura 73 - Rua 1º de Agosto / sede da 1ª agência do Banco do Brasil - registro década de 1950



Fonte: Acervo do fotógrafo Sinésio Santos.

No século XIX, Caxias era uma das cidades maranhense de maior cultivo de algodão, tornando-se, portanto, na área de exportação desse produto, de fundamental importância para toda a região. Com a grande produção dessa matéria-prima e, ao mesmo tempo, sua capacidade de abastecer a indústria europeia, o desenvolvimento econômico da cidade, nesse período, trouxe uma fase de ampla efervescência para Caxias. O ciclo do algodão marcou, então, a produção maranhense até meados do século XX, considerado, ainda, o produto econômico mais importante para o Maranhão, passando a suprir o mercado. Atualmente, o Estado continua produzindo algodão, tendo alcançado, nos anos anteriores, uma grande produtividade em relação aos demais estados nordestinos. Mas Caxias perdeu o seu posto de uma das maiores cidades produtoras de algodão do Maranhão, por optar por outras produções, cuja discussão foge ao interesse da pesquisa.

Dessa forma, selecionamos a fotografia (Figura 74), porque ela narra, de certa maneira, a história da atividade produtiva de Caxias, como também ressalta o momento áureo que a economia caxiense vivenciou, a perspectiva de prosperidade, assim como nos leva a indagar sobre a mão de obra que desenvolvia o trabalho de plantação, sobre o destino do produto, as causas da interrupção da exportação para outras terras, sobre o surgimento das indústrias têxteis na cidade e em que medida o fechamento dessas indústrias afetaram o cultivo do produto. São questões que podem ser levantadas a partir do olhar que damos à imagem, pois a “imagem não fala por si só; é necessário que as perguntas sejam feitas” (MAUAD, 2012, p. 51). Sinésio Santos registrou na fotografia um dos grandes acontecimentos de Caxias: o desfile pela cidade da produção algodoeira, festividade que perdurou até meados da década de 1970, quando os produtores festejavam o

final da colheita e para comemorar o sucesso, saiam pelas avenidas exibindo, em caminhões abarrotados, o produto colhido. Podemos observar, ainda, que, mesmo sem lucros condizentes com seus esforços, os trabalhadores se regozijavam com o sucesso do patrão, resultado da mão de obra barata, aspecto esse que ainda pode ser analisado na imagem.

A cena mostra os caminhões enfileirados, seguindo uma das principais avenidas, via que oferece acesso ao outro lado da cidade, registrando que o percurso do curso não ficava restrito apenas ao centro, mas que o festejo abrangeria outras áreas, em uma demonstração de exibir para a comunidade o sucesso da agricultura algodoeira. Uma vez que as fotografias seriam disponibilizadas para os interessados do evento, registrar acontecimentos importantes e festas, garantia ao fotógrafo, além do reconhecimento, por parte do público, da sua capacidade de mobilização para captar o sucesso dos empreendedores, a aquisição de renda financeira para gerir o negócio, recursos que, certamente, iam dando destaque ao ateliê de sua propriedade.

Figura 74 - Desfile em comemoração à colheita de algodão
– década de 1960



Fonte: Acervo Fundo de Memória Sinésio Santos.

No sentido de referendar atividades de cunho cultural usufruídas pelos caxienses, é bom lembrar que na cidade existiram, até, aproximadamente, a década de 1970, alguns cinemas, os quais fizeram parte da rotina daqueles de maior poder aquisitivo, espaços esses que, nos finais de semana levavam crianças, jovens e adultos a assistirem a exibição de dramas, comédias, romances, cuja prática ficou fora de circulação por mais de quarenta anos, quando do fechamento desses ambientes de entretenimento. O Cine Rex (Figura 75)

se localizava na Rua Afonso Cunha, em meio a casarões e ao comércio, cujo espaço dava lugar, também, à sociabilidade, época em que muitas pessoas ali se reuniam ou para fazer compras ou para desfrutar de outros prazeres que o espaço oferecia, como, além do cinema, havia o famoso Café Negreiros, lugar propício para encontros de amigos. A Rua Afonso Cunha constituía-se, na época, em um lugar de importante e ocupado por transeuntes. Pesavento (1996, p. 94), ao se referir à diversão que a rua pode nos oferecer, afirma que “é um local de passagem, sem dúvida, mas também de encontros e trocas. É um espaço de prazer e uma vitrine imensa e viva, que se contrapõe aos objetos imóveis das vitrines das lojas”.

Figura 75 - Cine Rex – anos 1970 – Rua Afonso Cunha



Fonte: Acervo Fundo de Memória Sinésio Santos.

Tempos depois, já sem oferecer as diversões de antes, o citado endereço ficou, durante muito tempo, conhecido como Rua das Farmácias, por ali concentrar uma expressiva quantidade de farmácias. Das residências, apenas uma restou. No espaço, já totalmente modificado, por abrigar, atualmente, lojas e o comércio ambulante de Caxias, a rua passou a ser conhecida como Calçadão da Afonso Cunha, passando a foto a expressar o centro da cidade vista no século XX.

O Cine São Luiz (Figura 76), apesar de sua aparência precária, funcionou até os anos 1960, ficando também na memória dos que apreciavam a arte cinematográfica. Mais tarde, no mesmo lugar, foi instalado o Cine Eldorado. Mas, talvez por falta de expectadores que proporcionassem renda, também foi fechado. O prédio permanece, mas, no recinto, vários outros empreendimentos foram abrigados. Nesse caso, as lentes fotográficas de Sinésio capturaram imagens que preservam as lembranças de experiências vividas pelos

mais antigos moradores, assim como dão mostra da existência de práticas culturais de uma época, ainda nos permitindo, com isso, fazer estudo sobre os interesses culturais da sociedade caxiense nas diversas épocas da existência dos cinemas, descrevendo os momentos de efervescência, como também nos levando a indagar os motivos que os levaram ao declínio.

Figura 76 - Cine São Luiz – anos 1960



Fonte: Acervo Fundo de Memória Sinésio Santos.

De forma panorâmica, as imagens fotográficas, aos poucos, vão se constituindo em uma narrativa visual das memórias da cidade, assim como vão informando sobre as práticas sociais ocorridas ao longo dos tempos. Para Possamai (2010, p. 216), “as memórias não materializadas em monumentos ou artefatos culturais são aquelas que mais sofrem com os abusos do esquecimento”, daí a importância do artefato fotográfico para documentar eventos que, para gerações posteriores aos acontecimentos, se tornariam apagados. Assim, esses registros servem de pistas reveladoras de uma época, ao mesmo tempo em que representam uma dada realidade.

Essas fotografias são artefatos que dispomos para (re) reconstruir a memória visual de espaços já totalmente modificados, alterações efetivadas no intento de buscar alternativas de negócios para atender a comunidade ou, até mesmo, com o objetivo das autoridades locais de acompanhar a modernidade. São fotografias que, mesmo o autor não tendo a intenção de preservar identidades, convidam-nos a fazer, por exemplo, a seguinte indagação: Qual a importância dessas memórias fotográficas para a construção da identidade dos moradores? Na realidade, são várias identidades que essas fotografias podem evocar, considerando as múltiplas lembranças e memórias que elas guardaram para

os habitantes. O próprio fotógrafo, talvez, teve a intenção de congelar essas imagens para registrar espaços que ele mesmo queria manter, em uma atitude de preservar, embora inconsciente, sua identidade com o local. Importa dizer, ainda, que os registros das transformações pelas quais passou a cidade de Caxias foram fundamentais para a construção histórica dos espaços tais como se apresentavam no passado, assegurando, com isso, o caráter documental a eles atribuídos, tendo em vista que à fotografia foi dada a tarefa de representar a cidade, descrevendo as suas características arquitetônicas e seus hábitos.

As lentes de Sinésio registravam a cidade por todos os ângulos, como também todas as comemorações. Entre elas está o desfile de Sete de Setembro, evento que se cristalizou, entre os moradores, por longas datas, como momento de sociabilidade e encontro entre estudantes de diferentes instituições. A foto seguinte (Figura 77) retrata uma das principais vias públicas da cidade utilizadas para manifestações cívicas, por ser a área que dá acesso aos prédios da prefeitura Municipal e à Câmara Municipal. A vista da imagem enfoca, em primeiro plano, o prédio dos Correios, inaugurado em 1956, edificação que foge ao modelo da antiga arquitetura da cidade, adequando o espaço ao projeto urbano de melhoria dos órgãos que prestam serviços para a comunidade. Pelo ângulo escolhido, percebemos que, ao invés de destacar tão somente o desfile, o fotógrafo ocupa grande parte da imagem com o prédio dos correios, o que pode dar a ideia de supervalorização do edifício. Possivelmente, em uma tentativa de valorizar o espaço público, pois pela imponência do prédio para a época, as pessoas se interessariam em guardar o que retratava a beleza do lugar mais do que a imagem do desfile, ficando arquivada nos álbuns das famílias.

Figura 77 – Rua Desembargador Morato – anos 1970



Fonte: Acervo do fotógrafo Sinésio Santos.

A preocupação do fotógrafo, nesse caso, nos parece que era mostrar a cena urbana de forma que a mesma permitisse ao mesmo tempo visualizar um panorama do espaço, destacando algum aspecto expressivo do entorno. A escolha do que deveria aparecer ou não na imagem está relacionado à intenção do fotógrafo, que é quem direciona o olhar da pessoa que observasse a imagem. Outro aspecto a que fotografia nos remete é que o aglomerado de pessoas nas calçadas para assistir à passagem do desfile, mesmo que de forma desordenada, dá mostra de características comuns das cidades interioranas, como, por exemplo, vendedores de doces e bolos circulando durante a marcha; funcionários da prefeitura levando consigo foguetes, prontos para anunciar, com o estrondo, a entrada de cada escola na avenida principal do desfile.

Em se tratando desse acontecimento, atualmente, essa data, representa, para muitos caxienses, ocasião propícia para reivindicar melhorias políticas e sociais. A festa, o sentimento de civismo, a satisfação de usar fardamento de gala ficaram registrados apenas na imagem, fazendo parte, unicamente, da memória daqueles que vivenciaram o momento. Nesse sentido, a fotografia representa, também, um objeto de memória.

Com um acervo bastante diversificado, Sinésio Santos da Silva conseguiu retratar diversos aspectos da cidade, como arquitetura, práticas sociais, transformações urbanas, enfim o retrato visual que faz referência a um tempo passado. Essa variedade fotográfica revela o percurso transitado pelo fotógrafo em Caxias durante décadas, a intensa atividade por ele desenvolvida, os inúmeros contratos firmados, as relações estabelecidas com grupos sociais os quais lhe permitiram acessar cargos e exercer funções, enfim, foi retratando a cidade intensamente que o autor vislumbrou uma maneira de conseguir espaço, obter aceitação como fotógrafo oficial da cidade, como também manter a expectativa de expansão financeira. O acesso a esses espaços rompia com os possíveis obstáculos existentes entre o fotógrafo e a elite local.

É interessante dizer que Sinésio passou por diversos momentos. De acordo com o que se observa nas cenas por ele capturadas, o fotógrafo inicia sua carreira percorrendo a cidade para fotografar o cotidiano das pessoas, eventos de rua, enfim, retratando atividades sem mesmo ser convocado para tal tarefa, exercendo, com isso, a função de colecionador de memórias. Foi uma busca constante, conseguindo, dessa forma, arquivar em seu acervo as mais variadas histórias sobre a cidade e seus habitantes, tornando-o conhecido e reconhecido pelo seu trabalho na região.

4 FOTOGRAFANDO FAMÍLIAS: HOMENS, MULHERES E CRIANÇAS NO CONTEXTO DA SOCIABILIDADE E DA POLÍTICA

Em se tratando de família, selecionamos algumas fotografias que se reportam a reuniões, festividades, encontros domésticos ou casuais, as quais, muitas não se encontravam no domínio das famílias, o que causou, quando procuradas para identificação, alegria, surpresa, admiração e, sobretudo, saudosismo. As fotos, que retratam a sociabilidade, traduzem momentos de harmonia, de convívio, de práticas sociais, demarcando espaços de trocas da comunidade caxiense. No que se refere à política, procuramos refletir, principalmente, sobre a constituição de redes, estabelecidas ao longo dos tempos entre as autoridades políticas e a elite caxiense, fato observado nas imagens que se reportam a eventos políticos locais.

4.1- Retratando sociabilidades privadas e públicas

“A fotografia de família poderia ser tomada como um equivalente da memória coletiva, como a imagem fixada de um tempo que parou” (LEITE, 2001, p. 76). Para abrir os trabalhos sobre essa temática trouxemos o fotógrafo Sinésio Santos e a sua família para iniciar o capítulo. São imagens conservadas dos idos dos anos 1960, e representam, entre outros aspectos, a tradição de revelar o retrato de família e mantê-lo arquivado como lembrança do grupo, quer seja no álbum, quer seja no quadro. Sinésio, nesse ato, passou de fotógrafo à fotografado (Figura 78), conservando, assim, a memória de uma família que, mais tarde, tornou-se ainda mais numerosa.

Figura 78 - Sinésio Santos e Família –
década de 1970



Fonte: Acervo Fundo de Memória Sinésio Santos.

Esse fotógrafo, no meio social de uma cidade tal e qual Caxias, era visto como um profissional que deveria dar conta de registrar todos os momentos especiais para as famílias, visto que era raro para estas possuírem equipamentos fotográficos para captar as suas próprias imagens. Dessa forma, foi a esse homem que captava a imagem da cidade e seus moradores que coube, durante muitos anos, transitar também no seio familiar, ajudando a contar a história da vida privada dos caxienses de outrora, produzindo imagens que hoje vemos materializadas nos álbuns. São fotografias que permitiram perpetuar momentos e manter viva a memória dos retratados.

A fotografia de grupos familiares constitui o tipo mais presente na coleção de Sinésio Santos, talvez porque “a fotografia desempenha um papel simbólico na legitimação da família” (LEITE, 2001, p. 37). Vemos que as fotos (Figuras 79-80) foram registradas no ateliê do autor, em uma demonstração de que o registro fotográfico de família era um ritual que deveria ser mantido, ainda que não fosse realizado na residência. Pois a fotografia da família era considerada um documento essencial tanto para os retratados como para

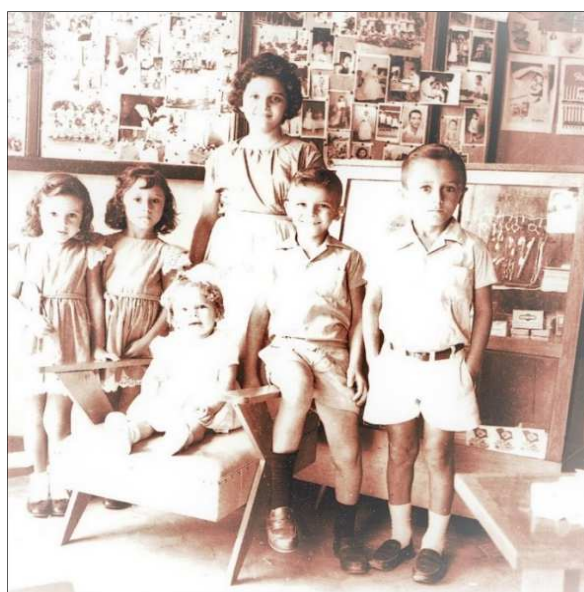
gerações vindouras, visto que são memórias que ligam o passado ao presente, fazendo com que, mesmo aqueles que não participaram da vida dos seus progenitores, conservarão, por meio dos registros, as narrativas visuais dos grupos aos quais pertenceram e pertencem. Nesse sentido, vale registrar a importância dada à fotografia não somente pelo solicitante, como também pelos seus descendentes, considerando que, por meio das imagens, conseguimos perceber o ciclo contínuo das gerações.

Figura 79 - Foto de família – década de 1960
Ateliê Sinésio Santos



Fonte: Acervo Fundo de Memória Sinésio Santos.

Figura 80 - Foto de família – década de 1960 - Ateliê Sinésio Santos.



Fonte: Acervo Fundo de Memória Sinésio Santos.

O Trabalho do fotógrafo era considerado de suma importância, uma vez que para a produção desses retratos, o cenário fotográfico, como observado anteriormente, muitas vezes, ficava sob a responsabilidade do autor, tendo em vista que muitas famílias iam até o estúdio, a fim de posarem para um registro fotográfico, imagens que os faziam manter com as futuras gerações um fio que os interligasse, o que proporcionava a tais gerações um sentimento de pertença à família retratada. “Nós costumávamos ir até o laboratório do seu Sinésio para que ele nos fotografasse, nós todos da família. Era comum as famílias fazerem fotografia lá, ele organizava tudo, deixava tudo perfeito”, afirma a Sra. Lindalva Gabriel⁴⁰. As fotos posadas construíam uma narrativa visual de cada família e grupos, imagens essas que, ao ficarem perfeitas, eram revertidas em valores, pois mesmo nutrindo prazer pela profissão, fotografar, para Sinésio, também era um negócio lucrativo. Com a ajuda dos

⁴⁰ Funcionária pública, aposentada, antiga moradora da cidade, quem, juntamente com a família, frequentava o ateliê do fotógrafo.

acessórios que compunham o ambiente fotográfico, as famílias desfrutavam de um espaço, cujo aspecto poderia dar aparência residencial e, assim, construíam um arranjo que se adequasse a cada grupo. Nesse sentido, afirma Adriane Ribeiro em sua tese de doutorado que

Nesse espaço, fotógrafo, cliente, câmera e uma multiplicidade de acessórios colaboravam para a produção do retrato. Manuais, livros e compêndios definiam a importância da pose, que resultaria da competência do fotógrafo, de sua gama de artifícios e conhecimento. Era ele quem devia calcular o cenário, a postura e todos os atributos simbólicos que forneciam ao cliente a imagem desejada e reconhecida entre os pares. (RIBEIRO, 2015, p. 56).

Ao montar o ateliê, Sinésio passou a ter mais prestígio, pois ter um endereço fixo proporcionou-lhe, de certa forma, mais notoriedade diante do público. Ademais, o espaço podia funcionar como uma espécie de escritório, onde receberia seus clientes e amigos, igualando-se, dessa forma, aos proprietários de comércios já estabelecidos na cidade. Com a montagem desse negócio, mesmo tendo que permanecer trabalhando durante longas horas, mas o fotógrafo não deixou de fazer suas andanças pela cidade, pois já era tradição. Mas, dessa vez, já com mais liberdade para transitar pelos espaços. Ainda com a presença dos ajudantes contratados, Sinésio continuava fotografando nas residências, nos clubes, enfim nos espaços onde era ou não convocado. Era uma forma de manter os clientes, adquirir outros, como também fazer a divulgação do ateliê. Ir ao *Foto Santos*, na época, para ser fotografado representava uma novidade para a população, considerando a inexistência de outros espaços que realizassem o trabalho, como também a possibilidade de se ver fotografado em espaço que fugisse ao habitual. As propagandas em jornais também foram estratégias utilizadas para atrair a adesão dos moradores, até mesmo dos de melhores condições financeiras, muitos dos quais tiveram suas imagens lá registradas.

É importante destacar, ainda, que o ateliê fotográfico de Sinésio Santos, que era um espaço muito visitado [as pessoas que o frequentavam não o faziam apenas para a pose das fotos em família ou para fazer fotos para documentos, mas também para olhar as fotografias expostas], funcionava uma espécie de vitrine, um lugar onde o proprietário expunha as fotos por ele reveladas, a fim de que as pessoas tivessem a possibilidade, não só de avaliar a qualidade de seu trabalho, como também para que ele pudesse mostrar a variedade de eventos que ele registrava. Era uma maneira de divulgar a sua produção imagética e também de comercializá-la. O comércio era, certamente, um dos principais motivos da exposição das fotos, pois como o autor vivia de fotografar, ele precisava lançar

mão de diversas estratégias para ativar o movimento financeiro do negócio e se destacar entre a categoria. *O Cruzeiro*, jornal datado de 1958 (Figura 81), editou, por diversas vezes, o anúncio⁴¹ que, além de prestar outros informes, enfatizava a existência de mostruário no ateliê, a fim de chamar a atenção da população local e circunvizinha.

Figura 81 - Anúncio no Jornal Cruzeiro

Caxias, 13 de Junho de 1958. CRUZEIRO

Uma luta universal A Educação dos Adolescentes e Adultos

A UNESCO e a Organização Internacional do Trabalho elaboraram na execução de programas de educação operária, por meio de filmes e outras recursos audiovisuais, com os mais diversos países do mundo. Um quadro global da situação é levantado, periodicamente, por ambas as instituições, com o objetivo de dar mais vigor à luta universal de homem contra o analfabetismo. As medidas adotadas no Brasil — entre a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos e, rigorosamente, levada a cabo — são saudadas, assim, devidamente apreciadas por ambas as organizações.

ALFABETIZAÇÃO EM SÃO PAULO

No ano passado, foram instalados, para a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos, 545 cursos, na cidade de São Paulo, e 3.828, no interior do Estado. Dessa total, 52 foram regidos por docentes remunerados, 3.455 por docentes voluntários e 338 por docentes mistos por especialidades ou instituições. Somente em 28 dos 475 municípios paulistas, não foi instalado nenhuma outra instituição educativa.

MOVIMENTO MUNDIAL

Uma das características principais da Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos é a de ser um movimento que abraça o mundo inteiro. Pelo seu caráter que não existe, hoje em dia, país que não se preocupe com este problema. Nos Estados Unidos, há, principalmente, a alfabetização de adultos indígenas e, ao mesmo tempo, a alfabetização obrigatória de adolescentes e adultos, de 1930. No Brasil, é melhor que acontece o desenvolvimento industrial, com a consequente elevação de nível médio da vida da população, a Campanha, nesse sentido, torna-se cada vez mais bem compreendida e aceita por todos. Os primeiros frutos já foram colhidos, com a baixa de 10% na proporção de analfabetos, não obstante o crescimento de número de habitantes, nos últimos dez anos.

Em Caxias, município populoso, tem sido mal desatendida a educação do povo, por falta de interesse dos administradores do Estado e do Município.

No ponto acima por aqui um convite do Ministério de Educação visando à alfabetização de adultos que, segundo sabemos, não levou à importância e respeito das escolas que funcionam aqui e com um reduzido número de alunos.

no outro desses organismos. Você, também, pode — e deve — colaborar. Procure um dos membros da Campanha, ou dirija-se ao Setor de Relações Públicas — sala 1404 do Ministério da Educação e Cultura — a fim de obter maiores esclarecimentos. Toda a colaboração é bem-vinda, apreciada com grande carinho.

Sem ser professor, você pode ajudar

Aqui e ali, em todo o país, movimentam-se inúmeras pessoas, empenhadas na patriótica tarefa de alfabetização das grandes massas: são os trabalhadores da Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos, assim como os representantes de empresas particulares. Sem pertencer a um ou

LANCHA BRASIL

Sairá deste porto, com destino ao de Colinas, fazendo escala em portos intermediários, recebendo cargas e passageiros, todos os dias 2 e 10 de cada mês.

Informações com **MARIANO LIMA COSTA**
Rua Anário Reis, 30
CAXIAS — (—) — MARANHÃO

Parlamento Escola na Faculdade de Direito de S. Luiz do Maranhão

Com muito entusiasmo e bom senso prático, o diretor da Faculdade de Direito da Capital maranhense, que falou sobre a «Reforma Agrária», assunto de grande atualidade.

Parlamento Escola, há pouco fundado nos meios acadêmicos maranhenses, com a finalidade especial de focalizar assuntos de grande importância para a vida social, cultural e econômica do Maranhão.

As reuniões são realizadas quase diariamente, sendo convidados conferencistas para expor em palestras assuntos de atual importância técnica.

A terceira sessão realizada comparou o

Novo Aparelho colisões

Acaba de ser aperfeiçoado nos Estados Unidos um novo aparelho de vôo, permitindo que os aviões voem a uma velocidade de outras aeronaves com o objetivo de evitar colisões no ar. O novo aparelho é um indicador que indica a

Foto Santos

— DE —
Sinesio Santos
RUA GUSTAVO COLAÇO
Caxias — Maranhão

A FOTO SANTOS que está muito bem instalada no edifício Costa Sobrinho, baixos Colinas Hotel, acha-se modestamente aparelhada a executar quaisquer serviços fotográficos em diversos tipos — postal, meio postal e mignon e Retratos a Flash.

Atende chamados a domicílio.
Faça sua visita a FOTO SANTOS, e verificando seu pequeno mostruário.

Fonte: Jornal Cruzeiro – junho /1958.

O fotógrafo manteve em seu acervo muitas imagens como uma comprovação de que os familiares desejavam ser retratados seja em casa, no ateliê ou em qualquer outro espaço, resguardando imagens de outro tempo. A data reservada para a fotografia no ateliê era considerada importante, pois consistia em um momento que seguia todo um ritual,

⁴¹ Transcrição do anúncio (Figura 81): [...] atende a chamado a domicílio. Faça sua visita ao FOTO SANTOS, e verificando seu pequeno mostruário.

cujos atos incluíam a escolha do melhor horário, da roupa, o deslocamento para o estúdio, a pose e, finalmente, a foto. Ir ao estúdio para ser fotografado foi um hábito que perdurou até o início dos anos 1980 constituindo um período de elevado lucro para Sinésio, considerando ser ele um dos únicos a realizar o serviço na cidade. A partir dessa época, era mais comum as pessoas irem ao estúdio a fim de serem fotografadas para registro documental. Para Lima e Carvalho, (2015, p. 31),

Os ateliês fotográficos [...] produziram milhões de retratos nos mais diferentes segmentos sociais. O hábito de retratar a si, ao casal, aos filhos, à família, privilégio antes restrito à nobreza e aos comerciantes ricos, tornou-se possível com a fotografia, que barateou os custos de sua produção. (2015, p. 31).

Sinésio procurava oferecer ao cliente, sendo a foto obtida fora ou no interior do ateliê, um cuidado necessário para que a família ficasse satisfeita com o trabalho por ele realizado, afirmou Valquíria Oliveira. O enquadramento, a disposição das pessoas no espaço, o semblante de cada e a pose eram itens que o fotógrafo elegia para satisfazer o retratado, até porque era uma época em que a foto não poderia ser deletada e refeita, o que aumentaria os custos. A pose era considerada um item relevante para que as fotografias fossem bem definidas. Dessa forma, entendemos que posar para ser fotografado fazia parte de uma regra estabelecida no meio social para que as famílias se sentissem representadas e até mesmo pudessem demonstrar um modelo de grupo familiar a ser conservado, o que deveria estar explicitado na fotografia: a ideia de uma família feliz e, sobretudo, unida. Nesse caso, o trabalho de Sinésio Santos em Caxias foi fundamental para a constituição dessa representação, haja vista a existência, na maioria dos lares caxienses ou no acervo do fotógrafo, de imagens reveladoras de tal fato. Fotografar famílias parecia ser um trabalho significativo e lucrativo para o fotógrafo, pois era uma tarefa que levava Sinésio a se mobilizar, no sentido deixar tudo em ordem para agradar os retratados, o que estreitava, cada vez mais, sua relação com o grupo familiar, resultando na fama e no prestígio que viria a adquirir com essa aproximação. Turazzi nos informa que:

O tempo de exposição numa fotografia não pode ser visto como um mero dado técnico, configurando-se como um dado sociológico e histórico, pois o tempo de exposição é também o tempo social necessário para que o indivíduo represente o seu papel num determinado cenário, onde a composição desse espaço e a captação desse momento são atributos especiais do fotógrafo. (TURAZZI, 1995, p.14).

Figura 82 - Família- área rural – década de 1970 Figura 83 - Cena rural de família - década de 1970



Fonte: Sinésio Santos: a cidade e os olhos (2018).



Fonte: Sinésio Santos: a cidade e os olhos (2018).

A histórica câmera fotográfica de Sinésio Santos também enquadrava a imagem de anônimos, pessoas simples, pobres, de origem semelhante à dele. Parece ser uma tentativa de tornar visíveis os mais humildes. Como cronista visual, Sinésio testemunhou e registrou o cotidiano de diversas pessoas da localidade, não só daquelas pertencentes a classes sociais mais abastadas, como também das que não podiam ou não iam ao estúdio para deixar-se fotografar. Isso permitia que populares pudessem ver um dado momento das suas vidas eternizado. Ao transitar por vários locais, Sinésio buscava também alcançar a sua popularidade, ao mesmo tempo em que ia sendo reconhecido em outros espaços. Registrar e guardar a memória desses grupos mais humildes propiciava a ele notoriedade e mostra da sua relação com pessoas de todos os níveis sociais. São observações que podem ser evidenciadas nas imagens acima (Figuras 82 e 83).

De acordo com Leite, (2001, p. 87), em seus apontamentos sobre retratos de família, “a fotografia é utilizada para reforçar a integração do grupo familiar, reafirmando o sentimento que tem de si e de sua unidade, tanto tirar as fotografias, como conservá-las ou contemplá-las emprestam à fotografia de família o teor de ritual de culto doméstico”. Nesse sentido, as fotografias dos núcleos familiares de Caxias fizeram parte da rotina dos grupos, quer seja em momentos festivos ou não. O fato é que a presença do fotógrafo nas residências sinalizava para um momento em que a família desejava reafirmar a sua existência no meio ao qual pertencia, assim como registrar a sua representatividade na cidade e demonstrar os seus laços familiares, esboçando a ideia de reforçar a sua relação identitária. Para tanto, tudo isso dependia do olhar confiante que Sinésio lançava sobre o fotografado, o olhar de um observador sincronizado com a imagem que pretendia captar. É

interessante frisar, também, que é na maneira que se postava o fotografado, assim como no seu olhar atento no momento do clique é que se tornava possível perceber a relação de confiança estabelecida entre o fotógrafo e as pessoas por ele fotografadas. Nesse sentido, Persichetti (2013, p. 158), ao falar da fascinação e da sedução do retrato, afirma que tal artefato “ainda que seja da pintura ou da fotografia, é a síntese do encontro de olhares entre um produtor de imagens e um ser que se deixa “imortalizar” pelas pinceladas ou pelas lentes. Uma troca entre objetividade e subjetividade e a vontade de ver e ser visto”. Corroborando com o exposto, Fabris (2004), afirma que o retrato

Contribui para a afirmação moderna do indivíduo, na medida em que participa da configuração de sua identidade como identidade social. Todo retrato é simultaneamente um ator social e um ato de sociabilidade: nos diversos momentos de sua história obedece a determinadas normas de representação que regem as modalidades de figuração do modelo, a ostentação que ele faz de si mesmo e as múltiplas percepções simbólicas suscitadas no intercâmbio social. O modelo oferece à objetiva não apenas seu corpo, mas igualmente sua maneira de conceber o espaço material e social, inserindo-se em uma rede de relações complexas, das quais o retrato é um dos emblemas mais significativos. (FABRIS, 2004, p. 38).

Da coleção encontrada no acervo fotográfico de Sinésio Santos, muitas delas são registros de família em suas residências, as quais a maioria foi capturada até os anos 1980. No que se pode perceber, a maioria das fotografias registradas nas residências eram de pessoas de melhor poder aquisitivo, visto serem aquelas que, além de poderem pagar pelos serviços, porque em domicílio o serviço se tornava mais caro, normalmente eram as que mais promoviam encontros familiares, assim como, possivelmente, mais se preocupavam em manter sempre ativa a ideia de união familiar, de guardar para a posterioridade lembranças de momentos de interação, enfim de arquivar um cenário de família bem estruturada. São imagens que, quando gravadas na própria residência, a cena se torna mais pessoal e afetiva.

É interessante reconhecer ainda que alguns núcleos familiares de classe média, às vezes, mesmo que em pequena proporção, iam ao ateliê para serem fotografados, mas ao convidar o fotógrafo para fazer as imagens nos espaços residenciais, mostravam que já mantinham certa confiança no trabalho dele. Entretanto, é bom dizer que o estúdio de Sinésio era frequentado, sobretudo, pelas famílias com baixo poder econômico, visto que para essas era mais apropriado, considerando que lá o cenário já estava pronto para recebê-las, e para fazer o registro desejado, sem precisarem se preocupar com a preparação do panorama visual. Essa era uma forma de atrair clientes. Se a família não convocava o

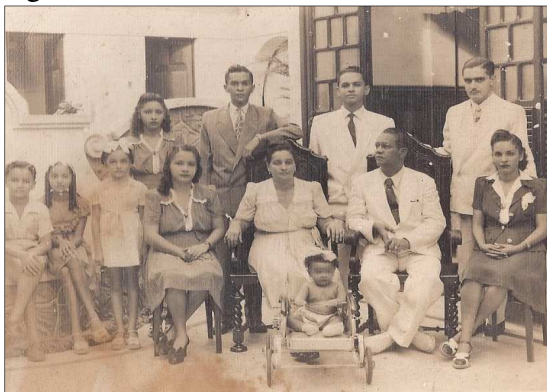
fotógrafo, porque não queria ou porque não podia, para a captura de cenas fotográficas no espaço doméstico, Sinésio oferecia outras possibilidades: o ateliê ou, até mesmo ia a outros espaços, como: praças e clubes. Para ele não bastava possuir um ateliê para dar conta de toda clientela, era preciso ir ao encontro do público para realizar o seu trabalho, garantindo, dessa forma, o seu reconhecimento.

Talvez pelo fácil acesso aos equipamentos fotográficos, a partir dos anos 1980, muitas famílias já faziam suas próprias fotografias, deixando de incumbir o fotógrafo para desempenhar tal função. Procuramos inserir abaixo uma coleção de fotografias (Figuras 84-89) que, para algumas pessoas, somente será possível retornar ao tempo, considerando a existência desses registros arquivados pelo fotógrafo, pois são consideradas as únicas lembranças que guardaram um tempo e marcaram um passado que merece ser (re) lembrado, daí entendermos como um dos aspectos que revela a importância do acervo do autor.

O vasto conjunto de fotografias deixado por Sinésio é percebido pelos caxienses como suporte de memória, por ser a imagem fotográfica um artefato capaz de se manter fiel ao tempo do registro, servindo para fazer referência ao passado e auxiliar o presente. Vários são os aspectos que colaboraram para a manutenção do hábito de tirar fotografias de família, dentre eles, Míriam Leite, em *Retratos de Família*, destaca o seguinte:

A proteção contra o tempo, que torna a fotografia um substituto mágico de que o tempo destruiu; a comunicação com os outros e a expressão de sentimento; a auto identificação, o prestígio social conquistado pela proeza técnica, pela realização pessoal ou pela despesa ostentatória; a distração e/ou jogo a evocação da memória evanescente. (LEITE, 2001, p. 87).

Figura 84- Foto de família – década de 1950



Fonte: Acervo fotográfico Sinésio Santos.

Figura 85- Foto de família – década de 1970



Fonte: Acervo fotográfico Sinésio Santos.

Figura 86 - Foto de família – década de 1970



Fonte: Acervo fotográfico Sinésio Santos.

Figura 87 - Foto de família – década de 1960



Fonte: Acervo fotográfico Sinésio Santos.

Figura 88 - Foto de Família Araújo década de 1960



Fonte: Álbum fotográfico da Família Araújo.

Figura 89 - Foto de Família Araújo – década de 1970



Fonte: Álbum fotográfico da Família Araújo.

Dentre as fotografias acima mencionadas, é interessante enfatizar o modo como, na maioria delas, as famílias estão posicionadas, a presença de mulheres sentadas ao centro, rodeadas pelos familiares, fato que nos revela o modo de organização da sociedade local, em que se dá destaque à figura feminina de mais idade. Essa organização, talvez, reflita, ainda, o desejo de demonstrar preocupação em construir a imagem de respeitabilidade e consideração pela presença matriarcal no seio familiar, fato que pode ser depreendido do enquadramento central dessas pessoas nas imagens datadas dos anos 1950-

1970. Outro aspecto curioso é a seriedade nos rostos dos fotografados, a pose acompanha um olhar sério. Seria essa forma considerada um padrão fotográfico da época ou, a expressão de cada um, simplesmente, revela um indício do direcionamento dado pelo fotógrafo no momento do clique? Talvez, essas características sejam atributos de fotos posadas para serem exibidas como testemunhas de um grupo coeso. A união do grupo familiar, como também a sua amplitude eram fatores determinantes para demonstrar o prestígio que cada família mantinha. Uma vez que o patriarca e/ou matriarca conseguia reunir um número expressivo de membros da família para juntos serem fotografados podia dar a entender que ali se encontrava uma família unida e ainda destacar a autoridade mantida pelo (a) dirigente.

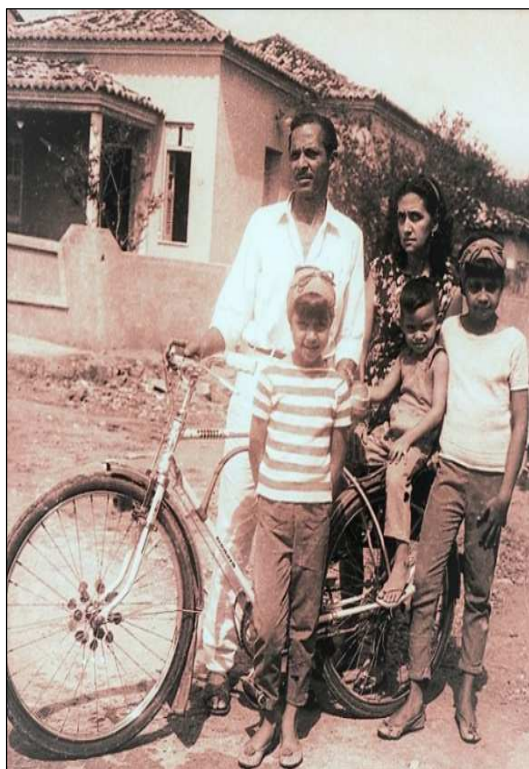
Algumas famílias não iam ao ateliê do fotógrafo Sinésio Santos para fazerem os seus registros, como também não tinham o hábito de convocá-lo em suas residências, exclusivamente, para tal trabalho, conforme as apresentadas anteriormente. Muitas vezes Sinésio era convidado para tais registros apenas nas festas de aniversários e casamentos, visto que, como costumavam realizar tais comemorações, aguardavam essas festividades para capturar a foto de todos reunidos. Em outros momentos, quando encontravam o fotógrafo, ocasionalmente, ou em clubes, aproveitavam, também, para serem fotografadas e, assim, manter a tradição do retrato de família, “por meio de fotos, cada família constrói uma crônica visual de si mesma – um conjunto portátil de imagens que dá testemunho de sua coesão”. (SONTAG, 2004, p. 19).

Esse tipo de registro não possuía a mesma formalidade das fotos previamente agendadas, até porque faltava o cenário preparado para o momento, quer fosse em casa ou no estúdio, organização essa que pode ser observada nas fotos anteriormente expostas (Figuras 84-89), em que todos se encontram postados de olhar fixo no fotógrafo, aguardando o tão conhecido “olha o passarinho!”, diferentemente do estilo dos fotografados de maneira informal. Embora alguns registros não se constituíssem em fotos cujas imagens demonstrassem certa formalidade, elas não perdiam o seu caráter de narrar um momento familiar, o qual seria mantido para a posterioridade. Segundo Leite,

a fotografia é resultante de uma escolha, de uma ocasião ou de um aspecto das relações da família que, habitualmente, vem a afirmar a continuidade e a integração do grupo doméstico. A maioria delas representa grupos de pessoas e muitas incluem crianças, ou diversas gerações, captando a imagem da linhagem, às vezes, com grande solenidade. (LEITE, 2001, p. 95).

A partir dessas considerações, apresentamos a seguir fotografias (Figuras 90-93) que, tendo em vista as suas configurações, ilustram o exposto.

Figura 90 - Foto de Família– década de 1980



Fonte: Acervo fotográfico Sinésio Santos.

Figura 91 - Foto da Família Chaves– década de 1970



Fonte: Acervo fotográfico Sinésio Santos.

Figura 92 - Foto da Família Simão



Fonte: Acervo Fundo de Memória Sinésio Santos.

Figura 93 - Foto da Família Torres



Fonte: Acervo Fundo de Memória Sinésio Santos.

As cerimônias de casamento se constituíam em uma das principais oportunidades para o registro das fotos de família, pois, além de ser um momento em que, normalmente, a maior parte das pessoas pertencentes ao grupo familiar se encontrarem reunidas, o cenário estava ornamentado de forma adequada para registrar a linhagem, assim como as pessoas se encontravam com trajes propícios para a ocasião. Todos esses fatores, somados à

possibilidade de tornar públicas as relações que os familiares dos nubentes estabeleciam entre si, legitimavam a posição de destaque social que os fotografados representavam na sociedade, como também propiciava a exibição da vida privada dos anfitriões para a sociedade.

Assim, de acordo com Ciavatta (2008, p. 56) “as fotografias de família têm dois usos básicos: o culto e/ou exibição, o que pode ser lido também como promoção do grupo social que se fotografa”. Entretanto, é bom lembrar que, nesse caso, a promoção não seria apenas do fotografado, uma vez que fotografar esses grupos, conforme já afirmado anteriormente, promoveria, ainda, a ascensão social do fotógrafo, tendo em vista que são grupos pertencentes à elite local e, portanto, com vasta participação na sociedade, o que também o elevaria à categoria de profissional renomado. Considerando o exposto, o desempenho do fotógrafo era fundamental para tornar essas questões visíveis aos olhos dos outros, visto que esse teria a função de eternizar, por meio das imagens por ele reveladas, um momento que, possivelmente, marcaria a história de muitas famílias caxiense, pois, por meio de seu trabalho, estaria gravado um momento significativo da vida familiar. Conforme afirma Bourdieu (2006), a fotografia tem a função de

eternizar e solenizar estes momentos intensos da vida social, em que o grupo reafirma a sua unidade. No caso dos casamentos, por exemplo, a imagem que fixa para sempre o grupo reunido, ou melhor, a reunião de dois grupos, inscreve-se de forma necessária num ritual cuja função é a de consagrar, ou seja, sancionar e santificar a união entre dois grupos através da união de dois indivíduos. (BOURDIEU, 2006, p. 32).

Uma preocupação de Sinésio era envelopar e arquivar todos os negativos fotográficos dessas cerimônias, separando-os por núcleo familiar, em uma demonstração do cuidado e da importância que dava a cada trabalho realizado, tendo em vista que, muitas vezes, os familiares, ao transcorrerem alguns anos, retornavam em busca de seus retratos, ou porque se perderam ou foram doados para amigos ou, até mesmo, porque foram retirados dos seus álbuns por alguém que esteve presente no evento e gostaria de guardá-lo como lembrança. Havia, ainda, os casos em que algumas famílias encomendavam várias cópias, quando bem posadas, para enviá-las, como recordação, àqueles que não tiveram a oportunidade de estar presentes no evento, o que podia revelar o desejo de externar para os ausentes o requinte oferecido pela família. Assim, “os retratos são objetos de exibição e distribuição entre convidados e parentes que não puderam comparecer. [...] Existe uma preocupação que não é só dos noivos, mas da família [...] de produzir um espetáculo para

ser apreciado por todos os conhecidos”. (LEITE, 2001, p. 119 e125). Essas ocorrências eram lucrativas para o fotógrafo, uma vez que lhe rendiam mais recursos, daí, talvez, além de guardar a memória, seria um dos motivos que o levava a se preocupar em mantê-los em seu arquivo, pois poderia ser útil, não apenas para os familiares, mas para o seu empreendimento que os reproduziria posteriormente.

A fotografia a seguir (Figura 94) retrata a recepção aos convidados do enlace matrimonial do casal Santos Gabriel na residência da família da noiva, testemunhando que a celebração se concretizou, demonstrando que a comemoração indica que o casal recebeu as bênçãos dos familiares, “comemorar as conquistas de indivíduos tidos como membros da família é o uso mais antigo da fotografia [...] a foto de casamento foi uma parte da cerimônia tanto quanto as fórmulas verbais prescritas. As câmeras acompanham a vida da família” (SONTAG, 2004, p. 19).

Figura 94 - Recém-casados ladeados pela família – década de 1960



Fonte: Álbum fotográfico da Família Santos Gabriel.

Assim, foi possível percebermos que Sinésio Santos fotografou as famílias caxienses nos mais variados espaços: em casa, no ateliê, na rua, nos clubes, nas festas públicas e privadas, enfim, conseguiu delinear, por meio da fotografia, percursos, comportamentos e relações sociais de determinadas famílias, colaborando para revelar a representatividade de um grupo, manter sua identidade, como também para (re)ativar a memória. Contudo, é interessante esclarecer que a atuação do fotógrafo, para além da relevância que teve para as famílias caxienses, as quais usufruíram dos trabalhos que realizava, teve importância, sobretudo, para o profissional, que, utilizando-se de sua obra,

conseguiu amenizar as distâncias sociais e o preconceito que poderia existir, estabelecendo, com isso, vínculos com a cidade.

O estúdio Foto Santos de propriedade de Sinésio Santos já era bastante requisitado desde o período da sua inauguração no final dos anos 1950. Todos os eventos sociais, para serem devidamente registrados e, posteriormente, lembrados, precisavam passar pelo reconhecimento de Sinésio. O público caxiense já mantinha uma relação estreita com o fotógrafo, ou melhor, com o trabalho do fotógrafo. Suas realizações fotográficas são testemunhas de que as atividades por ele desempenhadas deram conta de evidenciar as diversas formas de sociabilidade mantidas em Caxias.

Flagrar grupos de pessoas nas praças, em locais destinados a passeios de casais e à sociabilidade dos mais elitizados da época ou nas reuniões sociais de amigos ou, ainda, nos encontros com figuras importantes em momentos festivos e também nas comemorações residenciais, por exemplo, constituía-se em um importante espaço de trabalho para um fotógrafo. Preocupado em registrar cada momento de civilidade em todos os contextos caxienses, Sinésio Santos dava à fotografia um caráter memorialístico, como também documental, uma vez que as pessoas buscavam nas fotografias um meio de concretizar, através da narrativa visual, determinados momentos e acontecimentos vistos como importantes nas suas relações sociais. Segundo Leite (2001, p. 75), “a fotografia permitiu que quase toda gente – não só os mais abastados – pudesse se transformar num objeto-imagem, ou numa série sucessiva de imagens”. Elas formaram, ao mesmo tempo, um conjunto de declarações sobre o comportamento, os hábitos, as condições econômicas e o modo de vida da sociedade local, visto que muitos desses registros evidenciaram diversas situações, não destacando apenas os momentos de formalidade, aqueles considerados cerimoniais, mas também os de natureza informal.

“Na virada do século XIX para o século XX, a fotografia no Brasil já se apresentava diversificada, ampliando seu campo de atuação, integrando o cotidiano da sociedade, através dos retratos sociais e de familiares (RIBEIRO, 2015, p. 57). O circuito de sociabilidade informal (Figuras 95-96) se atrelava às relações que determinados grupos já mantinham entre si, os quais poderiam fazer parte do cotidiano dos seus membros, resultando em encontros ocasionais ou não, em bares, clubes ou qualquer outro ambiente possível de interação social, o que fazia o fotógrafo estar sempre a postos, com sua máquina em punho. Nesse aspecto, é interessante perguntar se tais fotografias, realmente,

revelavam o cotidiano dessa sociedade ou se eram meras reproduções dos desejos dos fotografados para forjar harmonia e civilidade. Esses eram os requisitos impostos, de maneira inconsciente, pela sociedade, o que levaria tais grupos a quererem mostrar como se relacionavam e se movimentam nos espaços de interação social, sendo uma maneira dos sujeitos se auto representarem. Dessa forma, a fotografia permitia refletir sobre as representações desses grupos na sociedade, fato intermediado pela atuação do fotógrafo.

Figura 95 - Grupos de amigos e familiares - década de 1970



Fonte: Acervo fotográfico Sinésio Santos.

Figura 96: Grupos de amigos em balneário
- década de 1970



Fonte: Acervo fotográfico Sinésio Santos.

A foto a seguir (Figura 97) registra casais na Praça Gonçalves Dias. Este era um dos espaços de sociabilidade da cidade mais frequentados na época em que os encontros de amigos, de jovens e de pares pretendentes à namoro, ou já namorando ocorriam cotidianamente. Portanto, a presença de Sinésio no referido espaço passou a ser habitual, a fim de captar imagens que interessasse aos frequentadores. Embora a foto fosse feita ocasionalmente e fora do seu ateliê, o fotógrafo demonstrava a mesma preocupação com a qualidade das imagens, cuidando para que os fotografados e o ambiente mantivessem sintonia, de forma a dar ao local escolhido a melhor visibilidade possível, privilegiando, assim, os casais. As poses das imagens, associadas à elegância, eram as formas que os fotografados buscavam para serem representados no meio social a que pertenciam. A fotografia, portanto, possuía um importante papel como meio de expressão social e como divulgadora de práticas de um dado momento.

Figura 97 - Casais na Praça Gonçalves Dias
– década de 1970



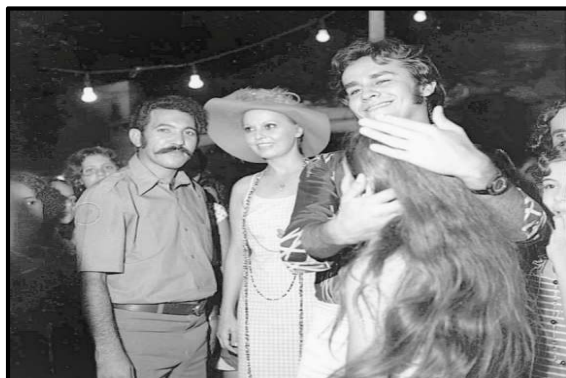
Fonte: Acervo Fundo de Memória Sinésio Santos.

Outras fotos (Figuras 98-99) registram a presença, em Caxias, de personalidades do meio artístico, quando das suas vindas para encontros, apresentação de shows ou passeio. No primeiro caso, fazemos referência à cantora mineira, Cláudia Barroso e a

tantos outros artistas; no segundo, aos atores globais Tarcísio Meira e Glória Meneses, por possuírem amigos na “Princesa do Sertão” (Caxias), aproveitaram as férias para visitá-los. O que as fotos nos revelam é a vasta liberdade que Sinésio possuía para transitar, tanto nos ambientes públicos como particulares, a fim de registrar as pessoas nos lugares por onde circulavam. A liberdade para adentrar nos espaços e fotografar os eventos de natureza pública ou privada foi algo adquirido, ao longo dos anos, por meio dos resultados do trabalho que Sinésio foi desenvolvendo, atividade essa que agradou e conquistou a confiança, principalmente, da elite caxiense, público que, por ter mais recurso, utilizava, com mais frequência, dos serviços do fotógrafo. Fazer um trabalho de qualidade para agradar os usuários era fundamental para tornar sua tarefa rendosa.

A foto da visita dos atores (Figura 99), por exemplo, foi feita em ambiente familiar, momento em que os amigos aproveitaram para confraternizar, o que mostra a intimidade e confiabilidade que os familiares mantinham com o fotógrafo, pois mesmo não sendo celebração de aniversário ou casamento, eventos os quais costumava ser chamado para fazer os registros, Sinésio se fazia presente e compunha a narrativa visual desses acontecimentos sociais. D. Lila, membro da família, que recebeu o famoso casal, em relato, informou que ele costumava frequentar a sua casa, dada a relação que ele manteve com o tio da anfitriã, que também fotografava e ensinou muito sobre o ofício a Sinésio. “Ele sempre teve livre acesso, bastava saber de alguma reunião, alguma visita, quer fosse festa ou não, ele se fazia presente e aí ninguém se preocupava, estava registrado”, afirmou Lila. Dessa forma, seguem, a título de corroborar com o exposto, momentos flagrados pelo fotógrafo durante suas andanças com o olhar atento para registrar moradores, visitantes e familiares em momentos de sociabilidade, quer seja de natureza pública ou reservada.

Figura 98 - Cantora ladeada por caxienses
década - 1970



Fonte: Acervo Fundo de Memória Sinésio.

Figura 99 – Casal global em visita à Caxias
Residência da Família Frazão - 1976



Fonte: Álbum fotográfico da Família Frazão Santos.

Fotografias de eventos sociais e de cunho interativo, como festa de formatura ou comemorações em residências como aniversários, batizados, primeira comunhão, que aconteciam em escolas, balneários ou campos de futebol também eram uma constante entre os registros de Sinésio Santos. Os clubes ainda se mantinham como um dos espaços mais propícios para a realização de momentos de sociabilidade, sendo, ainda, a forma mais comum de interação, principalmente, entre os pequenos grupos de amigos, sobretudo, no meio urbano de pequenas e médias cidades como Caxias. Com o intuito de materializar esses momentos, Sinésio não descansava a sua máquina, ele se fazia presente nas mais variadas ocasiões. Onde quer que o público estivesse reunido para toda e qualquer celebração, lá estava o fotógrafo. As fotografias que apresentamos a seguir se referem a algumas das diversas formas de registro relacionado a momentos de interação social, as quais encontramos em seu arquivo.

Figura 100 - Festa de Primeira Comunhão – Residência do Sr. Zezito Araújo



Fonte: Álbum fotográfico da Família Araújo.

A primeira fotografia (Figura 100) foi registrada em residência particular, espaço também destinado à sociabilidade e onde, nesse caso, foi comemorada a Primeira Comunhão de crianças, membros da família anfitriã, celebração essa que contava com um grande número de convidados, o que evidencia tanto a importância dada a esse ato religioso, como também a ideia de reunir, não apenas os familiares, mas também um momento de celebrar com outros membros da sociedade. É importante observarmos que tal fotografia, mesmo apresentando-se como um registro em residência particular, mostrava a sua formalidade, uma vez que, da mesma forma que os adultos se postavam diante das câmeras em eventos sociais, as crianças também seguiam a mesma postura, mantendo o

olhar fixo no fotógrafo, sem se desprenderem do objetivo do registro: congelar o momento para posterioridade, esse trabalho de organização era guiado pelo esforço de Sinésio em manter todos em igual padrão no minuto do clique.

Essa mesma atitude de organização é observada na segunda imagem (Figura 101), em que as alunas se reuniram para comemorar a conclusão de mais um ano letivo. Embora a ocasião se refira a um encontro festivo, portanto, de sociabilidade, requeria o uso do uniforme para simbolizar a importância que a escola representava na vida de cada uma, como também expressar o desejo que todas tinham em manter guardada a lembrança de uma longa caminhada que realizaram juntas e na mesma instituição. Observamos nessa imagem um aspecto específico de organização, que foi a escolha do local para o registro. Ele é um aspecto que necessita a intervenção do fotógrafo, a fim de que atendesse ao objetivo do momento. O grupo foi acomodado nos degraus da calçada, de modo que todos pudessem ser visualizados, de forma a alcançar o resultado que a ocasião requeria, destacando-se, ainda, a presença dos professores, personalidades fundamentais na trajetória escolar das alunas.

É interessante falarmos da importância que a clientela dispensava ao fotógrafo, visto que, para agradar a todos, estava sempre buscando construir uma imagem fotográfica favorável à sociedade caxiense da época. Havia sempre a preocupação em posicionar os fotografados de maneira a não perder a foto, uma vez que não era possível apagar. “Nas festas da escola, ele logo ficava sabendo e chegava cedo. [...] ele organizava a posição de todo mundo, [...], ele não perdia uma foto”, afirmou Valquíria Oliveira.

Figura 101 - Alunas do Colégio São José – década de 1960



Fonte: Acervo fotográfico Sinésio Santos.

Toda essa organização para o momento da pose nos indica que o registro fotográfico era de grande importância, não apenas para o grupo, mas também para cada pessoa de forma isolada, pois uma vez fotografado juntamente com outros, em momentos de sociabilidade, comprovava a sua participação em determinado meio social, dando uma referência de cada sujeito presente na fotografia, o que era revelado pela imagem. Nesse sentido, afirma Fabris que

Cada grupo proporciona um contexto identitário para os indivíduos, condicionado a auto-apresentação de um à presença dos outros. Ao integrar um grupo, o indivíduo partilha uma noção de identidade bem mais ampla do que aquela do ser isolado, pois as relações mútuas estabelecem as normas de significação e os equilíbrios que serão transpostos para a fotografia. (FABRIS, 2004, p. 52).

A presença de Sinésio Santos com sua máquina fotográfica em todos os ambientes suscitava entre os presentes uma constante movimentação, uma preparação para um ritual que estava prestes a iniciar, um olhar fixo em direção ao fotógrafo, aguardando o momento de ser clicado, até porque a foto seria feita, ainda que não fosse solicitada e, posteriormente, vendida. Nesse caso, as pessoas desejavam comprar uma imagem em que estivessem bem representadas. Fotografar era o seu ganha pão, daí a necessidade de estar sempre a postos para o trabalho. Ele carregava seu equipamento fotográfico, cotidianamente, pelos clubes, campos de futebol, celebrações particulares, civis, militares e religiosas, enfim, por todos os lugares. Transportava o seu mais precioso objeto, a fim de, com ele, além de ganhar o seu sustento, captar as imagens que serviriam para testemunhar

um acontecimento ou uma época, servir como suporte de memória ou, até mesmo, representar a sociedade caxiense, registrando os momentos e espaços de sociabilidade local, focando tanto a individualidade como a coletividade. No caso das fotos a seguir (Figuras 102-103), para a ocorrência do registro, a iniciativa, normalmente, ocorria sem a solicitação prévia dos fotografados. Nesses acontecimentos, fotógrafo e fotografados já mantinham uma certa cumplicidade que fazia com que os jogadores se posicionassem sem necessitar da intervenção do fotógrafo para a organização do grupo, obedecendo a um padrão fotográfico socialmente estabelecido para esse grupo.

Eis o campo de futebol como mais um local de sociabilidade, cujos registros são referenciados no acervo de Sinésio Santos. Eles retratam a relação amistosa e de comemoração demonstrada pelos jogadores, amigos e familiares, dando a conhecer os diferentes cenários onde é possível a realização de atividades de caráter interativo, servindo, ainda, como suporte de memória do grupo. Nesse sentido, afirma Ribeiro (2015, p. 60) “as imagens podem servir como suporte de memória coletiva por registrar *cenar de um tempo continuum*, que podem ser transportadas para outros tempos em uma relação que mistura passado-presente”.

Figura 102 - Time de futebol – década de 1980



Fonte: Acervo Fundo de Memória Sinésio Santos.

Figura 103 - Time de futebol – década de 1970



Fonte: Acervo Fundo de Memória Sinésio Santos.

Figura 104 - Time de futebol – década de 1970



Fonte: Acervo Fundo de Memória Sinésio Santos.

A sociabilidade nos campos de futebol foi amplamente registrada por Sinésio Santos. Em sua documentação fotográfica, selecionamos, além dos temas já apresentados, uma quantidade expressiva de fotografias de jogadores em quadra esportiva, fato que nos revela a presença constante do fotógrafo, não apenas para produzir a lembrança do momento, mas também publicizar e, sobretudo, legitimar a história, por meio das imagens da realização da partida, pois “a fotografia oferece o melhor meio para participar (indiretamente) da história” (FABRIS, 1998, p. 46). Pelas fotografias do evento, datadas desde os anos 1970, verificamos a presença de familiares bem trajados ao lado dos

desportistas, em uma demonstração de que o futebol se configura como um acontecimento de grande importância também para os familiares, e, portanto, uma festividade de interação social.

Conforme já abordado, essa temática fotográfica foi bastante intensa no acervo do autor, trabalho que, além de prover certa rentabilidade ao ateliê do fotógrafo, colaborou com a manutenção de vínculos com essa categoria, relação essa estabelecida, a partir das suas idas ao campo para, na realidade, não somente assistir ao jogo, mas desenvolver o seu ofício de fotógrafo. Era também um espaço que, talvez, por ser aberto a todos, o fotógrafo se identificava com o ambiente, facilitando a sua relação com os integrantes dos times. São fotografias de outro espaço social, diferente dos clubes dançantes e residências familiares, mas que, também, gerava proventos e, portanto, havia grande interesse, por parte do fotógrafo, em atender às expectativas desse público. Essas imagens também funcionavam como meio de divulgação dos times. A respeito do exposto, Amadeu Viana afirma o seguinte:

“O Sinésio fotografava tudo [...] quando era dia de domingo ele ia nas igrejas, nas praças, no campo de futebol bater retrato. Ele só não era jogador, mas gostava de ir lá [...]. Rapaz, ele ganhava um dinheirinho bom tirando foto no campo. Todo mundo queria pra mandar pra fora, pros conhecidos, principalmente quando ganhavam a partida”. (Depoimento de Amadeu Viana, 2017)

Analisando tais fotografias, procuramos (re)construir historicamente as memórias contidas no arquivo fotográfico do autor, cujas imagens, estabelecem conexão com os eventos vivenciados pelos fotografados, funcionando como um recurso que aguça as lembranças não apenas dos retratados, como também de outros que, de alguma maneira, fizeram parte da história de vida desses sujeitos, como é o caso de Dalva Maciel de Oliveira⁴², quem, ao visualizar a fotografia (Figura 104), durante a exposição fotográfica por nós realizada, sentiu-se profundamente emocionada e admirada, quando exclamou: “Olha, o goleiro desta foto que está acima do garotinho era meu cunhado que morreu no campo, em 1972, após defender uma bola e bater a cabeça na trave. Acabei de enviar essa foto para o meu esposo que o reconheceu. Esse time é o Ferroviário.” (Dalva Maciel de Oliveira, 2018).

⁴² Professora, funcionária do Museu da Balaiada em Caxias. Entrevista realizada em 06 de junho de 2018.

4.2 – A vida política nos cliques de Sinésio

Nosso olhar sobre a vida política em Caxias ao longo do período estudado, 1950 – 1990 permite destacarmos a presença constante de conhecidos próceres políticos na nossa cidade. Muitas dessas imagens, conforme se podem observar nas fotos, dão pistas sobre os diversos governos municipais e suas relações com as esferas do poder estadual e federal, como também com a classe mais abastada de Caxias. As imagens registram a união dos partidos, seus atores principais e os grupos aos quais se ligam em épocas determinadas. Sinésio, como fotógrafo, conseguiu construir algumas narrativas imagéticas dos arranjos políticos estabelecidos entre as esferas governamentais da cidade.

A fotografia a seguir (Figura 105), por exemplo, revela as relações mantidas entre governo federal, estadual e municipal na década de 1960, época da visita do então Presidente Castelo Branco a Caxias, com o intuito de manter aliança com os dirigentes. Foi o período pós-golpe civil-militar de 1964, quando o país foi governado por militares, estando à frente do governo naquele momento o Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco. Ele recebeu apoio do Governador do Estado, José Sarney, e do então prefeito de Caxias, Aluizio de Abreu Lobo⁴³, ambos comungando dos mesmos ideais e partido político do Presidente da República, a Aliança Renovadora Nacional-ARENA. No que tange aos registros desses acontecimentos políticos, é importante ressaltar que, ao documentar tais ações, Sinésio Santos fornece uma gama de informações necessárias para o entendimento e/ou conhecimentos de fatos ocorridos em um dado tempo e que, no momento atual, se encontram esquecidos pela sociedade. Por exemplo, encontramos grupos políticos e sociais que tiveram representatividade para uma comunidade, e outros que não tendo tido uma participação efetiva, no governo ou na oposição, fizeram parte da história política da região.

⁴³ Foi prefeito de Caxias de 1966 a 1970/ de 1977 a 1983

Figura 105 - Presidente Castelo Branco, Governador José Sarney e Prefeito Aluizio Lobo- 1967



Fonte: Acervo Fundo de Memória Sinésio Santos.

O movimento da população na foto nos dá pistas do poder e da força mantidos pelo governo municipal naquele período. Aluizio Lobo era visto como um governante que mantinha o domínio da população, sempre permanecendo à frente de todas as situações, mesmo as mais simples, não delegando poder de decisão a nenhum dos seus funcionários. Era um “comandante autoritário” e possuía uma necessidade intrínseca de administrar tudo e todos sozinho. Ouvi certa vez que até a ornamentação dos carros alegóricos dos desfiles de Sete de Setembro ele mantinha o hábito de verificar pessoalmente se estava a contento. Essa sua forma de governar era complementada pela manutenção da administração ferrenhamente sob seu controle. Tal atitude satisfazia aos seus coligados que percebiam nesse político um forte aliado.

Passados alguns anos, eis que Aluizio de Abreu (Figura 106) Lobo retorna ao poder em 1977, em Caxias, para governar até 1983. A pretensão desse político era permanecer, a qualquer custo, no domínio político da sua região. Para tanto, lança mão de todos os meios que lhe possam garantir o direito de governar. Tal ação é histórica, pois os políticos do século XIX, segundo Richard Graham (1997, p. 22), já “gastavam a maior parte de sua energia na formação de redes de clientelismo, ampliando seu séquito ou encontrando um protetor poderoso para suas fortunas políticas”. Embora já estivéssemos na segunda metade do século XX, o preceito apontado por Graham (1997) permanecia de pé para os políticos no Brasil. Isso implica dizer que tal preceito ainda servia aos interesses

da elite política dominante, que buscava construir um sistema homogêneo, com uma estrutura baseada nas relações interpessoais. Nesse modelo, Aluizio Lobo seguiu na vida política por várias décadas e, quando deixou a política partidária, continuou ocupando cargos, fruto das alianças conquistadas e da lealdade. Tal postura demonstra que a construção das redes de relações entre políticos se forma a partir dos benefícios individuais ou de um grupo que trabalha em prol dos seus interesses e dos coligados.

Nesse aspecto, vale falar do valor documental do acervo fotográfico, no sentido de deixar evidente que esse deve ser observado não apenas como material ilustrativo ou de recordação, mas também que possa assumir a feição de cunho documental, o qual provoque ecos através dos tempos. Dessa forma, a imagem fotográfica passa a adquirir valor histórico, tanto pela condição de expressar um tempo já passado, quanto pela capacidade de atestar contatos, relações e situações vivenciadas.

Figura 106 - Prefeito Aluizio Lobo-
década de 1970



Fonte: Acervo fotográfico Sinésio Santos.

Com a ascensão da oligarquia Sarney, nos anos 1960, iniciou-se um período em que grupos, comandados pelo veterano, começaram a se definir e a se organizar para a permanência no poder. O partido denominado ARENA passou a ter lugar de destaque na bancada partidária, bancada essa que perdurou por muito tempo em Caxias. Sarney instituiu alianças com a elite política de Caxias, os chamados de direita. Essas relações formaram a base para alavancar o seu poder. A presença de Sarney no governo do Maranhão elevou os ânimos de grupos locais e com o apoio desses grupos, Sarney foi eleito. Sua vitória viria reforçar cada vez mais o poder do partido vigente. As relações

estabelecidas com os líderes caxienses resultariam em distribuição de cargos em órgãos públicos, proporcionando um clima de compadrio pelo apoio recebido.

As alianças foram reforçadas, o grupo comandado pelo Tenente Aluísio Lobo, apoiado pelo governador José Sarney, manteve no poder o Tenente Aluísio Lobo que, mesmo com pouca escolaridade, trazia em seu currículo uma lista de funções por ele ocupadas na região. Tal prestígio se justifica pelas relações políticas que estabeleceu durante sua trajetória. Entre os cargos, ocupou o de Diretor do Departamento de Terras, Geografia e Colonização do Estado do Maranhão. Aluísio, por meio do seu engajamento nas ações partidárias, mostrou para as lideranças dos partidos a sua condição de dirigente político. Segundo, Bernstein (2003, p. 92),

os partidos têm um papel primordial de seleção das elites políticas. É dentro deles que começam as carreiras políticas, é através de seus aparelhos, dos meios que fornecem a seus representantes, do apoio que eles lhe trazem, que se conhecem aqueles que almejam as funções dirigentes, e que se constroem os destinos nacionais.

A imagem a seguir (Figura 107) documenta outro momento político em Caxias, na década de 1960, período em que o grupo Sarney mantinha domínio político sobre Caxias e estreita relação com os líderes políticos da cidade. Foi uma época marcada também pela constante presença do governador em Caxias e do então deputado Federal, Alexandre Costa⁴⁴, para firmar os acordos, como também para garantir trocas e favores. Era um período em que Sarney conservava um círculo de relações com as famílias da elite política caxiense, objetivando não só ampliar as alianças, como também fortalecer o clientelismo, ou seja, privilegiar um grupo em troca de seus votos e de benefícios. Havia vários grupos tidos como elite em Caxias, como aqueles considerados detentores do poder econômico e que circulavam nos ambientes destinados aos ricos. O Comendador Alderico Silva⁴⁵, por exemplo, era considerado um daqueles empresários de poder, cujos bens patrimoniais geravam empregos para muitos caxienses, e, possivelmente, essa era a razão pela qual o Comendador mantinha relações estreitas com grupos políticos de todas as instâncias. Segundo Mosca (1992), em todas as sociedades existem duas classes: a classe dirigente, chamada de classe política, que toma decisões e é constituída por uma

⁴⁴ Exerceu o mandato de Vice-Governador do Maranhão do período de 1957 a 1961; Deputado Federal, de 1963 a 1967 Senador de 1971 a 1995.

⁴⁵ O maior empresário da região até meados da década de 1990, cuja falência deixou muitos desempregados.

quantidade reduzida de pessoas; a outra classe é formada pela maioria da população ou massa, os que se subordinam ao poder exercido pelo grupo dirigente.

Figura 107 - Comendador Alderico Silva,
José Sarney e Alexandre Costa- década de 1960



Fonte: Acervo fotográfico Sinésio Santos.

Do ponto de vista político, as fotografias reveladas por Sinésio representam uma prova irrefutável da permanência de grupos políticos e partidários, da constatação de suas lideranças e de como se dava o processo político em Caxias. A narrativa daquele momento poderia ser vista também através das ocorrências de caráter político e social que resultaram na formação de grupos e alianças por interesses pessoais, partidários ou compadrios. Na década de 1980, as alianças entre os mesmos grupos continuaram em Caxias. Agora com Sarney na Presidência, Eptácio Cafeteira⁴⁶ no Governo do Estado, Hélio de Sousa Queiroz⁴⁷ na prefeitura (Figura 108) e Aluízio Lobo ocupando cargos de prestígio na capital. Cargos que o fizeram permanecer no comando, designando funções, prestigiando os amigos, apoiando a oligarquia Sarney. Com Sarney na presidência, as alianças foram se

⁴⁶ Governador do Estado do Maranhão no quadriênio 1987-1990.

⁴⁷ Eleito vice-prefeito de Caxias em 1983, após a morte do prefeito José Ferreira de Castro, assume, em 1985, o mandato de prefeito.

ampliando e cada vez mais grupos caxienses foram sendo beneficiados. Muitos laços entre esses sujeitos se conservavam porque, como diz Mills (1965), “na medida em que suas carreiras e estilos de vida são semelhantes, há base psicológica e social para sua unidade, fundamentada no fato de serem um tipo social semelhante e de se fundirem facilmente uns com os outros” (MILLS, 1965, p. 31). Mas, segundo se observa na imagem, algumas dessas alianças foram rompidas e outras se mantiveram. O fato é que, para essa época, “fotos fornecem um testemunho. Algo de que duvidamos parece comprovado quando nos mostram uma foto”, afirma Sontag (2004, p.16).

Figura 108 - Presidente José Sarney, Gov. Cafeteira, Pref. Hélio Queiroz e lideranças políticas – 1986



Fonte: Acervo fotográfico do Sr. Danilo Nunes.

Esse conjunto fotográfico dá conta de uma narrativa sobre os atores da política em Caxias, já nominados, mas revelando aspectos que ainda perduram. O dinamismo e os compadrios entre os líderes da cidade foram fatores que permitiram a permanência no poder, dessas coligações. Tal dinamicidade seguiu nos anos seguintes, fato observado, por exemplo, no apoio que líderes dispensaram a Roseana Sarney (Figura 109) em Caxias, momento em que a então governadora do Estado aparece ladeada por lideranças, como deputados, vereadores e empresários. Observamos nessa imagem, além das autoridades, a presença do Comendador Alderico Silva, aliado de épocas passadas, em uma demonstração de sua fidelidade à família Sarney.

Figura 109 - Governadora Roseana Sarney em visita a Caxias –
década de 1990



Fonte: Acervo fotográfico do Sr. Danilo Nunes.

Sinésio, ao acompanhar e registrar os acontecimentos, consegue flagrar diversas cenas de políticos e correligionários que percorrem a cidade, transmitindo uma imagem de pessoas atuantes nos pleitos que lhes foram conferidos. As fotografias desses momentos foram importantes enquanto forma de testemunho de alianças entre militantes partidários, cujos poderes permitiram prestigiar determinados grupos em Caxias, ampliando, notadamente, os seus seguidores, como também comprovar o tempo cronológico da permanência de determinados grupos políticos na administração pública. Dessa forma, o acervo fotográfico tem funcionado como um documento que estabelece relação entre o hoje e o ontem, colaborando para compreendermos um processo político que vem operando desde tempos longínquos, tecendo uma rede em que se entrecruzam histórias e nos dão possibilidades de entender as infinitas teias de poder que foram construídas, as quais os indícios permanecem hodiernamente. No âmbito da comunicação, os registros também cumpriram com o propósito de dar visibilidade às ações governamentais na cidade, apresentando um painel visual do cenário político local na atuação de alguns governantes no município.

Com seu olhar atento à procura de cenas para fotografar e constante presença nos eventos públicos e privados, Sinésio se tornou presença marcante aos olhos da comunidade, passando a prestar serviços, enquanto fotógrafo, tanto ao poder público municipal, como também a agremiações institucionais, o que certamente lhe trouxe

benefícios de ordem financeira e social. Esse trabalho realizado, durante quatro décadas, fez com que o autor colecionasse um conjunto de imagens fotográficas que descreveram o cotidiano político da cidade. As fotos a seguir (Figuras 110- 113) dão mostra do trajeto dos governantes em Caxias – MA, narrando as substituições e as permanências desses atores no panorama caxiense.

A formação dessas redes exigia dos grupos articulações tanto em nível interno, como externo, conforme podemos perceber a partir das imagens que vão, aos poucos, revelando essa tessitura e que nos levam a construir narrativas imagéticas sobre a política caxiense. Na foto abaixo (Figura 110), observamos a imagem do prefeito José Ferreira de Castro, num evento, ladeado por correligionários e pelo Monsenhor Clóvis Vidigal, pároco da cidade. Tratava-se do primeiro mandato do referido governante, eleito em 1973. A presença do religioso pode ser indício, aos olhos do espectador, do apoio da igreja ao então prefeito, o que promove, de certa forma, um reforço ao pleito do mandatário, por se tratar da presença de uma figura importante para a comunidade.

Figura 110 - Prefeito José Castro - décadas de 1970



Fonte: Acervo fotográfico Sinésio.

A foto seguinte (Figura 111) retrata o prefeito José Castro em seu segundo mandato em 1983 ficando até 1985, ano de seu falecimento. A foto flagra sua participação em reunião com membros da comunidade, revelando sua atuação enquanto líder de um grupo. A participação da esposa em reuniões que não se referem a solenidades comemorativas se torna relevante, uma vez que colabora para a manutenção das relações amistosas com o público. A demonstração de afetividade com a família traz resultados satisfatórios para o político. Esse fato se revela nos discursos de moradores ao

mencionarem a presença de Liz Castro (primeira dama municipal) nas reuniões como sendo um dos aspectos positivos do governo de José Castro.

Figura 111 - Prefeito José Castro - décadas de 1980



Fonte: Acervo fotográfico Sinésio.

As cenas de eventos políticos foram continuamente gravadas pelas câmeras do fotógrafo. A abordagem visual colhida por Sinésio para representar o político em Caxias-MA, nos idos dos anos 1960-1990, buscou transcrever, em imagens, uma sequência de acontecimentos, como também demonstrar as relações que os políticos estabeleciam entre si. Por meio desse conjunto imagético, observamos que o fotógrafo teve acesso aos variados encontros políticos ocorridos tanto em Caxias, como fora dela, pois dada a sua habilidade, costumava se deslocar para a capital em companhia de lideranças, o que se verifica quando da visita de comitiva caxiense ao gabinete do governador na capital maranhense (Figura 113). A experiência profissional o tornou um homem hábil em relação à maneira de observar e acompanhar os acontecimentos, definindo, dessa forma, a sua prática fotográfica, seja pelo desejo de manter aproximação com todos os grupos sociais, seja pela desenvoltura adquirida ao longo de sua trajetória. É pertinente enfatizar, ainda, que tal habilidade e interação com a sociedade foram importantes para que ele conseguisse, por meio da fotografia, condições necessárias para desenvolver seus projetos de vida, o que parecia difícil para um homem negro, de origem pobre, com grau de escolaridade elementar e, sobretudo, proveniente da zona rural. Adquirir bens, abrir negócio (Foto Santos), colocar os filhos para estudar na capital cearense são provas de que a fotografia para Sinésio constituiu-se em um negócio lucrativo. Fotografar grupos políticos, além de servir para divulgar as ações dessas autoridades, também favorecia o fotógrafo a expandir as redes de relações porque elas proporcionavam, de certa forma, destaque profissional.

Figura 112 - Prefeito Sebastião Lopes de Sousa - 1989



Fonte: Acervo fotográfico Sinésio.

Figura 113 - Governador Edson Lobão - década de 1990



Fonte: Acervo fotográfico Sinésio.

É interessante perceber como algumas das imagens fotográficas presentes nessa tipologia indicam registros de momentos históricos que servem para (re) construir uma narrativa política, cuja representação se pauta no testemunho visual deixado por Sinésio Santos. A câmera fotográfica, dessa forma, serviu como a prova que assistiu e acompanhou as sucessões de políticos em Caxias. O político, nas lentes de Sinésio, não expressou para os moradores apenas o fundamento ativo, presente, resoluto, mas produziu um texto aberto, deixando para o observador a condição de atribuir a essas imagens múltiplos sentidos, realizar diversas leituras. Seria, nesse caso, o que Frisch (2016) chama de “autoridade compartilhada”, considerando que as narrativas, a partir dessas imagens, podem ser construídas levando em conta a colaboração do observador que, com seu olhar atento e

crítico, pode ser capaz de captar informações e estabelecer significados para além do visível, visto que “[...] o processo de informação e de construção de significados é, por definição, compartilhado”. (FRISCH, 2016, p. 62).

PARTE TRÊS

UM PATRIMÔNIO FOTOGRÁFICO PARA CAXIAS

A utilização de recursos visuais como forma de sensibilizar as pessoas para preservar os bens culturais de uma localidade constitui-se em uma estratégia de fundamental importância para a disseminar o valor desses bens, quer seja arquitetônico, artístico, histórico, enfim de toda a natureza. Segundo Turazzi (2009), desde o surgimento do daguerreótipo, a fotografia já se relacionava à ideia de monumento histórico como patrimônio nacional, pois tais processos fotográficos eram utilizados para a reprodução de documentos raros, retratos, entre outros. De acordo com Turazzi (2009, p. 40), “a fotografia tem sido desde então um recurso visual decisivo para a documentação e preservação dos elementos concretos [...] dessa construção, historicamente determinada, à qual chamamos de patrimônio”.

Malverdes e Lopez (2016) dizem que a principal contribuição da Constituição de 1988 para a questão cultural foi a ampliação do conceito de patrimônio, pois incluiu os bens de natureza referentes “[...] à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (2016, p. 62). Em Caxias/MA coube ao fotógrafo Sinésio Santos, um dos pioneiros na arte de fotografar, o primeiro passo para deixar registrado desde os anos 1950, através de suas lentes, um conjunto de imagens que hoje podem ser consideradas como patrimônio visual da região. As fotografias produzidas por esse autor dão conta de aspectos significativos da cidade, revelando nelas, momentos que constituem a narrativa histórica do lugar, como também as transformações ocorridas nos seus espaços. São, portanto, testemunhos.

5 O ACERVO DE SINÉSIO SANTOS COMO PATRIMÔNIO FOTOGRÁFICO DE CAXIAS

[...] a definição de patrimônio documental compreende elementos que são: movíveis; feitos de símbolos / códigos, sons e/ou imagens; preserváveis; reproduzíveis e transladáveis; fruto de um processo de documentação deliberado [...] por exemplo, itens audiovisuais, como filmes, discos, fitas e fotografias, gravados de forma analógica ou digital, por meios mecânicos, eletrônicos.(EDMONDSON, 2002, p.10-11, grifos nossos).

O Programa Memória do Mundo⁴⁸, ao inserir os registros documentais imagéticos no âmbito da categoria de patrimônio cultural, reconhece-os como patrimônio documental, considerando que documento constitui-se como “aquilo que ‘registra’ algo com um propósito intelectual deliberado” (EDMONDSON, 2002, p. 10). A ideia de preservação do patrimônio cultural passou a ser discutida, no Brasil, a partir dos anos 1930, período que coincide com o afloramento do modernismo brasileiro (escola literária que inaugura uma nova fase na literatura, contrapondo-se às tradições acadêmicas, propondo liberdade de criação artística e cultural). Nesse contexto, e com o surgimento de novas mentalidades, começa-se a vislumbrar, no meio cultural, a necessidade de criar mecanismos para a valorização do patrimônio, visto que as mudanças pelas quais passa uma cidade gera, em seus moradores, tanto o esquecimento de fatos e tradições quanto o encantamento pelo novo que surge. O avanço tecnológico e as constantes informações colocadas, diariamente, à disposição das pessoas, levam o homem a se tornar fascinado pela modernidade, o que, de certa forma, o distancia da noção de preservação dos bens culturais. “A modernidade gera a perda da experiência devido a fatores como: o bombardeio de informações [e] a mecanização e divisão do trabalho industrial que pode ser traduzido em automatização” (MARTINS 2014, p. 9). Afirma, ainda, o citado autor que

a questão do patrimônio nasce do embate entre a necessidade de conservar a cidade existente – os monumentos e bens culturais que dizem respeito à história e à memória social / coletiva, numa tentativa de conjugar o tempo passado e futuro, que habitam juntos com o tempo presente da cidade e também pela sempre presente necessidade de salvar o que está em desaparecimento (MARTINS 2014, p. 11).

A partir do Século XX, a questão de patrimônio, como bem cultural, começou a ganhar força e as noções sobre espaço urbano, cultura e passado ganharam outras feições no que tange à sua preservação, pois a ideia era conservar o conjunto de bens evidenciados

⁴⁸ Sobre esse documento, consultar *Diretrizes para a Salvaguarda do Patrimônio Documental* (EDMONDSON, 2002).

como parte de uma cultura e tradição. A noção de patrimônio, atualmente, estabelece duas categorias: patrimônio material [tangível] e patrimônio imaterial [intangível]. O primeiro compreende um conjunto arquitetônico, monumentos, enfim as edificações consideradas elementos da cultura de um povo; o segundo, as manifestações artísticas, culturais e religiosas, as festas tradicionais, paisagens, ou seja, “um conjunto de expressões culturais que não estão representadas pelo chamado patrimônio tangível ou de ‘pedra e cal’” (ABREU, 2010, p. 59). Esse conjunto de elementos necessitam ser reconhecidos como importantes para uma dada comunidade, estabelecendo-se na memória dessa comunidade, pois “os objetos que compõem um patrimônio precisam encontrar ‘ressonância’ junto ao seu público”, segundo Gonçalves (2007, p. 246). Ainda no que se refere a esse aspecto, Fonseca (2003, p.63) ressalta que a questão do patrimônio imaterial

ou, conforme preferem outros, patrimônio intangível, tem presença relativamente recente nas políticas de patrimônio cultural. Em verdade, é motivada pelo interesse em ampliar a noção de ‘patrimônio histórico e artístico’, entendida pelo repertório de bens, ou ‘coisas’, ao qual se atribuiu excepcional valor cultural, o que faz esses bens serem merecedores de proteção por parte do poder público.

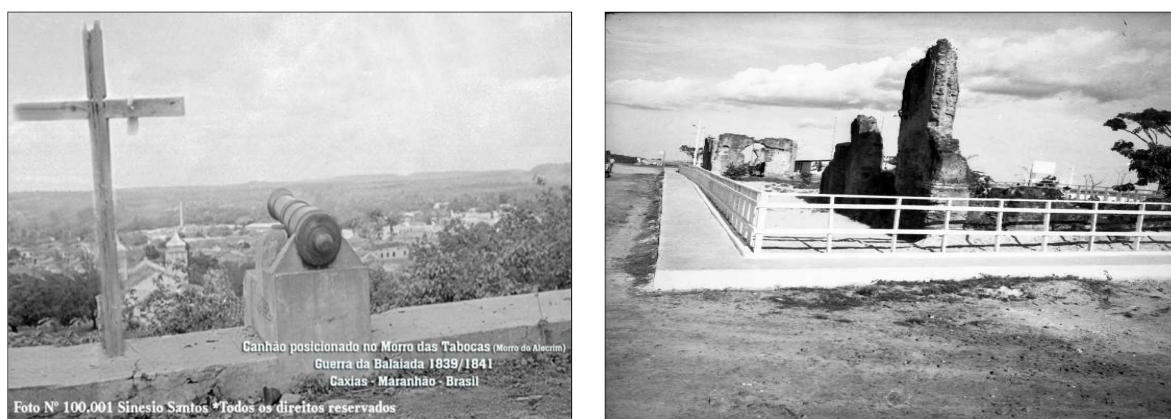
Dessa forma, percebemos o acervo fotográfico de Sinésio Santos como patrimônio de Caxias, uma vez que, ao se encontrar sob a guarda de uma instituição pública (UEMA), integrando um conjunto de bens os quais pertencem e serve à comunidade, esse acervo passa a ser visto com o devido valor documental a ele conferido pela academia e pelo público a que dele faz uso, material esse que vem sendo catalogado por meio do *Projeto Fundo de Memória Sinésio Santos* desde 2017.

5.1 - Revelando e registrando o patrimônio de Caxias

A arte fotográfica de Sinésio foi a responsável pela efervescência patrimonial da cidade de Caxias. Alguns registros, revelados pelo fotógrafo, (Figuras 114-115), retratam fatos muito representativos para a constituição histórica de Caxias, que estão memorizados num acontecimento que marcou a história da cidade há mais de um século: a Guerra da Balaiada. Hoje, esse espaço cede lugar para a praça, o Museu, a Universidade, além de residências, encontrando-se bastante modificado, mas, ainda, conservando vestígios da batalha através das ruínas e de outros elementos. O canhão utilizado pelas tropas portuguesas e tido como ícone da Guerra, ainda é conservado como um lugar de memória, estando posicionado, atualmente, na Praça Duque de Caxias. Tal objeto simboliza uma época marcada por sentimento de revolta, tristeza, opressão, enfim, de perdas para um

grupo reprimido e ganhos para os ditos detentores do poder. No espaço do canhão foi edificado, nos últimos tempos (2018), o Mirante da Balaiada, área destinada aos moradores e visitantes para observar a paisagem urbana de Caxias, lugar onde, durante a Guerra se aglomeravam os soldados em uma luta sangrenta; hoje, com a sua arquitetura alterada, serve de palco para encontros culturais e artísticos. O espaço, para além da análise fotográfica, foi positivado pelas autoridades municipais. Antes, as ruínas testemunhavam a guerra. Agora, fazem parte de uma “bela vista”, digna de ser visitada por todos. Sinésio, nos anos 1950, registrava esta transformação.

Figuras 114 e 115: Elementos representativo da Guerra da Balaiada: canhão e ruínas - década de 1950.



Fonte: Acervo do fotógrafo Sinésio Santos.

A presença do cruzeiro, situado ao lado do canhão, mostra a religiosidade do povo caxiense, como também o respeito ao contingente significativo de pessoas que perderam suas vidas durante a batalha. A cruz já não mais permanece, nem deixou vestígio material da sua existência, mas ficou gravada na imagem. A fotografia reúne informações que podem ser captadas, tendo em vista a maneira de observar de cada pessoa. Por meio dessa imagem, revive-se um passado, busca-se na memória aspectos da paisagem que já não mais existem. A foto que se encontra imbuída de simbologia, marcando a passagem do acontecimento nesse espaço, hoje, revela a representação de um patrimônio histórico da cidade em outros tempos. Os resíduos da guerra, a posição original do canhão visto na foto, remetem os moradores a um passado muito distante, dando sentido aos elementos que compõem o espaço, bem como às constantes visitas dos turistas e às atividades que são desenvolvidas atualmente no Memorial ali erguido, espaço esse que serve para mostrar aos sujeitos a necessidade de resguardar e preservar os bens materiais e imateriais. Para Lemos (1981),

preservar não é só guardar uma coisa, um objeto, uma construção, um miolo histórico de uma grande cidade velha. Preservar também é gravar depoimentos, sons, músicas populares e eruditas. Preservar é manter vivos, mesmo que alterados, usos e costumes populares. É fazer, também, levantamentos, levantamentos de qualquer natureza, de sítios variados, de cidades, de bairros, de quarteirões significativos dentro do contexto urbano. (LEMOS, 1981, p.29).

Utilizando-se de sua câmera, Sinésio Santos registrou aspectos que fazem referência a um contexto histórico representativo e que demonstra as grandes transformações pelas quais passou a cidade, permitindo que as novas gerações mantenham contato, por meio da memória fotográfica, com a historiografia da cidade. Assim, se compreende a representação da Balaiada como um patrimônio, como uma herança cultural do passado de Caxias que será conservado para gerações futuras, sob a perspectiva da preservação e valorização de algo que pode ser compreendido como referência cultural e histórica de um grupo. É nesse sentido que a fotografia de Sinésio Santos ultrapassa a mera imagem turística e traz para o nosso estudo uma contribuição testemunhal, transformando as fotos do lugar em uma fração do patrimônio fotográfico que ele produziu. “Concebemos como patrimônio os elementos da cultura que ajudam a ligar uma comunidade com seu passado tanto do ponto de vista imaterial [...] como do ponto de vista material [...]” (XAVIER, 2010, p. 260).

Dessa forma, a fotografia apresentada coloca-se como testemunha visual de um passado/presente na memória coletiva dos caxienses, como também da memória individual. Vale dizer, então, que “não há exagero na afirmação de que as imagens, em todas as suas modalidades [...] não somente participaram da construção da ideia de patrimônio no imaginário coletivo, como também da ampliação desta ideia muito além de sua configuração material[...]” (TURAZZI, 2009, p. 40).

Outro exemplo de patrimônio que trazemos está relacionado à festa de São Benedito, já mencionado anteriormente e aqui retomamos (Figura 116), em que procuramos destacar o que ela representou para os caxienses: uma das maiores lembranças relacionadas à religiosidade dessa população, pois o Festejo de São Benedito foi, em outros tempos, considerado um dos grandes acontecimentos da região leste maranhense não só pelo festejo em si, mas pelo envolvimento da população e de visitantes à cidade. No período, se abrigavam, na maioria das residências e hotéis, uma numerosa quantidade de visitantes, alguns atraídos pela missão religiosa e outros, pelo desejo de encontros e

reencontros com pessoas queridas. Esse momento, esperado com muita pompa, era singular na vida dos moradores, ocasião em que todos economizavam para exibir os melhores e mais caros trajes. Essa festa, além de servir como atrativo de cunho social e religioso, trazia para Caxias um aumento da renda financeira, pois, nessa época, o comércio alimentício, hoteleiro e varejista conseguia crescer em seu capital, o que proporcionava uma melhoria econômica aos comerciantes.

Figura 116 - Festa de São Benedito – década de 1950



Fonte: Acervo do fotógrafo Sinésio Santos.

Hoje, o largo transformou-se em praça; a rua, onde as pessoas circulavam, em um constante ir e vir à procura de um par ou para desfrutar do ambiente festivo, abriga carros e motos, os quais, em tempos passados, não existiam. A paisagem foi alterada, os hábitos de as pessoas ocuparem os bancos sob as árvores para saborearem os petiscos ali comercializados foram trocados por outros entretenimentos. São fatos que ficaram na memória dos mais antigos e que merecem ser preservados como patrimônio da comunidade caxiense, visto que, segundo Silveira e Ramos (2017, p. 24), “é a comunidade quem escolhe, amplia e seleciona seus bens [imateriais] (e os preserva), conforme necessidade[/desejo] atrelado às construções identitárias”.

Nos últimos anos, a igreja católica percebeu a necessidade de resgatar tal evento, talvez pensando em aproximar um pouco mais os fiéis, que se encontravam distantes, ou na tentativa de reaver uma tradição desconhecida pelos mais jovens, tradição essa que demonstra a fé dos caxienses, assim como preserva a memória da comunidade. Nesse

sentido, a arte de Sinésio representa um instrumento que desempenha um importante papel no que se refere à preservação cultural, considerando que a fotografia serve, não apenas, para fornecer registros, como fonte histórica e documental, mas também como bem cultural, que resguarda memória e valores individuais e coletivos. O festejo de São Benedito, nesse aspecto, passa a ser visto como patrimônio imaterial de Caxias, considerando que, segundo Fonseca,

Patrimônio não se constitui apenas de edificações e peças depositadas em museus, documentos escritos e audiovisuais guardados em bibliotecas e arquivos... Interpretações e instituições, assim como lendas, mitos, ritos, saberes e técnicas, podem ser considerados exemplos de um patrimônio dito imaterial (FONSECA, 2003, p. 69).

Erguida, no Século XVIII, pelas mãos de escravos, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos (Figura 117), uma das mais antigas da cidade, era frequentada somente por negros e escravos, considerando que o preconceito racial existente na cidade não permitia a presença de negros nas missas em que os brancos participavam, fato esse que perdurou por muito tempo. No período da Balaiada, o referido templo foi abrigo da Intendência. Ao lado direito da igreja se via um pelourinho destinado ao castigo de escravos que, mesmo não estando fincado no local, deixou indício da sua existência nas lembranças. Tal instrumento, cujo funcionamento se deu até o ano de 1888, permaneceu no local até a década de 1980, levando a manter viva na memória dos moradores as histórias dos frequentes açoites realizados publicamente durante o período da escravidão. [Como exemplo, o caso da morte de um inocente acusado de matar uma mulher adúltera, que gritou em vão por clemência diante daqueles que assistiam ao espetáculo]. A Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, pela sua história e historicidade, conforme apontamos acima, também se apresenta como um patrimônio da cidade.

Figura 117 - Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos
construída no século XVI por escravos - Registro nos anos 1950



Fonte: Acervo do fotógrafo Sinésio Santos/ reprodução.

A preservação e a manutenção do templo são identificadas também como símbolos da história e da identidade do povo negro escravizado. Para Turazzi (2009, p.48), “As imagens participam [...] da noção de pertencimento e da construção do que hoje concebemos como patrimônio, sem desconsiderar as ressignificações dessa ideia ao longo do tempo”. A imagem fotográfica deixada por Sinésio Santos, além de alimentar a memória visual dos moradores, funciona, ainda, como patrimônio fotográfico uma vez que documenta e preserva aspectos de outra época.

A Igreja Nossa Senhora do Rosário, antes palco de discriminação e cuja localização demarcava um espaço restrito à comunidade negra, na atualidade, constitui-se de um ambiente de sociabilidade religiosa, onde brancos e negros se misturam sem distinção, compartilhando as mesmas festividades. A fotografia é, portanto, o patrimônio visual da construção arquitetônica que marcou a existência de espaço que assinalava a exclusão dos negros da sociedade e sua desigualdade em relação aos brancos. Hodiernamente, muitas transformações foram realizadas no lugar: o pelourinho foi retirado; a fachada da igreja foi mantida, conservando a memória daqueles que a ergueram; novas construções preencheram o entorno. Dessa forma, tal imagem fotográfica revela uma história, manifestando-se, portanto, como patrimônio local. Nas palavras de Monteiro (2008, p. 148), a fotografia “é um fragmento do real escolhido pelo fotógrafo, por meio do enquadramento, do foco, [...] da seleção do tema, [...] do entorno e dos sujeitos e dos objetos a serem fotografados”.

Figura 118 - Companhia de Fiação e Tecidos -
União Caxiense – década de 1950



Fonte: Acervo do fotógrafo Sinésio Santos.

A foto 54, apresentada no capítulo anterior, revela o desenvolvimento econômico de Caxias vivido no final do Séc. XIX. A imagem deixada por Sinésio da Companhia de Fiação e Tecidos União Caxiense S/A (Figura 118) mostra uma arquitetura pomposa e que demonstra a importância da cidade para a região naquela época, pois dali, conforme dito anteriormente, por meio da geração de empregos, muitas famílias se beneficiavam. Sinésio, ao capturar a foto do alto de um prédio, com a técnica adquirida através da experiência que lhe deu a arte, sem buscá-la na academia, consegue retratar, a imponência da arquitetura de origem inglesa e seus detalhes, deixando visíveis características do prédio (com seus vários janelões) e do espaço físico onde foi erguida, com a presença de uma paisagem com muita vegetação quando, no período, não existiam outros prédios no entorno.

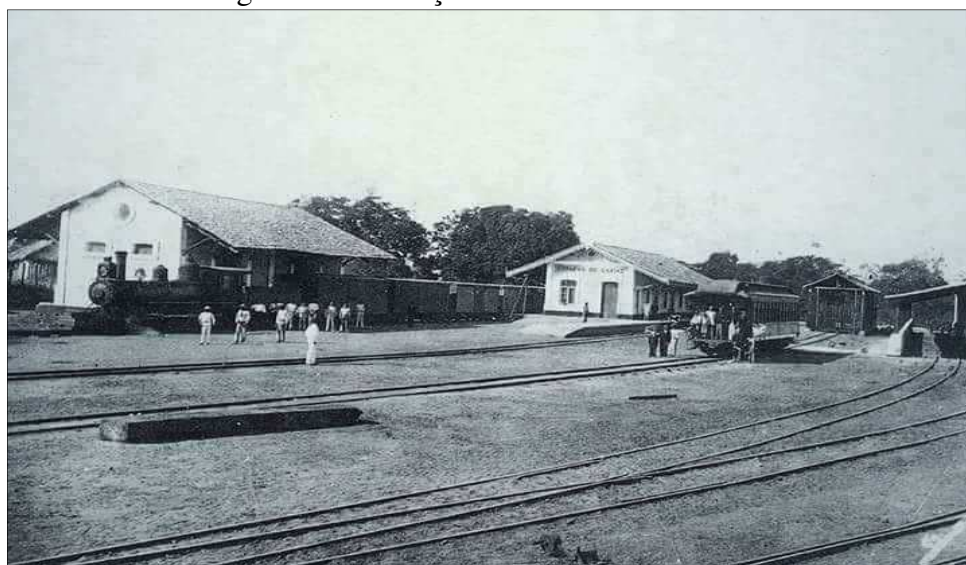
Tal imagem afirma a existência de uma realidade local adversa da atual. A foto, dessa forma, é representativa na medida em que constitui um discurso visual que recobra a memória das pessoas, como também promove uma relação identitária no imaginário daqueles que ali trabalharam e compartilham histórias comuns. A citada fotografia visualiza uma das arquiteturas mais antiga da cidade sendo, portanto, a representação do patrimônio histórico e cultural de Caxias. Para Turazzi (2009, p.24), “as imagens [...] são também expressões da cultura artística, histórica e técnico-científica de sua época, encarnando determinadas concepções de tempo e espaço, memória e história [...], pertencimento e patrimônio”.

Outro local digno de menção é onde funcionou a Estação de Trem (Figura 119) e que, atualmente, aloja o Instituto Histórico e Geográfico de Caxias, foi palco de grandes movimentações em décadas passadas, lugar onde viajantes, vendedores e andantes, frequentemente, misturavam-se cada um em busca de destinos diferentes. O transporte de passageiros funcionou até o início da década de 1990; atualmente, somente funciona o transporte de cargas. Hoje, mesmo com as transformações sofridas em decorrência do tempo e da sua utilização, a imagem da estação permanece viva na memória de muitos moradores, considerando que

A fotografia materializa uma imagem que se foi, preserva um olhar, um sorriso, um jeito de ser, um amor, uma lembrança, um passado, enfim, toda uma história vivida de fato, permite que o sujeito moderno seja o autor de sua própria biografia individual e familiar, construindo um monumento para o reconhecimento do seu papel na construção do futuro. (MAUAD, 2012, p. 57).

A fotografia desse local representa importante monumento histórico, uma vez que materializa o cotidiano visual de uma época em que a população utilizava o trem como meio de se deslocar para a capital maranhense e outras localidades, hábito esse já extinto. A fotografia, nesse caso, serve para monumentalizar espaços históricos na cidade mesmo que não faça mais parte do cenário. O principal registro, no caso, são as lembranças, as memórias.

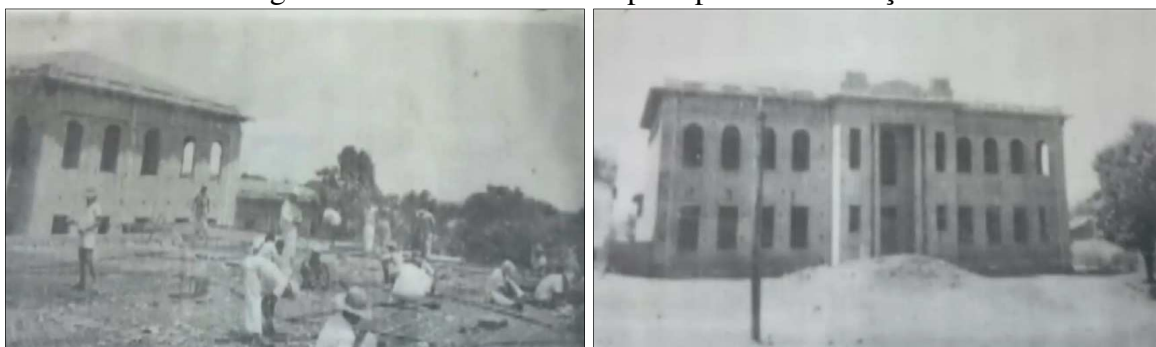
Figura 119 - Estação de Trem – Caxias-MA



Fonte: Acervo do fotógrafo Sinésio Santos.

A paisagem urbana do centro histórico de Caxias passou, no século XX, por grandes alterações, com construções de obras, avenidas, balneários, enfim, o que causou mudanças na aparência da cidade, situações evidenciadas nos registros imagéticos de Sinésio Santos. Segundo Xavier (2010, p. 259), “a cidade é um objeto de conhecimento histórico privilegiado, cuja história deve ser narrada. Seus traços conduzem ao entendimento da formação social da paisagem contemporânea e de suas sucessivas fisionomias anteriores, ao longo do tempo.

Figuras 120 e 121 – Palácio Episcopal em construção



Fonte: Acervo Fundo de Memória Sinésio Santos.

Nas fotos que acima (Figuras 120 e 121), observamos a imagem da construção do Palácio Episcopal, em estilo neoclássico, cuja pedra fundamental foi instalada em 1943, sendo a obra concluída somente na década de 1950, sob o bispado do religioso Dom Luís Gonzaga da Cunha Marelim. O registro das intervenções urbanísticas feitos por Sinésio talvez possam ser entendidos como a sua percepção do progresso chegando à cidade, assim como pode refletir uma ideia de que o fotógrafo demonstrava um constante cuidado em registrar, por meio das imagens, todos os acontecimentos que marcavam a história e a memória de Caxias, inclusive aquele em que mostrava a possibilidade de alteração no aspecto visual do ambiente através de novas edificações.

Por ter sido a cidade que sediaria o centro das ações religiosas na região, a construção do Palácio representou um momento histórico, o que levou o fotógrafo a revelar tais imagens, que estavam creditadas em seu acervo fotográfico. Vale lembrar, ainda, que muitas dessas fotografias foram bastante significativas, pois foram utilizadas pela imprensa, na tarefa de divulgar as transformações, no âmbito patrimonial, ocorridas em Caxias. Essa edificação simbolizou a presença da igreja católica e seu domínio no cenário

caxiense. O Palácio representa o poder simbólico da igreja e a importância política de Caxias de se tornar sede do poder episcopal.

Figura 122 - Palácio Episcopal – Década de 1960



Fonte: Acervo Fundo de Memória Sinésio Santos.

O registro da paisagem urbana, no espaço acima referido, não escapou da lente do fotógrafo, no desejo de documentar a fisionomia arquitetônica desse lugar, o passo a passo de seu desenvolvimento. Além do registro do patrimônio visual, havia ainda o anseio de valorizar cada momento que a cidade testemunhou. As imagens mostradas anteriormente (Figuras 120 e 121) flagram uma área desabitada, com pouca infraestrutura, cujo espaço, já nos anos 1960 (Figura 122), encontrava-se plenamente habitado, alterando a feição do lugar, o que facilitou, dessa forma, a construção da narrativa da edificação desse patrimônio, considerando que, segundo Pesavento (2008, p. 109), “as imagens contêm discursos [...]. Imagens *dão a ver e dão a ler*”.

Figura 123 - Biblioteca Pública de Caxias –
Rua Aarão Reis/ década de 1960



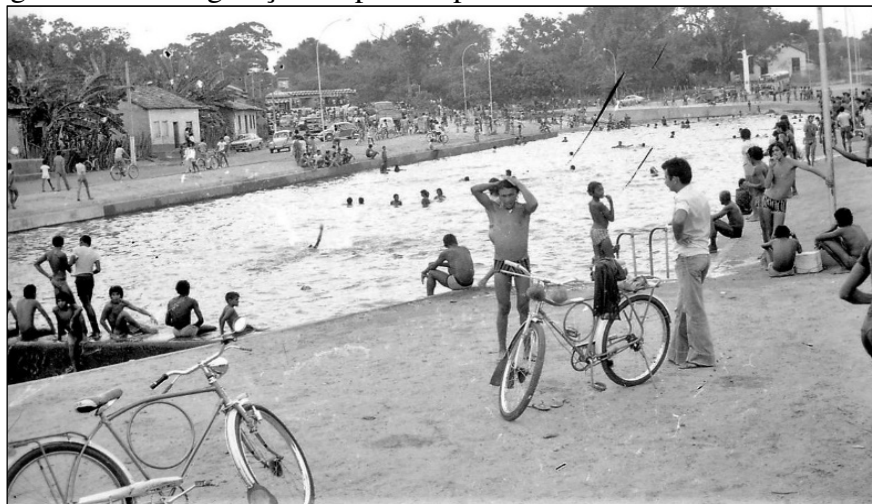
Fonte: Acervo Fundo de Memória Sinésio Santos.

Inaugurada na década de 1960, a Biblioteca Pública Municipal de Caxias (Figura 123) foi implantada na administração do então prefeito, Aluizio de Abreu Lobo, época em que a comunidade não contava com espaços culturais, onde, principalmente, os menos favorecidos, pudessem ter acesso, fora do ambiente escolar, ao objeto livro. Sinésio Santos deixou para a sociedade atual a imagem fotográfica registrada no momento da inauguração da instituição. A referida foto possivelmente tenha sido realizada sob encomenda do político, na intenção de referenciar suas ações enquanto prefeito. O destaque dado à faixa e ao prédio, talvez intencionalmente, é uma maneira de eternizar a obra como um dos feitos do político, funcionando, também, como propaganda de seu mandato ou, até mesmo, servindo para que o administrador se promova politicamente. Esse registro, ao mostrar benfeitorias de políticos na cidade, é uma comprovação de que a fotografia dá indícios da existência de acontecimentos que, às vezes, não foram evidenciados de outra forma.

Atualmente, por meio da fotografia, podemos perceber que o espaço, em muito, foi modificado; a biblioteca já não existe e, por grande parte da população, só é lembrada pela existência da imagem revelada por Sinésio. Dessa maneira, tal fotografia pode ser tomada como patrimônio histórico local por preservar cenas de um passado não mais existente, por moldar características de um espaço já transformado, por retratar a imagem de um acontecimento que simbolizou um espaço cultural da época e, ainda, por ser única, não constando no acervo de nenhum outro fotógrafo. Para Turazzi, (2009, p.40), “a fotografia [...] já no seu nascimento esteve ligada à noção de monumento histórico como patrimônio nacional e à consolidação das instituições que dele participavam”.

Diversas comemorações e festividades foram registradas por Sinésio (Figuras 65-66). A inauguração da piscina pública de Caxias (Figura 124), conhecida como Piscina do Ponte, balneário construído pelo então prefeito de Caxias, José Ferreira de Castro, na década de 1970, onde desembocava um pequeno riacho no bairro denominado Ponte. O banho havia se transformado em uma das áreas de lazer, de utilidade pública, utilizadas pela comunidade do entorno, como também de bairros mais distantes, até porque o calor que assolava a região levava um grande público a se refrescar naquelas águas. A piscina, a partir de sua inauguração, passou a integrar o roteiro de passeios de famílias, atraindo também pessoas de outras localidades.

Figura 124 - Inauguração da piscina pública de Caxias - década de 1970



Fonte: Acervo do fotógrafo Sinésio Santos.

A foto registrou um momento histórico, cena que se eternizou na memória daqueles que por ali passavam, moravam ou se deliciavam da área de lazer que era bastante valorizada pelos caxienses. Falamos das piscinas públicas, cotidiano que se inscreve apenas nas lembranças do povo e no registro imagético de Sinésio Santos o qual arquiva uma época que marcou a vida da comunidade e revelou um capítulo da paisagem do Bairro Ponte de outrora, espaço esse onde, atualmente, não mais permanece com a mesma dinâmica dos tempos passados. No entanto, a fotografia de Sinésio neste caso também serve como artefato de memória, patrimônio visual de uma edificação, dando pistas de que o lugar existiu como espaço de sociabilidade e de lazer. Dessa forma, a imagem rememora o acontecimento e o espaço com a sua utilidade dos tempos idos, serve como referência para as lembranças. A fotografia, portanto, assim como retrata o patrimônio, pode ser

considerada o próprio patrimônio, uma vez que ela reconhece, registra e simboliza momentos vividos e guardados nas recordações dos sujeitos.

Figura 125 - Inauguração do Monumento na Mata do Jatobá, localidade do nascimento do poeta Gonçalves Dias – 1959



Fonte: Acervo Fundo de Memória Sinésio Santos.

O monumento erguido na localidade Laranjeiras (Figura 125), na Mata do Jatobá, em 1959, no então município de Caxias – MA, destaca um dos lugares de memória do município. É o espaço consagrado ao poeta caxiense, Antônio Gonçalves Dias, um dos mais referenciados no meio literário, personagem que encantou, por meio dos seus versos, os brasileiros. O espaço, onde nasceu o poeta, pensaram alguns, demarca um ambiente a ser conservado no sentido de criar, entre os caxienses, uma tradição de homenagear o literato. Ou seja, um espaço dedicado para manter viva a sua memória. Nesse sentido, essa imagem pode simbolizar tanto um momento histórico e cultural como pode servir como um momento para lembrar o poeta, o que, nas palavras de Le Goff (2013, p. 486), significa ter presente que “o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação”. Portanto, essa imagem se manifesta como um patrimônio e, como tal, “o termo patrimônio [...] refere-se a algo que herdamos e que, por conseguinte, deve ser protegido” (OLIVEN, 2003, p.77).

Para Laila Foix (2011, p.379), no que concerne ao valor patrimonial, os documentos fotográficos são considerados por si mesmos como patrimônio, mas, além da reprodução da imagem, seja pela sua antiguidade, por sua autoria, seja por sua constituição formal, têm um valor intrínseco e inseparável do objeto físico que os configuram. A autora ainda destaca que podem reproduzir, assim mesmo, objetos do patrimônio cultural (monumentos, obras de arte, etc.) ou mesmo do patrimônio imaterial (danças, tradições, etc.); porém, o

valor de seu conteúdo não desmerece seu valor como objeto fotográfico. (Apud MALVERDES e LOPEZ, 2016, p. 69).

Figura 126 - Concessionária automobilística de Caxias – década de 1950



Fonte: Acervo Fundo de Memória Sinésio Santos.

Figura 127 - Aniversário do Armazém Caxias – década de 1950



Fonte: Acervo Fundo de Memória Sinésio Santos.

As frequentes festividades apontadas pelas fotografias e pelos textos foram também marcadas pela presença do fotógrafo Sinésio Santos, quem se dedicava a registrar todos os momentos vividos pelos habitantes da cidade. O espaço destinado à comercialização de automóveis marca *Ford* em Caxias, Concessionária Willys (Figura 126), de propriedade do empresário Alderico Silva, foi inaugurado nos anos 1950, no centro da cidade, na Praça Gonçalves Dias. O registro imagético de Sinésio, além de se

reportar a um período em que a Família Silva dominava a economia caxiense, ainda faz referência a outro passado que documenta o movimento da empresa no momento da sua instalação, destacando na sua arquitetura o relógio fixado no alto da fachada do prédio, que nunca atrasava, marcando a hora da cidade. A instalação da primeira concessionária e a presença dos jipes circulando pelas ruas da cidade dão sinal da modernidade tomando espaço em Caxias, trazida pelo desenvolvimento econômico da região. Os veículos sendo comercializados não só em Caxias, mas também nas cidades circunvizinhas, davam indícios de que o proprietário da Willys podia, para expandir sua empresa, contar com o poder aquisitivo dos maranhenses.

Na outra edificação (Figura 127), funcionaram vários outros empreendimentos de propriedade do mesmo empresário, inclusive o Armazém Caxias (antes Bazar do Japão⁴⁹, mas em outro endereço), loja essa que marcou, nos anos 1930, o início da construção do império do citado comerciante. A foto que trazemos no texto é a que registra a comemoração de 25 anos de existência do empreendimento. Ela nos dá indícios de um comércio com produtos bem diversificados, o qual atendia a todos os públicos. A par desse registro, verificamos que o público se fazia presente em número elevado, quer participando da festa, quer visitando todos os espaços da mostra, ou mesmo olhando de longe, do outro lado da rua. Em se tratando da presença do fotógrafo, podemos constatar que era uma época em que Sinésio percorria os espaços em busca de algum episódio para registrar, sem necessitar ser convidado para fazer o registro. Esse movimento inicial do fotógrafo, a experiência de se fazer presente nos locais, o fato de fotografar sem contrato prévio foram ações, talvez, por ele pensadas para lhe conferir visibilidade, portanto, tornar-se mais conhecido.

Hoje, tal espaço (Figura 127) já está bastante modificado, abrigando diversas lojas comerciais. Do relógio, não restou nem o seu lugar na fachada; as letras moldadas foram substituídas por outras desenhadas e pintadas; as indicações do nome do proprietário “A. SILVA” moldadas na fachada, foram cobertas; as portas de madeira e vidro foram substituídas por largas portas de ferro; os estacionamentos dos carros hoje só existem motos. O cenário visual do lugar foi, dessa forma, alterado, o que tornou esse registro uma preservação da imagem de uma propriedade que se definiu, durante muito tempo, como

⁴⁹ Loja inaugurada em 1932, na Rua 1º de Agosto, tendo seu nome alterado, na década de 1940, para Armazém Caxias.

símbolo do prestígio de uma família. Atualmente, registra um ambiente modificado para atender outras necessidades. Nesse contexto, o registro fotográfico de Sinésio Santos se mostra como um instrumento revelador de cenas que construíram a história de um dado tempo em um espaço que já se remodelou.

“Tendo a capacidade de imortalizar uma época e guardar para um tempo futuro o que foi classificado como suficientemente importante ao ponto de ter sido registrado, a foto perpetua o vivido e o que não se quer esquecer”. (COSTA E JOHANSEN, 2018, p.2).

Outros autores dizem, ainda, que:

“De acordo com Sôneco (2010), muitas vezes a fotografia fornece informações que os documentos textuais não registraram porque possuem a capacidade de abrigar desejos e construções de sentido individuais e coletivos. A imagem é um objeto cultural com múltiplos significados, visto que ‘através de interesses e escolhas permite (re)criar e (re)interpretar o real’”. (SÔNECO, 2010, p.6).

As análises aqui apresentadas, juntamente com os autores que abordam o tema nos mostram que as sucessivas mudanças do aspecto visual de Caxias se tornaram relevantes à medida que, pelas fotografias, ressaltamos o conhecimento da história da cidade e de seu cotidiano e passamos a reconhecer a importância patrimonial das imagens reveladas por Sinésio Santos, como também a valorizá-las enquanto patrimônios visuais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A fotografia emerge no mundo ocidental sob o signo do modernismo, sob a racionalidade iluminista e a ótica renascentista. Através das sucessivas mutações técnicas que a aperfeiçoaram, a fotografia atravessa os dois mundos, do modernismo ao pós-modernismo, partilhando das diversas temporalidades”. (CIAVATTA, 2002, P.16).

A presente tese apresentou, por meio das fotografias reveladas pelo fotógrafo maranhense Sinésio Santos, aspectos que mostram as transformações ocorridas no cenário urbano de Caxias-MA, nas décadas de 1950-1990, o cotidiano dos moradores, assim como as suas atividades sociais e políticas. São imagens que permitem um olhar sobre a cidade e a sociedade caxiense nesse período considerando-se, ainda, que é um acervo fotográfico que contribuirá para preservar a memória e o patrimônio histórico-cultural da urbe maranhense. Para tanto, buscar o acervo do fotógrafo foi o ponto de partida para a realização da tarefa, o que foi difícil, considerando-se a necessidade de digitalização das imagens, entrave posteriormente solucionado, propiciando-nos seguir com as diretrizes da pesquisa.

No que diz respeito ao projeto desenvolvido, estas considerações nos levam a afirmar que no início dos anos 1950, a cidade de Caxias-MA era praticamente desprovida de fotógrafos, como também de estúdio fotográfico. É nesse período que Sinésio Santos da Silva, lançando mão das oportunidades que se lhe afiguraram, iniciou sua trajetória como fotógrafo. Ao longo da carreira buscou na fotografia um meio não só para alcançar o mercado, mas também para galgar “um lugar ao sol”⁵⁰, pois para garantir o sustento da família, necessitava, antes de tudo, estabelecer contato com os mais diversos grupos. Nesse sentido, trilhou diversos caminhos para conseguir posição de destaque na sociedade local, considerando que não era comum para um homem negro e de origem humilde, conseguir ter acesso às pessoas, aos espaços sociais considerados de elite, sobretudo, naquela época (anos 1950), quando da existência, mesmo que de forma velada, de preconceitos de classe e de cor. Mas foi possível perceber que Sinésio se utilizou da atividade de fotógrafo para percorrer o caminho que ele vislumbrou alcançar e se juntar à sociedade local como parte dela. A fotografia, nesse caso, foi o que lhe propiciou a sua inserção e mobilidade entre os

⁵⁰ Expressão utilizada por WITT (2015), na obra de sua autoria intitulada *Em busca de um lugar ao sol*.

caxienses. Isso ficou bem evidente ao observar as imagens por ele registradas: festas familiares, políticos, a elite local etc. Fato demonstrativo do reconhecimento de alguém, sobretudo proveniente da zona rural, que chega a uma cidade e consegue, depois de exercer outros ofícios [ajudante de pedreiro e vendedor ambulante de água], buscar uma profissão que lhe permita o livre convívio com diversos grupos sociais. A sua opção para exercer a função de fotógrafo, além de ter sido por lhe dar prazer, pode parecer, ainda, uma estratégia para romper barreiras, o que pode ter ocorrido com diversos imigrantes em outras épocas e em outros lugares do país.

Nessa trajetória fundou, no final dos anos 1950, o Estúdio Foto Santos⁵¹, atividade que lhe garantiu, com o passar do tempo, sua posição na sociedade local, pois a partir dessa década, registrou os mais variados acontecimentos, não só em Caxias, mas também em seu entorno, constituindo-se numa referência na região. Durante quatro décadas, Sinésio utilizou sua máquina para explorar, mesmo sem ter sido esse propósito, vários temas sobre a cidade, fato que tornou o acervo bastante representativo, por resguardar aspectos históricos e culturais de Caxias. Ao registrar as mudanças ocorridas na cidade durante quatro décadas de trabalho, Sinésio Santos tornou visível a sua marca, enquanto testemunha ocular dos momentos pelos quais passou Caxias. Na sua produção fotográfica, observamos também que o aprendizado do autor foi sendo aperfeiçoado sem que fosse a laboratório especializado para esse fim, fato confirmado pelas entrevistas, como também pelos formatos das imagens reveladas no início da profissão, algumas mantendo caráter disforme, o que foi sendo aprimorado, a fim de atender ao mercado, tendo em vista ser a fotografia a provedora do sustento da família Santos. Após o seu falecimento, o estúdio continuou funcionando por algum tempo sob a administração dos filhos, espaço onde foi mantido o acervo que ora analisamos, com cerca de dez mil negativos.

As imagens produzidas por Sinésio, ao longo de sua vida de fotógrafo, permitiram-nos realizar um trabalho de tese em que observamos aspectos relativos às transformações ocorridas na cidade, ao longo da segunda metade do século XX, às relações políticas e seus desdobramentos entre os grupos locais e à vida social tanto em seu aspecto familiar quanto público. Enfim, são imagens que nos permitem fazer um percurso no tempo e no espaço. Para tanto, à luz dos estudos teóricos, procuramos interpretar e dar a conhecer aspectos históricos e culturais de Caxias possíveis de serem analisados nas

⁵¹ Localizado na Rua Gustavo Colaço, no centro da cidade, e inaugurado em 1958.

fotografias e que somente foram percebidos a partir dos estudos evidenciados pelos autores os quais nos propusemos examinar. As fotografias utilizadas no trabalho assumiram um papel documental, uma vez que funcionaram como representação de acontecimentos e revelaram as práticas que regeram a sociedade em uma determinada época.

Para conhecer a trajetória de Sinésio Santos, precisamos também entrelaçar a fotografia com a história oral, pois encontramos depoentes que narraram experiências em relação à importância de Sinésio no cenário caxiense. Contudo, é mister afirmar que tais narrativas foram também fundamentais para que pudéssemos extrair delas informações que nos fizeram perceber o esforço do profissional e as estratégias que usava para não ser visto apenas como um fotógrafo entre tantos, mas aquele de significativa importância na sociedade. Os depoimentos também nos permitiram encontrar um traço do preconceito sofrido por Sinésio, por conta de sua cor, em alguns momentos da carreira, nas relações com determinado clube social da cidade, embora nele o nosso personagem tivesse uma atuação destacada enquanto fotógrafo profissional.

Quando destacamos o acervo do fotógrafo, verificamos que ele também serviu para mostrar as relações sociais constituídas pelos grupos, as redes que iam se consolidando para estabelecer apoios políticos e comerciais, construindo uma narrativa visual que, por meio do conteúdo das diversas imagens reveladas pelo autor, possibilitou informações de um passado que trouxe vestígios para o presente. São fotografias que retratam o comportamento social e ativam memórias, pois a fotografia é um importante artefato para preservar memórias, quer sejam individuais ou coletivas. Assim, percebemos que as lentes do fotógrafo capturaram documentos visuais que contribuem para acessar a cultura, o patrimônio e a história local do período que o fotógrafo conseguiu congelar. Enfim, são fotografias que preservam a paisagem da cidade de outrora, pois “ao salvaguardar a cidade do passado, importa, sobretudo, fixar imagens e discursos que possam conferir uma certa identidade urbana, um conjunto de sentidos e de formas de reconhecimento que a individualizam na história”. (PESAVENTO, 2005, p.10). Em várias situações, entrevistados, ao observarem, por exemplo, imagens de um evento ocorrido no passado, apresentaram um discurso imbuído de recordações saudosistas, demonstrando o quanto o aspecto memorialístico está presente na fotografia.

Por meio das fotos selecionadas de familiares, as quais foram capturadas tanto no estúdio como em outros locais, percebemos o quão tal artefato era importante para esses

grupos, na medida em que as poses favoreciam a representação de um grupo coeso, cujo aspecto construía o desejo de projetar uma imagem de integridade de si mesma. Por meio dessa cultura, as famílias, também, buscavam acompanhar os padrões sociais, ou seja, serem reconhecidas socialmente, uma vez que, além da produção, a fotografia poderia ainda circular, mesmo que fosse entre poucos grupos. Percebemos, ainda, que o ateliê de Sinésio Santos constituiu-se em um espaço abalizador da cultura fotográfica, considerando que não funcionou apenas para captar imagens das pessoas da comunidade, mas também como expositor dessas imagens, uma espécie de vitrina que, ao chamar a atenção do público consumidor, exercia influência nesse público, despertando o desejo de serem fotografados e serem vistos pelos passantes.

A sociabilidade trazida pelas imagens foi outro aspecto que analisamos no acervo pesquisado, sugerindo um modelo que ultrapassa a formalidade, cuja ideia, possivelmente, seria retratar grupos de uma sociedade que pretendem demonstrar harmonia, os quais buscam interagir nos mais diversos espaços, como praças, clubes, campo de futebol, residências, ou seja, locais vistos como lugares de possíveis encontros. Dessa forma, foi possível verificar que o acervo de Sinésio, de certa forma, conferiu visibilidade a diversos grupos. Sendo, talvez, esse o motivo pelo qual obteve, de certa forma, tanto sucesso, uma vez que era procurado por pessoas de diferentes posições sociais para exercer o trabalho de fotógrafo. Nesse sentido, “toda a produção imagética constitui um patrimônio cultural que permite conhecer as singularidades dos grupos retratados e da própria sociedade” (CANABARRO, 2005, p 39).

A opção pelo tema da pesquisa foi, portanto, motivada pelo potencial que os registros possuíam para o desdobramento de questões que envolviam a memória, a cidade e o patrimônio que, ao serem analisados, possibilitaram nosso interesse para o seu estudo. Assim, catalogar as imagens e separá-las por temática foi um trabalho que exigiu um olhar inquiridor, no sentido de entender o que a imagem podia revelar. Nesse sentido, o estudo teórico e o direcionamento das orientadoras foram fundamentais para enxergarmos para além do que estava explícito. Vale dizer, ainda, que o Exame de Qualificação⁵² foi essencial para aparar arestas ainda existentes no trabalho e obter esclarecimentos, ainda mais precisos, à luz dos questionamentos dos arguidores, momento em que consideramos

⁵² Realizado em 14 de agosto de 2018.

essencial para que dúvidas fossem clareadas e pudéssemos explorar, de forma mais contundente, o conteúdo das imagens e das entrevistas.

A realização de pesquisa que traz a imagem fotográfica como pano de fundo é, nesse caso, um estudo em que importa não somente identificar e reconhecer a relevância de fotógrafos que se destacaram, por meio das suas produções, em um determinado tempo e sociedade, mas, antes de tudo, analisar o momento em que as imagens foram capturadas, isto é, o contexto histórico e/ou cultural, sua representatividade, as possíveis leituras que podem ser delas depreendidas, sua possibilidade de reaver lembranças, a capacidade de atuar como testemunha de práticas sociais e como fonte histórica. Enfim, é interessante percebê-la, ainda, como elemento que colabora para a manutenção da identidade individual e coletiva.

Assim, a fotografia nesse trabalho apresentou-se, não como elemento ilustrativo, mas como fonte documental que registrou informações pertinentes ao estudo, muitas das quais se encontravam implícitas. Contudo, a partir das indagações levantadas, tornou-se possível o seu desvendamento.

Existe um conhecimento implícito nas fontes não verbais como a fotografia. Descobrir os enigmas que guardam seu silêncio é desvendar fatos que são inerentes e que não se mostram, fatos de um passado desaparecido, nebuloso que tentamos imaginar, re-criar, a partir de nossas imagens mentais, em eterna tensão com a imagem presente que concretamente vemos, limitada à superfície do documento: realidade superposta. (KOSSOY, 2007, p. 61).

A nossa função, enquanto pesquisadora, foi localizar elementos presentes nas imagens, analisá-las, estabelecer comparações e fazer perguntas, a fim de chegar a possíveis respostas, atingindo o nosso propósito primeiro que é ampliar os estudos históricos e culturais sobre o município, a partir da análise dos acontecimentos observados nas fotografias. Vale esclarecer, ainda, que com este trabalho apresentamos algumas contribuições para as pesquisas, tais como informações sobre o fotógrafo Sinésio Santos, pois, sendo ele considerado “[...] o símbolo maior da fotografia caxiense”, conforme destacou o Jornal Folha dos Cocais (anexo L), merecia que abríssimos um espaço para esclarecer ao leitor sobre a sua atuação no cenário caxiense, a fim de propiciar uma discussão, uma vez que não havia nenhuma produção acadêmica sobre o referido fotógrafo. Entretanto, em nosso entendimento, a maior contribuição de Sinésio Santos advém das fotografias, recurso que, ao fazer referência à cidade e a diversas personalidades e acontecimentos, trouxe, para os historiadores, possibilidades de discussões sobre a

história de Caxias, como abriu possibilidades para futuras pesquisas tendo a fotografia como fonte. Salientamos, também, a importância desse acervo fotográfico como patrimônio visual de Caxias, o que o coloca num outro patamar de importância no contexto histórico da cidade e do Estado. O Acervo Sinésio Santos, hoje aos cuidados da UEMA, nos diz que o primeiro passo já foi dado.

Queremos enfatizar, ainda, que a presente pesquisa se constitui de uma tese que não esgota suas possibilidades de análise. Pelo contrário, a ideia é justamente, por meio das fotografias aqui apresentadas, como também do catálogo fotográfico intitulado “*Sinésio Santos: a cidade e os olhos*” (anexo O), oportunizar o desvendamento de informações ainda silenciadas e que podem ser reveladas com o cruzamento entre fontes escritas e orais de diferentes épocas.

Finalmente, reconhecemos que as imagens fotográficas, objeto de estudo da tese, propiciaram o desenvolvimento do nosso pensamento crítico e reflexivo em relação ao uso dessa fonte, aprimorando nossa competência acadêmica, visto que o amadurecimento para esse estudo foi deflagrado a partir do contato frequente com os textos dos autores que versam sobre a temática, como também da observação detalhada das fotografias, o que nos permitiu apurar o olhar inquiridor para o objeto analisado. É oportuno afirmar que as análises não se restringem ao simples olhar de encantamento para a imagem, pois, ao ultrapassar essa visão, despertamos os fios de sensibilidade que cada foto carrega e buscamos desvelar o que estava subjacente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Regina. Patrimônio Cultural: tensões e disputa no contexto de uma nova ordem discursiva. In: **Seminários temáticos de Arte e Cultura Popular**. Rio de Janeiro: Museu casa do Pontal, 2010, p. 53-63.
- ALMEIDA, Bernardo Pinto de. O postal ilustrado e a modernidade. In: MARTINS, Moisés de Lemos (Ed.). **Os postais ilustrados na vida da comunidade**. Braga – Portugal: CECS/ Universidade do Minho, 2017.
- ALMEIDA, Eliane de Sousa. **O patrimônio edificado do centro histórico de Caxias-MA como lugar de memória: entre a materialidade e a imaterialidade**. Dissertação de Mestrado em políticas Públicas. Teresina: UFPI, 2009.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Patrimônio documental e ação educativa nos arquivos. **Ciências e Letras**, Porto Alegre: Ed. FAPA, n. 27, jan./jun. 2000, p. 155-166.
- BERSTEIN, Serge. Os partidos. In: RÉMOND, René (Org.) **Por uma história política**. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 57-98.
- BOURDIEU, Pierre; BOURDIEU, Marie-Claire. O camponês e a fotografia. **Revista de Sociologia e Política**, n. 26, jun. 2006.
- BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: história e imagem**. Bauru, SP: EDUSC. 2005.
- _____. “História como memória social”. In: **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000, p. 67-89.
- CANABARRO, Ivo dos Santos. Fotografia, história e cultura fotográfica: aproximações. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre: PUCRS, v. XXXI, n. 2, p. 23-39, dez. 2005.
- CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto: 2016.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. História e Imagem: Os Exemplos da Fotografia e do Cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História – Ensaios de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CERTEAU, Michel de. Caminhadas pela cidade. In: **A invenção do cotidiano: 1- Artes de Fazer**. Trad. Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008, p. 169-191.
- _____. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CHOAY, Françoise. **A alegoria do Patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade, Editora Unesp, 2001.
- CIAVATTA, Maria Franco. Educando o trabalhador da grande “família” da fábrica- a fotografia como fonte histórica. In: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda. (Org.). **A Leitura de Imagens na Pesquisa Social: história, comunicação e Educação**. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2008, v. 1, p. 37-59.
- _____. Maria Franco. **O Mundo do Trabalho em Imagens - A fotografia como fonte histórica: conceitos fundamentais para a interpretação da imagem fotográfica**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2002.

CÔRTE, Andréa Telo da. Imagem a céu aberto: a produção visual de imigrantes portugueses em Niterói no século XX- possibilidades de interpretação. In: GAWRYSZEWSKI, Alberto (Org.). **Olhares sobre narrativas visuais**. Niterói: Editora da UFF, 2012, p. 73-95.

COSTA, Alvaro Daniel; JOHANSEN, Elizabeth. 'A fotografia enquanto registro de um patrimônio cultural: devoção e identificação – Casa do Divino' in **Anais do XVII Encontro Estadual de História da ANPUH-SC**. UNIVILLE, Joinville/SC, 21 a 24 de agosto de 2018, consultado em 20/01/2019.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo e identidades**. 5ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DIETRICH, Ana Maria; MATOS, André Luiz Reis. Fotografia, Memória e a Diversidade das Fontes Históricas. In: **Caminhos Da História**. Vassouras, v. 7, n. 1, p. 19-32, jan./jun., 2011. Disponível em

http://www.uss.br/pages/revistas/revistacaminhosdahistoria/v7n12011/pdf/002_FotografFo_memorias_diversidade_%20das_fontes.pdf. Acesso em: 10/10/2015.

DUBOIS, Phillipe. **O ato fotográfico**. Trad. Marina Appenzeller. 14ª ed. Campinas (SP): Papirus, 2012.

DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

EDMONDSON, Ray. **Memória do Mundo: Diretrizes para a salvaguarda do patrimônio documental**. Paris: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, Divisão da Sociedade da Informação, 2002. Disponível em: <https://mowlac.files.wordpress.com/2012/07/diretrizes-para-a-salvaguarda-do-patrimc3b4nio-documental.pdf>. Acesso em: 05 Jun. 2019.

FABRIS, Annateresa. **Identidades virtuais: uma leitura do retrato fotográfico**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

_____, Annateresa. **Fotografia: usos e funções no século XIX**. São Paulo: EDUSP, 1998.

FELIZARDO, Adair; SEMAIN, Etienne. A fotografia como objeto e recurso de memória. In: **Discursos fotográficos**. Londrina, v.3, n.3, p.205-220, 2007

FÉLIX, Loiva Otelo. **História, memória: a problemática da pesquisa**. 2ª Ed. Passo Fundo: UPF, 2004.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Apresentação. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: Regina Abreu e Mário Chagas (Org.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003, p. 56-76.

FRISCH, Michael. A história pública não é uma via de mão única ou De A Shared Authority à cozinha digital, e vice-versa. In: MAUAD, Ana Maria, ALMEIDA, Juniele Rabêlo de, SANTHIAGO, Ricardo (Orgs.). **História pública no Brasil – sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 57-71.

GIRON, Loraine Slomp. Da memória nasce a História. IN: LENSKIJ, T. & HELFER, N.E. (Org.) **A memória e o ensino de História**. Santa Cruz do Sul: Edunisc; São Leopoldo: ANPUH/RS, 2000.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Os limites do patrimônio. In: Manuel Ferreira Lima Filho; CornelaEckert; Jane Felipe Beltrão (Org.). **Antropologia e Patrimônio Cultural: diálogos e desafios contemporâneos**. Blumenau: Nova Letra, 2007, p. 239-248.

GRAHAM, Richard. **Clientelismo e política no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997, p. 15-136.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2013.

KARSBURG, Alexandre. A micro-história e o método da microanálise na construção de trajetórias. In: VENDRAME, Maíra Ines; KARSBURG, Alexandre; WEBER, Beatriz; FARINATTI, Luis (Org.). **Micro-história, trajetórias e imigração**. São Leopoldo- RS: OIKOS, 2015.

KOSSOY, B. **Fotografia e História**. 3ª Ed. rev.- São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

_____. Fotografia e memória: a reconstituição por meio da fotografia. In: SEMAIN, Etienne (org). **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 2005.

_____. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

LEHMKUHL, Luciene. Fazer história com imagens. In: PARANHOS, Kátia; LEHMKUHL, Luciene; PARANHOS, Adalberto (Orgs.). **História e imagens: textos visuais e práticas de leitura**. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2010, p. 53-70.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5ª Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2013.

LEITE, Mirian Moreira. **Retratos de Família**. São Paulo: Edusp, 2001.

LE MOS, Carlos A. C. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1981.

LIMA, Solange Ferraz de. O circuito social da fotografia: estudo de caso II. In: FABRIS, Annateresa (Org.). **Fotografia: usos e funções no século XIX**. São Paulo: Edusp, 1998, p. 59-82.

LIMA, Solange Ferraz de; CARVALÇO, Vânia Carneiro. Fotografias: usos sociais e historiográficos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 29-60.

MACHADO JÚNIOR, Cláudio de Sá. **Imagens da sociedade Porto-Alegrense: vida pública e comportamento nas fotografias da Revista do Globo (década de 1930)**. São Leopoldo: Oikos, 2009.

MALUF, Marina. **Ruídos da memória**. São Paulo: Siciliano, 1995.

MALVERDES, André e LOPEZ, André Porto Ancona. 'Patrimônio fotográfico e os espaços de memória no Estado do Espírito Santo'. In **Ponto de Acesso**. Salvador, v.10, n.2, p.59-80, ago. 2016, capturado em www.pontodeacesso.ici.ufba.br e consultado em 10/09/2018.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, Sandra. A Experiência da modernidade e o patrimônio cultural. **Revista de Estudos e Investigações Antropológicas**, v. 1, n. 1, 2014.

MAUAD, Ana M. Fotografia e História: possibilidades de análise. In: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (Orgs.). **A Leitura de Imagens na Pesquisa Social: história, comunicação e Educação**. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2008, v. 1, p. 19-36.

_____. Fotografia e as dimensões visuais do privado e do público na trajetória de imigrantes libaneses no Rio de Janeiro. In: GAWRYSZEWSKI, Alberto (Org.). **Olhares sobre narrativas visuais**. Niterói: Editora da UFF, 2012, p. 45-72.

_____. Imagens contemporâneas: experiência fotográfica e memória no século XX. In: PARANHOS, Kátia Rodrigues; PARANHOS, Adalberto; LEHMKUHL, Luciene (Orgs.). **História e imagens: textos visuais e práticas de leituras**. Campinas- SP: Mercado das Letras, 2010, p. 145-163.

_____. **Através da imagem: fotografia e história**. Interfaces. Tempo, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1996.

MERHY, José Carlos Sebe Bom. Desafios da história oral latino-americana: o caso do Brasil. In: FERREIRA, Marieta; FERNANDES, Tânia Maria; ALBERTI, Verena (Orgs.). **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000, p. 85-89.

MILLS, C. Wright. **A elite do Poder**. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965.

MONTEIRO, Charles. Construindo a história da cidade através de imagens. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza (Orgs.). **Narrativas, imagens e práticas sociais: percurso em história cultural**. Porto Alegre: Asterisco, 2008.

MOSCA, Gaetano. (1992), **La classe política**. México, Fondo de Cultura Económica.

NEEDEEL, Jeffrey D. **Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 267-374.

NEUMANN, Rosane Marcia. Cartões-postais: representação do espaço colonial no início do século XX. In: MEYRER, Marlise Regina; NEUMANN, Rosane Marcia (Org.). **História, imagem e representação: possibilidades de leitura**. São Leopoldo: Oikos, 2015, p. 25-56.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. In: **Projeto História**. São Paulo, PUC, vol. 10, dez. 1983, p. 7-28.

NOVAES, S. C. O uso da imagem na antropologia. In: SAMAIN, E. (Org.). **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 2005.

OLIVEN, Ruben George. Patrimônio Intangível: considerações iniciais. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003, p. 77-80.

PERSICHETTI, Simonetta. Dos elfos aos selfies. In: KÜNSCH, Dimas; PERSICHETTI, Simonetta (Orgs.), **Comunicação, entretenimento e imagem**, São Paulo: Plêiade, 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo da imagem: território cultural. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza (Org.).

Narrativas, imagens e práticas sociais: percurso em história cultural. Porto Alegre: Asterisco, 2008, p. 99-122.

_____. **Cidade, espaço e tempo:** reflexos sobre a memória e patrimônio urbano. Cadernos de LEPAARO, Pelotas, v. II, n.4, 2005.

_____. **O espetáculo da rua.** 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1996.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos históricos**, vol. 5, n. 10, p.200-212. Rio de Janeiro, 1992.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como a arte da escuta.** São Paulo: Letra e Voz, 2016.

POSSAMAI, Zita Rosane. A cidade como livro didático: educação patrimonial no âmbito do Programa Monumenta. Porto Alegre. In: POSSAMAI, Zita Rosane (Org.). **Leituras da cidade.** Porto Alegre: Evangraf, 2010, p. 209-219.

PRIORE, Mary Del. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. **Topoi** (Rio de Janeiro), v. 10, n. 19, p. 7-16, 2009.

RAMOS, Eloísa Helena Capovilla da Luz; SILVEIRA, Éder da Silva. A produção do conhecimento histórico sobre história e patrimônio: algumas considerações sobre o uso das fontes e notas preliminares para o professor/historiador em formação. In: NASCIMENTO, José Antonio Moraes do (Org.). **Centros de documentação e arquivos:** acervos, experiências e formação. São Leopoldo: Oikos, 2017, p. 13-28.

RAMOS, Júlia Capovilla Luz. **Fotojornalismo e identidade:** a nação brasileira pelas lentes de Pierre Verger. Curitiba: Appris, 2017.

RIBEIRO, Carmem Adriane. **Imagens negociadas:** retratos de família pelas lentes do estúdio foto klos nas décadas de 1930 e 1940 em Panambi – RS. 2015. Tese (Doutorado em História) - Programa de PósGraduação em História, PUCRS, Porto Alegre – RS, 2015.

_____. Estúdio Foto Klos – 1913 a 1950 (Parnambi – RS). In: MEYRER, Marlise Regina; NEUMANN, Rosane Marcia (Org.). **História, imagem e representação:** possibilidades de leitura. São Leopoldo: Oikos, 2015, p. 57-76.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho; ECKERT, Cornelia. Narrar a cidade: experiências de etnografias da educação. In: POSSAMAI, Zita Rosane (Org.). **Leituras da cidade.** Porto Alegre: Evangraf, 2010, p. 85-108.

SAMPAIO, Francisco. **A nostalgia do Bar do Exelsior Hotel chega ao fim.** Caxias – MA, 11 de setembro de 2017. Disponível em: <http://horadoportal.com.br/noticia/19404-a-nostalgia-do-bar-do-exelsior-hotel-chega-ao-fim>. Acesso em: 01/10/2017.

SANTOS, Alba Cristina Couto dos. **As marcas de Amstad no cooperativismo e no associativismo gaúcho:** as lembranças da associação Theodor Amstad e da Sicredi Pioneira. Porto Alegre/RS: SESCOOP, 2014.

SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia e regimes de historicidade. **Métis: história & cultura** v.2, n.3, jan.-jun.2003, pp. 57-72.

SÔNECO, Márcio Jesus Ferreira. A fotografia enquanto fonte histórica. **Historiae.** Rio Grande: FURG, v.1, n.2, p. 113-120, 2010.

SOUZA, Isaac Gonçalves; MENESES, Renato Lourenço de; VIANNA, Jotônio Moreira. **Cartografias Invisíveis: saberes e sentires de Caxias**. Caxias-MA: Academia Caxiense de Letras, 2015.

SIMSON, Olga Rodrigues de MoraesVon. Imagem e memória. In: SEMAIN, Etienne (org). **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Trad. De Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TURAZZI, Maria Inez. **Iconografia e Patrimônio: o Catálogo da Exposição da História do Brasil e a fisionomia da nação**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2009.

_____. **Poses e trejeitos: a fotografia e as exposições na era do espetáculo (1839-1889)**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

VARINE, Hugues de. **As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local**. Trad. Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianiz, 2012.

VASQUEZ, Pedro. **A fotografia no Império**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2002.

WITT, Marcos Antônio. **Em busca de um lugar ao sol: estratégias políticas, imigração alemã**. São Leopoldo: Oikos, 2015.

XAVIER, Luiz Merino de F. A cidade como livro didático: educação patrimonial no âmbito do Programa Monumenta Porto Alegre. In: POSSAMAÍ, Zita Rosane (Org.). **Leituras da cidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2010, p. 257-273.

ZANIRATO, Silvia Helena e RIBEIRO, Wagner Costa. Patrimônio cultural: a percepção da natureza como um bem não renovável. **Revista Brasileira de História**, vol. 26, n. 51, 2006, p. 251-262.

FONTES ORAIS

ANDRADE, Pedro Ferreira de. *Entrevista concedida à Marinalva Aguiar Teixeira Rocha*. Caxias, em 06 de dezembro de 2017.

ARAÚJO, Ludce de Maria Frazão Machado. *Entrevista concedida à Marinalva Aguiar Teixeira Rocha*. Caxias, em 01 de agosto de 2018.

BRANDÃO, Domingos Araújo. *Entrevista concedida à Marinalva Aguiar Teixeira Rocha*. Caxias, em 13 de dezembro de 2017.

CARNEIRO, Maria do Espírito Santo Moreira de Araújo. *Entrevista concedida à Marinalva Aguiar Teixeira Rocha*. Caxias, em 21 de agosto de 2018

GABRIEL, Lindalva Maria dos Santos. *Entrevista concedida à Marinalva Aguiar Teixeira Rocha*. Caxias, em 29 de maio de 2018.

MACIEL, Dalva *Entrevista concedida à Marinalva Aguiar Teixeira Rocha*. Caxias, em 06 de junho de 2018.

MAGALHÃES, Antônio José. *Entrevista concedida à Marinalva Aguiar Teixeira Rocha*. Caxias, em 31 de agosto de 2016.

SANTOS, Danilo Nunes dos. *Entrevista concedida à Marinalva Aguiar Teixeira Rocha*. Caxias, em 27 de novembro de 2017.

SILVA, Sílvia Maria Carvalho. *Entrevista concedida à Marinalva Aguiar Teixeira Rocha*. Caxias, em 06 de junho de 2018.

SILVA, Maria Ilma Medeiros. *Entrevista concedida à Marinalva Aguiar Teixeira Rocha*. Caxias, em 12 de dezembro de 2017.

SANTOS, Márcia Regina Ferreira. *Entrevista concedida à Marinalva Aguiar Teixeira Rocha*. Caxias, em 06 de outubro de 2017.

SILVA FILHO, Sinésio Santos da. *Entrevista concedida à Marinalva Aguiar Teixeira Rocha*. Caxias, em 10 de outubro de 2017.

SOUSA, José do Nascimento. *Entrevista concedida à Marinalva Aguiar Teixeira Rocha*. Caxias, em 30 de agosto de 2017

SOUSA, Nelson Monteiro de. *Entrevista concedida à Marinalva Aguiar Teixeira Rocha*. Caxias, em 06 de outubro de 2017.

OLIVEIRA, Amadeu Viana de. *Entrevista concedida à Marinalva Aguiar Teixeira Rocha*. Caxias, em 11 de outubro de 2017.

OLIVEIRA, Raimunda Vieira Feitosa. *Entrevista concedida à Marinalva Aguiar Teixeira Rocha*. Caxias, em 18 de abril de 2018.

OLIVEIRA, Valquíria Araújo Fernandes de. *Entrevista concedida à Marinalva Aguiar Teixeira Rocha*. Caxias, em 29 de novembro de 2017.

FONTES HEMEROGRÁFICAS

Jornal O Cruzeiro. Ano III, 16 fev. 1958. N°. 950.

Jornal Folha de Caxias. Ano XXIV, 20 mai. 1965. N°. 208.

Jornal Folha de Caxias. Ano III, 28 mai. 1965. N°. 210.

Jornal Folha dos Cocais. Ano IV, 28 nov. 1999. N° 142.

Jornal O Pioneiro. Ano XII, 25 de mai. 1978. N° 419.

O Nosso Jornal. Ano IV, 05 a 20 de no. 1987. N° 70

FONTES DOCUMENTAIS

Ficha de Sinésio Santos – Membro do Círculo dos Trabalhadores Cristãos de Caxias-MA

Atas da eleição e posse- 1967/ Vice-Presidente- União Artística Operária Caxiense

Certidão da Associação dos Fotógrafos de Caxias-MA

Certidão de Criação do Sindicato dos Fotógrafos

Ata de Criação da Associação dos Moradores do Bairro Ponte

Ata de Fundação da Aliança Classista de Caxias-MA

Ata da Nova Diretoria empossada em 1981- Centro Artístico Operário Caxiense

Ata de Posse da Nova Diretoria da União Artística Operária Caxiense / Termo De Posse e Compromisso

Lista de Sócios Beneméritos

Jornal noticiando a morte -1999

Ofício ao Sr. Governador Eptácio Cafeteira nº 01/87

Reportagem noticiando reunião com governador e deputados/1987.

APÊNDICES

APÊNDICE A



TERMO DE ACEITE DE DEPOIMENTOS

Eu Arnaldo Lima de Oliveira
 CPF 040.294.373 - 20, RG 0451919120120 SSP/MA após conhecer e entender os objetivos, os procedimentos metodológicos, os riscos e os benefícios da pesquisa intitulada “CAXIAS-MA REVELADA PELA LENTE DE SINÉSIO SANTOS-1950/1990”, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, autorizo, através do presente termo, a doutoranda em História e autora do referido projeto, MARINALVA AGUIAR TEIXEIRA ROCHA- CPF: 329.729.703-49, cujos estudos realiza na UNISINOS, a realizar filmagens, fotos e/ou colher meu depoimento, sem quaisquer ônus a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização das fotos, vídeos e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), bem como a utilização do meu verdadeiro nome em favor da pesquisadora acima especificada.

Caxias, 11 de outubro de 2017.

Arnaldo Lima de Oliveira

Participante da Pesquisa

APÊNDICE B



TERMO DE ACEITE DE DEPOIMENTOS

Eu Antonio José Magalhães Carneiro
CPF 179.235063-53, RG 3138692017-6, após conhecer e entender os objetivos, os procedimentos metodológicos, os riscos e os benefícios da pesquisa intitulada “CAXIAS-MA REVELADA PELA LENTE DE SINÉSIO SANTOS-1950/1990”, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, autorizo, através do presente termo, a doutoranda em História e autora do referido projeto, MARINALVA AGUIAR TEIXEIRA ROCHA- CPF: 329.729.703-49, cujos estudos realiza na UNISINOS, a realizar filmagens, fotos e/ou colher meu depoimento, sem quaisquer ônus a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização das fotos, vídeos e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), bem como a utilização do meu verdadeiro nome em favor da pesquisadora acima especificada.

Caxias, 31 de Agosto de 2016.

Antonio José Magalhães Carneiro
Participante da Pesquisa

APÊNDICE C



TERMO DE ACEITE DE DEPOIMENTOS

Eu Dalva Maeil de Oliveira
CPF 701342433-15, RG 6031992-5, após conhecer e entender os objetivos, os procedimentos metodológicos, os riscos e os benefícios da pesquisa intitulada "CAXIAS-MA REVELADA PELA LENTE DE SINÉSIO SANTOS-1950/1990", bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, autorizo, através do presente termo, a doutoranda em História e autora do referido projeto, MARINALVA AGUIAR TEIXEIRA ROCHA- CPF: 329.729.703-49, cujos estudos realiza na UNISINOS, a realizar filmagens, fotos e/ou colher meu depoimento, sem quaisquer ônus a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização das fotos, vídeos e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), bem como a utilização do meu verdadeiro nome em favor da pesquisadora acima especificada.

Caxias, 19 de julho de 2018.

Dalva Maeil de Oliveira

Participante da Pesquisa

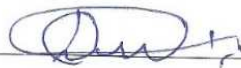
APÊNDICE D



TERMO DE ACEITE DE DEPOIMENTOS

Eu Danilo Nunes dos Santos
CPF 075.591.303-34, RG _____, após conhecer e entender os objetivos, os procedimentos metodológicos, os riscos e os benefícios da pesquisa intitulada “CAXIAS-MA REVELADA PELA LENTE DE SINÉSIO SANTOS-1950/1990”, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, autorizo, através do presente termo, a doutoranda em História e autora do referido projeto, MARINALVA AGUIAR TEIXEIRA ROCHA- CPF: 329.729.703-49, cujos estudos realiza na UNISINOS, a realizar filmagens, fotos e/ou colher meu depoimento, sem quaisquer ônus a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização das fotos, vídeos e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), bem como a utilização do meu verdadeiro nome em favor da pesquisadora acima especificada.

Caxias, 27 de novembro de 2017.



Participante da Pesquisa

APÊNDICE E



TERMO DE ACEITE DE DEPOIMENTOS

Eu Domingos Araújo Brandão
CPF 0276677891, RG 043807869011-2 SSP/MA após conhecer e entender os objetivos, os procedimentos metodológicos, os riscos e os benefícios da pesquisa intitulada “CAXIAS-MA REVELADA PELA LENTE DE SINÉSIO SANTOS-1950/1990”, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, autorizo, através do presente termo, a doutoranda em História e autora do referido projeto, MARINALVA AGUIAR TEIXEIRA ROCHA- CPF: 329.729.703-49, cujos estudos realiza na UNISINO, a realizar filmagens, fotos e/ou colher meu depoimento, sem quaisquer ônus a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização das fotos, vídeos e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), bem como a utilização do meu verdadeiro nome em favor da pesquisadora acima especificada.

Caxias, 13 de dezembro de 2017.

Participante da Pesquisa

APÊNDICE F



TERMO DE ACEITE DE DEPOIMENTOS

Eu JOSÉ DO NASCIMENTO SOUSA
CPF 079.490.813-68, RG 19086555P-PJ, após conhecer e entender os objetivos, os procedimentos metodológicos, os riscos e os benefícios da pesquisa intitulada "CAXIAS-MA REVELADA PELALENTE DE SINÉSIO SANTOS-1950/1990", bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, autorizo, através do presente termo, a doutoranda em História e autora do referido projeto, MARINALVA AGUIAR TEIXEIRA ROCHA- CPF: 329.729.703-49, cujos estudos realiza na UNISINOS, a realizar filmagens, fotos e/ou colher meu depoimento, sem quaisquer ônus a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização das fotos, vídeos e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), bem como a utilização do meu verdadeiro nome em favor da pesquisadora acima especificada.

Caxias, 30 de agosto de 2017.

José do Nascimento Sousa

Participante da Pesquisa

APÊNDICE G



TERMO DE ACEITE DE DEPOIMENTOS

Eu LINDALVA MARIA DOS SANTOS GABRIEL
CPF 799.774.133-04, RG 57.239.132.015-0, após conhecer e entender os objetivos, os procedimentos metodológicos, os riscos e os benefícios da pesquisa intitulada “CAXIAS-MA REVELADA PELA LENTE DE SINÉSIO SANTOS-1950/1990”, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, autorizo, através do presente termo, a doutoranda em História e autora do referido projeto, MARINALVA AGUIAR TEIXEIRA ROCHA- CPF: 329.729.703-49, cujos estudos realiza na UNISINOS, a realizar filmagens, fotos e/ou colher meu depoimento, sem quaisquer ônus a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização das fotos, vídeos e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), bem como a utilização do meu verdadeiro nome em favor da pesquisadora acima especificada.

Caxias, 29 de MAIO de 2018.

Participante da Pesquisa

APÊNDICE H



TERMO DE ACORDO DE PUBLICAÇÃO DE DEPOIMENTOS

Eu Ludiva de Oliveira Siqueira de Aguiar
 CPF: 4416804-34, RG: 281658-PE, após conhecer
 e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, os riscos e os benefícios da
 pesquisa intitulada "CAXIAS REVELADA PELA LENTE DE SINÉSIO SANTOS-
 1950/1990", bem como estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou
 depoimento, autorizo através do presente termo a doutoranda MARINATVA AGUIAR
 TEIXEIRA ROCHA- CPF: 329.729.703-49, cujos estudos realizam na UNISINOS, a
 realizar filmagens, fotos e/ou colher meu depoimento sem quaisquer ônus a nenhuma
 das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização das fotos, vídeos e/ou depoimentos
 para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), bem como a
 utilização do meu verdadeiro nome em favor da pesquisadora acima especificada.

Caxias, 01 de agosto de 2018.

Ludiva de Oliveira Siqueira de Aguiar
 Participante da Pesquisa

APÊNDICE I



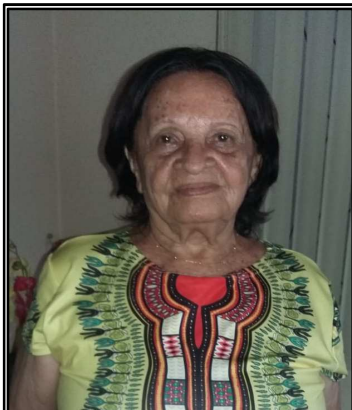
TERMO DE ACEITE DE DEPOIMENTOS

Eu Marcia Regina Ferreira Santos
 CPF 329.773.873-115, RG 2009009084080 SSP/CE, após conhecer e entender os objetivos, os procedimentos metodológicos, os riscos e os benefícios da pesquisa intitulada "CAXIAS-MA REVELADA PELA LENTE DE SINÉSIO SANTOS-1950/1990", bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, autorizo, através do presente termo, a doutoranda em História e autora do referido projeto, MARINALVA AGUIAR TEIXEIRA ROCHA- CPF: 329.729.703-49, cujos estudos realiza na UNISINOS, a realizar filmagens, fotos e/ou colher meu depoimento, sem quaisquer ônus a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização das fotos, vídeos e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), bem como a utilização do meu verdadeiro nome em favor da pesquisadora acima especificada.

Caxias, 06 de setembro de 2017.

Marcia Regina Ferreira Santos
 Participante da Pesquisa

APÊNDICE J



TERMO DE ACEITE DE DEPOIMENTOS

Eu Maria do Espírito Santo Moreira de Araújo Carneiro
 CPF 192.743.503-59, RG 950178 PR, após conhecer
 e entender os objetivos, os procedimentos metodológicos, os riscos e os benefícios da
 pesquisa intitulada “CAXIAS-MA REVELADA PELA LENTE DE SINÉSIO SANTOS-
 1950/1990”, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou
 depoimento, autorizo, através do presente termo, a doutoranda em História e autora do
 referido projeto, MARINALVA AGUIAR TEIXEIRA ROCHA- CPF: 329.729.703-49,
 cujos estudos realiza na UNISINOS, a realizar filmagens, fotos e/ou colher meu
 depoimento, sem quaisquer ônus a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a
 utilização das fotos, vídeos e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros,
 artigos, slides e transparências), bem como a utilização do meu verdadeiro nome em
 favor da pesquisadora acima especificada.

Caxias, 21 de agosto de 2018.

Maria do Espírito Santo M. de A. Carneiro.
 Participante da Pesquisa

APÊNDICE K



TERMO DE ACEITE DE DEPOIMENTOS

Eu Marina Hilma Pedreira Silva
CPF 054.623.043-15, RG 93.814.25P.MA., após conhecer e entender os objetivos, os procedimentos metodológicos, os riscos e os benefícios da pesquisa intitulada “CAXIAS-MA REVELADA PELA LENTE DE SINÉSIO SANTOS-1950/1990”, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, autorizo, através do presente termo, a doutoranda em História e autora do referido projeto, MARINALVA AGUIAR TEIXEIRA ROCHA- CPF: 329.729.703-49, cujos estudos realiza na UNISINOS, a realizar filmagens, fotos e/ou colher meu depoimento, sem quaisquer ônus a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização das fotos, vídeos e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), bem como a utilização do meu verdadeiro nome em favor da pesquisadora acima especificada.

Caxias, 12 de dezembro de 2017.

Marina Hilma Pedreira Silva

Participante da Pesquisa

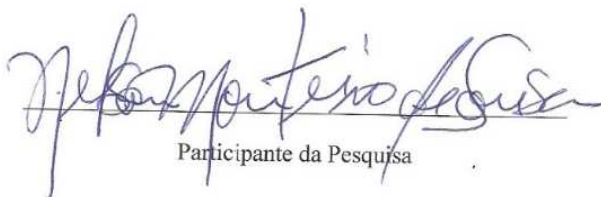
APÊNDICE L



TERMO DE ACEITE DE DEPOIMENTOS

Eu Nelson Monteiro de Sousa
CPF 075596883-00, RG 294.619 55/PIE, após conhecer e entender os objetivos, os procedimentos metodológicos, os riscos e os benefícios da pesquisa intitulada "CAXIAS-MA REVELADA PELA LENTE DE SINÉSIO SANTOS-1950/1990", bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, autorizo, através do presente termo, a doutoranda em História e autora do referido projeto, MARINALVA AGUIAR TEIXEIRA ROCHA- CPF: 329.729.703-49, cujos estudos realiza na UNISINOS, a realizar filmagens, fotos e/ou colher meu depoimento, sem quaisquer ônus a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização das fotos, vídeos e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), bem como a utilização do meu verdadeiro nome em favor da pesquisadora acima especificada.

Caxias, 06 de outubro de 2017.


Participante da Pesquisa

APÊNDICE M



TERMO DE ACEITE DE DEPOIMENTOS

Eu Pedro Ferreira de Andrade
 CPF 055891343-15, RG 056745499015-3 SSP-MA, após conhecer e entender os objetivos, os procedimentos metodológicos, os riscos e os benefícios da pesquisa intitulada “CAXIAS-MA REVELADA PELA LENTE DE SINÉSIO SANTOS-1950/1990”, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, autorizo, através do presente termo, a doutoranda em História e autora do referido projeto, MARINALVA AGUIAR TEIXEIRA ROCHA- CPF: 329.729.703-49, cujos estudos realiza na UNISINOS, a realizar filmagens, fotos e/ou colher meu depoimento, sem quaisquer ônus a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização das fotos, vídeos e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), bem como a utilização do meu verdadeiro nome em favor da pesquisadora acima especificada.

Caxias, 06 de dezembro de 2017.

Pedro Ferreira de Andrade
 Participante da Pesquisa

PÊNDICE N

TERMO DE ACEITE DE DEPOIMENTOS

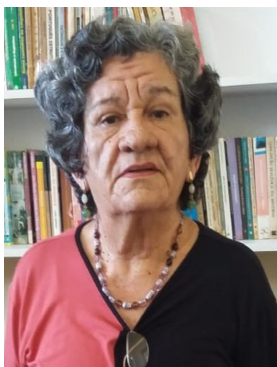
Eu Raimunda Vieira Feitosa Oliveira
CPF 965.038.843-49, RG 511.435-559 PS, após conhecer e entender os objetivos, os procedimentos metodológicos, os riscos e os benefícios da pesquisa intitulada “CAXIAS-MA REVELADA PELA LENTE DE SINÉSIO SANTOS-1950/1990”, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, autorizo, através do presente termo, a doutoranda em História e autora do referido projeto, MARINALVA AGUIAR TEIXEIRA ROCHA- CPF: 329.729.703-49, cujos estudos realiza na UNISINOS, a realizar filmagens, fotos e/ou colher meu depoimento, sem quaisquer ônus a renhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização das fotos, vídeos e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), bem como a utilização do meu verdadeiro nome em favor da pesquisadora acima especificada.

Caxias, 18 de abril de 2018.

Raimunda Vieira Feitosa Oliveira

Participante da Pesquisa

APÊNDICE O



TERMO DE ACEITE DE DEPOIMENTOS

Eu Silvia Maria Carvalho Silva
 CPF 099.00503534, RG 96.366-55017, após conhecer e entender os objetivos, os procedimentos metodológicos, os riscos e os benefícios da pesquisa intitulada "CAXIAS-MA REVELADA PELA LENTE DE SINÉSIO SANTOS-1950/1990", bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, autorizo, através do presente termo, a doutoranda em História e autora do referido projeto, MARINALVA AGUIAR TEIXEIRA ROCHA- CPF: 329.729.703-49, cujos estudos realiza na UNISINOS, a realizar filmagens, fotos e/ou colher meu depoimento, sem quaisquer ônus a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização das fotos, vídeos e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), bem como a utilização do meu verdadeiro nome em favor da pesquisadora acima especificada.

Caxias, 16 de junho de 2018.

Participante da Pesquisa

APÊNDICE P



TERMO DE ACEITE DE DEPOIMENTOS

Eu Sinésio Santos da Silva
 CPF 166.803.157-87, RG _____, após conhecer e entender os objetivos, os procedimentos metodológicos, os riscos e os benefícios da pesquisa intitulada “CAXIAS-MA REVELADA PELA LENTE DE SINÉSIO SANTOS-1950/1990”, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, autorizo, através do presente termo, a doutoranda em História e autora do referido projeto, MARINALVA AGUIAR TEIXEIRA ROCHA- CPF: 329.729.703-49, cujos estudos realiza na UNISINOS, a realizar filmagens, fotos e/ou colher meu depoimento, sem quaisquer ônus a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização das fotos, vídeos e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), bem como a utilização do meu verdadeiro nome em favor da pesquisadora acima especificada.

Caxias, 10 de outubro de 2017.

Sinésio Santos da Silva

Participante da Pesquisa

APÊNDICE Q



TERMO DE ACEITE DE DEPOIMENTOS

Eu Valquiria Araújo Fernandes de Oliveira
 CPF 142.668.043-84, RG 2.127.154-11, após conhecer e entender os objetivos, os procedimentos metodológicos, os riscos e os benefícios da pesquisa intitulada "CAXIAS-MA REVELADA PELA LENTE DE SINÉSIO SANTOS-1950/1990", bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, autorizo, através do presente termo, a doutoranda em História e autora do referido projeto, MARINALVA AGUIAR TEIXEIRA ROCHA- CPF: 329.729.703-49, cujos estudos realiza na UNISINOS, a realizar filmagens, fotos e/ou colher meu depoimento, sem quaisquer ônus a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização das fotos, vídeos e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), bem como a utilização do meu verdadeiro nome em favor da pesquisadora acima especificada.

Caxias, 29 de novembro de 2017.

Valquiria Araújo Fernandes de Oliveira

Participante da Pesquisa

ANEXOS

ANEXO A

Banner de divulgação da Exposição das imagens fotográficas produzidas por Sinésio Santos da Silva - 2018

Exposição

Sinésio Santos
A CIDADE E OS OLHOS

“Valores e práticas cotidianas, em Caxias- MA, capturadas na lente do fotógrafo Sinésio Santos”

LOCAL:

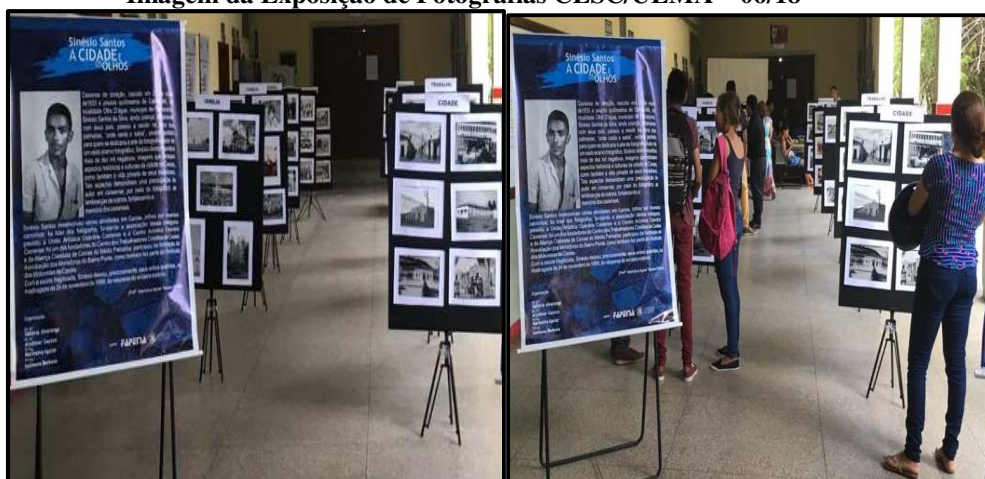
DATA:

Organização:
 Ev. D^{ra} **Valteria Alvarenga**
 Pro. D^o **Arydimar Gayoso**
 Pro. M^{sc}. **Marinalva Aguiar**
 Pro. M^{sc}. **Lucimere Barbosa**

apoiado: **FAPENMA** **SECRETARIA DE CULTURA DO ESTADO DO MARANHÃO** **FAPEAD**

Fonte: Equipe organizadora do evento.

Imagem da Exposição de Fotografias CESC/UEMA – 06/18



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

ANEXO B

FICHA DE SINÉSIO SANTOS – MEMBRO DO CÍRCULO DOS TRABALHADORES CRISTÃOS DE CAXIAS

FICHA DE SECRETARIA	
C. O. <u>Círculo de T. Cristãos</u>	Núcleo de _____
Nome: <u>Sinésio Santos</u>	Matricula N.: <u>46</u>
Idade: <u>3</u> Nasceu: <u>21</u> / <u>5</u> / <u>33</u>	Nacionalidade: <u>Brasileiro</u>
Casado: <u>Sim</u> Solteiro: _____ Viúvo: _____	
Quanto: <u>1</u> filhas: <u>5</u>	
Conjuge (se for casado): <u>Edite Pereira Santos</u>	
do { Pai: <u>Moisés J. da Silva</u>	
Mãe: <u>Maria Fari dos Santos</u>	
Tutor: _____	
Profissão: <u>Fotógrafo</u>	
Lugar onde trabalha: <u>Placa Rui Barbosa 940</u>	OBSERVAÇÕES:
Nome do patrão: <u>conta própria</u>	
Do Sindicato: _____	
Carteira profissional N.º _____ Série _____	
Residência própria? <u>sim</u> Onde? _____	
Telefone: _____	
Está na caixa de pecúlio? _____ e socorro mútuo? _____	
Qual o benefício: _____	
Assinatura do jornal _____ Mensalidade Cr\$ _____	
Recebido como sócio em <u>29</u> de <u>Novo</u> de 19 <u>66</u>	
Apresentado por: <u>Diretoria</u>	

Fonte: Arquivo Centro Artístico Operário Caxiense.

ANEXO C

ATAS DA ELEIÇÃO E POSSE- 1967/ VICE-PRESIDENTE- UNIÃO ARTÍSTICA OPERÁRIA
CAXIENSE

1

Ata n.º quatrocentas e trinta e seis, da
 sessão Ordinária, da Assembleia Geral,
 da União Artística Operária Caxiense,
 para eleição da nova Diretoria a
ser empósada no dia primeiro de
maio próximo, para o biênio de mil
novecentos e sessenta e sete a mil
novecentos e sessenta e nove. A de-
 sessis horas do dia primeiro de abril
 de mil novecentos e sessenta e sete, na
 sede social da União Artística Operá-
 ria Caxiense, à Praça Vias Carneiro,
 538 (quinhentos e trinta e oito), desta
 cidade de Caxias, estado do Maranhão,
 onde se achava presente o Presiden-
 te da Assembleia Geral, Clóvis Al-
 meida dos Santos e os membros da
 Comissão eleitoral; José Luiz da Cui-
 nha, Presidente; Jeyani Vinto dos
 Santos, primeiro secretário; Oswaldi-
 no Rocha da Silva, segundo secreta-
 rio, e os escrutinadores José Rodrigues
 Bezerra e José Ribamar do Gama,
 este último substituído a Jeyrino
 Job de Almeida e grande número
 de associados e Presidente da dita
 Assembleia convidou o sócio João
 Candido Bastos Ferreira para
 servir de secretário desta sessão
 e, depois de expôr aos presentes a
 finalidade da mesma; que era
 a eleição para os membros da

ANEXO C

ATAS DA ELEIÇÃO E POSSE- 1967/ VICE-PREIDENTE- UNIÃO ARTÍSTICA OPERÁRIA
CAXIENSE

nova Diretoria, na qual irão concorrer duas chapas de candidatos, as quais foram devidamente registradas na sessão do Conselho Administrativo, realizada no dia quinze de março findo e verificando, haver número suficiente para início dos trabalhos, passou a Presidência dos mesmos, ao Presidente da Comissão Eleitoral, que fora também nomeado na sessão do Conselho Administrativo acima referido. Aspirando a presidência dos trabalhos o Presidente da Comissão Eleitoral este mandou que o primeiro secretário da Comissão precedesse em voz alta, a leitura das duas chapas, o que foi feito sem nenhuma contestação. Então o Presidente declarou que iria ter início a votação o que foi verificado às dezesseis horas e quinze minutos.

1. Foi feita a leitura
 2. José Luiz de Souza
 3. Ovídio Rocha da Silva
 4. José Roberto Bizarro
 5. José Flávio do Carmo
 6. Miguel Archangelo da Rocha
 7. José Mendes da Silva

ANEXO C

ATAS DA ELEIÇÃO E POSSE- 1967/ VICE-PRIDENTE- UNIÃO ARTÍSTICA OPERÁRIA
CAXIENSE

10	Jonas Figueira
11	Susana Farias da Silva
12	Maria do Jesus Silva Rodrigues
13	Maria do Carmo Pereira Costa
14	Antonia Januária de Sousa
15	Marica Sousa Lima
16	Arnaldo Barroso
17	Cecilia Janina de Souza
18	Rosalina Silva
19	Raimunda Nair de Moraes
20	Joana Lima de Sousa
21	Dulcilia Ferreira da Silva
22	Hariza Sinto Correia
23	Maria Esmeralda dos Santos
24	Antonia Santos Magalhães
25	Maria Paizão Correia da Silva
26	Stacilia Santos Lima
27	Rita de Cássia Azerêdo Costa
28	Leusa Osório Chaves
29	Sebastiana Vieira Machado
30	Maria de Nazaré Cruz Lima
31	João Vieira Chaves
32	Luciana Cantinho Nascimento
33	Maria da Conceição dos Santos Marinho
34	João Baptista
35	Maria Almeida
36	Luís Augusto
37	João
38	Jonas Figueira da Silva
39	Aliazi
40	Oliver Almeida dos Santos

ANEXO C

ATAS DA ELEIÇÃO E POSSE- 1967/ VICE-PREIDENTE- UNIÃO ARTÍSTICA OPERÁRIA
CAXIENSE

41	Francisco dos Chagas Barros
42	Raimundo Severo Mafalala
43	Maria Adelaide da Silva
44	Francisco Gomes do Rego
45	Francisco Augusto de Castro
46	Antônio da Cruz Ferreira
47	Feliciano Correia Lima
48	Raimundo Manoel do Alto Ferruzina
49	João de Oliveira e Silva
50	Francisco da Silva
51	Paula da Silva
52	Roberto Fernandes Lima
53	Francisco Jorge Alves
54	João da Silva
55	Raimundo Honório Quintanilha Pereira
56	Delagisa R. Correia Dias
57	João de Sales Costa
58	Francisco da Silva
59	Antônio Augusto Rodrigues
60	Marcelina da Silva Pinto
61	Manoel Costa da Silva
62	Luis Augusto da Silva
63	Manoel da Silva
64	João Cunha Sobrinho
65	Marlinda Joana Rodrigues Cunha
66	João Pedro Rodrigues
67	Francisco da Silva
68	Raimundo Alves Mourão
69	José Maria Garrido
70	Maria Tereza Lima
71	Raimundo da Silva
72	Francisca Lima Braga

ANEXO C

ATAS DA ELEIÇÃO E POSSE- 1967/ VICE-PREIDENTE- UNIÃO ARTÍSTICA OPERÁRIA
CAXIENSE

3

73	Aldemora Moraes Lima
74	Flora de Farias Reis
75	Rozaria Joia Dantas
76	Solimena Silva
77	Laura Silva
78	Maria Carneiro Barros
79	Antonia Carneiro Peres
80	Benedta Barbosa
81	Francisco Ramos Filho
82	Maria das Vózes Lima
83	Benedita Borges Chagas
84	Otávio Ricardo Ribeiro
85	Epil de Jesus Mota Oliveira
86	Domingas Mota de Oliveira
87	Maria Benedita Compares
88	Antonia Nicimmente Santana
89	Miguel Vieira
90	Gaspar Deus Pereira Ramos
91	Dolinda Orelange da Costa
92	Edite Jesuina Santos da Silva
93	Luizina Santos da Silva
94	Maria José Sena
95	Rosa Lima da Silva
96	Stajara Cruz Macias
97	Petronilha Aparecida de Lima
98	Isabel Machado
99	Benedto Silva Modais
100	José da Souza Sena
101	Dea Maria de Oliveira Araújo
102	Simplicia Rose dos Santos
103	Luiza Januária dos Santos
104	Sebastiana Barbosa dos Santos

ANEXO C

ATAS DA ELEIÇÃO E POSSE- 1967/ VICE-PREIDENTE- UNIÃO ARTÍSTICA OPERÁRIA
CAXIENSE

105	Domiana Brito dos Santos
106	Ornunda Ziana Correia
107	Francisca Alves Franco
108	João Elmer Franco
109	José Maria Corrêa Lima
110	Augusto Gomes de Lencastre
111	José Batista de Holanda
112	Matilde de Aguiar Logueiro
113	Germano da Costa dos Reis
114	Constantino Rodrigues Faria
115	Dona Alice da Silva Seabra
116	Antônio Aguiar
117	Antônio Edson Rodrigues
118	Alcides Correia Lima
119	João Hamungil da Costa
120	Isabel da Silva
121	Maria Sultamita Silva
122	Maria do Nascimento de Jesus
123	Dona de Almeida Vilanova
124	Manoel do Espírito Santo Correia
125	Maria de Jesus Vasconcelos Sena
126	Manoel de Jesus Sousa
127	Simões Machado
128	Isaura Machado
129	Benedicta Pereira
130	Gonçalo Vieira Costa
31	Bernardino P. Silva
32	Silvestre Silva
33	Antônio Sumitomo Gomes
34	João Ribeiro de Almeida
35	Manoel Batista Silva
36	Francisco Costa de Oliveira

ANEXO C

ATAS DA ELEIÇÃO E POSSE- 1967/ VICE-PREIDENTE- UNIÃO ARTÍSTICA OPERÁRIA
CAXIENSE

137	Raimundo De Jesus da Silva
138	Zenobia dos Santos Silva
139	José Antonio da Silva
140	José Maria de Jesus
141	George Calisto de Souza
142	José Modesto de Matos
143	Maria das Dões Silva
144	Antônio Paiva / Oyar
145	Luiz Felipe Modesto Cruz
146	Ofaciano Tagundes da Costa
147	José Pinho Soares
148	João Angelino da Silva
149	Paulo Santos Correia
150	José Jesus da Terra
151	Cidimília Nair Costa Santos
152	Walter Silva
153	Bilbastião Cândido Lima
154	Antônio Viana
155	Alexandre Viana
156	Moana Machado
157	Vicente Severino Santos
158	Leindalva Santos Pereira
159	Isidro Fernandes Lima
160	Modestino Mendes Frazão
161	Marcos Ferraz
162	Maria Onete Barbosa
163	Rosa Maria Castro
164	Alfredo Roque Góes
165	Exequias Lourenço e Silva
166	Castano Sousa
167	Raimundo Nozato Correia
168	Maria do Nestor Silva Santos

ANEXO C

ATAS DA ELEIÇÃO E POSSE- 1967/ VICE-PREIDENTE- UNIÃO ARTÍSTICA OPERÁRIA
CAXIENSE

169	Melton Mendes
170	Guym Serejo Mesquita
171	Antonio Pereira de Brito
172	João Nelson dos Santos
173	Raimundo Costa e Silva
174	Raimundo Renato Souza
175	Raimundo Pastor Boreia
176	Leuzita Costa Uvaais
177	Luiz Pereira da Silva
178	Osita Rodrigues Brito
179	Benedito de Oliveira Chaves
180	Estevão de Jesus
181	Luiz Carlos Pereira de Oliveira
182	Miguel Jorge dos Santos
183	Maria de Jesus Borges
184	Antônio José Magalhães
185	Leodes Augusto
186	Leipirama Santos
187	Maria do Socorro Magalhães
188	Osmário Alberto Gomes
189	Adriano Gonçalves
190	Sebastião Rodrigues Marques
191	João Batista Barros
192	Edvaldo da Silva Almeida
193	Maria Antonia Menezes
194	Jose de Ribamar Vitorino
195	Maria Madalena Nias Almeida
196	Raúses Machado
197	Rodomundo Campesano
198	Alcivar Machado
199	Sebastiana Alves de Oliveira
200	Nilza Silva Ribeiro

ANEXO C

ATAS DA ELEIÇÃO E POSSE- 1967/ VICE-PREIDENTE- UNIÃO ARTÍSTICA OPERÁRIA
CAXIENSE

5

201	Correição de Maria Silva
202	José Ferreira de Carvalho
203	José Alves Pardo
204	Rita Marques Costa
205	Albino Costa Silva
206	Carlos Alberto de Oliveira Santos
207	Raimunda Nonata de Oliveira Santos
208	Maria Helena Louy Ribeiro.
209	Enio Patrício da Silva
210	Pedro Batista Bezerra
211	Adenor do Carmo
212	Armando Pereira Rocha
213	Doralice Chaves dos Reis
214	Gilberto José Barbosa.
215	Raimundo Almeida
216	Antonio Thomaz do Nascimento
217	Jesuzinho de Jesus Nascimento
218	José Liberato Medeiros Neto
219	Olimpia Pinho Chaves
220	Adelia Santa Cruz
221	Adão Almeida dos Santos
222	Franca Maria Carlos Feireira
223	Alice da Cunha Torres
224	João Rodrigues Silveira
225	Raimundo Nonato Lobo
226	José Marcos Freire
227	Georges José Lijana
228	Jesuzinho Almeida Louy
229	M. M. Jussara Lima
230	Dr. Batista M. Dias
231	Belguedes Santos Magalhães
232	Yaguaim Pameiro Reis

ANEXO C

ATAS DA ELEIÇÃO E POSSE- 1967/ VICE-PREIDENTE- UNIÃO ARTÍSTICA OPERÁRIA
CAXIENSE

33 Raimunda Nomalã Teixeira Pêres
 34 ~~Paulo de Jesus de Souza~~
 35 ~~Jose Roberto Ribeiro~~

Quando notado o ultimo eleitor, o Presidente da Comissão eleitoral esperou que se passasse a hora estabelecida nas instancias para o encerramento do pleito. As vinte e duas horas precisamente não tendo comparecido mais nenhum sócio para votar, o Presidente deu por encerrada a votação com o numero de duzentos e trinta e cinco sócios votantes. Passaram enfim as escontas e a fazer a contagem das chapas existentes na urna verificando-se que o numero correspondia aos dos votantes; passando daí a separar as chapas dos dois candidatos obtendo o seguinte resultado: chapa encabeçada por Luiz Fuzzaga Abreu Sobrinho, cento e vinte (120) votos; chapa encabeçada por José Manoel Filho, cento e quatorze (114) votos. Terminada a eleição da Comissão eleitoral, o Presidente desta, digo, Terminada a missão da Comissão eleitoral, o Presidente desta passou novamente a discussao dos trabalhos, ao Presidente da Assembleia, que em voz alta leu o resultado obtido na presente eleição o qual foi o seguinte: Luiz Fuzzaga Abreu Sobrinho, Presidente;

ANEXO C

ATAS DA ELEIÇÃO E POSSE- 1967/ VICE-PREIDENTE- UNIÃO ARTÍSTICA OPERÁRIA
CAXIENSE

6

Linésio Santos da Silva, Vice Presidente; Dias
 Vereira dos Reis, primeiro secretário; Constantino
 Rodrigues Benfim, segundo secretário;
 João Almeida, primeiro tesoureiro; Luiz
 Cruz da Silva, segundo tesoureiro; Numa
 Campesina Zaira Pereira, primeiro Orador;
 Manoel Reis Coutinho, segundo Orador;
 Francisco das Chagas Soares, João de O.
 veira e Silva e Juarez Ribeiro da Silva
 Comissão de Sindicância; Wastou Fer-
 reira da Silva, Antônio da Cruz Ferrer-
 ra e Loures Machado, suplentes de
 Sindicadores e Raimundo Augusto Fran-
 ço (Bibliotecário, com cento e vinte
 (120) votos cada um; José Moraes Filho,
 Presidente; Antônio Benício de Brito, Vice
 Presidente; Benival Vereira de Oliveira
 Pa, primeiro secretário; Antônio José
 Macalães, segundo secretário; Raimundo
 Benício Macalães, primeiro tesoureiro;
 João Almeida, segundo tesoureiro;
 Benedito de Oliveira Chaves, primeiro
 Orador; Antônio Gláucio Rodrigues, se-
 gundo Orador; Constantino Rodrigues
 Benfim, José Ribeiro da Cruz e
 Aldemar do Carmo, Comissão
 de Sindicância; Antônio Ma-
 ques Santos, Aldemar Soares Lima
 e Raimundo Almeida, suplentes de
 Sindicadores; Wilson José Barbosa
 sa, Bibliotecário, com cento e
 quarenta (140) votos cada um.

ANEXO C

ATAS DA ELEIÇÃO E POSSE- 1967/ VICE-PREIDENTE- UNIÃO ARTÍSTICA OPERÁRIA
CAXIENSE

sendo pelo mesmo Presidente, proclamados solenemente, eleitos para seus respectivos cargos no biênio de primeiros de maio do corrente ano, a igual data do ano de mil novecentos e sessenta e nove (1969). Todos os componentes da chapa eucaliçada pelo Presidente Luiz Souza Abreu Sobrinho. Concedida a palavra a quem dela quizesse fazer uso, usando a mesma os sócios abaixo citados: - José Moraes Filho, que discorreu sobre o ato eleitoral e sobre algumas realizações no seu gênero administrativo. Disse ainda que entregara a Presidência a um candidato que tudo fizesse para o bem desta sociedade e que estava mais satisfeito do que se fosse o candidato vitorioso. Realizou seu propósito de trabalhar ao lado da Diretoria eleita. Luiz Souza Abreu Sobrinho, reportando-se ao pronunciamento do Presidente José Moraes Filho, acrescentando que deseja receber parabéns, juntamente com os seus companheiros de chapa ao término do mandato, pelo que realizarem, pois sem sua equipe. Finalizando agora seu discurso aos associados que dizem cumprimentos do seu lado. Antônio Edson Rodrigues, dizendo trazer

ANEXO C

ATAS DA ELEIÇÃO E POSSE- 1967/ VICE-PREIDENTE- UNIÃO ARTÍSTICA OPERÁRIA
CAXIENSE

a sua palavra de contentamento por ver nesta noite uma demonstração de verdadeira harmonia. Anténio Aires Prado, agradecendo a sua escolha para escrutinador desta eleição; disse ter sido esta, a eleição mais democrática que assistiu até hoje. Reportou-se ao ato eleitoral e parabenizou o atual Presidente, por sua boa administração. O Presidente da Assembleia Geral, encerrando a intervenção da palavra felicitou os componentes de ambas as chapas e agradeceu aos sócios componentes da Comissão Eleitoral a colaboração prestada aos trabalhos e aos associados presentes o comparecimento de todos e a maneira como se desenvolveram no decurso do pleito. O Presidente da Comissão Eleitoral designou o associado Anténio Aires Prado, para escrutinador da presente sessão de eleição, em substituição ao escrutinador José Rodrigues Bezerra que, por motivo de doença, se ausentou dos trabalhos. Não havendo mais nada a ser tratado o Presidente da Assembleia Geral ordenou a pium Secretário, que oficiasse aos eleitos para virem tomar posse dos seus cargos na sessão solene do dia primeiro de maio próximo, e em seguida deu por encerrado os trabalhos; do que para constar, eu, João Candido Bastos Teixeira, Secretário, lavrei a presente ata, que sendo lida

ANEXO C

ATAS DA ELEIÇÃO E POSSE- 1967/ VICE-PREIDENTE- UNIÃO ARTÍSTICA OPERÁRIA
CAXIENSE

e achada conforme, assinada com o Presi-
 dente e os membros da Comissão elei-
 toral.

Clevis Almeida dos Santos - Presidente Assembleia
 José Paolino Bastos Pereira - Secretário
 José Luiz da Silva - Presid. Eleitoral
 Joaquim Pinto dos Santos 1º Secretário
 Oswaldino Rocha da Silva 2º Secretário
 José Elias Prado - Escrutinador -
 José A. Amaral do Carmo. (Escrutinador)

ANEXO C

ATAS DA ELEIÇÃO E POSSE- 1967/ VICE-PRIDENTE- UNIÃO ARTÍSTICA OPERÁRIA
CAXIENSE

8

Ata número quatrocentos e trinta e sete, da
sessão solene da Assembleia Geral da União
Artística Operária Caxiense, para Posse da
Nova Diretoria, para o Bienio 1.967/1.969. As
dez horas do dia primeiro de maio do ano
de mil novecentos e sessenta e sete, na sede
social da União Artística Operária Caxien-
se, a Graça Dias Carneiros, nesta cidade de
Caxias, Estado do Maranhão, o Sr. Presidente
da Assembleia Geral, Sr. Clóvis, Almeida
dos Santos, convidou o Sr. Prefeito mu-
nicipal para presidir os trabalhos, o que
foi feito na pessoa do seu representante,
Dr. Flávio Teixeira de Alencar, iniciando a
solemnidade o Secretário da Assembleia
geral procedeu a leitura da ata da ses-
são de eleição, a qual foi aprovada sem
contestação. Em seguida o Sr. Presidente
de honra da Benimônia designou uma
Comissão Especial para de averiguar
nhan os componentes da Diretoria
eleita até o recinto dos trabalhos.
Nesta sessão, estes ao comparecer no
recinto se fez ouvir o Hino da Socie-
dade executado pela Banda de Mú-
sica Lira Operária Caxiense sob
a regência do maestro Ben José
Pillman de Barros, confirman-
do, pelo Presidente da Assembleia
geral, a posse ao Vice-presidente
da Diretoria eleita, Sr. Luiz Augusto
Alencar Sobrinho, o qual depois.

ANEXO C

ATAS DA ELEIÇÃO E POSSE- 1967/ VICE-PREIDENTE- UNIÃO ARTÍSTICA OPERÁRIA
CAXIENSE

de expessado, empessou se demais
membros eleito para a referida Di-
retoria, a saber: Vice Presidente Si-
meão Paulo da Silva; 1º Secretário
Glias Pereira dos Reis; 2º Secretário
Constantino Rodrigues Bonfim;
1º Tesoureiro, João Almeida; 2º Tesou-
reiro, Luiz Bezerra Dias; 1º Quador
Oficial, Maria Campesino Paiva
Pereira; 2º Quador Oficial, Maria
Reis Bonfim; Comissão de Ju-
dicação: Jonas Ribeiro da Silva,
João Almeida e Silva e Fran-
co das Chagas Barros; Suplentes
de Juizadores: Antonio Ferreira
da Cruz, Wastor Ferreira da Silva
e Soares Machado; Bibliotecário
Raimundo Araújo de Aguiar. A-
chando-se presente na solenidade
o Sr. Manoel de Almeida Cruz
e Sr. Gilberto Barbosa a estes fo-
ram entregues premios concedidos
por esta entidade como estímulo
e reconhecimento de seus prestio-
sos serviços a esta Sociedade.
Foram entregues Diplomas de Sócios
Honorarios aos Srs. Drs. Faustino
Barvalho da Silva, Angudino Te-
xeira Nunes, Aldemir José da Silva,
Walter Eugênio Brito, Judith de Oli-
veira Soares, aos Professores José
Lantas e Silva e Filomena Ma-

ANEXO C

ATAS DA ELEIÇÃO E POSSE- 1967/ VICE-PREIDENTE- UNIÃO ARTÍSTICA OPERÁRIA
CAXIENSE

9

Chado Teixeira, Tex. Cel. João Evangelista
 dos Reis, Jos. Lus. José Elias de Alexandre
 Manoel Humberto Falcão, Luiz Coelho da
 Estrela Costa da Silva, Antenor Gomes
 Viana, Gastão Oliveira Sobrinho e Info-
 nio da Costa Sobrinho, presentes a la-
 renidade isenta a Dir. Judith de Phi-
 veira Machado, que se fez representada
 na pessoa do Sr. José de Ribamar Franco
 Antenor Gomes Viana na pessoa do Sr.
 Eur Constantino Ferreira de Castro,
 Congelido, entregaram diplomas de app-
 renfades aos associados Antônio
 dos de Sousa e Domingos Priado
 Lima. Após o ex presidente, Sr. José Mo-
 raes Filho procedem a transmissão da
 Presidência ao seu sucessor, Sr. Luiz
 Augusto Sobrinho Sobrinho, em continui-
 dade ao ato, usou da palavra o 1.º Gra-
 udo Oficial empossado, Sr. Humberto
 Gilio Guimarães Pereira, dizendo que por-
 tamente com todos os seus companhe-
 ros toda a ação será o progresso desta
 sociedade, a qual terá os seus degra-
 dos dissipados pelo eminente Luiz Augus-
 to Sobrinho Sobrinho, para que este no
 fim do seu mandato seja colheita
 de glórias como foi o Presidente José
 Moraes Filho. Discorreu sobre o dia
 do Trabalho e saudou todos os re-
 presentantes que se achavam pre-
 sentes. Saudado pelo Presidente

ANEXO C

ATAS DA ELEIÇÃO E POSSE- 1967/ VICE-PREIDENTE- UNIÃO ARTÍSTICA OPERÁRIA
CAXIENSE

de honra da solenidade, o ex-Presidente José Amraiz Filho apresentou o relatório geral de sua administração. O secretário do Conselho Administrativo, Sr. José Batista da Luz, fez um breve resumo sobre os dignificantes trabalhos da Diretoria recém-fundada e congratulou-se com a eleita. Trapeçada a palavra a quem dela quizesse fazer uso usaram da palavra os seguintes oradores: Edson Vidigal, Vereador Constantino Ferreira de Castro, Vereador Gilberto Barbosa, Sr. Achilles de Almeida Cruz, Antônio Edson Rodrigues, Sr. Ademar José da Silva, João de Deus Moreira Campos, Daniel Medeiros do Nascimento, do Centro Artístico Operário Caxiense, Sr. Ademar Guimarães, Luiz Guilherme Galves, Professor José Maurício e Silva, Professora Filomena Machado Teixeira da Faustino Carvalho da Silva, Murilo Falcão, Professora Belina Castelo Branco, do Centro Proletário Caxiense, Deputado João Machado, Vereador João Afonso Santos, Luiz Girino das Passadas, mais que se fizesse uso da palavra falou o Presidente da Diretoria, Sr. Luiz Jucagá, dizendo tudo para dar continuidade ao ex-man-

ANEXO C

ATAS DA ELEIÇÃO E POSSE- 1967/ VICE-PRIDENTE- UNIÃO ARTÍSTICA OPERÁRIA
CAXIENSE

10



legimento da sociedade, que para isto conta com a colaboração de todos os Diretores da nova Diretoria, dos componentes da Diretoria anterior e de todos os associados que desejam o progresso desta Instituição. Encerrando os trabalhos falou o Presidente de Honra da Solenidade, agradecendo a consideração dispensada ao Sr. Prefeito Municipal, representado na sua pessoa. Parabenizou a Diretoria anterior e incentivou a nova pela sua brilhante eleição, desejando-lhe paz e progresso. Nada mais havendo a se constar, foi por mim, João Candido dos Santos Ferreira, beneficiário da Assembleia Geral, lavrada a presente ata, e para constar assinou com o presidente da Assembleia Geral.

Caxias - Pia., 1 de Junho (de) 1967
João Candido dos Santos Ferreira;
Falcão Almeida do Santos.

Ata numero quatrocentos e trinta e oito da sessão da Assembleia Geral da União Artística Operária Caxiense realizada em sua sede social em 13 (treze) dias do mês de abril do corrente ano as 20 (vinte) horas foi aberta a sessão e em seguida foi lida a ata dos trabalhos anteriores o que foi aprovada por todos os presentes que se

ANEXO D

CERTIDÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS FOTÓGRAFOS DE CAXIAS-MA

	<p>1º OFÍCIO EXTRAJUDICIAL DE CAXIAS - MA REGISTRO DE IMÓVEIS E TABELIONATO DE NOTAS AURINO DA ROCHA LUZ: Oficial Titular DANILO DA ROCHA LUZ ARAÚJO: Oficial Substituto CYNARA FERREIRA LOPES: Oficiala Substituta CNS: 03.061-9</p>	
<p><u>CERTIDÃO</u></p>		
<p>CERTIFICO por ter sido requerido por parte interessada e pelo dever que me confere a lei, que revendo os livros de Registros das Pessoas Jurídicas nº A-1, às fls 146 v a 148, sob nº 42, dele do requerido, consta o seguinte: nº de ordem: 42. Data: 03/03/1977. INSCRIÇÃO: Como apresentante: SINÉSIO SANTOS DA SILVA. "ATA". ATA Dos Trabalho Ordinários da Assembléia Geral da Associação Profissional dos Fotógrafos de Caxias., Ac trinta (30) dias do mês de Novembro do ano de mil novecentos e setenta e seis, as 20 horas na sede social da União Artística Operaria Caxiense à Praça Dias Carneiro nº 538 nesta cidade de Caxias, Estado do Maranhão, reuniu-se a Assembléia Geral da Associação Profissional dos Fotógrafos de Caxias, com o fim especial de provar os seus estatutos Declarando aberta a sessão o Presidente Sinésio Santos da Silva, determinou ao Secretario Luiz Gonzaga Abreu Sobrinho, pra proceder a leitura dos referidos estatutos, Capitulo por Capitulo e artigo por artigo, para apreciação dos associados presentes, o que foi feito por este 2º que adiante vão transcrito. Estatuto da Associação Profissional dos Fotógrafos de Caxias. Art.1º- A Associação Profissional dos Fotógrafos de Caxias com sede o foram na cidade de Caxias Constituída, para fins de estatuto, coordenação, proteção com o intuito de colaboração com os poderes públicos e as demais associações, no sentido de solidariedade entre os fotógrafos de Caxias e de sua subordinação aos interesses Nacionais. Art. 2º São prerrogativas da Associação: a) representar perante as autoridades administrativas e Judiciárias os interesses individuais dos Associados relativamente a categoria dos Fotógrafos de Caxias. b) Fundar e manter Agencia de colocação; c) colaborar com o Estado, como órgão Técnico e consultivo no estudo e solução dos problemas que se relacione com a sua categoria profissional dos fotógrafos. Art. 3º São deveres da Associação: a) Colaborar com os poderes públicos no desenvolvimento da solidariedade das classes; b) promover a fundação de cooperativas de consumo e de créditos; c) manter serviços de Assistência judiciária para os associados visando a proteção da classe dos fotógrafos. d) Fundar e manter escolas especialmente de ensino técnico profissional. Art. 4º- São condições para o funcionamento da Associação; a) observância rigorosa da lei e dos principais de moral e compreensão dos deveres cívicos. B) Abstenção de qualquer propaganda na somente de doutrinas incompatíveis com as instituições e os interesses nacionais, mas também de candidatura a cargo eletivo estranhas a Associação; c) inexistência dos exercicios de cargo eletivo cumulativamente com e de emprego remunerado pela Associação. Dos direitos e deveres de associados. Art. 5º- A lado aquele que participe da categoria de fotografo assiste o direito de ser admitida na associação. Art. 6º- São direito dos associados; a) tomar parte, votar e ser votado nas assembléia Gerais na conformidade com o art. 14º. B) requerer com o numero de associados superior a dez por cento (10%) a convocação da Assembléia Geral Extraordinária justificando-a. c) Gozar dos serviços da Associação. 1º os direitos dos Associados são pessoais e intransferíveis. 2º Perderar seus direitos o associado que por qualquer motivo deixar o exercicio da profissao exceto nos casos de aposentadoria, invalidez falta de trabalho ou prestação de serviços militar obrigatório ficando nestes dois últimos casos e enquanto ocorrerem, izento do pagamento das contribuições e privada do exercicio de cargo de administração. Art. 7º- São deveres dos associados; a) pagar pontualmente a mensalidade que for arbitrado pela Assembléia Geral. B) Comparecer as Assembléias Gerais e acatar as suas decisões. C) prestigiar a Associação por todos os meios ou seu alcance e propagar o espírito associativa entre os elementos de categoria. D) respeitar, em tudo, a Lei e acatar as autoridades constituídas; e) cumprir o presente estatuto e os regulamentos que forem criados. Art. 8º- Os Associados estão sujeitos as penalidades de suspensão e de eliminação do quadro social. 1º serão suspensos os direitos dos associados; a) que não comparecerem a três (3)</p>		
<p>Rua São Pedro, 540, Centro. CEP: 65.608-160. Caxias - MA Telefone: (99) 3521-0903 // e-mail: 1oficiodecaxias@gmail.com</p>		

ANEXO D

CERTIDÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS FOTÓGRAFOS DE CAXIAS-MA


Assembléia Gerais consecutivas sem causa justificada; b) os que desacatarem a Assembléia Geral ou a Diretoria. 2º Serão eliminados do quadro social. A) os que por sua má conduta profissional espírito de discórdia ou falta cometida contra o patrimônio moral ou material da associação, se constituírem elementos nocivos a entidade. B) os que sem motivos justificados se atrasarem em mais de três (03) meses no pagamento das suas contribuições. 3º As penalidades serão imposta pela Diretoria. 4º A aplicação das penalidades sob pena de nulidade, deverá proceder a audiência do associado, o qual poderá aduzir por escrito a sua defesa. 5º Da penalidade imposta caberá recurso para a Assembléia Geral. **Art. 9º-** Os associados que tenham sido eliminado do quadro social poderão ingressar na associação, desde que reabilitem, a juízo da Assembléia Geral, ou que liquidem os seus débitos, quando retratar de atraso de pagamento. **Parágrafo Único;** Na hipótese de readmissão de que trata este artigo, o associado receberá novo número de matrícula, sem prejuízo da contagem de tempo como associado. Das eleições. **Art. 10º-** As condições para votar e ser votado o processo eleitoral das votações obedecerão as normas gerais para as sociedades cíveis atendidas sempre a exigência do escrutínio secreto e considerados eleitos os que alcançarem a maioria de votos dos presentes. Das Assembléias Gerais da Administração. **Art. 11º-** As Assembléias Gerais são soberanas não resolúções não contrários Leis vigentes e a este Estatuto suas deliberações serão tomadas por maioria de votos dos associados presente salvo as exceções contidas nos presentes estatutos. **Parágrafo Único;** quando a Assembléia Geral não puder funcionar em primeira convocação, será convocada para outra, uma hora depois, a qual poderar se realizar com qualquer número, salvo casos previsto nos presentes estatutos. **Art. 12º-** Realizar-se ao as Assembléias Gerais Extraordinárias. a) quando o presidente ou a maioria da Diretoria ou do Conselho Fiscal julgar conveniente; b) A requerimento dos associados em numero de dez por cento (10%) dos Associados em condições para requerê-la os quais especificarão. **Art. 13º-** A convocação da Asembléia Geral Extraordinária quando feito pela maioria da Diretoria pelo Conselho Fiscal ou pelo associados não poderá opor-se o presidente da Associação que terá de promover será realização dentro de cinco dias, contados da entrega do requerimento na secretaria. **Parágrafo Único.** Na falta de convocação pelo o presidente, faleão experando o prazo marcado neste artigo, aqueles que a deliberam realizar. **Art. 14º-** As Assembléias Gerais Extraordinárias só poderão tratar do assunto para que foram convocados. **Art. 15º-** A Associação será administrada por uma Diretoria Composta de seis membros eleitos pela Assembléia Geral, para os Cargos de presidente Vice-Presidente, Primeiro e Segundo Secretario, primeiro e segundo Tesoureiro. 1º Ao Presidente Compete. 1º- Convocar as Sessões da Diretoria e da Assembléia Geral, presidindo aquelas e instalando as desta última; 2º- Assinar as atas das sessões, o orçamento anual e todas os papeis que dependem da sua assinatura, bem como rubricar os livros da Secretaria; 3º- Ordenar as despesas autorizadas e usar os cheques e contas a pagar em acordo com o Tesoureiro; 4º- Nomear os funcionários e fixar seus vencimentos consoante as necessidades de serviços com aprovação da assembléia geral. Ao Vice-Presidente compete substitui o presidente em suas faltas e impedimentos. 1º - Preparar a correspondência de expediente do Sindicato; 2º - Ter sob a guarda o arquivo. 3º- Redigir e ter as atas das sessões da Diretoria e das Assembléias. 4º - Dirigir e fiscalizar os trabalhos da Secretaria, Ao Secretario digo ao Segundo Secretario compete substituir o primeiro Secretario em suas faltas e impedimentos. 1º) Substituir o Secretario em seus impedimentos; 2º) Ter sob sua guarda e responsabilidade os valores do Sindicato. 3º) Assinar com o presidente, os cheques e efetuar os pagamentos e recebimento autorizados. 4º) Dirigir e fiscalizar os Trabalhos da Tesouraria. 5º) Apresentar ao Conselho Fiscal balancete mensal e um balanço, 6º) Recolher os dinheiros da Associação do Banco do Brasil, a Caixa Econômica ou Banco Nacional designado pela Diretoria. Ao Segundo Tesoureiro em suas faltas e impedimentos. Do Patrimônio da Associação. **Art. 16º-** Constituir o Patrimônio da Associação. a) A Contribuição dos Associados. B) Doação ilegadas; c) os bens e valores adquiridos e as rendas pelos mesmos produzidas; d) Alugueis de imóveis e juros de títulos e deposito. **Art. 17º-** As despesas da Associação correrão pelas seguintes rubricas; a) Ensino Técnico Profissional; d) Agencia de colocação; c) Expediente; d) despesas Gerais; e) Representação; f) Despesas de conservação; g) previdência (Seguro Socios); h) Impostos; i) multas; j) Orarios e comissões; r) Diversas despesas; l) Assistência Social Judiciária, etc. **Art. 18º-** Administração do Patrimônio da Associação, constituída pela penalidade dos bens que a mesma consumir, compete a diretoria. **Art. 19º-** Os Títulos de Rendas, bem como os bens imóveis só poderão ser alienados

Continua na página 03


Rua São Pedro, 540, Centro. CEP: 65.608-160. Caxias - MA
 Telefone: (99) 3521-0903 // e-mail: 1ofciodecaxias@gmail.com

ANEXO D

CERTIDÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS FOTÓGRAFOS DE CAXIAS-MA



1º OFÍCIO EXTRAJUDICIAL DE CAXIAS - MA
REGISTRO DE IMÓVEIS E TABELIONATO DE NOTAS
AURINO DA ROCHA LUZ: Oficial Titular
DANILO DA ROCHA LUZ ARAÚJO: Oficial Substituto
CYNARA FERREIRA LOPES: Oficiala Substituta
CNS: 03.061-9




mediante permissão expressa da Assembléia Geral, em escrutino secreto. **Art. 20º**- No caso da dissolução por se achar a associação que só se dará por deliberação expressa da assembléia geral para esse fim especialmente convocada e com a presença de $\frac{3}{4}$ dos associados o seu patrimônio terá destino que a mesma Associação determinar; **Capítulo VII – Do conselho Fiscal. Art. 21º**- A Associação terá um conselho Fiscal composto de três (3) membros e três (3) suplentes eleitos pela Assembléia Geral na forma deste Estatuto, limitando-se a sua competência a fiscalização finda. Disposições Gerais. **Art. 22º**- Dentro da base Territorial a Associação quando julgar oportuno instituirá diligências ou Cessões para melhor proteção dos associados. **Art. 23º**- O presente Estatuto poderá ser reformado desde que há praticar endicar essas necessidades devendo essa reforma ser feita por uma Assembléia Geral para esse fim especialmente convocada. **Art. 24º**- No caso de de solução por se achar a Associação incurra nas leis que delinuiu contra a personalidade internacional a Estrutura e a segurança de Estado e a Política e Social, os seus bens pagas as dividas decorrentes das suas responsabilidade, serão incorporadas no patrimônio da organização de Assistência Social a critério de órgão que decretar a referida dissolução após a leitura completa dos Estatutos submetido a apreciação dos associados presentes for o mesmo inanimemente aprovado. Nada mais havendo a tratar foi declarada encerrada a sessão e para constatar Eu, Luiz Gonzaga Abreu Sobrinho, Secretário designado para a lavratura deste a subscrevo com os associados presentes. Após ser lida, discutida e aprovada. Sinésio Santos da Silva, José Rodrigues da Silva Moura, Luiz Gonzaga Abreu Sobrinho. Waston Ferreira da Silva, Manoel Alves Pereira, Benjamin Alves Pereira, Cicero Alves da Cunha, Valdemir Carlos Vieira, Antonio da Silva Santos, Domingo Araújo Brandão, Alberto Reis da Silva, João Rodrigues dos Santos, José Oliveira Rocha, Sebastião Oliveira, José Ribamar Dias Italiano, Arnaldo Oliveira Leão, João Batista da Silva Filho, Osneir Rodrigues Araújo, Apriego Nunes Medeiros Filho, Antonio Costa, Arias de Jesus Couto, Antonio Francisco de Oliveira. Estava o carimbo de reconhecimento de firmas. Reconhe as firmas entra e supra em numero de 22 vinte e dois a começar por Sinésio Santos da Silva e terminando por Antonio Francisco de Oliveira; do que dou fé. Caxias, 03 de Março de 1.977. Em Testº Sinal publico da verdade. Maria Conceição Vieira, A Tabeliã do 1º Ofício. Estava o carimbo do mesmo Cartório. Esta conforme. Caxias, 03 de Março de 1977. O Oficial dos Registros. Maria Conceição Vieira. **OBS: Esta Serventia, do 1º Ofício Extrajudicial de Caxias –MA, não possui mais competência para efetuar registro, averbações e anotações de Registros Civil de Pessoa Jurídica e Registro de Títulos e Documentos, nos termos da Lei Complementar Estadual nº 88/2005. Selo de Fiscalização Geral nº 00000805741, 000026380777, 000026380778.** Eu, Aurino da Rocha Luz, Oficial de Registro e Tabelião do 1º Ofício Extrajudicial de Caxias-MA, dei buscas, digitei, conferi, subscrevi, dou fé e assino. Caxias-MA, 03 de abril de 2018.

Aurino da Rocha Luz - Tabelião e Oficial

Danilo da Rocha L. Araújo - Tabelião e Oficial Substituto

Cynara Ferreira Lopes - Tabeliã e Oficiala Substituta
(Válida por 30 dias)







Certidão: 33,40
(Emol: 28,51 + FERJ: 3,89 + FERC: 1,00)
Folha Exc: 13,40
(Emol: 11,44 + FERJ: 1,56 + FERC: 0,40)
Busca: 33,40
(Emol: 28,51 + FERJ: 3,89 + FERC: 1,00)

Rua São Pedro, 540, Centro. CEP: 65.608-160. Caxias - MA
Telefone: (99) 3521-0903 // e-mail: 1oficiodecaxias@gmail.com

Fonte: Cartório do 1º Ofício de Caxias-MA.

ANEXO E

CERTIDÃO DE CRIAÇÃO DO SINDICATO DOS FOTÓGRAFOS

	<p>1º OFÍCIO EXTRAJUDICIAL DE CAXIAS - MA REGISTRO DE IMÓVEIS E TABELIONATO DE NOTAS AURINO DA ROCHA LUZ: Oficial Titular DANILO DA ROCHA LUZ ARAÚJO: Oficial Substituto CYNARA FERREIRA LOPES: Oficiala Substituta CNS: 03.061-9</p>	
		
<p><u>CERTIDÃO</u></p>		
<p>CERTIFICO por ter sido requerido por parte interessada e pelo dever que me confere a lei, que revendo os livros de Registros das Pessoas Jurídicas nº A-4, às fls. 17 v a 26, sob nº 707, dele do requerido, consta o seguinte: nº de ordem: 707. Data: 10/04/1992. INSCRIÇÃO: Como apresentante: Carlos Vieira da Silva. "ATA". ATA de Posse, Aos 17 dias do mês de Maio de 1991, na sede provisória à Praça do Panteon, 538, foi instalada a cerimônia de Posse do Sindicato Profissional dos Fotógrafos de Caxias e médio Parnaíba sendo Diretoria, Conselho Fiscal e Delegados Representantes, junto a federação cujo eleição foram realizadas no dia 08 de Janeiro de 1991. O Presidente abriu a solenidade e passou os trabalhos da mesa para o Sr. Danilo Nunes dos Santos, Presidente da Aliança Democrática Classista, em seguida iniciou a composição da mesa, tomaram assento Raimundo Mourão, José Pereira, José Vilanova, <u>Sinésio Santos</u>, Luis Pereira, Teresinha Neves, José Pereira Araújo representante do PTR local, Antônio Silva, Francisco Ferreira, Vereador Antônio Ximenes e esposa Ana Lúcia, composta a mesa o presidente autorizou o secretário a fazer a chamada dos novos integrantes da Diretoria e deu posse em seguida o Presidente da Aliança, estava com toda documentação pronta transformando a Associação em Sindicato para um mandato de 3 anos conforme preceitua a portaria 01/91 e o Art. 8º da Constituição Federal, em seguida o Presidente facultou a palavra fez uso o Presidente que ora deixa o mandato onde trabalhou com interesse pela classe se não fez mas pois não havia recurso e continua como Secretário para continuar o trabalho com a palavra o presidente que ora assume dizendo que espera contar com o apoio de todos os associados, autoridades e entidades para que possa transformar o Sindicato dos fotógrafos numa entidade para servir a comunidade com a palavra Raimundo Mourão dizendo que os Sindicatos devem se reunir para poder dentro deste triênio consiga sua sede com a palavra José Pereira, representante do PTR, local que deseja aos novos empossados um triênio cheio de felicidade e está a disposição para ajudar no que for possível, com a palavra o vereador Antônio Ximenes parabenizando a nova Diretoria desejando êxito neste mandato e promete ajudar no que for possível como representante do povo defender as entidades, com a palavra Sinésio Santos que como deste Sindicato vai ajudar ao Presidente um trabalho de mãos dadas com a palavra Luís Pereira da União Artística congratulando-se com os Companheiros recém empossados e transformação em Sindicato com a palavra José Pereira que estava satisfeito com o brilho da solenidade que o Sindicato e uma Escola que ensina Educar por exemplo o companheiro Danilo é vogal na junta de conciliação tem autoridade de um juiz para defender qualquer trabalhador, quero pedir ao vereador Ximenes doar 5 mil tijolos para construção da sede com a palavra o Presidente da mesa que estava satisfeito com tanto trabalhador quero agradecer a minha amiga Teresinha Neves o convite que me fez para participar de Sindicato, espero que até o momento não decepcionei em nome dos fotógrafos quero pedir ao Vereador Ximenes doar o registro da Ata e do Estatuto no Cartório e continuar a União a disposição para as reuniões onde citou que fomos a São Luis para solicitar do Governador Cafeteira uma sede para todas entidades de Caxias o governador disse que estava o Deputado Caxiense José Gentil e será uma ponte entre as entidades e o governador para a compra de uma casa ou terreno no centro da cidade chegando em Caxias fomos informados que o Sr. João da Farinha tinha uma casa para vender como era no centro procuramos saber o preço 5 milhões, procuramos o senhor José Gentil e o mesmo viajou para São Luis e trazer o dinheiro para pagar a casa e até hoje não voltou se as entidades de Caxias não tem sede a culpa do Sr. Gentil e não havendo mais nada a tratar o Presidente agradeceu a presença de todos e deu por encerrada a sessão e para constar eu José Pereira da Silva, Secretário lavrei a presente ata que depois de lida será aprovada. Diretoria, relação da Diretoria Eleita. Presidente Carlos Vieira da Silva; Vice</p>		
<p>Rua São Pedro, 540, Centro. CEP: 65.608-160. Caxias - MA Telefone: (99) 3521-0903 // e-mail: 1oficiodecaxias@gmail.com</p>		
<p>Controlada na página 02</p> 		

ANEXO E

CERTIDÃO DE CRIAÇÃO DO SINDICATO DOS FOTÓGRAFOS

Presidente - Antônio Francisco Barbosa Oliveira; 1º Secretário- Francisco Ferreira de Sousa; 2º Secretário- Manoel Messias Lima; 1º Tesoureiro- José do Nascimento Sousa; 2º Tesoureiro- Juarez Silva Araújo; Conselho Fiscal Efetivo- Antônio Fernandes Brito Neto, Isaias Lopes da Silva; Antônio Altino de Lima; Suplentes do Conselho Fiscal – Raimundo Pereira Rocha; Sinésio Santos da Silva; Francisco de Assis da Silva; Delegados Representantes, junto à Federação - Carlos Vieira da Silva; Suplentes: Antônio Francisco Barbosa Oliveira. Estava com as firmas devidamente reconhecidas em número de quinze, começando por Carlos Vieira da Silva e terminando em Antônio Francisco Barbosa Oliveira, estava o carimbo do mesmo Cartório. Está conforme. Portaria nº 01/91. O Presidente da Aliança Democrática Classista de Caxias e do médio Parnaíba, no uso de suas atribuições legais. Resolve. **Art. 1º**- fica a partir desta data, Associação Profissional dos Fotógrafos de Caxias transformando em Sindicato Profissional da Categoria. **Art. 2º**- Esta Diretoria a partir de hoje terá o seu mandato de 3 (três) anos, transformado assim esta associação em Sindicato foi observado o artigo 8 da Constituição Federal no seu item 1. **Art. 3º**- esta Assembléia que ora se reúne para empossar a nova Diretoria tem poder para tanto tomar esta deliberação. **Art. 4º**- A partir desta data fica esta associação transformada definitivamente em Sindicato a fim de que esta categoria seja mais valorizada e respeitada. **Art. 5º**- O Presidente da Aliança Democrática Classista de Caxias e médio Parnaíba, tem poder de agir dentro de sua jurisdição em favor de seus filiados trabalhando assim para valorização da mão de obra da Categoria. **Art. 6º**- Fica atual Diretoria ora empossada autorizado lavrar a Ata já com o novo estilo de Sindicato ora transformado. **Art.7º**- Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação. Publique-se e Cumpra-se. Caxias-Ma, 17 de Maio de 1991. Danilo Nunes dos Santos, Presidente. "Estatuto de Sindicato Profissional dos Fotógrafos de Caxias e Médio Parnaíba. Art. 1º O Sindicato profissional dos Fotógrafos com sede e foro na cidade de Caxias médio Parnaíba. Estado-Ma, e área de atuação no Município de Caxias é Constituído para fins de estudo, defesa coordenação e representação legal da categoria de Fotógrafos e com o dever de colaboração com os poderes públicos e demais associações de classe de empregados e empregadores no sentido de solidariedade social e da sua subordinação aos interesses nacionais. **Art. 2º**- São per rogativas do Sindicato: as Representar perante as autoridades administrativas e judiciárias os interesses gerais da categoria representada e os interesses individuais de seus associados; b)- Celebrar convenções e acordos coletivos de trabalho; c)- Eleger ou coordenar is os representantes da respectiva categoria; d) Colaborar com o Estado como órgão técnico e consultivo no estudo e solução dos problemas que se relacionam com a categoria representada; e) Arrecadar contribuições de todos os integrantes da categoria representada. **Art.3º**- São deveres do Sindicato: a) colaborar com os poderes públicos no desenvolvimento da Solidariedade Social. b) Manter serviços de Assistência judiciária para os associados; c) Promover a conciliação nos dissídios coletivos de trabalho; sempre que possível, e de acordo com suas possibilidades, manter no seu quadro de pessoal, em convênio com entidades assistenciais ou por conta própria em assistente social com as atribuições específicas de promover a cooperação operacional na empresa e a integração da classe. **Parágrafo Único:** Além dos mencionados no caput deste artigo, o Sindicato tem entre outros, os seguintes deveres; a) Pagar, pontualmente, as contribuições devidas à Federação. B) Votar, por seu delegado, nas eleições na entidade de grau legalis e dos princípios da moral e compreensão dos deveres cívicos. B) Proibição de qualquer propaganda de doutrinas incompatíveis com as instituições e os interesses do país, bem, como de candidaturas a cargos eletivos de pessoas estranhas ao Sindicato; c) Proibição de exercício de cargo eletivo cumulativamente com o de emprego remunerado pelo Sindicato ou por entidade sindical de grau superior; d) Proibição de exercício de atividades não compreendidas em seus objetivos, especialmente atividades político-partidárias; e) Proibição de cessão gratuita ou remunerada da respectiva sede a entidade índole político-partidária. f) Gratuitamente no exercício de cargos, eletivos, resultado à hipótese em que o dirigente tenha que se afastar de suas atividades profissionais para se dedicar ao serviço do Sindicato; g) Manter rigorosamente em ordem sua escrituração contábil. **Art.5º** - O Sindicato poderá entender sua base territorial a outras áreas, obedecida a legislação em vigor, bem como admitir como associadas trabalhadores integrantes da categoria representada, residentes nas circunvizinhanças, desde que domiciliados em áreas não



Continua na página 03

ANEXO E
CERTIDÃO DE CRIAÇÃO DO SINDICATO DOS FOTÓGRAFOS



1º OFÍCIO EXTRAJUDICIAL DE CAXIAS - MA
REGISTRO DE IMÓVEIS E TABELIONATO DE NOTAS
AURINO DA ROCHA LUZ: Oficial Titular
DANILO DA ROCHA LUZ ARAÚJO: Oficial Substituto
CYNARA FERREIRA LOPES: Oficiala Substituta
CNS: 03.061-9



conexas residentes nas mesmas localidades, desde que não haja Sindicato representativo dessas categorias. **Capítulo II – Dos Direitos e Dos Deveres dos Associados. Art. 6º** - A Todo trabalhador que participe da categoria representada pelo sindicato, desde que satisfaça as exigências legais, assiste o direito de ser admitido no sindicato, salvo caso de unidoenidade devidamente comprovada. **Art. 7º**- São deveres do Associado: a) Tomar parte nas Assembléias Gerais, inclusive em suas deliberações; b) votar e ser votado, ressalvadas as exceções previstas em lei. C) Usufruir das vantagens e utilizar dos serviços prestados pelo Sindicato; d) Apresentar e submeter ao estudo da Diretoria quaisquer assunto de interesse social e sugerir as medidas que entender convenientes; e) Requerer com um mínimo de associados correspondentes a 10% (dez por cento) dos integrantes do quadro social, convocação de Assembléia Geral extraordinária, devidamente justificados os motivos; f) recorrer no prazo de 30 (trinta) dias, de todo ato lesivo de interesses ou contrário a este estatuto. 1- A Assembléia geral, de decisão tomada pela Diretoria. 1.1- A autoridade competente, administrativa ou judiciária, de decisão tomada pela Assembléia Geral. **Art. 8º** - Perderá seus direitos o associado que por qualquer motivo, deixar o exercício da atividade vinculada a representatividade do Sindicato. **Art. 9º**- São deveres dos associados: Pagar, pontualmente mensalidade em valor correspondente digo de acordo com Assembléias Geral; b) Comparecer a todas as Assembléias gerais do Sindicato; c) Zelar pelo bom nome do Sindicato; d) Desenvolver o espírito de solidariedade de classe; e) Votar nas eleições do sindicato sob pena de multa; f) Denunciar á Diretoria ou a Assembléia Geral, conforme o caso a ocorrência de atos que importem em malversação ou dilapidação do patrimônio do sindicato; g) Zelar pelo patrimônio do sindicato. **Art. 10º**- Os associados estão sujeitos as penalidades de suspensão ou de eliminação do quadro social. 1º - Serão suspensos os direitos do associado: A) Que deixar de comparecer a 03 (três) assembléias gerais consecutivas sem justa causa; Que desacatar a assembléia geral ou a diretoria. 2º- Serão eliminados do quadro social os associados que: a) Por espírito de discórdia ou falta cometida contra o patrimônio material ou moral do sindicato, se constituírem em elementos nocivos a Entidade; b) Que sem motivo justificado, atrasarem-se em mais de três pagamentos das mensalidades sociais. C) que cometeram grave violação ás normas constantes deste estatuto ou da Legislação Sindical; 3º- As penalidades serão impostas pela Diretoria com recurso no prazo de trinta dias, para a Assembléia Geral; 4º Para aplicação de penalidades é indispensável: a) Que ocorra violação a preceitos legais ou deste estatuto; b) Que seja assegurada ao iniciado plena defesa sob pena de nulidade do ato. 5º- Para assegurar o pleno direito de defesa é indispensável entre outras formalidades: A) Que o indiciado seja notificado para conhecimento da falta que lhe é imputada, esclarecidas as razões da imputação; b) Que o indiciado seja notificado a apresentar defesa oral ou escrita, conforme o caso; c) Que se conceda ao indiciado certidões, traslados ou cópias de documentos inexistentes no sindicato e que sejam necessários para a defesa, desde que requeridos pelo indiciado. 6º- Na hipótese prevista no §1º- Caberá a Assembléia Geral que impor a penalidade fixar-lhe o prazo, que não poderá ser superior a 180 dias. **Capítulo III – Da Administração do Sindicato. Art. 11º**- O Sindicato será administrado por uma diretoria composta de 04 membros, com as funções discriminadas: a) Presidente; b) Secretário; c) Tesoureiro; d) Vice-Presidente, etc. 1º A Diretoria elegerá, entre seus membros, o Presidente do Sindicato. Os demais cargos serão ocupados de acordo com a ordem de colocação na chapa eleita: **Art.12º**- Compete á Diretoria: a) Dirigir o Sindicato de acordo com as normas legais pertinentes e o disposto neste estatuto, administrar o patrimônio social e promover o bem-estar geral dos associados e da categoria econômica representada. b) Elaborar o regimento interno e dos serviços necessários ao desempenho das atribuições do Sindicato; Cumprir e fazer cumprir as normas legais e estatutárias, bem como as decisões das autoridades competentes; d) Cumprir e fazer cumprir as decisões da Assembléia geral e regimentos do sindicato; e) aplicar as penalidades, conforme previsto neste estatuto, respeitados os casos de competência da Assembléia

Continua na página 04

Rua São Pedro, 540, Centro. CEP: 65.608-160. Caxias - MA
Telefone: (99) 3521-0903 // e-mail: 1oficiodecaxias@gmail.com



ANEXO E

CERTIDÃO DE CRIAÇÃO DO SINDICATO DOS FOTÓGRAFOS

geral; f) Reunir-se ordinariamente, uma vez por mês, e extraordinariamente sempre que for convocado pelo presidente ou pela maioria de seus membros. **Art. 13º-** Compete ao presidente: A) Representar o Sindicato perante as autoridades administrativas ou judiciárias, podendo nesse último caso, delegar poderes; b) Convocar as reuniões de Diretoria, presidindo-as; e) Convocar e instalar a Assembléia geral; d) Ordenar as despesas autorizadas no orçamento ou em créditos adicionais e assinar juntamente com o tesoureiro os cheques de responsabilidade do sindicato; e) Assinar as atas das reuniões a previsão orçamentária prestação de contas e todos os demais documentos que dependam de sua assinatura, bem ainda rubricar os livros da Secretaria e da Tesouraria; f) admitir os empregados do sindicato, fixando-lhes os salários, conforme as necessidades do serviço, e com o referendo da Assembléia Geral; g) Desempenhar bem as atribuições do cargo para o qual foi eleito; h) Não tomar deliberações de interesse da categoria sem previa deliberação da Diretoria ou da Assembléia Geral, conforme o caso; i) Cumprir e fazer cumprir as deliberações da Diretoria e da Assembléia Geral; **Parágrafo Único** – O Presidente, após instalada a Assembléia geral, passará a presidência da mesma a um associado de reconhecida idoneidade escolhido entre os presentes. **Art. 14º-** Ao Secretário compete: A) Substituir o Presidente em suas faltas ou impedimentos; b) Preparar a correspondência do Sindicato. C) Ter sob sua guarda arquivo do Sindicato; d) Redigir e ler as atas das reuniões da Diretoria e da Assembléia Geral; e) Organizar a Secretaria, dirigindo-lhe e coordenando os trabalhos; f) Manter escriturado em dia, o livro de registro de associados. **Art. 15º -** Compete ao Tesoureiro. a) Substituir o secretário, em suas faltas ou impedimentos; b) Ter sob sua responsabilidade os bens e valores patrimoniais do Sindicato; c) Assinar com o presidente os cheques e efetuar os pagamentos autorizados; d) organizar e dirigir os serviços da tesouraria; e) Organizar em ordem cronológica toda a documentação necessária à escrutinação contábil da entidade e entregá-la ao contador para os devidos efeitos. F) Manter devidamente escriturado, o livro de inventário de bens do Sindicato. g) Providenciar para a previsão orçamentária e créditos adicionais do Sindicato; h) Providenciar para a prestação de contas dos administradores do Sindicato; i) Manter em caixa apenas os valores determinados pela Diretoria ou pela Assembléia geral j) Prestar ao conselho fiscal as informações que forem solicitadas por seus membros l) cumprir e fazer cumprir as determinações ou exigências do conselho fiscal no tocante as folhas na escrituração contábil ou documentos patrimoniais m) Cumprir e fazer cumprir as determinações legais e estatutárias no tocante á alienação de bens, móveis ou imóveis do Sindicato. **Capítulo IV.** Da Assembléia Geral. **Art. 16º-** As Assembléias Gerais são soberanas em suas decisões que não contrariem a lei ou este estatuto. **Parágrafo Único**, As deliberações da Assembléia Geral serão tomadas por maioria de votos em relação ao total dos Associados, em primeira convocação ou por maioria dos associados presentes, em segunda convocação, salvo disposições legais em contrário. **Art. 17º-** A Assembléia Geral será convocada por edital publicado com antecedência mínima de 03 (três) dias, em jornal de grande circulação na base territorial do Sindicato e fixado na sede do Sindicato. **Art. 18º-** A Assembléia Geral realizar-se-á: a) Até o último dia do mês de junho de cada ano, para apreciar a prestação de contas dos Administradores do Sindicato relativa ao exercício anterior; b) Até o dia 30 de novembro para apreciar a previsão orçamentária para o exercício seguinte. **Parágrafo Único** – A critério da Diretoria as matérias previstas nas alíneas “a” e “b” deste artigo poderão ser deliberadas na reunião indicada na alínea “a”. **Art.19º-** Realizar-se-ão Fiscal julgar conveniente; b) A requerimento dos associados, na forma prevista neste estatuto; e) Para deliberar sobre a constituição de créditos adicionais. **Art. 20º-** O Presidente do Sindicato não poderá opor-se a convocação da Assembléia Geral quando requerida pela maioria da Diretoria, pelo Conselho Fiscal ou pelos Associados cabendo-lhes no prazo de cinco dias, contado da entrada do requerimento na Secretaria do Sindicato, tomar as providências necessárias para a realização. §1º A Assembléia Geral Extraordinária deverá comparecer sob pena de nulidade, a maioria dos que a requerem; § 2º- Na falta de convocação pelo Presidente fá-lo-ão findo prazo fixado no caput desde artigo, aqueles que deliberaram realizá-la correndo as despesas por conta da entidade Sindical. **Art. 21º-** Nas Assembléias Gerais Extraordinárias somente serão tratados os assuntos, para os quais foram convocados. **Art. 22º-** O Sindicato terá também um Conselho fiscal, composto de 03 (três) membros e 03 (três) suplentes, limitando-se sua competência á fiscalização da gestão financeira e patrimonial da entidade. **Art. 23º-** É obrigatório o prévio parecer do Conselho fiscal: a) Nas

Continua na página 05

ANEXO E

CERTIDÃO DE CRIAÇÃO DO SINDICATO DOS FOTÓGRAFOS



1º OFÍCIO EXTRAJUDICIAL DE CAXIAS - MA
 REGISTRO DE IMÓVEIS E TABELIONATO DE NOTAS
AURINO DA ROCHA LUZ: Oficial Titular
DANILO DA ROCHA LUZ ARAÚJO: Oficial Substituto
CYNARA FERREIRA LOPES: Oficiala Substituta
 CNS: 03.061-9



prestações de contas, incluindo balanço e todas as peças que as acompanham e fundamentam; b) Nas previsões orçamentárias; c) Na constituição de créditos adicionais; d) na venda de bens imóveis do Sindicato; e) Em outros casos considerados necessários, a Critério da Diretoria ou da Assembléia geral; **Parágrafo Único** - O parecer do Conselho fiscal deve ser mencionado na ordem do dia da Assembléia Geral que foi convocada a ser transcrito na ata da reunião. **Art. 24º**- O Sindicato terá ainda dois delegados ao Conselho de representantes da Federação, dois suplentes; **Art. 25º** Os membros do conselho fiscal e os delegados representantes junto ao conselho da federação e respectivos suplentes serão eleitos pela Assembléia geral em escrutínio secreto, juntamente com os membros da Diretoria. **Capítulo V. Das Eleições normas gerais: Art. 26º**- As eleições para a escolha dos membros da Diretoria, do Conselho fiscal, delegados representantes, e respectivos suplentes do Sindicato serão realizadas no período entre 60 e 30 dias antes do término do mandato expirante. **Parágrafo Único** - Serão realizadas eleições suplementares sempre que por qualquer motivo, vagarem dois ou mais cargos da Diretoria ou do Conselho fiscal e não existirem mais suplentes para substituí-los. **Art. 27º**- O Presidente do Sindicato é o responsável pela convocação, processamento e realização das eleições, cabendo aos demais diretores o dever de colaboração. **Art.28**- Somente poderão candidatar-se a qualquer cargo eletivo as pessoas que, cumulativamente, preenchem os seguintes requisitos: 1- Contem a data da realização do pleito territorial, mais de dois anos de atividade da profissão e mais de seis meses de inscrição como associados do sindicato. 2- Não indicam em qualquer das proibições constantes do artigo 530 da consolidação das leis do trabalho ou outras previstas em Lei ou Estatuto do Sindicato. **Art. 29º**- Não poderão também candidatar-se: a) O que, tendo sido diretores do sindicato, não tenham participado de, pelo menos 50% do total das reuniões efetivamente realizadas pela diretoria durante o período de exercício em cada mandato; b) Os que investidos em representação Sindical como representantes do Sindicato tenham-se mostrado desidrosos no exercício das funções entendendo-se como tais, os que deixaram de comparecer, a pelo menos, 2/3 (dois terços) das reuniões do órgão deliberativo em cada período de duração da representação, ou que tenham se mostrado negligente na defesa dos interesses do Sindicato ou dos integrantes da categoria. **Parágrafo Único** - O disposto na alínea "A" caput deste artigo não se aplica aos casos de audiência justificada, a critério da Diretoria. Da convocação. **Art. 30º**- As eleições serão convocadas pela Presidente do Sindicato mediante edital publicado ou no diário oficial do Estado ou em jornal de grande circulação na cidade onde o Sindicato tiver sua sede. **Art. 31º**- O edital a que se refere o artigo anterior será publicado com antecedência de no mínimo 60 (Sessenta) dias contados da data do término do mandato expirante e especificará. A) Dia, hora e local da votação; b) Prazo para registro de chapas; c) Horário de funcionamento da secretaria do sindicato durante o prazo para o registro de chapas; d) Dia, hora e local da 2ª e da 3ª convocação caso não seja atingido o quórum na votação precedente e data da nova eleição, em caso de empate em terceira votação; e) Prazo para impugnação de candidaturas. Do Registro das Chapas. **Art. 32º** Qualquer pessoa integrante das categorias representadas pelo Sindicato, que seja no gozo de seus direitos sindicais e políticos e cumpra os requisitos exigidos por estas normas e pela legislação em vigor, poderá formar e registrar chapa própria para concorrer ao pleito eleitoral. **Parágrafo Único**. Cada chapa deverá conter o total dos candidatos efetivos e pelo menos a metade dos suplentes, mencionando os cargos que poderão ocupar. **Art. 33º**- O registro da chapa será requerido ao presidente do Sindicato por qualquer candidato dela integrante e será instruído com os seguintes documentos; 1) ficha de qualificação, segundo modelo aprovado pela Diretoria do Sindicato; 2) Prova de que a concorrente conta com mais de dois anos de exercício da profissão, mais de 06 (seis) meses como associado do sindicato e é maior de 18 anos. § 1º- Não será aceita ficha de qualificação que não esteja preenchida com todos os dados especificadas, excluindo-se da chapa o respectivo candidato. § 2º- O requerimento de registro de chapas será indeferido, liminarmente, se não vier



ANEXO E

CERTIDÃO DE CRIAÇÃO DO SINDICATO DOS FOTÓGRAFOS

acompanhados dos documentos especificados neste artigo. §3º- O requerente juntará ao requerimento duas cópias deste e da documentação que o acompanha. §4º O Presidente do Sindicato entregará ao requerente recibo comprovando a entrega do requerimento e documentos.

Art.34º- O registro das chapas será feito na secretaria do Sindicato, em expediente normal (8; horas nos dias úteis no prazo previsto no edital de convocação. § 1º Será negado o registro de chapa que:

a) Não cumprir o disposto no caput e §§ 1º e 2º do art. Anterior. B) For apresentada fora do prazo previsto no edital de convocação das eleições. C), Não estiver acompanhada da documentação necessária. D) Depois de excluídos os candidatos sem a documentação a que se refere a alínea anterior, restar número insuficiente para atender ao disposto no parágrafo único do art. 7º.

Art. 35º- Encerrado o prazo para registros de chapa, o Presidente do Sindicato providenciará a lavratura da ata, da qual deverá constar menção a todas as chapas apresentadas, discriminando todos os nomes nelas incluídas e os cargos que poderão ocupar esclarecendo ainda aquelas cujos registros foram deferidos e as que tiveram o registro recusado. Mencionará ainda sobre qualquer protesto que venha a ser formalizado. §1º Será de 15 (quinze) dias, contado da publicação do edital, o prazo para registro de chapas e de 05 (cinco) dias contados da data da publicação da relação de chapas registradas, o prazo para impugnação de candidatos. §2º A recusa ao registro de qualquer chapa, será fundamentado dando-se ciência, mediante comunicação com "AR" a todos os interessados que, no prazo de 10(dez) dias contado da data da ciência, poderão formalizar recurso para a Assembleia geral do Sindicato §3º Não será admitido recurso que não se baseie em prova documental.

Art. 36º- O Presidente do Sindicato publicará no Diário oficial, jornal ou edital, nos 3 (três) dias seguintes do registro das chapas, a cédula única, que mencionará todas as chapas registradas, com os nomes dos candidatos e referência aos cargos que poderão ocupar. Do quorum. **Art. 37º**- O pleito somente será válido se participarem da votação em primeiro escrutínio mais de 2/3 (dois terços) dos associados que estiverem em condições de voto. §1º Não obtido quorum necessário em primeira votação, será realizado segundo escrutínio dentro do prazo de quinze dias o qual será válido se dele participaram mais de 50% dos associados em condições de voto. § 2º Não alcançado o quorum em segunda votação, será realizado terceiro escrutínio, dentro de 48 (quarenta e oito) horas após o segundo, o qual será válido se dele participarem mais de 40% dos associados em condições de voto.



§ 3º- O edital de convocação poderá desde logo, mencionar os dias e horários de três votações referidas neste artigo. **Art. 38º**- Será considerada eleita em primeira convocação a chapa que cumpridas as exigências do artigo anterior, obtiver maioria absoluta de votos em relação ao total dos associados. Em segunda e em terceira convocações serão considerados eleitos os candidatos que obtiverem maioria dos eleitores presentes. §1º Concorrendo uma só chapa a segunda votação poderá realizar-se duas horas após a primeira convocação. §2º Em caso de empate na votação observar-se-á: 1º Se o empate ocorreu na primeira ou na segunda votação, conforme necessário. 2º- Se a terceira votação registrar empate, será considerada eleita a chapa que apresentar maior número de candidatos com maior tempo de sindicalização na categoria representada pelo sindicato. §3º Se aplicada a norma do item 2 do parágrafo anterior, ainda persistir o empate serão convocadas novas eleições para 90 dias após a anterior. §4º Na hipótese prevista no parágrafo 2º bem ainda nos casos em que, por qualquer motivo, inclusive decisão judicial, não for possível realizar a eleição na data prevista, a diretoria em exercício terá seu mandato prorrogado até final do novo pleito convocado, e posse dos eleitos. Da Votação. **Art. 39º**- Compete ao Presidente do Sindicato designar quatro pessoas de reconhecida idoneidade, escolhidas de preferência, entre representantes das categorias representadas pelo Sindicatos sem parentes com qualquer candidato integrante de chapa, para comporem a mesa eleitoral coletora, como presidente, mesários e suplentes respectivamente.

Art. 40º- A mesa coletora será constituída até 15 dias antes da data eleição, comunicando-se o fato a todas as entidades filiadas e será instalada até quinze minutos antes da hora marcada para início de votação. **Parágrafo Único** - O suplente substituirá o membro que não tiver comparecido, observando-se: 1- Em caso de falta do Presidente, o primeiro mesário assumirá a presidência, passando o segundo mesário para primeiro mesário, com o suplente assumindo as funções de 2º mesário. 2- Em caso de falta de qualquer dos mesários, o suplente assumir-lhe-á o lugar; 3- Em caso de falta de dois membros designados, o que assumir a presidência, de acordo com o disposto nos itens 1 e 2 deste artigo designará "ad hoc" as pessoas necessárias para completar a mesa coletora. **Art. 41º**- A mesa funcionará no período de 14 horas, as 17 horas na sede do Sindicato podendo serem



ANEXO E

CERTIDÃO DE CRIAÇÃO DO SINDICATO DOS FOTÓGRAFOS

 <p>1º OFÍCIO EXTRAJUDICIAL DE CAXIAS EXTRAJUDICIAL DE CAXIAS - ENG. SERGIO DE SOUZA & TEREZAPOLIA DE SOUZA -</p>	<p>1º OFÍCIO EXTRAJUDICIAL DE CAXIAS - MA REGISTRO DE IMÓVEIS E TABELIONATO DE NOTAS AURINO DA ROCHA LUZ: Oficial Titular DANILO DA ROCHA LUZ ARAÚJO: Oficial Substituto CYNARA FERREIRA LOPES: Oficiala Substituta CNS: 03.061-9</p>	
<p>instalados outras mesas coletoras nas redes de delegacias do Sindicato ou locais de trabalhos. Poderá encerrar, antecipadamente, seus trabalhos se tiverem votado todos os eleitos. Parágrafo Único. A critério do presidente do sindicato poderão ser instaladas mesas coletoras itinerantes. Art. 42º- Os trabalhos de coleta de votos poderão ser acompanhados por fiscais credenciados pelas chapas concorrentes, escolhidos entre associados do sindicato, os quais apresentação à mesa coletora os documentos do credenciamento. Parágrafo Único. A inexistência de fiscais não impedirá o início dos trabalhos e a votação, operando-se esta, obrigatoriamente por escrutínio secreto observada a seguinte tramitação; a) Cada eleitor após identificar-se receberá da mesa coletora uma senha, com número de chamada, para votação; b) cada eleitor quando chamado assinará a folha de votantes e receberá a cédula única devidamente rubricada pelo presidente da mesa e mesários; c) A seguir, dirigir-se á cabine indevassável onde assinalará, no local apropriado, a chapa de sua preferência, colocando-a, em seguida na urna, após tê-la mostrado aos membros da mesa que poderão verificar sua legitimidade sem tocá-la. A urna deverá estar localizada junto dos membros da mesa coletora. Art. 43 – Os eleitores cujos votos forem impugnados votarão em separado. Parágrafo Único. No voto em separado o eleitor colocará a cédula única, já assinada dentro de um envelope que será lacrado e mencionará o nome do eleitor e os motivos da votação em separado para que a mesa apuradora possa decidir sobre a apuração. Serão lidas como inexistentes as impugnações que não forem ratificadas por escrito até o término do horário de votação. Art. 44º- Terminada a votação será lacrada a urna de modo que fique inviolável, lavrando-se a ata dos trabalhos, a qual será assinada pelo presidente, mesários e fiscais presentes estes se o pretenderem e mencionará; 1- Nome dos componentes da mesa e funções desempenhadas; 2- Hora do início e do término de votação 3- Nomes dos fiscais credenciados pelas chapas; 4 número de eleitores que votaram; 5- Menção sobre a existência de protestos ou impugnações, ou quaisquer outras ocorrências que possam afetar a validade do pleito eleitoral. Art. 45º- Após as providências exigidas no artigo anterior a urna e os documentos eleitorais inclusive ata e folha de votantes, serão entregues á mesa apuradora mediante recibo para os devidos fins. Da apuração. Art. 46- Logo após encerrados os trabalhos de votação os documentos a ela atinentes e a urna serão entregues á mesa apuradora mediante recibo. Art. 47º- A mesa apuradora será presidida por membro do Ministério Público do Trabalho ou pessoas idôneas designada pelo Procurador Geral da Justiça do Trabalho e contará com dois mesários e suplente, todos de livre escolha do presidente da mesa e que não sejam diretores do sindicato, candidatos ou seus parentes, até 2º grau, em linha reta ou colateral. Art. 48- Instalada a mesa apuradora iniciará seus trabalhos verificando se houve quorum para validade da eleição. Se não houver quorum encerra-los-á lavrando ata e comunicando ao presidente do sindicato, para providencias com vistas a segunda ou terceira votação, se for o caso. Art. 49º- Contada a ocorrência de quorum a mesa apuradora verificar-se-á o número de votos, coincide com o de votantes. Em qualquer hipótese procederá apuração, mas se o número de votos for superior ao de votantes, descontará da chapa o excesso. Se for superior a diferença entre as duas chapas mais votadas a mesa eleição será anulada. Art. 50º- A apuração começará pelos votos em separado, decidindo a mesa sobre sua validade. Somente os votos válidos serão computados, mas para efeito de quorum serão computados os válidos, os nulos e os em branco. Art. 51- Encerrados os trabalhos a mesa apuradora proclamará a chapa eleita mencionando normalmente na respectiva ata; seus integrantes. Art. 52- Havendo protesto, a mesa apuradora tomará as seguintes providencias; A) Colocará em envelope lacrado e de modo inviolável os votos; b) Juntará o envelope a documentação e os encaminhará ao presidente do sindicato para efeito de instituir o efeito e submetê-lo a apreciação do órgão competente do ministério do trabalho. Art. 33º De todos os trabalhos realizados a mesa apuradora lavrará ata da qual constará obrigatoriamente 1- Dia, hora e local de abertura e término dos trabalhos de apuração. 2- Número de votantes; 3- Resultado geral da apuração indicando os</p>		
<p>Rua São Pedro, 540, Centro. CEP: 65.608-160. Caxias - MA Telefone: (99) 3521-0903 // e-mail: 1oficiodecaxias@gmail.com</p>		

ANEXO E

CERTIDÃO DE CRIAÇÃO DO SINDICATO DOS FOTÓGRAFOS

votos válidos atribuídos a cada chapa, os votos nulos e os em branco; 4 ocorrência de protestos ou de qualquer outro ato ou fato que possa influir no resultado do pleito. **Art. 54º**- Os protestos formalizados durante os trabalhos de apuração de votos deverão ser transformados em recurso interposto para o órgão competente do ministério do trabalho, no prazo de cinco dias, contado da data do término da apuração, sob pena de serem considerados como não existentes. Parágrafo único A mesa apuradora poderá juntar ao recurso esclarecimentos sobre o procedimento adotado e que ensejou a peça recursal. **Art. 55º**- Do recurso será dada ciência no prazo de 48 horas, aos encabeçadores das outras chapas concorrentes que terão o prazo de cinco dias contado da data da ciência para apresentar contra-razões. Das nulidades; **Art. 56** Serão nulas as eleições: I Quando realizadas em dia, hora ou for encerrada antes da hora marcada, salvo se tiverem votado todos os eleitores. 11- Não forem cumpridas determinações constantes destas normas. III- não forem cumpridos os preceitos legais aplicáveis. **Art. 57º** Serão anuláveis as eleições quando comprovadamente ocorrer vício que comprometa sua legitimidade. **Art. 58º**- A nulidade ou anulação da eleição será declarada pelo órgão do Ministério do trabalho ou pelo poder judiciário. Das impugnações e Recursos. **Art. 59º**- Qualquer integrante de chapa, ou associados do sindicato poderá formalizar impugnação ou interpor recurso. **Art. 60º**- Poderão ser impugnados candidatos integrantes de chapa ou toda a chapa, no prazo de 5 dias, contando da data de publicação do registro das chapas. **Art. 61º**- Dentro do prazo de 15 dias contando da data da eleição poderá ser interposto recurso visando anulação do pleito eleitoral. **Art. 62º**- As impugnações e recursos são dirigidos ao Presidente do Sindicato que: A) Nas quarenta e oito horas seguintes, notificará dos interessados para aduzirem suas razões, no prazo de cinco dias, contado do recebimento. B) recebido o pronunciamento dos interessados, instruirá o processo, podendo aduzir e realizar diligências. c) Encaminhará o processo a autoridade competente do M.T.B. para apreciar e decidir. Parágrafo Único. Não será aceito recurso ou impugnação que não se fundar em prova documental. **Art. 63º**- Da decisão mencionada na alínea "c" do artigo anterior, poderão os interessados recorrer ao poder Judiciário. Disposições Gerais. **Art. 64º**- a Procedência da impugnação de candidatos não impedirá que a chapa concorra ao pleito eleitoral, salvo se restaram concorrentes cujo número não o bastante para provimento de todos os cargos efetivos da Diretoria, do Conselho Fiscal e dos Delegados Representantes. Parágrafo Único- ocorrida a hipótese mencionada na segunda parte do parágrafo anterior; a) A chapa pertinente será excluída do direito de recorrer ao pleito eleitoral que será realizado com as chapas remanescentes; b) se houver uma só chapa concorrente serão convocados novas eleições, dentro do prazo de quinze dias. **Art. 65º**- Caberá a Mesa apuradora declarar a chapa concorrente que tiver obtido; a) maioria de votos em relação ao total dos associados em primeira votação; b) Maioria dos eleitores presentes, em segunda ou terceira convocações. **Art. 66º**- Ocorrida a hipótese prevista na alínea "b" do 32º do artigo 39º, a Diretoria em exercício terá seu mandato prorrogado até a posse da nova diretoria. **Art. 67º**- A posse da nova Diretoria ocorrerá no dia em que terminar o mandato da diretoria em exercício, ou a qualquer momento, a partir da decisão definitiva do recurso interposto, se a diretoria atual estiver com mandato prorrogado. **Art. 68º**- As eleições suplementares cumprirão as mesmas formalidades exigidas para as eleições gerais. **Art. 69º**- Caberá a Diretoria em exercício; a) Publicar o resultado do pleito eleitoral dentro de 48 horas após sua realização; b) Dar posse aos eleitos; c) Fazer as comunicações necessárias aos estabelecimentos bancários e autoridades constituídas especialmente o Ministério do Trabalho. **Art. 70º**- Nenhum empregado do Sindicato poderá ser candidato a cargo eletivo na mesma. **Art. 71º**- O Presidente do Sindicato preparará até 15 dias antes do pleito eleitoral, a lista de votantes. **Art. 72º**- Não será permitido voto por correspondência. **Art. 73º**- Os casos omissos serão resolvidos pela Assembléia Geral. **Art. 74º**- Perderá o mandato mediante declaração do Conselho Representantes, o dirigente que não cumprir o disposto nestas normas. **Art. 75º**- O Presidente do Sindicato será escolhido por escrutínio secreto dentre os eleitos. Os demais cargos serão ocupados pela ordem de colocação na chapa, Em caso de vaga ou impedimento do titular, o cargo será preenchido pelo Diretor que estiver ocupando o cargo imediatamente, seguinte na ordem de menção de cargos na chapa, chamando-se o primeiro suplente para ocupar o ultimo cargo vago, procedendo-se sempre desta forma até a convocação do ultimo suplente. **Art. 76º**- O Cargo de Conselho Fiscal ou de Delegado Representante que venha a vagar, seja qual for o motivo, será preenchido pelo suplente indicada sempre a ordem de colocação na chapa. **Art. 77º**- As renúncias serão formalizadas por



Continua na página 09

ANEXO E

CERTIDÃO DE CRIAÇÃO DO SINDICATO DOS FOTÓGRAFOS



1º OFÍCIO EXTRAJUDICIAL DE CAXIAS - MA

REGISTRO DE IMÓVEIS E TABELIONATO DE NOTAS

AURINO DA ROCHA LUZ: Oficial Titular

DANILO DA ROCHA LUZ ARAÚJO: Oficial Substituto

CYNARA FERREIRA LOPES: Oficiala Substituta

CNS: 03.061-9



escrito com firma reconhecida e dirigidos ao Presidente do Sindicato. **Art. 78º-** Vagando dois ou mais cargos da Diretoria, sem que exista mais suplente para ser convocado, serão realizadas eleições suplementares. § 1º- As eleições suplementares serão restritos dos cargos efetivos, vagos e para suplentes limitando-se o exercício dos mandatos a complementação do período de mandato da Diretoria em exercício. § 2º Proceder-se à da mesma forma em caso de vacância de dois cargos do Conselho Fiscal ou de Delegados- Representantes, limitando a eleição, aos cargos- vagos. § 3º Em caso de renuncia do Presidente, será esta encaminhando, por escrito com firma reconhecida ao seu substituto legal que assumindo a Presidência, comunicará o fato, no prazo de 48 horas, aos demais diretores e promoverá, o remanejamento dos membros da Diretoria, obedecido o disposto nos artigos 75 e 77 deste Estatuto. **Art. 79º-** Ocorrendo a Renuncia coletiva dos membros da Diretoria e do Conselho Fiscal, sem que exista mais suplente para substituí-los, o Presidente, ainda que resignatório, convocará a Assembléia Geral para ciência do ocorrido e designação de uma junta Governativa provisória, a quem caberá promover nova eleição, obedecido o disposto neste Estatuto. **Art. 80º-** O dirigente que tiver abandonado o cargo ou que tiver declarada a perda do mandato ficará impedido de exercer qualquer cargo de administração ou de emprego no Sindicato, pelo prazo de cinco anos. **Art. 81º-** Cada diretor será o responsável pelos atos que praticar no exercício do cargo, A falta cometida por um não se estende aos outros diretores. Salvo se direta ou indiretamente, por ação ou omissão, tenham contribuído para a pratica do ato faltoso. **Art. 82º-** Constatada irregularidade praticada por qualquer diretor, ficam os demais obrigados a tomar as providencias necessárias à punição do faltoso, providenciando ainda comunicação, às autoridades competente especialmente às do Ministério do Trabalho, e os atos necessário as ações Cíveis de reparação de dano se for cabível, e penais para apuração do responsabilidade Penal. **Capítulo VI-** Do Patrimônio do Sindicato. **Art. 83º-** Constitui o Patrimônio do Sindicato; a) Contribuição Sindical; b) Doações e legados; c) Bens móveis e imóveis de sua propriedade; d) Rendimentos produzidos pelos bens móveis e imóveis que possuir; e) Construções dos Associados; f) Multas e Rendas eventuais; **Art. 84º-** O tesoureiro é responsável pela arrecadação, guarda, conservação administração e aplicação do Patrimônio do Sindicato, obedecido o disposto na legislação em vigor e neste Estatuto, bem como as resoluções pertinentes da Diretoria e da Assembléia Geral; **Art. 85º-** Qualquer aplicação, alteração ou modificação patrimonial dependerá de prévia Autorização da Assembléia Geral, salvo se já tiver prevista no orçamento do Sindicato. **Art. 86º-** A escrituração contábil do Sindicato será feita por contabilista legalmente habilitado, cabendo ao Tesoureiro encaminhar-lhe todos os documentos necessários que serão colecionados em ordem cronológica. **Art. 87º-** São Livros obrigatórios do Sindicato; a) Livro Diário. B) Livros de Registro de Associados; c) Livro de Inventário de bens; d) Livro de Registro de Empregados; e) Livro de Atas de Reuniões da Diretoria; f) Livro de Atas de Reunião do Conselho Fiscal. § 1º - Os Livros mencionados nas alíneas "a" "b" e "c" deverão ter folhas tipograficamente numeradas conter termos de abertura e de encerramento a serem autenticados no órgão local do Ministério do Trabalho. § 2º Serão contabilizados todas as modificações ou aplicações patrimoniais, inclusive depósitos em caderneta de poupança, estes últimos efetuados somente em bancos oficiais e sempre em nome da Entidade. **Art. 88º-** E vedado ao Tesoureiro manter em caixa valor acima do salário mínimo. **Art. 89º-** Caberá aos administradores do Sindicato submeter a aprovação da Assembléia Geral, nas épocas próprias, as prestações de contas de sua administração e todos os demais atos para os quais será exigida deliberação dessa Assembléia. **Capítulo VII-** Disposições Finais. **Art. 90º-** Além dos casos previstos em leis o Sindicato não funcionará em expediente externo ou interno, no período de 24 a 31 de dezembro de cada ano. Período que será considerado de recesso. **Art. 91º-** Este Estatuto entrará em vigor trinta dias após sua aprovação pela Assembléia Geral e registro no órgão local do Ministério do Trabalho, revogadas as disposições em contrário. Somente poderá ser alterado por deliberação da Assembléia Geral tomada por maioria

ANEXO E

CERTIDÃO DE CRIAÇÃO DO SINDICATO DOS FOTÓGRAFOS

absoluta de seus associados. José Pereira da Silva, Danilo Nunes dos Santos, Sinésio Santos da Silva e Raimundo Nonato dos Santos, Estava com as firmas devidamente reconhecidas e com o carimbo do mesmo Cartório. Está conforme. Caxias, 10 de Abril de 1992. O Oficial dos Registros. (a) José Ribamar Vieira. **OBS: Esta Serventia, do 1º Ofício Extrajudicial de Caxias -MA, não possui mais competência para efetuar registro, averbações e anotações de Registros Civil de Pessoa Jurídica e Registro de Títulos e Documentos, nos termos da Lei Complementar Estadual nº 88/2005. Selo de Fiscalização Geral nº 00000805742, 000026380779, 000026380780.** Eu, Aurino da Rocha Luz, Oficial de Registro e Tabelião do 1º Ofício Extrajudicial de Caxias-MA, dei buscas, digitei, conferi, subscrevi, dou fé e assino. Caxias-MA, 03 de abril de 2018.

Aurino da Rocha Luz - Tabelião e Oficial

Danilo da Rocha L. Araújo - Tabelião e Oficial Substituto

Cynara Ferreira Lopes - Tabeliã e Oficiala Substituta
(Válida por 30 dias)

Certidão: 33,40
(Emol: 28,51 + FERJ: 3,89 + FERC: 1,00)
Folha Exc: 60,30
(Emol: 51,48 + FERJ: 7,02 + FERC: 1,80)
Busca: 28,30
(Emol: 24,20 + FERJ: 3,30 + FERC: 0,80)



Rua São Pedro, 540, Centro. CEP: 65.608-160. Caxias - MA
Telefone: (99) 3521-0903 // e-mail: 1oficiodecaxias@gmail.com

Fonte: Cartório do 1º Ofício de Caxias-MA / Sindicato dos Fotógrafos.

ANEXO F

ATA DE CRIAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO BAIRO PONTE

ATA Nº 01 DE INSTALAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO BAIRO PONTE - 1982,-

Aos 31 dias do mês de março de 1982 às 20 horas na sede do Departamento de Futebol dos bairros de Caxias no prédio pertencente a FRANCASTRO avenida Francisco Castro s/Nº nesta cidade de Caxias Estado do Maranhão, os abaixo assinado reuniu-se sob a presidência do Sr. DANILLO NUNES DOS SANTOS e decidiram instalar neste bairro uma associação do moradores do mesmo bairro que tem por finalidade defender todos os interesses do bairro sugerindo as autoridades competente os problemas de nossa comunidade, como programa de obras de infra-estruturas e de interesse da população aqui residente, indicando por maioria as prioridades e fiscalizando a execução das mesmas, finalmente a referida associação deste bairro dentro do próprio bairro como órgão de fiscalização em benefício do povo de nossa comunidade. Após a posse da diretoria continuamos de mãos dadas em benefício de nossa gente e reunindo uma vez por mês para planejar os problemas e as soluções, conforme Estatuto, ficando como Presidente Fundador o Sr. Danilo Nunes dos Santos e Sr. Antonio Alberto Rodrigues Franco juntamente com Alneir de Jesus Santos, que ficarão também como sócio fundador desta Associação que é uma entidade de fins Filantrópicos e que não visa lucros e sim progresso de seu bairro e, de sua comunidade que logo após, averemos de registrar em cartório e posteriormente ser reconhecida como utilidade pública pelo Ilmo Sr. Prefeito Municipal e Ilmo Sr. Governador do Estado que nos dará o direito de executar como prioridade escola para moradores de nosso bairro e tantas outras obras em benefício de nosso bairro, nós que estamos cumprindo um dever de defender a nossa comunidade escolhemos o dia 31 de março de 1982, para comemorarmos os 18 anos da Revolução de 1964 graças ao eminente General Castello Branco, que deu tulo de si pela liberdade do Brasil 18 anos de liberdade Democrática que ficará como data de Fundação de nossa Associação de moradores do Bairro Ponte e que contamos com o apoio das autoridades de nossa cidade e de nosso Estado.

Caxias(MA), 31 de março de 1982.

DIRETORIA:

Presidente: Danilo Nunes dos Santos

Vice-Presidente: Luis Pereira da Silva

Continua...

ANEXO F

ATA DE CRIAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO BAIRO PONTE

- 1.º Secretário Raimundo Renato Marques Costa Raimundo Renato Marques Costa
 2.º Secretário Raimundo Rodrigues da Silva Raimundo Rodrigues da Silva
 1.º Tesoureiro Alneir de Jesus Santos Alneir de Jesus Santos
 2.º Tesoureiro Maria de Fátima Costa dos Santos M.ª de Fátima P. Santos
 Ordenador Oficial Manoel Pinto dos Santos Manoel Pinto dos Santos

Esta Ata após sua leitura será aprovada e assinada pelo Diretor Presidente e 1.º Secretário.

Caxias (MA), 31/03/82

Manoel Pinto dos Santos
 DIRETOR PRESIDENTE C. IC N.º 075521303

Raimundo Renato Marques Costa
 1.º SECRETÁRIO

01. Wally Cate e Silva
02. ~~Antônio Bezerra de Albuquerque~~
03. Antônio Bezerra de Albuquerque
04. Antônio Bezerra de Albuquerque
05. Antônio Bezerra de Albuquerque
06. Antônio Bezerra de Albuquerque
07. Antônio Bezerra de Albuquerque
08. Custódio Gonçalves de Albuquerque
09. Flávio de Albuquerque
10. José de Albuquerque
11. José de Albuquerque e Silva
12. João de Albuquerque
13. José de Albuquerque
14. Wilson Machado Lima
15. Ademar de Albuquerque Santos
16. ~~Antônio Bezerra de Albuquerque~~

ANEXO F

ATA DE CRIAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO BAIRRO PONTE

CARTÓRIO DO 1.º OFÍCIO
 Escrivã E. **Vieira**
 Maria Conceição Substitu
 José Ribamar Vieira
 Escrivães
 Maria Glória Vieira
 CASA DA JUSTIÇA - Tel. 521-1789
 SALVADOR - BAHIA

Reconheço a firma Supra em n.º
 de 10 de Maio de 1982 por
Luís Naves de Sousa e terminando por
um livro de notas de registro, da qual sou
 Caxias 19 do 1982
 Em 19 de 1982 da cidade

A TABELA DO 1º OFÍCIO

Transcrição Verbo Adverbium

*Apresentada hoje para Registro,
 Caxias, 19 de maio de 1982
 O Oficial dos Registros das Pessoas Jurídicas
 [Assinatura]*

*Registrada Verbo-Adverbium no Livro de Registro de
 Pessoas Jurídicas número "A-1", às fls. 286^v-287, sob o nº
 no de arquiv. 177, em data de hoje,
 Caxias, 19 de maio de 1982
 O Oficial dos Registros das Pessoas Jurídicas,
 [Assinatura]*

José Ribamar Vieira
 SUBSTITUTO
 CIC 940590183 - ES

CARTÓRIO DO 1.º OFÍCIO
 Escrivã Eletiva
 Maria Conceição Vieira
 Substituto
 José Ribamar Vieira
 Escrivães
 Maria Glória Vieira
 CASA DA JUSTIÇA - Tel. 521-1789
 SALVADOR - BAHIA

Fonte: Arquivo da Associação dos Moradores do Bairro Ponte.

ANEXO G

ATA DE FUNDAÇÃO DA ALIANÇA CLASSISTA DE CAXIAS

12/24.475/0003-79

1

Ata de Fundação da Aliança Democrática Classista de Caxias, na Cidade de Caxias, Estado do Maranhão, realizada no dia 10 de Setembro de 1987.

Aos dez dias do mes de setembro do ano de mil e novecentos e oitenta e sete, às vinte horas, no Salão Nobre da União Artística Operária Caxiense, sito na Traça do Pantoeiro, nº 538, nesta cidade de Caxias, Estado do Maranhão, reuniram-se vinte e três Presidentes de Entidades de Classes de Caxias (Sindicatos e Similares - Associações de Moradores, Clubes de Mães, Clubes de Jovens e Outros -), atendendo ao Edital de Convocação assinados pelos Presidentes de Entidades de Classes de nossa Cidade, Senhores Danilo Nunes dos Santos, Sinesio Santos da Silva e Manoel Rodrigues Bezerre Filho, fixado no placar da União Artística Operária Caxiense e nos lugares públicos da Cidade. Aberta a sessão pelo Senhor Danilo Nunes dos Santos que agradeceu a presença de todos quantos até aqui chegaram atendendo àquela Convocação. A seguir, convidou para fazer parte da mesa todos os Presidentes de Entidades de Classes aqui presentes. Convidou logo em seguida, o Senhor Manoel Rodrigues Bezerre Filho para secretariar a referida sessão e, dando prosseguimento a mesma, fez uma ligeira exposição dos motivos desta reunião, como sendo a concretização da ideia de fundação da Aliança Democrática Classista de Caxias. Falou, a seguir de sua importância; do que

ANEXO G

ATA DE FUNDAÇÃO DA ALIANÇA CLASSISTA DE CAXIAS

ela representa para a Comunidade Caxiense, e dos benefícios que há de trazer não só para os nossos associados, mas para todo o povo caxiense. Solicitou o apoio de todos os presentes, o que foi prontamente atendido com unanimidade, sem restrições e sem reservas, pois, todos acreditam ser de fundamental importância a união de todas as Entidades de Classes de Caxias para que Caxias tenha a conhecer melhores dias. Logo depois, foi franquada a palavra, fazendo uso da mesma todos os presentes, sempre louvando e matizando a feliz ideia que tiveram os nossos Presidentes e companheiros de lutas pelo bem estar social de todos os caxienses, principalmente o que diz respeito a defesa dos direitos da cidadania. Em seguimento, foi elaborado um calendário, um calendário para novas reuniões, cujos objetivos estariam sempre voltados para os interesses comunitários da camada mais carente de nossa terra. Ficou, também, acordado que tão logo se elegesse a primeira Diretoria, seria elaborado o Estatuto da Aliança Democrática Classista de Caxias. Nas tardes seguintes nada a tratar, o Presidente da Mesa, Domício Nunes dos Santos, agradeceu mais uma vez a presença de todos e deu por encerrada a sessão. Eu, Manoel Rodrigues Bezerra Filho, servindo de Secretário da Mesa, lavrei a presente ATA que depois de ser lida e aprovada, será assinada por mim e por todos os que participaram da sessão de Fundação da Aliança

ANEXO G

ATA DE FUNDAÇÃO DA ALIANÇA CLASSISTA DE CAXIAS

Democrática Classista de Caxias.

Manoel Rodrigues Bezerra Filho.

Daniel Nunes dos Santos = Presidente

Jesus Santos da Silva V. Presidente

Dominico Pereira dos Santos (1.º Tesoureiro)

Raimundo Lima de Queiroz - 2.º Secretário

Adailton Silva 1.º C. Fiscal

JOSE RONVALDO LOPES DE SOUSA - SUPLENTE DO CONSELHO FISCAL -

Manoel Romão de Araújo Pereira Subdelegado Conselho Fiscal

Raimundo Lima dos Santos 2.º Tesoureiro

Geovani Lima dos Santos "Grado Fiscal"

Arriana Pereira de Almeida Silva - 1.º Cons. Fiscal

Joaquim de Sousa Neto

Cláudia Nunes de Sousa

Maria Maria Catarina Soares

José Romão de Sousa

Cláudio Rodrigues Gomes

João Romão de Sousa

Cláudia Leite de Sousa

Pedro Roberto de Sousa

Mercadina de Hartunha Barbosa de Oliveira

Juzinete Batista da Silva

Manoel Ferreira de Sousa

RECONHEÇO A FIRMA e selo em número de 23 (vinte e três) promessas por Manoel Rodrigues Bezerra Filho, e termino de ser. Hadesio Ferreira de Sousa, do qual

EM TESTEMUNHO DA VERDADE

TABELIÃO 1.º OFÍCIO

CARTÓRIO DO 1.º OFÍCIO

ESCRITÓRIO PÚBLICO

MARIA CONCEIÇÃO VIEIRA

SUBSTITUTO

JOSE RIMANAR VIEIRA

ESCRIVÃO

MARIA DA GLÓRIA VIEIRA

RODRIGUES

CASA DA JUSTIÇA TEL. 621-1798

CAXIAS - MARANHÃO

ANEXO G

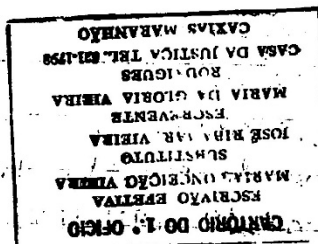
ATA DE FUNDAÇÃO DA ALIANÇA CLASSISTA DE CAXIAS

Graculerias - Verbo - Adverbium.

Apresentada hoje para Registro
 lascias, (Ma) 06 de outubro de 1988
 O Oficial do Registro das Pessoas Juridicas
 Maurício

Registrador Verbo - Adverbium no li-
 vro de Registro das Pessoas Juridicas
 número "A-2" sob nº de ordem 498 - a
 fls. em data de hoje -

lascias, (Ma) 06 de outubro de 1988
 O Oficial do Registro das Pessoas Juridicas
 Maurício



ANEXO H

ATA DA NOVA DIRETORIA EMPOSSADA EM 1981- CENTRO ARTÍSTICO OPERÁRIO
CAXIENSE

nada mais a tratar, o presidente agradecendo a todos, encerrou a sessão e fez constar em 12 horas secretariado. Levei a presente ata que após lida discutida e aprovada está assinada pelos diretores presentes.

Francis Colwell de 12 de outubro

Quando na sexta sessão da diretoria realizada no dia, 29 de dezembro de 1981 com a presença de 10 membros, realça que a assinatura de tal ata não tem nenhum valor, foi aquele ocupado que não sabe o que faz e assinou juntamente de seu presidente.

Dominique Maria Brandão: 2º secretário

Alfio A. Herculano de Albuquerque - vice-presd.

Levy Pereira da Silva

Alvaro Durães de Aguiar

Waldemar Pereira dos Santos

Mariano Nunes dos Santos

Belvecio Alves de Carvalho

Manoel Lúcio dos Santos

Salipe Pereira da Silva

Roberto Longo da Silva

Vaimundo de Sousa Santos

Georges Augusto de Oliveira

Levy Pereira da Silva

Ata de nº 94 (noventa e quatro) de sessões rea-

lizadas da Diretoria do Centro Artístico Operário

do Caxiense, nos vinte e nove dias do mês de de-

zembro do ano um mil e novecentos e oitenta e

um, precisamente as vinte horas e vinte minutos

ANEXO H

ATA DA NOVA DIRETORIA EMPOSSADA EM 1981- CENTRO ARTÍSTICO OPERÁRIO
CAXIENSE

110

tos, realizou-se mais uma reunião ordinária da Diretoria em sua sede social à rua Colde Mato número dez vinte e seis nesta cidade de Caxias Estado do Maranhão Brasil. Esta foi a primeira reunião da nova diretoria empossada em vinte e cinco de dezembro próxima pagada para o período de dois anos de igual data. O senhor presidente divisio Santos da Silva vindo número legal de diretores, levantou-se e em primeiro lugar pediu aos companheiros da diretoria e sócios presente juntamente com os convidados, para juntos se rezar um Pai-Nosso e uma oração pela alma dos diretores e associados desta entidade e para o qual, pediu ao ex-presidente o senhor Danilo Nunes dos Santos a dar início a oração do Pai-Nosso, o qual foi por todos acompanhado e em pé. Em seguida, o senhor presidente deu por aberta a sessão autorizando ao segundo secretário Domingos Araújo Brandão fazer leitura da ata anterior, a qual lida, posta em aprovação e sem nenhuma contestação, foi assinada pelos diretores presentes. Passando para o expediente do dia, foi lido um cartão de Natal do Senador Alexandre Costa e uma cópia do ofício circular número um barra oitenta e um, que o senhor ex-presidente desta entidade Danilo Nunes; naquela hora acabou de oferecer várias cópias à ser remetidas às autoridades e entidades e irmãs comunicando posse da nova diretoria, nomes dos diretores e seus respectivos cargos, finalizando o expediente recebemos duas propostas preenchidas dos senhores: Antônio de Padua Paiva e José Ribamar Braga, para sócios desta entidade, digo entidade

ANEXO H

ATA DA NOVA DIRETORIA EMPOSSADA EM 1981- CENTRO ARTÍSTICO OPERÁRIO CAXIENSE

de, com parecer favorável da comissão de sindicância. Dando continuidade dos trabalhos o segundo secretário perguntou pelo livro de presença e como se encontra com o secretário da Assembleia Geral desta entidade, assim lhe responderam, pelo mesmo segundo secretário com autorização do senhor presidente foi improvisada uma folha de papel amarelo para assinaturas dos que compareceram a qual foi avisada de um a vinte e sete e que tão logo se receba o livro os mesmos assinarão na mesma ordem, sendo que o senhor segundo membro do Conselho Fiscal, Antonio Bezerra de Mourão e o primeiro secretário Alberto Brito Oliveira não assinaram por não estarem presente. O senhor presidente usou da palavra para apresenta a secretária da nova entidade aos novos diretores a dona Elida Oliveira Gonçalves que já vem exercendo fielmente sua função e que gostaria do apoio dos companheiros para continuar, em seguida foi aceita, não que alguém disse que ela deveria se associar e o senhor presidente agradeceu aos companheiros e franqueou a palavra, a qual fez uso o diretor primeiro tesoureiro o companheiro Luiz Pereira da Silva pedindo ainda aos companheiros, por não ter muita tarimba de tesouraria, para melhor andamento pedir a secretária para fazer anotação do movimento da futa do dia vinte e cinco de dezembro, sendo que recebem R\$ 3.805,00 (três mil e oitocentos e cinco cruzeiros) e pagou R\$ 2.755,00 (dois mil e setecentos e cinquenta e cinco cruzeiros), ficando um saldo líquido de R\$ 1.050,00 (mil e cinquenta cruzeiros), conforme consta na folha do referido movimento. Ainda franqueada a palavra, fez uso o segundo orador oficial Manoel Pinto dos Santos, dizendo que uma peça muito boa para o senhor tesoureiro e o eu de de tudo que pagar

ANEXO H

ATA DA NOVA DIRETORIA EMPOSSADA EM 1981- CENTRO ARTÍSTICO OPERÁRIO
CAXIENSE

111

e/ou comprar pedir nota ao consumidor, timbrada ou pelo menor, cantada com o C.G.C. da firma. Continuando uso da palavra o ex-presidente Danilo dizendo que as três (03) propostas permitida para o Centro Artístico de Caxias, agora mesmo foi informado que foram nomeadas e que agora já não se emite só o primeiro e segundo e sim todo o primário, o qual foi interrogado pelo vice-presidente se a escola do Centro é registrada no Conselho e o ex-presidente acha que sim, pois sempre teve contato com a Secretaria de Educação e nunca falaram nada e naquele momento o presidente atual o senhor Nônio Santos disse: vamos descobrir se não então vamos registrar também fizeram uso da palavra os senhores: José Ribamar Braga - presidente da Pax União, Aluizio Bittencourt de Albuquerque - vice-presidente desta diretoria, O presidente da Assembleia Geral desta entidade o novo popular Bala, Raimundo Loure Santos - primeiro Sindicador da diretoria, atual, Helécio Teixeira de Aguiar - primeiro orador oficial desta diretoria e o jovem futuro sócio desta entidade - Antônio Paula Paiva. Sem mais ninguém querendo fazer uso da palavra o senhor presidente encerrou o trabalho formando duas comissões para tratar de assuntos do Teto de novo Centro Artístico assim constituída: para ir ao senhor prefeito: Myrna Baima Rompilio Pereira os diretores: Sílvio Santos da Silva, João Silveira e Anny Pereira da Silva; para falar com dona Benedita Cortes os diretores: Sílvio Santos da Silva, Domingos Araújo Brandão e o ex-presidente Danilo Nunes dos Santos. Combinamos para as Senhoras ser realizadas as quintas-feiras logo após o jornal nacional da Globo. Sem nada mais, para constar em Domingos Maus.

ANEXO H

ATA DA NOVA DIRETORIA EMPOSSADA EM 1981- CENTRO
ARTÍSTICO OPERÁRIO CAXIENSE

jo Brandão, laurei a presente Ata a qual será lida na próxima sessão, posta em aprovação e se aprovada assinari com quem de direito. Aprovada na sessão do dia 14 de janeiro de 1982 com a ratificação o seguinte da escola na Secretaria Estadual de Educação e no Conselho como promulgaram

o ~~Vice~~ evidente Domingos Araújo Brandão - 2º secretário
 Luiz Pereira da Silva
 Alvaro Teixeira de Aguiar.
 Valdemar dos Santos
 Elyse Pereira da Silva
 Joaquim de Souza Santos
 Autauro Souza dos Santos
 Manoel Nunes dos Santos P.B.
 Carlos Augusto de Oliveira
 Simão Santos da Silva Presidente

Ata de nº 95 (noventa e cinco) de Sessão realizada de Diretoria do Centro Artístico Operário Caxiense. Aos quinze dias do mês de janeiro do ano de mil e noventa e oitenta e dois, precisamente as vinte horas e vinte minutos, realizou-se mais uma Sessão da Diretoria, sessão ordinária em sua sede própria à rua Carlos Neto número dez vinte e seis nesta cidade de Caxias estado do Maranhão Brasil. O sr. presidente de diretoria Simão Santos da Silva sendo número legal de diretores, conforme consta na folha de presença as assinaturas; a primeira Simão Santos da Silva e a última Antonio de Paula Paiva, com o total de 18 assinaturas entre diretores e associados, deu por aberta a sessão autorizando a secretária a fazer leitura da ata anterior, a qual lida, posta em discussão foi aprovada e assinada pelos diretores presente com a ressalva de que em vez

Fonte: Arquivo do Centro Artístico Operário Caxiense.

ANEXO I

ATA DE POSSE DA NOVA DIRETORIA DA UNIÃO ARTÍSTICA OPERÁRIA CAXIENSE /
TERMO DE POSSE E COMPROMISSO

85

Ata da Assembleia Geral Ordinária da União Artística Operária Caxiense, realizada no dia 05 de Abril de 1987.

Aos cinco dias do mês de Abril do ano de mil novecentos e oitenta e sete, às quatorze horas, na sede própria da União Artística Operária Caxiense, à Praça do Parque nº 358, nesta cidade de Caxias, Estado do Maranhão, o Sr. Germano Ribeiro da Silva, Presidente da Diretoria da Entidade e Presidente da Assembleia Geral, após verificar a presença dos 11 membros da Comissão Eleitoral, por ele constituída, declarou aberta a sessão, explicando a finalidade da mesma que era para eleger a nova Diretoria e Conselho Fiscal desta sociedade para reger os seus destinos no período de 1º de maio do ano em curso a igual data 1989, prosseguindo, determinou que o Sr. Secretário, procedesse a leitura do Edital de Convocação e da composição da única e única registrada, denominada Manoel Pinto dos Santos (Manelão), e encabeçada pelo associado Sinésio Santos da Silva. A Comissão composta dos associados Raimundo de Sousa Santos, Presidente, Juvenal de Sousa; 1º Secretário e // Raimundo Saraiva Porto; 2º Secretário, assumiu a direção dos trabalhos eleitorais, que conforme o Edital publicado; a votação encerrou-se às dez e sete horas, que após recolher o voto do último eleitor, foi declarado encerrado o referido pleito. Convidou então o Sr. Presidente os associados // Joaquin Pinto dos Santos e José Solimar Feitosa Ramos, para Executores. Retiradas as cédulas do urna foi constatada a existência de número

ANEXO I

ATA DE POSSE DA NOVA DIRETORIA DA UNIÃO ARTÍSTICA OPERÁRIA CAXIENSE /
TERMO DE POSSE E COMPROMISSO

de votos com o número de votantes que foi du-
zentos e vinte (220), em seguida a contagem
dos mesenos, sendo supragados duzentos e onze //
(211) para o candidato Sinésio Santos, contra
nove (09) em branco. O Sr. Presidente da Co-
missão Eleitoral, proclamou eleita a Chapa Ma-
noel Pinto dos Santos, assim constituída: Presi-
dente; Sinésio Santos da Silva, Vice-Presidente;
Wilson de Jesus Gomes Faleão, 1º Secretário; Rodri-
go Otávio Baima Pereira, 2º Secretário; José de
Ribamar Vilanova Almeida, 1º Tesoureiro; José
Pereira da Silva, 2º Tesoureiro; Manoel de Araújo
Morais, 1º Orador Oficial; Jamilson Looecádio dos
Santos, 2º Orador Oficial; João Rodrigues Silveira,
Bibliotecário; Angelito Vieira da Costa, Comissão de
Sindicação; Nelson Monteiro de Sousa, Aldir Luiz
Mascarenhas e Elder Pereira dos Reis. Suplentes:
Milton Emmanuel da Silva, Valdeuor Ferreira
dos Santos e Antonio Luiz Gonzaga da Silva. Con-
selho Fiscal: Danilo Nunes dos Santos, Raimun-
do Mourão dos Santos e Luis Pereira da Silva. Su-
plentes: Manoel Duarte Brindade, Raimundo Al-
ves Feltoza Filho e Manoel Costa Figueiredo. O Pre-
sidente da Comissão, agradeceu em nome de to-
dos os membros a indicação dos seus nomes,
parabenizou os eleitos e os convidou para tomar
posse em seus respectivos cargos em sessão so-
bre o dia 1º de Maio, devolvendo a presidên-
cia dos trabalhos ao Sr. Gumaro Ribeiro da Silva,
que passou a palavra ao 1º Orador Oficial Jamilson
Santos, para saudar os novos Diretores desta Insti-
tuição. Foram ouvidos tambem o Presidente recém-
eleito Sinésio Santos, Danilo Nunes dos Santos,

ANEXO I

ATA DE POSSE DA NOVA DIRETORIA DA UNIÃO ARTÍSTICA OPERÁRIA CAXIENSE /
TERMO DE POSSE E COMPROMISSO

Joovane Pinto dos Santos, eo Presidente da Assembleia Geral, dando por encerrados os trabalhos eleitorais desta Entidade. Eu, secretário que lavrei a presente ata, que depois de lida e achada conforme vai assinada pela Mesa da Assembleia Geral, Caxias (Ma) 05 de Abril de 1987.

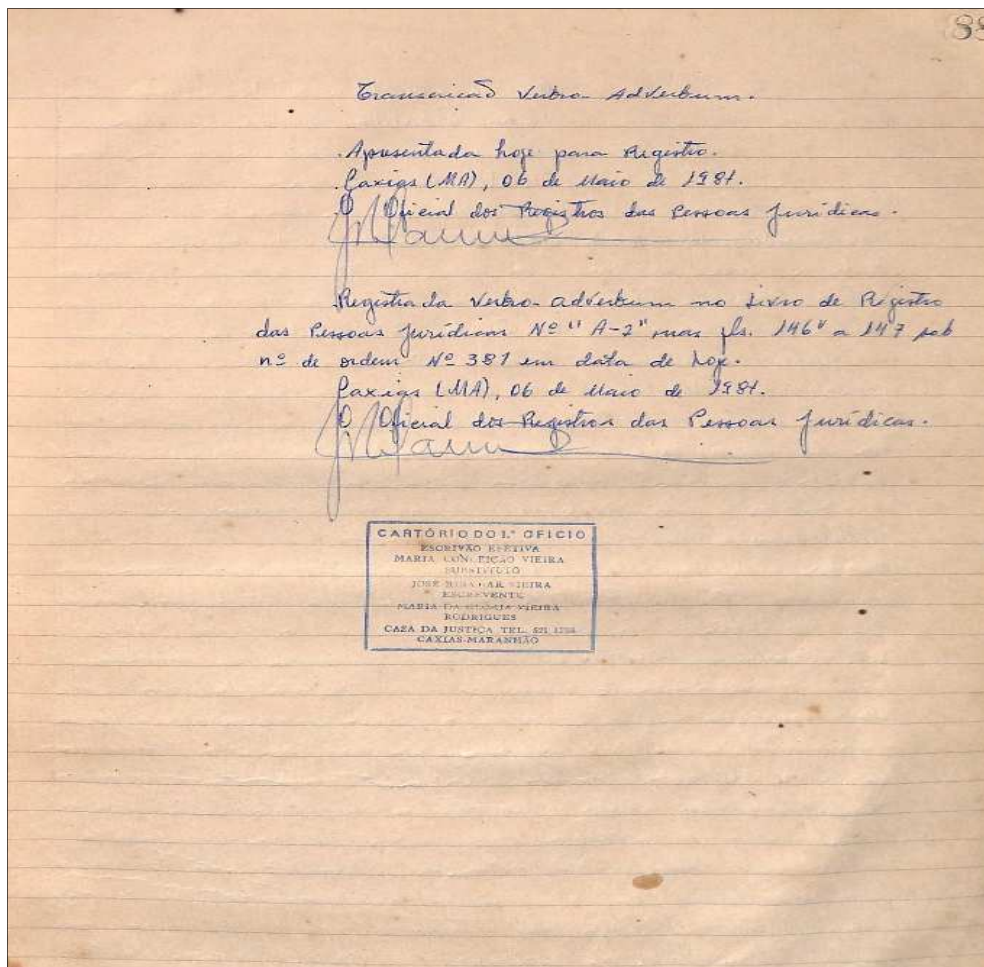
ANEXO I

ATA DE POSSE DA NOVA DIRETORIA DA UNIÃO ARTÍSTICA OPERÁRIA CAXIENSE /
TERMO DE POSSE E COMPROMISSO

Térmo de Posse e Compromisso

No dia primeiro de maio do ano de mil novecentos oitenta e sete, às dez horas, em sua sede social à Praça do Paulista, quinhentos trinta e oito, nesta cidade de Caxias, Estado do Maranhão, em sessão solene de // Assembleia Geral Ordinária, tomou posse a Diretoria da Entidade eleita no dia cinco de abril do ano em curso, para o período de primeiro de maio de mil novecentos oitenta e sete a primeiro de maio do ano de mil novecentos oitenta e nove identificada da seguinte forma: Presidente: Sílvio Santos da Silva, Vice-Presidente: Wilson de Jesus Gomes Falcão, 1º Secretário: Rodrigo Cláudio Baima Pereira, 2º Secretário: José de Ribamar Vilanova Almeida, 1º Tesoureiro: José Pereira da Silva, 2º Tesoureiro: Manoel de Araújo Moraes, 1º Orador Oficial: Jamilson Rorocádio dos Santos, 2º Orador Oficial: João Rodrigues Silveira, Bibliotecário: Angelito Veira da Costa, Comissão de Sindicância: (Eletivos) Nelson Monteiro de Sousa, Aldir Cruz Mascarenhas e Eldes Pereira dos Reis, Suplentes: Milton Emmanuel da Silva, Valdeux Ferreira dos Santos e Antonio Luiz Gonzaga da Silva. Conselho Fiscal, (Eletivos) Danilo Nunes dos Santos, Raimundo Mourão dos Santos e Luiz Pereira da Silva Suplentes: Manoel Duarte Trindade, Raimundo Alves Feitosa Filho e Manoel Costa Figueiredo, que tomando posse de seus respectivos cargos, prestaram o seguinte Compromisso: "Prometo servir com honra e desinteresse a União Artística Operária Caxiense, respeitando seus Estatutos e deliberações, e recomendando assim para o seu engrandecimento." Dado e //

ANEXO I

ATA DE POSSE DA NOVA DIRETORIA DA UNIÃO ARTÍSTICA OPERÁRIA
CAXIENSE / TERMO DE POSSE E COMPROMISSO

Fonte: Arquivo da União Artística Operária Caxiense.

ANEXO J**Galeria de Fotos dos Presidentes da União Artística Operária Caxiense**

Fonte: registro da pesquisadora/ 2017.



ANEXO K
LISTA DE SÓCIOS BENEMÉRITOS

n.	Nomes	Datas
01	Raimundo Nonato Reis	1º 05/94
02	Luís Baíma Pereira	77 77
03	Luís Gonzaga Abreu Sobrinho (G. Benemerito)	12
04	Jonas Ribeiro da Silva (Falecido)	9.7.94
05	Luís Viana Oliveira (G. Benemerito)	
06	Melquades Severo Magalhães (Falecido)	
07	Raimundo Severo Magalhães (Falecido)	22/01/94
08	Raimundo Nonato Brito	
09	Mário Reis Cantinho (Falecido)	04.01.94
10	Numa Pompílio Baíma Pereira	
11	Luís Fernandes Baíma	
12	Luís Gonzaga Dias	
13	Sinício Santos da Silva	
14	Luís Rodrigues Silveira	1º 05
15	Luís Ferreira de Oliveira	1º 05
16	Edler Pereira dos Reis	1º 05
17	Jerônimo Ribeiro da Silva	1º 05
18	Luís Nunes dos Santos	1º 05
19	Luís Lopes Medeiros	1º 05

Fonte: Arquivo da União Artística Operária Caxiense.

ANEXO L

JORNAL NOTICIANDO A NOTÍCIA DA MORTE -1999

Folha dos Cocais

O jornal que não se dobra

Caxias (MA), Domingo, 28 de novembro de 1999 - ANO IV - Nº 142 - Preço: R\$ 1,00

Morte de Sinésio Santos: Uma fotografia que ninguém gostaria de tirar

Morre aos 70 anos, Sinésio Santos, o símbolo maior da fotografia em Caxias

"Nunca mais uma cerimônia de formatura, um casamento, um batizado, uma bodas será a mesma. Nunca mais uma acontecimento política ou social será o mesmo sem a presença marcante de Sinésio Santos, praticando aquilo que ele fazia como ninguém", disse com os olhos cheios de lágrimas, o juiz classista Danilo Nunes dos Santos, ao se referir a amizade que tinha com o mestre da fotografia, o papa da arte de fotografar.

Por volta das 4:00h da manhã, do último dia 24, o coração septagenário de Sinésio Santos da Silva parou de bater. Sinésio deixa esposa, dona Ditosa Santos e oito filhos, a maioria presente aos funerais, que aconteceram na sala de reunião da União Artística Operária Caxiense, entidade que por duas vezes o elegeu vice-diretor e diretor, além de passar vários anos a fio na diretoria daquela entidade.

Os amigos - que não eram poucos -, se revezaram durante toda a quarta-feira, dia 24, nos salões da União Artística, homenageando o bom e velho amigo, companheiro de outras jornadas.

Fundador do Sindicato dos Fotógrafos de Caxias, Sinésio Santos passou mais de 50 anos de sua vida se dedicando aquilo que sabia fazer como ninguém, fotografar. Poucas são as famílias que não têm um pouco de sua arte no álbum de recordação. Poucos são aqueles que não tiveram o privilégio de posar diante de sua câmera criativa e sempre pronta para o trabalho.

"Todos os fotógrafos de Caxias, foram de uma forma ou de outra influenciados por Sinésio Santos a ingressarem na profissão", diz emocionado o amigo Danilo Nunes.

O enterro, que contou com a presença de amigos, colegas e autoridades locais, aconteceu no cemitério da Olaria, localizado no bairro Volta Redonda, na manhã de quinta-feira, dia 25.

O carinho conseguido por Sinésio Santos no meio da sociedade caxiense, que tinha nele, uma referência de boa conduta, dificilmente será superado por outro profissional da área.

"O aniversário de todos os meus filhos foi documentado em fotografias por Sinésio Santos, e tenho por ele um carinho muito grande, pois ajudou a construir um pedaço de minha vida", disse a professora Francisca Sabá, mãe de seis filhos.

Sinésio Santos se foi, mas como todos aqueles que pregam e fazem o bem, deixa saudades e a certeza que com uma câmera na mão e infinitas idéias na cabeça, ajudou a registrar através da fotografia, inúmeras páginas da história da nossa princesa rebelde do sertão maranhense. Princesa rebelde como ele também, o foi. Rebelde na arte de registrar momentos, pessoas, monumentos. Sua inquietude, sua rebeldia, sua determinação, o deixou ativo, dinâmico e arisco até os setenta anos.

"A cabeça branca não o tornou velho. Sinésio era um menino. Enquanto muitos na idade dele já vivem entevados, Sinésio se abaixava com a disposição de um adolescente, para obter o melhor ângulo, o melhor enquadramento. Se enganam os que dizem que Sinésio Santos era apenas um fotógrafo. Não. Ele era mais que isso. Era um artista, um mestre... Sua fotografia fala, tem movimento. Você não morreu Sinésio. Você transcendeu! A Folha dos Cocais se orgulha de ter tido Sinésio Santos entre os seus colaboradores.

Fonte: Jornal Folha dos Cocais - 1999.

ANEXO M

OFÍCIO AO SR. GOVERNADOR EPITÁCIO CAFETEIRA Nº 01/87

OFÍCIO Nº 01/87

Caxias, 19 de outubro de 1987

Ilmo. Sr. Governador do Estado do Maranhão
 EPITÁCIO AFONSO CAFETEIRA
 Palácio dos Leões - São Luis-MA

Sr. Governador,

Nós abaixo assinados diretores de dez Sindicatos e demais Entidades de Classes formando entre si a Aliança Democrática Classista de Caxias-Ma., vem mui respeitosamente através deste documento infra assinado solicitar à V. Excia. por ser um governo voltado para a Assistência Social, que inclua no seu plano de obras, a construção de uma Casa que venha abrigar estes Sindicatos e demais Entidades que ora fazem esta reivindicação.

Outrossim, levamos ao vosso conhecimento que esta reivindicação tem por objetivo de unir a classe Sindical e demais entidades para um melhor desempenho dos nossos trabalho em favor do engrandecimento social do Maranhão. Este empreendimento terá o nome da primeira dama do Estado ficando assim: "CASA DO TRABALHADOR SINDICALIZADO E SIMILARES DONA ISABEL CAFETEIRA!"

Na certeza de que este nosso apelo terá a melhor acolhida por parte de V. Excia. antecipamos os nossos agradecimentos reiterando protesto de elevada estima e distinta consideração.

Atenciosamente,

Presidente da União A. O. Caxiense Simão Lourenço da Silva
 Presidente da Associação dos M. B. Ponte Daniilo Nunes dos Santos
 Presidente da Associação dos M. B. Nova Caxias Raimundo Rêgo
 Presidente da Associação dos M. do Pé da Ladeira Armando Augusto de Oliveira
 Presidente da Assoc. dos M. do Cangalheiro Manoel P. Bezerra Filho
 Presidente da Assoc. dos M. Volta Redonda João Augusto de Castro
 Presidente da Assoc. dos M. do Matadouro Leônidas Oliveira da Silva
 Presidente da Assoc. do Tamarineiro João Matias Sobrinho Filho
 Presidente da Assoc. dos Garçons João da Silva
 Presidente da Assoc. dos Fotógrafos Francisco de Assis

Fonte: Arquivo pessoal do Sr. Danilo Nunes dos Santos.

ANEXO N

REPORTAGEM NOTICIANDO REUNIÃO COM O GOVERNADOR E DEPUTADOS/1987

 **O NOSSO JORNAL**
O jornal que o povo pediu

Nº 70 CAXIAS—MA. de 05 a 20 de novembro de 1987 Diretor-Proprietário José Rodrigues Barros - Cz\$ 20,00

Gov. Cafeteira e Dep. José Gentil apoiam sindicalistas

Depois de sucessivas reuniões com o Deputado José Gentil Rosa, dezenas de sindicalistas caxienses liderados pelos representantes da Aliança Democrática Classista - Danilo Nunes dos Santos, José Pereira e Sinésio Santos, estiveram em São Luiz para uma série de contactos com autoridades e órgãos competentes em busca de soluções para suas respectivas entidades.

A viagem dos representantes da Aliança Democrática classista, (no total de 25 Entidades, sendo 10 Sindicatos e 15 Associações de Classe, ocorreu no dia 21 de outubro, quando em caravana se deslocaram de Caxias em ônibus special patrocinado pelo Prefeito Hélio Queiroz, que muito tem apoiado as referidas entidades e o Deputado José Gentil, este, recebeu os sindicalistas que se faziam acompanhar do Jornalista José Rodrigues Barros (como porta-voz das referidas entidades).

Página 4

Deputado José Gentil e sindicalistas no encontro com o governador Cafeteira, conquistaram bons resultados. Deputado Ricardo Murad - presidente da Assembleia também participou do encontro do gov. Cafeteira com os representantes de Caxias.

Produtores e Prefeito unem-se ao povo do interior de S. João dos Poleiros e Nazaré Bruno.

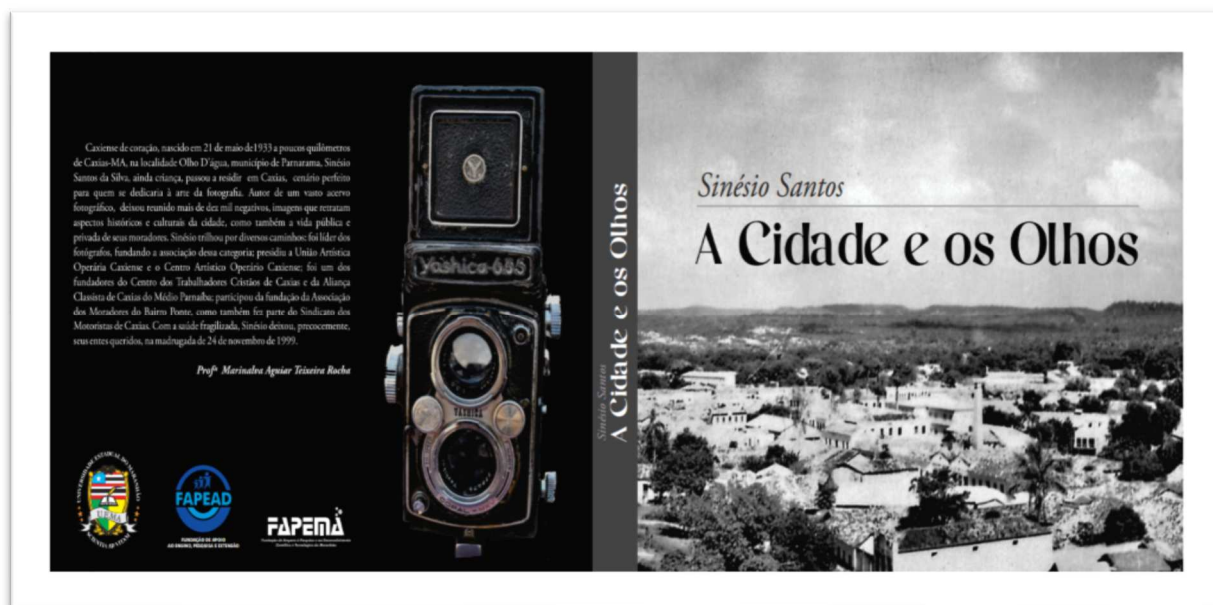
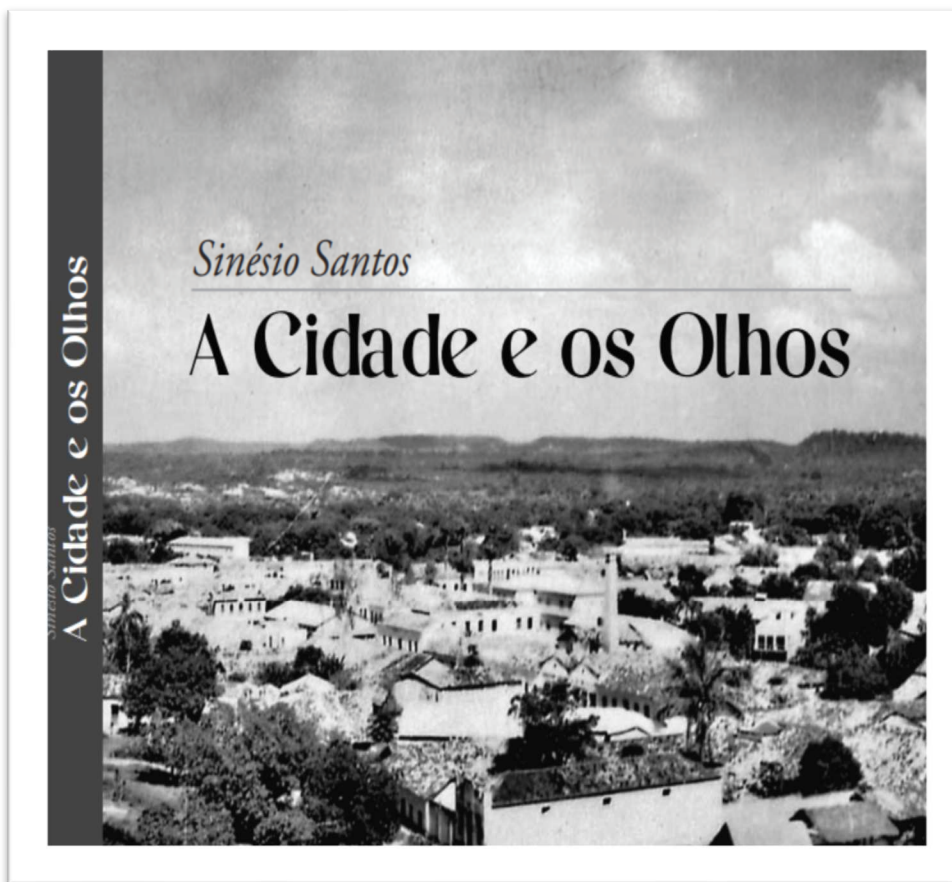
Ver. Conceição fala de Caxias: no varejo e no atacado

N. J. - Vereadora Conceição Albuquerque, segundo comentários de muitos, Caxias vive um período de mudança que...

Maquinações

Fonte: O Nosso Jornal - 1987.

ANEXO O

CAPA DO LIVRO PRODUZIDO A PARTIR DO PROJETO *FUNDO DE MEMÓRIA SINÉSIO SANTOS*

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.